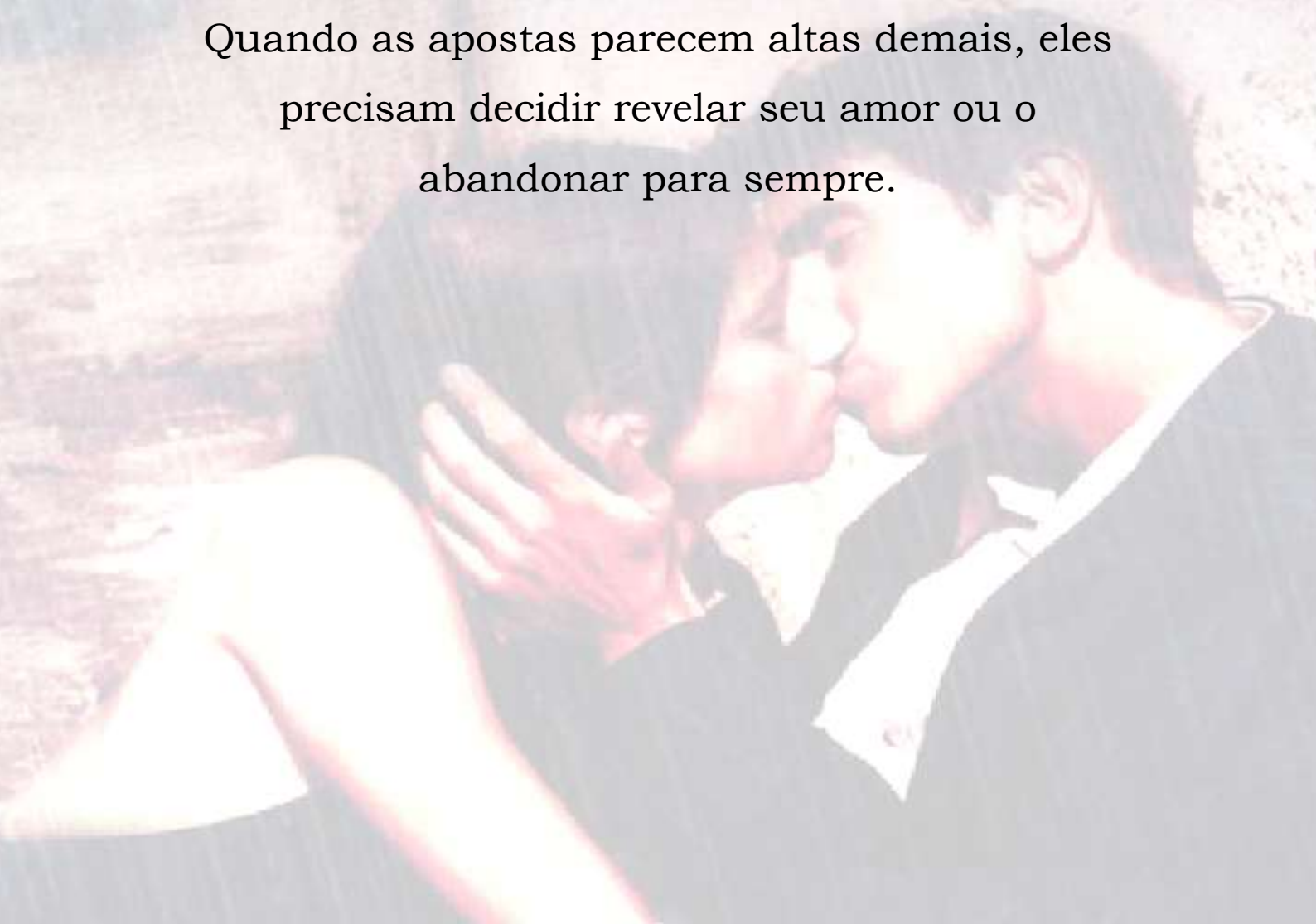

"A fantastic stand-alone novel
that will have your heart bursting."
-THE BOOK HOOKUP
LOVE
SHOW
author of Carry Your Heart
AUDREY BELL

Hadley Arrington é a editora chefe do prestigiado jornal sua universidade. Jack Diamond é um aluno descontraído cujos bons olhares tornaram as coisas ainda mais fáceis do que precisam. Ela é a garota que saiu do nada e o beijou na chuva. Ele é o garoto que a fez fazer uma loucura.

Quando as apostas parecem altas demais, eles precisam decidir revelar seu amor ou o abandonar para sempre.





Capítulo 01

No final do meu último ano de faculdade, meu companheiro de quarto decidiu que eu era um caso de psicanálise por causa da máquina de café expresso a que devíamos nossa amizade.

Na verdade, David provavelmente decidiu que eu deveria ter uma atenção especial no primeiro dia do ano de calouro, quando nos conhecemos. Minha mãe acabara de decidir se divorciar pela quinta vez e eu decidi que já era o sucificiente.

— Só não entendo onde fica o resto do seu quarto — minha mãe disse pela oitava vez.

— Este é o quarto inteiro. Tudo isso.

— Mas onde você vai colocar a sua máquina de café expresso?

— A máquina de café expresso poderá ficar no corredor ou voltar com você, mas não aqui.

— Acho que deveria reclamar. Eu pensei que você iria para a faculdade. Parece uma prisão.

Eu saí do pequeno quarto com a máquina de café expresso para recuperar o fôlego. E foi quando eu conheci David.

Ele pegara a máquina de café e, como não tinha ninguém para leva-la, também tinha levado minha mãe.

De qualquer forma, ele estava bem com o meu ser um caso de cabeça e no amor com a máquina de café expresso até a última semana de novembro meu último ano, quando ele decidiu que ele definitivamente não estava bem com qualquer um de nós.

Eu havia acabado de voltar para a Northwestern da minha terceira rodada de entrevista no The New York Times e tive que colocar os últimos retoques no texto de um funcionário júnior sobre privacidade on-line antes de memorizar expressões idiomáticas para meu teste árabe avançado na manhã.

Então, eu precisava de alguns cappuccinos.

Foi o quarto cappuccino que fez isso. David saiu correndo do quarto.

— O que. O. Inferno. Você. Está. Fazendo.

Eu levantei meu livro de texto em árabe. — Teste amanhã.

— Você está brincando comigo?

— Desculpa, sei que é tarde.

— Não é tarde. É cedo. São cinco e quarenta e cinco da manhã — ele disse.

— A sério? — Olhei para o relógio. — Meu Deus, o tempo voa.

— O tempo não voa, Hadley. Ele se move a um ritmo constante. — Ele me olhou com seriedade. — Você parece uma viciada em drogas. E não de um jeito bom.

— Você pode parecer um viciado em drogas de uma boa maneira?

— Tenho certeza que já foi feito antes. Mas não por você.

— Não sou drogada.

— Tudo bem. Estou fazendo uma intervenção de qualquer maneira.

— Uma intervenção de estudo?

Ele tirou o meu livro árabe.

Eu sorri e estendi minha mão para o livro. — David, preciso estudar.

— Você precisa estudar como o Deserto de Mojave precisa de um feitiço seco. Você tem um GPA de 4,0. Você é a última pessoa no mundo que precisa estudar. Aqui estão algumas pessoas que precisam estudar. Eu. Tara Barnes. Kim Kardashian. Miley Cyrus. Você não precisa estudar. Você precisa tirar um cochilo, um Xanax, e um período de férias de dois anos.

— Oh, por favor.

— Você é viciada em trabalho.

— Eu não sou viciado em nada. — Tentei arrancar o livro dele.

— Você é. Trabalho e cafeína e possivelmente açúcar, — ele disse suavemente, folheando as páginas. Quero dizer, olhe isso. Você aprendeu a falar uma língua na faculdade. Você quer saber o que eu aprendi?

— Teatro?

Ele arqueou uma sobrancelha. — Como rolar uma junta. — Ele fechou o livro. — Enfim, isso é insalubre. É insalubre para você e é ainda mais insalubre para mim.

— Como é insalubre para você?

— Porque, as pessoas pensam que eu moro com uma viciada em drogas. E sua ética de trabalho me faz sentir pequeno, patético e preguiçoso e não podemos ter isso. Preciso me sentir superior ou, quando isso não é possível, no mínimo, igual a você.

Eu sorri. — Preciso do livro de volta.

— Você precisa se acostumar, — disse David.

— Vamos falar sobre isso mais tarde.

— Como quando? - Perguntou David.

— Hoje.

— Quando hoje? Antes ou depois da reunião da equipe do jornal?

— Cristo, esqueci-me disso. — Jantar. Podemos cozinhar o jantar.

— O jornal não está convidando o embaixador da Turquia para o centro multicultural para o jantar hoje à noite?

Olhei para ele. — Preciso do livro, David.

Ele se sentou no sofá. — Como foi a entrevista?

— Sério?

— Você quer o livro de volta?

Eu exalei. — Tudo bem. — Esfreguei meu queixo. — Gostei da jornalista que me entrevistou. Ela parecia legal — intensa, mas legal. — Dei de ombros. — Eles disseram que não tinham certeza sobre o meu nível de experiência. Seria na África, não no Oriente Médio, e o árabe não é tão útil. Mas, a entrevista pareceu boa. Eu gostei muito dela. — Dei de ombros.

— Isso é bom!

— Sim. É bom. — Concordei. — Eu realmente quero o trabalho.

Ele me olhou com expectativa.

— Então, isso é tudo? — Perguntei, estendendo a mão para o livro.

— Claro que não. Quero discutir sua saúde mental e sua vida sexual. Era para ser um quebra-gelo.

— Olha, eu entendo. Estou estressada agora e enlouquecendo você e eu o acordei.

— Não está me assustando. Estou preocupado com você, — ele disse sinceramente.

— Não há nada com que se preocupar. Prometo.

Ele sorriu. — Não é um insulto, Hadley.

— É, entretanto. — Eu disse. — Como, você está preocupado que eu não possa fazer o que eu me propus.

— Não foi isso o que quis dizer. Não estou preocupado que você não possa fazê-lo. Estou preocupado que você fará tudo para o que você se inscreveu tão bem que você nunca vai desfrutar de nada. — Ele sorriu. — Estou dizendo que você é incrível e que precisa tirar uma soneca ou ficar deitada ou, pelo menos, ficar com um estranho.

— O que isso tem a ver com alguma coisa?

Ele revirou os olhos. — Tem a ver com a experiência da faculdade.

— Está bem. Você está certo.

— Veja, a coisa ... — Ele parou. — Espera, o que? Eu estou certo?

— Sim. Agora, posso ter o livro?

— Então, vai ficar com um estranho?

— Não. Você está certo. Eu sou um caso perdido. Vou tirar uma soneca.

Ele rosnou.

— Livro.

Ele me devolveu. — Não terminamos aqui. Só vou para a cama. Não para dormir, obviamente. Eu se fosse você olharia para isso. Praticarei a meditação transcendental e possivelmente alcançarei o nirvana. Deixarei você saber quando chegar lá.

Ele voltou para seu quarto e eu voltei ao texto, meus olhos borrando.



Capítulo 02

David provavelmente tinha razão em se preocupar com a minha falta de sono crescente. Depois de meu exame de árabe, fui à biblioteca errada para me encontrar com um dos escritores calouros para o The Daily Northwestern que tinha dúvidas sobre um artigo em que ele estava trabalhando.

Justin Shelter curvou-se sobre seu laptop em uma mesa de canto na biblioteca de engenharia. Que estava cheia. E calma. Em uma sexta-feira! David teria tido palavras fortes para isso.

— Desculpe, — eu disse sem fôlego. — Esqueci havia marcado esta reunião e que você era um estudante de engenharia. Esse foi só um dos exemplos do meu dia.

— Não se preocupe, — Justin disse com um sorriso. — Obrigado por ter vindo.

A maioria dos garotos que trabalhavam para o jornal estavam na Faculdade de Jornalismo Medill, mas havia alguns estranhos. Justin era um deles. Ele também foi um dos nossos escritores mais talentosos. Ele

possuía um talento especial para o jornalismo investigativo e passou o último mês trabalhando em um artigo sobre álcool e saúde dos estudantes.

Eu li sobre seu esboço mais recente enquanto ele assistia, ocasionalmente mastigando uma unha perdida.

Um estudante morreu durante o verão de intoxicação por álcool, e foram enviados diversos e-mails endereçados a administração, mas sem respostas. A morte não ocorreu no campus, mas Justin pensou que poderia ser um sintoma de um problema maior.

Ele estava certo — uma dúzia de estudantes diferentes, a maioria deles calouros, foram hospitalizados desde o início do ano por intoxicação alcoólica e onze deles vieram do mesmo endereço, uma casa de fraternidade fora do campus.

— Eu disse quando cheguei a esse ponto. — Isso muda as coisas.

Ele assentiu. — Eu sei.

— Você entrou em contato com alguém na fraternidade?

— Sim, eu enviei um e-mail ao presidente duas vezes. Ele não escreveu de volta, e eu não acho que ele o fará. — Ele franziu a testa. — Perguntei a outros garotos. Eles não me deram nenhuma resposta concreta. A menos que "não seja uma bicha" conte como um comentário legítimo.

— Animais, — eu disse. — Bem, se não querem se defender, tudo bem.

— Não quero que seja uma forma de humilhação, sabe? É sobre a saúde do aluno.

— Sim. Mas, você não pode mudar os fatos, — eu disse. — O fato de que os garotos foram parar no hospital depois das festas a uma taxa desproporcional não é uma humilhação. É apenas a verdade.

Ele olhou para a tela do computador. — Sim, eu sei.

— Deixe claro que a casa está no centro dos incidentes. Digamos que recusaram seus repetidos pedidos de resposta. Fale com algumas outras pessoas. Pessoas que não estão na fraternidade, mas vão às suas festas. Veja se eles podem lhe dar uma ideia melhor do que aconteceu, se

a fraternidade deve assumir parte da responsabilidade ou não, se isso é específico para esta fraternidade ou específico para fraternidades em geral, — eu dei de ombros. — Você quer ser justo, mas não pode deixar de lado.

— Eu sei. — Ele sorriu tristemente. — Não quero parecer um garoto com um machado para matar.

— Você não é a história. Os fatos falam por si mesmos, não por suas opiniões — eu disse. Teria ouvido dizer que se tivesse feito uma aula de jornalismo. — É uma boa história, você trabalhou duro nisso.

Ele assentiu. — Sim. Sim. Certo. Eu sei. — Ele soltou um suspiro. — Só … seria mais fácil se fosse mais fácil.

Eu ri. — Sim. Seria. Mas, escuta, acho que está ótimo. Acho que o artigo será ótimo, — eu disse. — Não deixe que isso te estresse. É uma boa história; É uma história importante. Você sabe tudo isso.

Ele assentiu. Obrigado. Desculpe ser um alarmista. Eu só não sabia o que fazer. — Ele sorriu. — Literalmente ninguém nunca leu o meu jornal da escola, então eu não tenho que me preocupar com isso.

— Bem, as pessoas lerão isto.

— Esse é o problema! — Ele sorriu e depois suspirou. — Certo, bem, vou enviar um rascunho para você na próxima semana. Os exames estão me matando.

— Não tenha pressa.

Ele riu. — Certo. Para quantos escritores você diz isso?

— Nenhum. Zero. Só você. Mas você é a única pessoa que investiga qualquer coisa, então você é especial. — Fiquei de pé. — Vem a essa coisa de multiculturalismo?

Ele balançou sua cabeça. — Tenho que estudar essas coisas, infelizmente.

— Bem, eu tenho que praticar meu discurso. Mas me mande um e-mail se algo mais aparecer, ok?

— Sim claro.

****

David e Nigel, seu amigo do GSA, estavam fazendo risoto quando voltei para o apartamento para mudar para algo menos formal do que meus jeans rasgados e t-shirt em pedaços.

— Pensei que viesse jantar, — disse a David.

David ergueu as sobrancelhas. — Estou indo para o jantar com você, mas você realmente não pode esperar que eu coma comida de cafeteria em uma noite de sexta—feira.

Olhei para Nigel. — Como você se meteu nisso?

— Eu queria vir, — Nigel insistiu.

— Mentiroso. Eu nem quero ir.

Nigel riu. Então, David disse que você estava apenas encontrando Justin Shelter?

Eu balancei a cabeça. — Sim, você o conhece?

— Sim. Estou tentando colocar David com ele.

— Você está brincando, — eu disse.

— O que há de errado com ele? — Perguntou David. — Eu sabia que algo estava errado com ele.

— Não sabia que ele era gay.

— Ele sabe que *ele* é gay? — perguntou David.

— Sim, — disse Nigel.

— Vou levar isso em consideração.

Nigel encolheu os ombros. David tinha um mau hábito de se apaixonar por meninos heterossexuais. Nigel tinha um mau hábito de tentar consertá-lo.

— Sabe quem precisa de conselho de relacionamento? — perguntou David.

— Amanda Bynes, — eu disse.

— Errou.

— Miley Cyrus.Kim Kardashian, — eu disse. — Tiger Woods.

— Hadley Arrington. Na minha frente.

Nigel riu. — Ooh. Mesmo? Eu quero ajudar.

— Preciso me vestir, — eu disse, suspirando.

— Ela precisa se acostumar — disse David a Nigel.

Fui para o meu quarto e coloquei um vestido preto que eu usei para um baile de inverno do meu penúltimo ano do ensino médio. Ainda servia, como a vendedora de Bergdorf tinha prometido.

Minha mãe e eu estivemos em um desses horríveis passeios de faculdade que todos seguem com seus pais, onde a única coisa que você acaba fazendo é lutar.

Ela havia assinado papéis de divórcio em novembro e Tom, Julian e Leah — meu padrasto, meio-irmão e irmã-irmã — haviam desaparecido tão rapidamente quanto chegaram. A casa também desapareceu, outra vítima do divórcio.

Nos mudamos para um apartamento de cobertura na Market Street, e, depois de três meses de recusar descompactar, eu finalmente retirei meus livros e minhas roupas. Estava limpando a caixa de molduras para colocar na parede do meu quarto quando minha mãe me disse que o Lawrence havia proposto.

Deixei a excursão de faculdade na manhã seguinte. Eu acabaria me lembrando de cada escola que passei.

NYU foi a nossa última parada. O vestido foi uma tentativa de suborno.

— Você tem que entender, Hadley — minha mãe disse, depois que ela comprou o vestido e um par de sapatos que eu nunca conseguiria usar. — Você vai embora em breve, e eu não quero ficar sozinha.

Eu já sabia disso, mas nunca a ouvi falar em voz alta e isso me assustou: ter medo de ficar sozinho faz você depender de outra pessoa. Alguém que ainda não conheceu. Um estranho. E um estranho era uma coisa incrivelmente estúpida e pouco confiável.

Prometi a mim mesma que nunca faria isso. E eu nunca fiz.

Quando saí do meu quarto, David me entregou um prato de risoto de abóbora. Nigel disse que precisa saber qual é o seu tipo.

Olhei para Nigel. — Sobre o que? —

— De homem, — disse David.

Eu coloquei uma garfada de risoto na boca e fechei os olhos. — Eu poderia viver com isso.

— Acho que seu tipo precisa ser muito, muito, muito calmo — disse David.

— Eu não tenho um tipo, — admiti. Baixei meu garfo.

— Último namorado? - perguntou Nigel.

Revirei os olhos. Meu último namorado foi Luke. No ensino médio. Garoto legal, eu gostava dele. Perdi minha virgindade com ele. Todas as nove jardas. Terminei com ele quando ele disse que me amava. Isso me lembrou muito da minha mãe.

Ele disse a todos que eu era uma puta enorme. Eu não o culpei por isso. Mas, ele também disse a todos que eu era uma puta. Isso era, antes de tudo, uma mentira, e em segundo lugar, um movimento de vagabunda.

Ele era popular, no entanto. As pessoas acreditavam nele. Todo mundo acreditava nele. E quando todo mundo acredita em algo sobre você, pode muito bem ser verdade.

— Algum jogador da lacrosse, — eu disse, não querendo entrar no jogo. — Colegial.

— Sério? — perguntou Nigel. — Seu tipo é jogador de lacrosse?

Eu balancei a cabeça. — Não. Não tenho um tipo. Meu último namorado era um jogador de lacrosse. Isso é tudo.

— Muito bem. Nós não temos uma equipe de lacrosse, — disse David.

— Pensando bem, talvez seja jogador de lacrosse, — eu disse.

— Seu tipo não é jogador de lacrosse. Não tente encontrar um, — disse David. — Ela vai machuca-lo.

— Como eu machucaria um jogador de lacrosse?

— Você o mataria com seu livro de texto em árabe, — disse David.

— Bem, quando foi a última vez que você foi a um encontro? — Perguntou Nigel.

Eu inclinei minha cabeça, tentando pensar. — Não sei. Ninguém me convidou para sair desde a escola.

— Bem, para ser justo, isso seria difícil de fazer, — disse David. — As únicas coisas que podem ter chegado a conhecê-la bem o suficiente

para pedir-lhe para sair seria os seus livros e o jornal, e, como você pode ter ouvido, eles geralmente não fazem perguntas.

— Ray Chang, — eu disse, ignorando David. — Ele foi o orador da minha escola e meu ex-meio-irmão estava na equipe de esgrima com ele.

— Temos uma equipe de esgrima. E oradores. — Nigel apontou.

— Não tivemos um encontro exatamente, — eu admiti. — E foi na época do baile, não uma data real. Precisávamos de um par.

— Ok, quem é a sua celebridade favorita?

— Edward Murrow.

— Ele está em *Crepúsculo*? — perguntou Nigel.

— Não, ele está morto há décadas — eu disse.

Ambos olharam para mim sem entender.

— Ele terminou a carreira como Joe McCarthy? — Lembrei-lhes. — Ele era o relator sobre as audições do Exército McCarthy?

Nada.

— George Clooney fez um filme sobre ele? *Boa noite e boa sorte*. Vamos, realmente? — Eu disse, olhando de Nigel para David.

— Huh estou perdido aqui — disse Nigel.

David exalou. — Está dizendo que é necrófila? É isso?

— Estou dizendo que não estou interessada em sair com ninguém — eu disse. — Não quero um namorado.

— Não estou a tentando te encontrar um namorado. Estou tentando te colocar para relaxar. E então eu posso relaxar.

— Quem é a última pessoa que você ficou? — Perguntou Nigel.

Dei de ombros. A última pessoa com quem eu havia ficado foi Andrew — um garoto com quem eu ainda trabalhava no jornal — e foi na noite em que descobri que seria o Editora-Chefe.

Foi o tipo de noite que só acontece logo após as provas finais. O tipo de noite quando você não pode dizer exatamente o que é que te deixou tão bêbado: exaustão, álcool ou alívio.

— Andrew, — eu disse. — Mas isso mal conta.

— Andrew não é seu tipo — disse David. — O que é lamentável, porque ele seria muito conveniente e ele está apaixonado por ela.

— Ele não está apaixonado por mim.

Nigel inclinou a cabeça. — Então, basicamente, você não sabe o que quer.

— Ela não tem ideia — disse David.

— Ela precisa ir para a porta de trás, — Nigel disse.

— Certo, tenho coisas para fazer. — Peguei meu prato de risoto, acenei a cópia do meu discurso na frente deles, e caminhei para o santuário do meu quarto.

— Você está vindo para a porta de trás, — David me chamou.

*****

O discurso saiu sem dificuldade.

Voltei para o campus com David, bebendo vodka e limonada de uma garrafa de Gatorade. Nigel nos abandonara para conhecer um estudante da Universidade de Chicago, que acabara de começar a namorar.

— Estou cansada, — admiti, estremecendo enquanto engolia um grande gole da mistura de David.

Meu telefone vibrou no bolso do casaco e eu olhei para o número irreconhecível.

— Aposto que é o *Times*.

— Duvido, — eu disse. — Numa noite de sexta?

— Responda! — Disse ele com urgência.

— Olá, aqui é o Hadley.

— Hadley, é Suzanne Reiss do *New York Times*.

— Como você está? — Eu perguntei, acenando com a cabeça para que David soubesse que ele havia adivinhado corretamente. Ele coemorou exuberantemente. Eu revirei os olhos.

— Olá, eu só queria te dar um retorno e dizer como ficamos impressionados com a sua entrevista. — Ela respirou fundo. — Infelizmente, decidimos por uma pessoa mais experiente.

Engoli em seco. O que você deveria dizer a isso? Obrigado por ter ficado impressionado?

— Mas, eu realmente quero enfatizar que todos pensamos que você fez um ótimo trabalho e que você era uma forte candidata para esta

posição. E vamos certamente manter o seu currículo em arquivo para futuras vagas.

Engoli em seco. — Ah, tudo bem. Sim. Obrigada. Isso seria bom.

— Lamento que esta não seja uma boa notícia — continuou ela. Ela parecia simpática. — Desejamos-lhe todo o sucesso, não que você vá precisar de nossos desejos para alcançá-lo.

Eu pisquei. — Oh, hum. OK. Bem, obrigado por me avisar.

— Claro, Hadley. Eu realmente queria que faz notícias fossem melhores. Tenha uma boa noite.

— Obrigada, — eu disse de novo. — Para você também. — Eu empurrei o telefone de volta na minha bolsa, tentando fingir que isso não aconteceu. Que eu não tinha acabado de ser contada - não - pelo New York Times.

Eu deveria ter visto isso acontecer.

Pisquei duas vezes, surpresa com a corrida quente de raiva e dor que senti. Era infantil, realmente, chorar por não conseguir um emprego de prestígio que tive a sorte de até mesmo ser entrevistada, mas aqui estava eu, desapontada, de certa forma, estrangulando o flash de emoção em meu peito.

Olhei para a noite sem estrelas. Multipliquei o número em minha cabeça até que as lágrimas se dissipassem e então tomei um longo gole da garrafa de Gatorade e brilhei para David um sorriso falsamente brilhante.

David enfiou as mãos nos bolsos e me observou cautelosamente. — O que eles disseram? — Ele perguntou depois de um segundo.

— Não consegui o trabalho.

— O que? — Ele parecia chocado. Tomei outro gole da garrafa Gatorade, pensando nas centenas de noites que fiquei acordada até muito tarde e acordei cedo demais e disse não a muitos amigos.

Eu acreditei, tolamente, que porque havia desistido de diversão, eu tinha direito a um emprego no Times. Não queria me permitir pensar dessa maneira.

Ele estendeu a mão para mim. — Eu sinto muito.

— Não, está tudo bem. Realmente, - eu disse. Afastei-me, não querendo particularmente ser consolada.

Não importa, eu disse a mim mesma. *Há outros jornais*.

Engoli em seco.

— Hadley, calma aí. Vamos, — disse David. Ele correu para me acompanhar.

Há tantos outros jornais. Muitos outros lugares para estar. Ela disse que iria mantê-lo em mente, de qualquer maneira. E está tudo bem. Não importa. Não é grande coisa.

É engraçado como rapidamente você começa a falar-se para sair de seus próprios sonhos. Eu tomei outro longo gole da limonada e vodka.

David me alcançou. Ele agarrou meu pulso. — Hey, fale comigo. —

— Estou bem.

— Não está. — Ele balançou sua cabeça. — É a sua perda, mas ainda é uma droga.

— Certo. — Eu mordi meu lábio, me perguntando se eu tinha escolhido as peças erradas para mostrar ou se eu tinha parecido muito tímida para a agencia da África Oriental ou *algo assim*. — Tenho certeza de que eles realmente sofrerão sem mim. É um milagre que mantiveram a tona desde 1851 sem os meus serviços.

Ele envolveu um braço em volta dos meus ombros e eu deixei que ele me abraçasse brevemente. Ele não disse muito mais. Não havia muito mais a dizer.

Quando chegamos em casa, tomei um banho. Eu enxaguei meu cabelo retirando o shampoo e bati minha mão contra a parede do chuveiro duas vezes. — Porra, — murmurei. — Foda-se, foda-se, foda-se.

Quando saí do chuveiro, olhei para mim mesma no espelho. Meus olhos mostraram a maior parte do dano da semana; aro vermelho e círculos escuros, o esquerdo estava ligeiramente maior do que o direito. Isso acontecia sempre que eu passava muito tempo sem dormir adequadamente. Eu enrolei meu cabelo em algum tipo de Mohawk desagradável e dou outra boa olhada em mim no espelho.

— Você parece uma boneca troll, — eu disse a minha imagem no espelho. — Uma merda de boneca troll.

Eu limpei minha garganta.

— E você está falando sozinha. Então, você perdeu a cabeça. — Eu expirei e bufei. — Claramente. Não admira que eles não a contrataram. Você está louca. — Fechei os olhos, não querendo me olhar por mais um segundo.

— *Mensagem para você* está começando! — Gritou David.

Eu tirei a toalha do meu cabelo e vesti um roupão de banho.

— Diga algo para eu saber que você não se afogou!

— Estou bem! — Respondi de volta.

Saí do banheiro e fui até David. Eu me sentei ao seu lado no sofá quando Meg Ryan estava sendo levada por Tom Hanks até o café.

— *Mensagem para você* poderia ser o nome de uma comédia romântica dos anos 90 — eu disse. — A única coisa que eu gosto da minha caixa de entrada é o botão de apagar.

David pegou um punhado de pipoca. — Você. Necessidade. Para. Obter. Liderar.

— Preciso arrumar um emprego. — Eu disse. — E um corte de cabelo. E olhos novos. Você viu isso? Meus olhos são de tamanhos diferentes.

Ele olhou para os meus olhos. — Porque você está cansada. Então feche-os. E pare de falar. E vá dormir.

Eu bocejei, pensando em outra coisa a dizer sobre a insanidade das comédias românticas, mas assim que meus olhos estavam fechados, eu caí no sono.



Capítulo 03

David estava contando em fazer mais lisonja para me levar para a porta traseira.

Quando eu saí do meu quarto às 11 horas, ele já estava bebendo com Nigel. Ele levantou um copo de plástico em minha direção e sorriu maliciosamente. Nigel apertava os olhos para uma cerveja, tagarelando em seu telefone celular para alguém que ele estava chamando de "Snookums".

— Então, eu tenho pensado que é uma exigência para você assistir comparecer nos fundos, — disse David.

— Certo.

— A sério?

Dei de ombros. — Por que não? Eu não tenho nada melhor para fazer.

Abriu a boca e fechou-a. — Maravilhoso. Coloque algo impermeável. Eles estão pedindo uma monção.

— Perfeito, — eu disse secamente.

Ninguém deve beber álcool às onze da manhã. É uma receita para o desastre. Nigel estava balbuciando as palavras pelo meio-dia e David estava tentando cortar o meu cabelo e eu estava cantando Ke$ha com toda a força dos meus pulmões.

— Que porra você está fazendo? — Eu perguntei quando ele veio para mim com uma tesoura.

— Você precisa de um corte de cabelo.

— Não.

— Confie em mim.

— Não. —

Ele fez beicinho. — Mas, *Hedley*, estou morrendo de vontade de cortar o cabelo de alguém.

— Corte seu próprio cabelo, maldição.

David verificou seu reflexo no espelho e jogou a cabeça de um lado para o outro, de modo que seus cílios dourados saltaram. Ele fez beicinho. — Isso seria criminoso, — disse ele. — Seu cabelo, no entanto, é problemático. E Nigel tem uma quantidade limitada de cabelo.

Olhei para o corte de Nigel.

— Vá embora, — eu disse a David enquanto ele cortou no ar. — Isso é perigoso.

— Por favor, Hadley, por favor, Hadley, por favor, por favor.

Eu olhei no espelho. — Não há nada de errado com o meu cabelo.

— Você tem tantas pontas duplas, está me dando um ataque de pânico.

— Oh meu Deus, — eu disse.

Ele sorriu loucamente. — Sim.

— Não.

— Fique quieta, — ele bufou, deixando cair a tesoura no balcão. Ele bebeu sua limonada de vodka fortemente letal de um copo de Hello Kitty rosa quente que ele tinha comprado em uma de nossas viagens épicas para Target.

— Você está saindo com um estranho hoje — anunciou David. Ele encheu meu copo com outra generosa porção de limonada letal.

— Não posso beber isso.

— Você pode. E você vai. E então você vai encontrar um estranho, transar com ele, e ter a experiência da faculdade.

— É isso aí? —

— Não, esse é o começo — disse David. — Passos de bebê. Nigel!

Nigel abriu os olhos. — O que?

— Você está adormecendo?

— Não, — disse Nigel.

Eu bebi minha bebida delicadamente. David colocou a música mais alta. Até o momento, eu estava na minha terceira limonada de vodka, e provavelmente teria deixado David cortar meu cabelo e, em seguida, realizar cirurgia cardíaca a fundo, se ele quisesse.

— Precisamos ir — disse Nigel a David.

— Hadley, vamos embora — disse David.

— Eu te amo tanto. Acho que talvez devêssemos nos casar — eu disse a David.

— Eu não passei por um inferno na escola para poder me casar com alguém com vagina. — Ele me olhou com fúria.

— Seríamos um ótimo casal. E nós nunca teríamos que ter relações sexuais.

— Não seja nojenta.

— Eu te amo.

Ele me arrastou pelo pulso para a geladeira. — Você precisa beber mais. Você tem a tolerância ao álcool de uma criança de quatro anos.

— Bem, talvez pudéssemos fazer sexo uma vez se quiséssemos ter filhos.

— Por favor pare de falar. — Ele me entregou uma Red Bull e eu fiz uma careta. — Nem comece. Você está bebendo isso. Eu não vou levar você para casa. Eu simplesmente não vou. Se você desmaiar no estacionamento, então você pode ficar lá. Na Monsoon. Onde você vai se *afogar*.

— Isso é mau.

— É por isso que estou lhe dando um Red Bull, — ele disse.

— Você me levaria para casa. — Ele fez uma careta. Ele me carregaria totalmente para casa. Ele simplesmente não ficaria feliz com isso. Então, eu bebi o Red Bull.

Descemos para o estacionamento do dormitório. Ele é arborizado e fica no bolsão de estacionamentos fechado de estudantes. Eu usava jeans e botas com um salto, e um top roxo apertado para mostrar um pouco de espírito escolar.

— Eu deveria ter usado um casaco.

— Você está bêbada demais para ter frio.

— Você não sabe de tudo.

— Eu sei a maioria das coisas, — David respondeu cansado.

— Qual é o ponto de sequer ir a esta coisa? Eles não vão bater Nebraska, — eu disse.

— Ninguém se importa com o jogo. É para a cena social, — ele disse. E, isso era verdade. A maioria dos estudantes tropeçaria de volta para seus dormitórios e apartamentos muito antes do intervalo.

— Hadley! — Andrew Brenner gritou assim que entramos no estacionamento, que estava repleto de pessoas que eu conhecia e pessoas que eu nunca tinha visto. Todo mundo parecia bêbado.

Eu abracei calorosamente Andrew. Principalmente porque, apesar da insistência de David de que eu não sentiria frio, eu estava congelando.

— Deve chover — Andrew me avisou, olhando para o céu. — Há um sistema de baixa pressão que muda para o nordeste do Kansas.

— Oh, ok, — eu olhei para as nuvens de pressentimento e assenti. — Pressão baixa.

Andrew realmente gostava do clima, que era cativante, mas ... você sabe, tedioso. Ele sabia todos os tipos de fatos sobre pontos de orvalho e densidades e brisas do sul.

Contanto que você não o deixasse começar na meteorologia, era o garoto mais doce no mundo. Mas ele começou com o tempo. E não importa quão doce ele era, eu não poderia tomar muito dele.

Geralmente, David teria aproveitado esta oportunidade para me interromper e me arrastar para algum lugar mais interessante, mas ele me deu um sinal de aprovação e um sorriso encorajador.

— Vou dizer olá a alguém — ele disse.

— David, — eu sussurrei em sua rápida retirada.

— Ei, você já ouviu falar do Times? — Perguntou Andrew.

Inclinei a cabeça para ele. — Não. Não, eu não. Nenhuma palavra. Eu ouvi que havia um furacão ao largo da costa da África Ocidental, no entanto. Soa selvagem.

Andrew olhou para mim, incrédulo. — De jeito nenhum.

— Tenho certeza, — eu menti.

— Onde? — Ele tirou o seu iPhone. — Sabe se o sistema tem um nome? Isso seria praticamente sem precedentes. É quase *dezembro*! E é o hemisfério sul ...

— Tenho que correr — eu disse. Corri atrás de David, mas rapidamente me vi confusa em um mar vagamente familiar de roxo. A música batia forte. O pavimento vibrava. Eu sentia as casas vibrarem por causa do som agressivamente elevados dos alto-falantes, mas eu nunca havia sentido o movimento real do solo.

E pensei que eu estava bêbada, mas eu definitivamente não estava. Quero dizer, não comparado com as pessoas aqui. Eu não estava vomitando em uma lata de lixo como a menina magra em shorts de jeans a poucos metros à minha direita. E eu ainda não tinha tirado a minha camisa, como o menino gritando, incoerente à minha esquerda.

— Isso é uma viagem — murmurei para mim mesmo. Apropriadamente, eu aproveitei esse momento para tropeçar. Não muito mal. Eu me peguei. Ainda assim, tropecei.

Alguém colocou uma mão quente em volta do meu braço e me ajudou a levantar.

Eu escovei minhas mãos fora em minha calça jeans, encolhendo.

— Você está bem?

Eu olhei para cima e vi um par de olhos castanhos com cílios grossos. Eles eram suaves. Olhos convidativos. Profundos e grandes. Algo que você quer se perder. Ok, então eu definitivamente estava bêbada.

Ele era bonito, também, com uma camisa xadrez azul, com um sorriso brincalhão - a meio caminho entre provocações e feliz em vê-lo - e alto, pelo menos dois metros. Estávamos perto o suficiente para que eu tivesse que levantar meu queixo para olhar em seus olhos.

Ele acenou uma mão na frente dos meus olhos. — Ei. — Ele riu suavemente. — Você está bem? Você bateu a cabeça?

— Oh. Desculpa. Não, eu disse desajeitadamente. — Eu ... estou bem ... estou bem. — Eu sorri. — Estou ótima. Apenas desajeitada.

Alguém gritou em nossa direção e o belo desconhecido virou a cabeça. — Um segundo, ok? — Ele deu alguns passos em direção a uma caminhonete estacionada no canto do estacionamento.

— *Aí* está você — disse David, agarrando meu pulso e me puxando para frente. — Onde você foi? — Ele perguntou.

— Para onde *eu* fui?

— Você devia sair com o Andrew.

— *O que*? — Virei a cabeça. Eu estava bêbada o suficiente para querer fazer com o cara bonito em xadrez. Tentei localizar a parte de trás de sua cabeça na multidão, mas David continuou puxando meu pulso.

— *Não* vou sair com o Andrew.

— Andrew gosta de você.

— Quem disse?

— Todo mundo que tem olhos.

— Isso é ridículo. E eu saí com o Andrew. Não foi memorável.

— Certo, você estava bêbada.

— Não estou bêbada.

— Mm ... — ele respirou fundo. — Você precisa falar com alguém. Quebre o voto totalmente deprimente de celibato que você tomou —

— Não fiz um *voto*. —

— Ninguém passa por três anos de faculdade sem ficar embriagado ou fazer votos com um estranho. Ou você, sabe, é um Mórmon, ou algo

assim — ele indicou vagamente com uma mão. Ele me olhou com desconfiança. — E eu *sei* que você não é um Mórmon. Um, você está bêbada e dois, você é um demônio da cafeína.

Eu respirei fundo do ar frio e passei minha mão pelo meu cabelo. Algo sobre estar frio, bêbada e cambaleante por ter tropeçado me fez querer fazer algo moderadamente louco. — Bem, havia alguém ali, — eu disse vagamente.

— Com licença? —

— Havia alguém... você sabe, bonitinho. Lá. — Indiquei para onde estava o desconhecido em xadrez.

— Você acha que alguém é bonito? — Repetiu lentamente. — Eu literalmente nunca ouvi você dizer isso antes. Onde?

— Lá em cima, — gesticulei. — Mas, eu não acho —

— Onde? Quem? Por que você não disse algo mais cedo? —

— Certo, você tem que parar de puxar meu braço, — eu disse, enquanto ele me puxava de volta para onde eu estava quando caí. Quero dizer, acho que vai deslocar o meu ombro.

A chuva começou com algumas gotas grossas e geladas e rapidamente aumentou. Algumas pessoas gritaram dramaticamente e começaram a fugir. Outros aplaudiram e aumentaram a música.

— PORRA! — David gritou, jogando a cabeça para trás. — Onde ele está?

— Em uma camisa xadrez.

— Claro, você gostaria de ficar com alguém no meio de uma *debandada*, — ele gritou para mim.

— Não quero ficar com ninguém!

Ele revirou os olhos quando o ombro de alguém bateu grosseiramente no meu e ele me puxou para mais perto dele. A chuva virou de gotas suaves para um fluxo constante. Eu estremeci enquanto corria pelo meu cabelo e minhas costas. O vento assobiou através do estacionamento e copos de plástico vazios escorregaram pelo chão ao redor de meus pés.

— Lá! — Eu disse. — Ele está lá. —

E ele estava bem ali, com um punhado de meninos que pareciam totalmente imperturbáveis com a chuva. Ele estava encostado a uma camioneta vermelha com aquele sorriso fácil em seu rosto. Ele olhou para a chuva, como se estivesse feliz em vê-la.

David puxou—me para mais perto. — Ele?

— Sim.

— OK. Vá falar com ele.

— O que? *Não.*

— Sim. — Ele me deu um pequeno empurrão.

— Espere, o que vou dizer? — perguntei a David.

— Apenas fale. Você é esperta.

— Não, não, não, não — eu disse, cavando meus calcanhares, literalmente. — Esta é uma má ideia. Isto é como…

Então, ele nos viu. Ele se levantou e sorriu para mim. E David desapareceu.

— Ei!

Olhei para trás para ver com quem o estranho de xadrez falava. Ninguém.

Ou melhor, para mim.

E eu estava sem David — menos e eu não tinha nada a dizer. Minha garganta se fechou.

— Eu queria saber para onde você foi, — ele disse.

Eu balancei a cabeça. — Uh—huh? —

Jesus, Hadley. Tudo que você pode vir encontrar é sílabas?

Os galhos das árvores balançavam e sopravam sobre nossas cabeças. Folhas mortas batiam em círculos no estacionamento. Ele me alcançou em três passos fáceis. Olhei para suas mãos. Isso era mais fácil do que olhar para ele. Elas estavam manchadas com tinta azul e vermelha e pensei que talvez eu poderia perguntar sobre isso, mas isso também parecia muito estranho.

Para onde diabos David foi? Eu virei minha cabeça mais uma vez atrás de mim. Ele não estava em nenhum lugar. Olhei para o belo estranho de olhos de corça e sorri, desconfortavelmente.

— Você quer uma cerveja?

— Está chovendo — eu disse.

Ele sorriu. — Temos o tipo de lata impermeável.

Eu balancei a cabeça. — OK. Sim claro.

Ele deu um passo para trás na direção da caminhonete e me jogou uma cerveja, que eu peguei, mal.

— Desculpe, — ele sorriu.

— Não se preocupe, entendi.

— Vamos esperar, — ele disse, acenando para o céu.

— Sim, — eu disse. Olhei para o céu, também. Isso era ainda mais fácil do que olhar para suas mãos. Namoradeira, eu me lembrei. Você acha que ele é bonito. Então flerte.

— Parece que muita merda como esta tem acontecido durante toda a semana, — ele meditou.

— Chuva? Ou pessoas chovendo em seu desfile?

— Minha porta traseira — ele corrigiu, sorrindo. A chuva aumentou.

— Sim. — Eu precisava de uma bebida. Ou uma história engraçada para contar. Eu tentei abrir a minha cerveja, e descobri que minhas mãos estavam raspadas e trêmulas. Ele a pegou, sem palavras, abriu—a e entregou—a de volta para mim.

— Obrigado. — Eu disse. — Eu sei o que quer dizer. Sobre a chuva.

— Sim? Quem arruinou sua semana?

Eu sorri. Olhei para ele. Seus olhos eram agora tão suaves. E eu não tinha batido com a cabeça. Isso era uma coisa real que seus olhos eram realmente macios. — Não sei. Ninguém. Eu mesma. O escritório do Cairo. No Egito. Desculpe, você não é estúpido. Tenho certeza que você sabe que o Cairo está no Egito. De qualquer forma, esta mulher chamada Suzanne trabalha lá e ela... bem, é tipo de culpa dela. Na verdade, acho que não é culpa dela. É totalmente culpa minha. Ela era muito legal sobre isso. Mas, sim, chuva. — Eu olhei para ele novamente, incapaz de calar a boca, talvez porque ele não parecia estar totalmente horrorizado. Ele parecia estar ouvindo. Embora, fiquei horrorizada. — Desculpe, estou bêbada. Quero dizer, tudo isso é verdade, mas também estou bêbada, e minha

vida está uma bagunça. Ou, parece uma bagunça. Acho que não é realmente uma bagunça. Eu só pensei que sabia exatamente o que fazer para conseguir o que queria, e nunca realmente considerei que talvez não funcionaria. E então, como, a segunda opção não deu certo, eu imediatamente me convenci a acreditar que já nem queria isso. E sinto que estava tão certa sobre tudo que seria embaraçoso admitir que as coisas não funcionaram como eu planejei. Você sabe? Eu sempre fui sensata. E se acontecer que eu não era sensata — e que eu acabei me iludindo pensando que era — senti-me como uma fraude.

Respirei — Quero dizer, sou uma fraude, percebi. Então, estou fingindo que está tudo bem. E até agora ninguém percebeu. Mas estou uma bagunça. Você provavelmente pode dizer. Sou uma confusão embriagada. A propósito, você é muito educado. Você deve fazer uma cara ou algo antes de dizer qualquer coisa realmente embaraçosa.

— Acho que você não disse nada embaraçoso, — ele disse calmamente.

— Certo. Bem, isso é porque você não tem ideia do que estou falando. Isso não faz sentido.

Ele sorriu e inclinou a cabeça. — Faz algum sentido.

— Não faz sentido. — Balancei a cabeça e tomei um gole da cerveja.

— Não. — Ele se aproximou. — Quero dizer, eu não sei sobre o Egito ou Suzanne, mas eu tenho esse sentimento. Sem saber por que você está fazendo o que está fazendo? E sentir-se como uma fraude? Às vezes também faço isso.

Ele era tão malditamente bonito. E havia algo gentil nele e eu estava com frio, bêbada e estava chovendo e eu não tinha conseguido o emprego e por uma vez eu me senti realmente como se não tivesse nada a perder.

Ele encontrou meus olhos e sorriu, timidamente. — Quero dizer-

Eu me aproximei e beijei-o.

De repente e impulsivamente.

Porque eu queria. Porque eu não tinha nada a perder. Porque eu acreditava, por uma vez, não havia nada a perder aqui.

Vi seus olhos se dilatarem antes de fechar os meus com força. Ele me levantou do chão e eu envolvi minhas pernas em torno de sua cintura e ele me beijou de volta.

Eu sabia que tinha sido beijada antes. Só que de repente tive certeza de que nunca havia sido beijada. Na verdade, não. Assim não. Nunca tinha sido assim.

Ouvi alguém fazer um barulho, mas principalmente eu apenas ouvi a chuva caindo e as pessoas correndo ao nosso redor e o som suave de sua respiração.

Principalmente eu senti a maneira como ele me beijou e a firmeza de sua mandíbula e como ele tão obviamente sabia exatamente o que ele estava fazendo.

Depois de um momento, ele baixou a boca para o meu pescoço e eu joguei minha cabeça para trás, deixando seus lábios quente, macios pressionar contra o lugar sensível debaixo de meu queixo enquanto a água fria corria por nossos rostos. Eu tremi. A parti dele ou da água eu não podia dizer.

Ambos pulamos ligeiramente com o barulho de um trovão. Ele me pôs em pé, rindo. Abri os olhos e olhei para ele. Ele estava de pé com as mãos abertas e ao lado dele, um sorriso largo em seu rosto enquanto observava um raio cortar o céu cintilante.

Olhei também para o relâmpago que crepitava pelo céu como uma cicatriz.

Ele pôs uma mão no meu quadril. — Hey. Isso foi algo, você sabe disso? — Ele respirou.

— Polícia, — alguém gritou. Nós dois nos viramos para ver os alunos correndo e luzes vermelhas e azuis piscando. As sirenes da polícia do campus vociferavam em voz alta.

Eu voltei aos meus sentidos. Eu estava no meio de um estacionamento em uma tempestade, praticamente em um temporal, nos braços de um homem estranho. Isso era *tão irresponsável*. Eu me afastei dele e comecei a correr.

— Ei, espere! —

Não voltei, no entanto. A última coisa que eu precisava era ser citada pela polícia do campus por intoxicação pública.

A chuva veio em torrentes, e os alunos, que estavam bêbados e desordenados para começar, se moviam com tumulto para o portão do lote.

— DEVIDO AO TEMPO INCLEMENTE O TAILGATE ESTÁ CANCELADO. TODOS OS ESTUDANTES DEVEM DISPERSAR. DEVIDO AO TEMPO INCLEMENTE O TAILGATE ESTÁ CANCELADO. TODOS OS ESTUDANTES DEVEM DISPERSAR.

— Espere! —

Eu pulei quando alguém agarrou meu braço.

— Que diabos, Hadley?

David, era apenas David.

— Você está louco? Ou você tem lido muitos romances de Nicholas Sparks?

— Não sei, — gritei para ele. — Vamos. —

Corremos através da chuva, tão rápido que David não podia me fazer perguntas, tão rápido que eu não conseguia pensar em nada além de correr. Quando chegamos à ponte fora do campus, que ofereceu algum refúgio contra a chuva, ele me deu um sorriso maligno e malicioso.

— Isso foi muito gostoso, — ele disse. A chuva estava mais alta embaixo da ponte.

— Eu não posso acreditar que eu fiz isso, — eu disse sem fôlego.

— Nem eu posso — ele disse.

— Quem era aquele? — Eu perguntei.

— Ele estava delicioso. Muito bem feito.

— Você sabe o nome dele?

— Nenhuma pista. Ele era um bom beijador? —

— Sim, — eu disse. Fechei os olhos. — Acho que estou tendo um ataque cardíaco. Na realidade.

— Uau. Isso é bom.

— De corrida. Não dele — eu disse. Eu me encostei na parede de tijolo da ponte, tentando acalmar meu ritmo cardíaco e minha respiração.

— Bem, meu plano funcionou.

— Estamos presos sob uma ponte em uma tempestade e eu não estou usando um casaco e estou molhada, e adivinhe? Eu não estou tão bêbada que eu não consiga sentir o frio. Estou com frio. Se este era o seu plano, então você vai precisar repensar sua definição de sucesso. E onde está Nigel?

— Com Snookums.

Eu exalei.

— Isso foi muito sexy.

— Cale-se.

— Epopeia, quase.

— Vou feri-lo.

— Com, o *Notebook*.

— Ou talvez eu vou apenas mata-lo. Vou assassinar você. Sim. O *Notebook* com um lado do assassinato.

Ele riu alegremente. — Parecia que estava gostando.

Eu revirei os olhos. — Bem, estou bêbada.

— Você se arrepende?

Não. Eu não. Mas eu também não queria admitir isso. — Pergunte-me quando estiver sóbria.

Eu disse a mim mesmo que estava fora de prática. Só achei que foi incrível porque fazia tanto tempo.

Ainda assim, eu sabia que não voltaria atrás. Eu não voltaria por nada. Coloquei minhas mãos em meus lábios. Eu queria ter lhe dito meu nome.



Capítulo 04

O estranho e o beijo ficaram comigo por um período de tempo embaraçosamente longo. Como, toda a minha ressaca no dia seguinte e até o próximo fim de semana — o fim de semana antes dos meus exames finais, quando eu senti que estava muito ocupada para respirar.

De alguma forma, ele continuava voltando. Pensei em seus lábios macios. Suas mãos em minhas pernas. Pensei nisso quase tanto quanto eu pensava sobre o New York Times.

Eu não tinha dito a ninguém que não havia conseguido o emprego. Eu queria fingir que não tinha acontecido.

Justin Shelter entregou seu artigo sobre o envenenamento por álcool no domingo, o que significava que seria publicado na última edição do jornal. Isso funcionou a seu favor. Ele estaria fora do campus para a reação inicial.

Ninguém da fraternidade ofereceria um comentário, mas Justin seguiu o meu conselho para entrevistar outras pessoas e colocou

algumas citações dos entrevistados. O artigo estava excelente. Para alguns membros da Fraternidade, provavelmente seria explosivo.

Justin conversara com uma das estudantes que foi hospitalizada e ela disse que o hospital disse a ela que sua bebida foi batizada com ruphonyl, a droga do estupro. Ele até conseguiu obter uma declaração de administrador de saúde estudantil, admitindo que a universidade só estava ciente dos estudantes que tinham sido hospitalizados, não de onde eles tinham vindo.

Examinei o artigo uma última vez, verificando infinitivos e vírgulas. Quando eu estava confiante de que estava impecável, fechei a janela de edição. Examinei as páginas uma vez mais, salvei todas as alterações, enviei a edição para o nosso site e enviei os arquivos de projeto finais para nossa impressora. Empurrei para trás do computador e suspirei.

Feito. Última edição do semestre.

Deveria ter impresso meu papel em árabe e lê-lo uma última vez, mas em vez disso eu abri uma nova guia no meu navegador e loguei no Facebook.

Fiz isso algumas vezes nesta semana: conectado e começado a clicar em perfis aleatórios, procurando por ele. Foi patético. E perseguidor. E continuei fazendo isso.

Eu disse a mim mesma que se eu tivesse seu nome o mistério seria resolvido e eu pararia de pensar nisso. Também disse a mim mesma que eu sempre fui um viciada em informações e sem saber nada sobre o estranho que eu tinha beijado me forçou a fazer algumas pesquisas. Mas, eu sabia que estava me enganando. Eu gostei de beijá-lo e eu queria saber quem ele era.

Vinte minutos infrutíferos mais tarde, nossas impressoras me enviaram um e-mail e confirmaram a recepção dos arquivos de produção. Ele me tirou do meu transe de mídia social. Agradeci-lhes, desliguei o computador e imprimi o meu papel árabe.

Eu senti pena de mim mesma enquanto caminhava para o meu carro no frio. Eu disse a mim mesmo para se controlar — estaria voltando para San Francisco amanhã com David para as férias de Inverno.

Soube da minha mãe, ela estava namorando alguém novo chamado Sol. Isso foi em agosto, mas eu não fui em casa desde dezembro passado. Sentia falta de San Francisco. E seria bom não ter nada para fazer por algumas semanas.

E talvez eu pudesse me esquecer do estranho no estacionamento e do New York Times.



Capítulo 05

O campus estava calmo na manhã em que o artigo de Justin foi publicado. Eu agarrei uma foto da edição e mandei uma mensagem para Justin: *parece ser bom* !!

Haha, em um avião para casa. Salve-me uma cópia!

Atravessei a biblioteca e coloquei meu trabalho em árabe na caixa do lado de fora do escritório do professor Haskell.

David estava fazendo as malas quando voltei para o nosso apartamento.

— Preciso de óculos de sol?

— Sabe alguma coisa sobre San Francisco?

Ele olhou para mim sem entender. — É como no norte da Califórnia e você foi para a escola lá.

— É uma nuvem permanente. O sol não é uma coisa em San Francisco.

— Não diz isso na página da Wikipedia — ele respondeu sem graça. — Estou guardando os óculos de sol.

— Desperdício de espaço.

— Eles são muito pequenos. E eles vão me ajudar a dormir à noite. — Ele bocejou. — Então, você localizou o menino de Nicholas Sparks?

— Isso nunca aconteceu. Ele não existe.

— Normalmente, as pessoas se apresentam antes de se beijarem. Eu não acho que eu expliquei completamente a arte do bêbado para você fazer.

Eu revirei os olhos. — Não traga óculos de sol.

— Bem, o que devo levar?

— Roupa normal, — eu disse. — A minha mãe é muito casual no Natal.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Sua mãe é fabulosa demais para ser casual em qualquer coisa.

— Exceto feriados, — eu sorri para ele. Tentei não me queixar dos meus pais a David. Eles eram irritantes, mas nunca tinham tentado me machucar. Os de David sim. Eles o expulsaram de sua casa quando ele estava iniciando o ensino médio. Ele havia dito que ele era gay, pensando que eles poderiam encontrar uma nova igreja — uma que não era tão homofóbica. Ele tinha saído pela culatra.

Ele viveu com sua irmã e o marido depois disso. Eles eram gentis, mas David sabia que eles se ressentiam em parte por ter de cuidar dele quando tinham filhos pequenos.

David ainda fazia um esforço — de vez em quando pensava que poderiam vir. Tinha tentado no ano passado no Natal e voltou do início do período, de rosto branco e mais quieto do que eu jamais o vira. Ele não tinha falado com eles desde então.

— Vamos para a sua igreja ou algo assim? — ele perguntou. — Preciso de um terno?

— Não, — eu sorri. — Basta trazer seu belo eu, sem óculos de sol, e pare de falar sobre o estranho. Oh, e não diga a minha mãe que eu não consegui o emprego no Times.

— Não contou para ela?

— Não. E você também não vai. Ela vai achar que preciso ver um terapeuta — eu disse. Entrei no meu quarto e peguei minha mala. — Vamos. Temos de ir andando.

Verifiquei meu telefone algumas vezes no caminho para o aeroporto enquanto David lia o artigo de Justin.

— Esse é o garoto que você quer que eu namore?

— Nigel quer que saia. Nem tenho certeza se ele é gay.

— Ele está no GSA.

— Eu também — eu disse. — Gay, em linha reta.

— Não há meninos retos no GSA, — David respondeu. — Meninas, tudo bem. Meninos, não. — Dobrou o papel. — Bom artigo, porém. Ele parece irritado.

Eu sorri. — Eu acho.

— Ele não é mal-humorado?

— Ele estava quieto no começo, — eu disse. — Mas, sim. Ele é um pouco mal-humorado.

— Bem, você tem que olhar para as quietinhas. — Ele assentiu. — Gosto de você.

Quando chegamos ao aeroporto, recebi o primeiro e único e-mail reclamando do artigo de Justin — de Alexander Faulk, o presidente da fraternidade.

Olá Hadley:

Eu queria que você soubesse que eu vi o artigo de Justin Shelter no jornal. Gostaria de ser capaz de falar sobre o registro, se possível. Sou o Presidente da Fraternidade em questão. Talvez pudéssemos fazer um acompanhamento. Por favor, deixe-me saber se pudéssemos organizar algo.

Tudo de bom,

Alexander Faulk

Era um pedido razoável, embora eu soubesse que Justin havia dado a eles a oportunidade de testemunhar uma meia dúzia de vezes. Eu digitei uma resposta enquanto nós checamos nossas bagagens:

Alexander, obrigado por entrar em contato. Eu deixei o campus para férias de inverno, e não vou ser capaz de atribuir um escritor pessoal para um artigo de acompanhamento até janeiro. No entanto, se você quiser escrever uma carta ao editor, poderíamos publicá-la on-line até que tenhamos a chance de elaborar um artigo com a sua declaração em janeiro. Deixe-me saber sua resposta.

Tudo de bom,

Hadley

Senti-me tranquilizada pela reação, no entanto. Talvez ele tivesse dito ao resto dos irmãos para deixa-lo lidar com isso.

****

Quando saímos da esteira de bagagem em San Francisco, o ar úmido de refrigeração sussurrou em meu pescoço. Parecia suave e limpo. O ar de São Francisco era macio — úmido, mas quase nunca muito quente ou muito frio. Senti a tensão no meu pescoço e nas costas dissolver-se sob seu toque suave.

Olhei através da névoa dos faróis, encontrei um táxi e entreguei ao motorista nosso endereço em Pacific Heights.

Minha mãe manteve a casa em seu último divórcio. Eu fingira não me importar, mas secretamente fiquei feliz. Normalmente acabamos em hotéis ou apartamentos quando os seus casamentos terminavam.

Minha mãe sempre dizia: “Hadley, querida, as memórias naquele lugar apenas me assombram. ”

Mas, realmente, quando você perde cinco quartos de infância, memórias começam a soar como besteira. Quero dizer, as memórias não vivem na sua cabeça?

Dirigimos até a casa de estilo georgiano de tijolo branco e eu bocejei enquanto o motorista ajudava a carregar nossas malas pelas escadas.

— Você está bem? — perguntou o motorista.

— Sim. Obrigado! — Eu sorri e paguei e me virei para a porta.

— Isso é bonito — disse David.

Busquei minhas chaves e franzi a testa quando elas não funcionavam. — Bem, isso é estranho.

— Tem certeza que é a chave certa?

— Sim. Talvez ela tenha mudado as fechaduras. — Eu dei de ombros e toquei a campainha. — Ela nunca para de perder as chaves. Um aviso, eu acho que ela tem um novo namorado chamado Sol.

— É isso que gosto na Veronica. Ela não perde tempo.

— Oh, por favor, — eu disse, revirando os olhos.

Sorri amplamente quando a porta se abriu.

Um homem com um roupão marrom, segurando um jornal, me deu um olhar longo e penetrante.

Ergui minhas sobrancelhas. Salomão não era o que eu esperava. Ele era cerca de 50 cm mais baixo que minha mãe, e muito velho. Velho demais.

— Bem, olá - eu disse.

— Posso te *ajudar*?

Então, o namorado não estava nos esperando. Maravilhoso. Começo contínuo. — Oi, eu sou Hadley. — Estendi a mão e atravessei a porta.

— Desculpe-me? Você está vendendo alguma coisa? Eu não te convidei.

— Eu sou a filha de Veronica, — sorri vencedora. Olhei em volta do saguão. Todo o lugar tinha sido redecorado. Uma empregada nova estava de pé junto à escada com os braços cruzados.

Salomão ainda parecia totalmente confuso. — Eu acredito que você está dormindo com minha mãe, — eu disse delicadamente. Eu acenei para a empregada. — Oi, você deve ser nova, também. Eu sou Hadley. Então, onde ela está?

A empregada parecia que ia desmaiar. — Roy! Com quem está dormindo? Do que ela está falando, Roy?

— Que diabos você está falando? — o homem me perguntou, ficando vermelho.

Eu me encolhi. *Merda*. Abri a boca e a fechei. — Eu … hum. OK. A Veronica Mapplethorpe mora aqui? — Eu estremeci os olhos. Eu não conseguia me lembrar se minha mãe tinha mantido o sobrenome de Seth. — Ou Veronica —

— Veronica Mapplethorpe nos vendeu esta casa, — Roy disse. Sua voz tremia de indignação e raiva. — E certamente não vou dormir com ela, jovem.

Eu dei um passo para trás, agarrando minhas malas, e reunindo David, que estava sorrindo de orelha a orelha, para fora da porta.

— Eu sou tão, tão, tão, tão, lamento. Eu pensei - você vê - eu quero dizer. — eu balbuciei. — Ninguém me disse - houve um...

— Sentimos muito. Este foi um enorme mal-entendido. Tenha uma noite encantadora, — David disse, graciosamente me puxando para fora do caminho do dono e fechando a porta.

— Oh meu deus, oh meu deus, oh meu deus.

David explodiu em gargalhadas.

— Oh meu Deus, — eu disse.

— Assim. Aquilo foi hilário. Por favor, me diga que sua mãe realmente mora em San Francisco e nós não somos desabrigados.

— Não posso acreditar que ela não me disse que ela tinha se mudado, — eu respirei.

— Foco. Qual é o seu endereço atual?

— Era isso!

— OK. Talvez tenha tempo de fazer um telefonema.

— Ugh, — eu disse a ele.

— *Do que ela está falando, Roy?* — David imitou.

Peguei meu telefone e liguei para minha mãe, com o coração batendo forte.

— Olá? — ela respondeu ofegante.

— Verônica. O que. O. Inferno. —

— Oh, Hadley, querida, onde está você?

— Estou no que eu pensava ser a nossa casa, — eu disse o mais calmamente possível. — Exceto para alguém, não você, com o nome Roy vive lá agora.

— Oh, querida, me mudei.

— Sim, *claramente*. Você se mudou. Onde é o que eu gostaria de saber. E de onde você sai sem me dizer que vendeu a casa?

— Oh querida.

— E o nosso táxi se foi! — Exclamei.

— Direi a Salomão para te apanhar.

— Você está brincando?

— Ah, Hadley, por favor, não juro.

— VOCÊ VENDEU NOSSA MALDITA CASA SEM ME DIZER.

David deu uma risadinha.

— Isso não é engraçado, — eu disse a ele.

— Bem, eu mandei uma carta de mudança de endereço pelo correio, — ela respirou fundo e exalou. — Os pequenos cartões cor-de-rosa?

— NO CORREIO? Quem *faz* isso? Você não pode me enviar uma mensagem de texto ou um e-mail como uma pessoa normal? Você não poderia pegar o telefone...

— Bem, eu acho que é uma espécie vulgar...

— Você acha que é vulgar me ligar? A sério?

— Você nunca atende o telefone.

— Não é esse o ponto! Ouça, diga Salmão..."

— Salomão.

— Quem quer que seja. Diga para ele chegar logo. Quero dizer... - eu disse. - Isso é tão confuso. — Eu pressionei firmemente o botão de chamada de fim no meu telefone e bufou.

David começou a rir novamente. Eu dei-lhe um olhar severo.

— Seu rosto, Hadley. Meu Deus. A cara dele. Seu rosto — ele balançou a cabeça. — Surpreendente!

— Sim, sim, sim — eu rosnei para ele.

A casa em que estávamos fora, a que eu vivi quando me formei no colégio, estava no topo de uma das muitas colinas de São Francisco. Você poderia quase sempre distinguir a Ponte Golden Gate vermelha através da névoa ondulante da janela do meu quarto. Eu tinha amado aquela janela.

Eu chutei minha mala para o lado e sentei em cima dela.

David não falou por um momento. — Desculpe, — ele finalmente disse. — Acho que não é engraçado. Você cresceu lá.

— Tanto faz. — Eu bocejei. — Estou chateada por ela não me ter dito o novo endereço.

— Isso é o que está te irritando? — ele balançou sua cabeça. — Homem.

— Quero dizer, quem não diz a sua filha que se mudou?

Ele riu suavemente. Seus pais provavelmente não diriam a ele se eles se mudassem, mas isso seria uma decisão consciente e decidida. Minha mãe se esqueceu de me dizer. Na maioria das vezes, com toda a sinceridade, parecia que ela esquecia que tinha uma filha.

Um Range Rover preto parou. David ergueu as sobrancelhas para mim quando a janela desce.

— Você Hadley?

— Sim, — eu disse mal-humorada. Salomão parecia bastante agradável. Mais velho que minha mãe, começando a perder o cabelo, um sorriso amigável.

Ele saiu do carro para ajudar com nossas malas. Ele não estava usando um terno de poder, apenas tênis, jeans e um suéter.

Ele me ofereceu uma mão. — Sou Sol.

Peguei sua mão e tremi. — Hadley.

— E este é…

— Eu sou David McPhee, — David disse com um sorriso amigável.

— Prazer em conhece-lo.

Uma vez que tivemos nossas malas carregadas, Sol tentou conversar: — Então, Hadley, sua mãe me disse que quer ser jornalista?

— Sim, eu disse.

Ele assentiu. — Muito legal.

— Então, como conheceu a minha mãe? — perguntei casualmente. Esta foi uma pergunta divertida para perguntar a seus namorados. Sempre os fazia se contorcer.

— Bem, nós, um, você sabe … — sua voz se apagou e eu sorri. — Faz um mês que nos casamos, eu acho — ele finalmente disse.

Eu chicoteei minha cabeça para olhar seu reflexo no espelho retrovisor. — Vocês fizeram *o que*?

— Casamos.

— Merda, eu murmurei. Minha mãe fez um monte de merda louca, mas este era um nível totalmente novo. Eu estava envergonhada de ter David testemunhando.

— Ela - ela não te *disse*? — Sol balbuciou.

— Não se preocupe com isso, — eu disse brilhantemente. — Tenho certeza que da próxima vez que eu chegar em casa, você vai se divorciar.

— Hadley, — disse David, chocado.

— Não acredito que ela não te *disse*!

— Eu acredito — eu disse calmamente. — Então, onde você disse que íamos?

— Belvedere.

— *Onde*? — perguntei com indignação. Belvedere não estava em San Francisco. Nós s*empre* vivemos em São Francisco.

— Belvedere, — repetiu. — É fora da cidade.

— Oh meu Deus, — eu disse. Essa foi uma revelação maior do que o casamento ou a casa. Às vezes parecia que vivíamos em inúmeros lugares diferentes, mas só tínhamos uma cidade.

Belvedere.

Inacreditável.

Inspirei e massageei minhas têmporas. Este foi um desastre total.

******

A casa de Sol era maravilhosa, situado sobre uma colina, com vista para o mar. Minha mãe usava um vestido Chanel lavanda e creme. Ela me beijou em cada bochecha.

— Querida, é maravilhoso te ver. E David, amor, estou tão feliz que você está aqui para nos visitar. Deixe-me dar-lhe uma olhada.

— Vou colocar as malas no quarto de hospedes, — Sol ofereceu.

— Oh, obrigado, querido — disse ela.

Quando ele desapareceu, eu a virei. — Você está casada. E você se mudou.

— Sim, — ela disse calmamente.

— Não acredito que não me disse.

— Hadley, você sempre fica tão chateada quando eu lhe digo que conheci alguém ou que eu decidi me mudar.

— Bem, é muito mais perturbador que você não me diga nada. Eu literalmente descobri um estranho chamado Roy.

Ela suspirou. — Tenho certeza que seu convidado não quer ouvir isso.

Olhei para David. Minha mãe estava certa. Ele não queria ouvir isso. Ele estava tendo um Natal bastante estressante. Eu cerrei os dentes. — Como foi o casamento? — eu perguntei civilmente.

— Mal tivemos um casamento, — minha mãe fungou. — Fomos para a prefeitura.

Ela nos mostrou a grande cozinha com sua varanda envolvente com vista para a piscina de borda infinita e a doca de Sol para escorregar na baía. A casa era linda, grande, moderna e imaculada.

— Posso te mostrar também lá em cima, — disse minha mãe, quando chegamos à escada.

— Tudo bem, — eu disse rapidamente. — Estamos cansados. Estou cansada. Eu só quero tomar um banho.

Ela nos levou até os quartos, que foram identicamente bege com acentos de espuma do mar.

— Desculpe, — eu murmurei para David uma vez que ela nos deixou para desempacotar a bagagem. — Não quis ir a toda a rainha do drama adolescente em você.

Ele riu. — Eu gostei. Então, este é seu quinto marido?

— Sexto, — eu balancei a cabeça. — Honestamente, por que se preocupar? Como você pode pensar, depois de cinco casamentos fracassados, que vale a pena se casar pela sexta vez?

Ele sorriu e encolheu os ombros. — Talvez ela o ame.

— Certo, — eu disse.

— Bem, ela te ama, — ele disse, um pouco triste.

Eu exalei e fechei os olhos. — Sim, eu sei. Eu sei. Você está certo. Eu estou sendo uma cadela. Eu superei. Totalmente. Vamos nos divertir. Em Belvedere com minha família louca.



Capítulo 06

Acabou sendo a melhor pausa da escola que eu já tive. Sol e minha mãe ainda estavam em algum tipo de fase de lua-de-mel, então eu levei David por toda parte — para o Castro, o Golden Gate Park, Stinson Beach, o Ferry Building e as antigas bases marinhas.

— Eu adoro isso aqui, — David disse quando estávamos caminhando pela ponte, empacotados em casacos quentes. — Sério, eu gosto — ele disse fervorosamente. — É tão lindo. E as pessoas parecem tão felizes.

Mais tarde naquele dia, fomos a supercara Greens de alimentos inorgânicos e vistas impagáveis. A chuva chegou batendo na janela e David tomou limonada e me disse sobre Dakota do Sul.

— Está frio, — ele me disse. — E apertado. Senti como se eu não pudesse respirar. Há todo esse espaço aberto, mas todos sabiam de todos. E foi tão conservador. E você me conhece.... Eu sempre tive a voz e os pulsos moles. Nunca parecia bem. — Sua voz vacilou por um momento. Ele parecia ferido, como se estivesse experimentando

ativamente o que era estar lá. — Eu só às vezes sentia como se estivesse sendo esmagado por ele. Eu não conseguia esconder isso. Ser gay. Sendo eu. Eu não conseguia esconder isso.

Ele quase nunca falava sobre isso. Doeu ouvir.

— Eu tentei, no entanto. Deus, eu tentei. — Ele suspirou. — Acho que o que mais me incomoda é que isso me deixou envergonhado de quem eu era. E eu não tenho vergonha de quem eu sou. E eu nunca vou deixar ninguém fazer isso comigo novamente.

Encontrei seus brilhantes olhos azuis e vi a resolução ali. Eu acreditei nele.



Capítulo 07

Na véspera de Natal, minha mãe insistiu em termos um brunch. Sozinhas. Sem David.

Minha mãe usava Prada. Eu vestia calças de brim rasgadas e um t-shirt livre de Lil Wayne que eu ganhei em uma conferência do jornalismo da faculdade em Ohio. Ela ficou horrorizada.

— Com toda a roupa bonita que você tem, eu não posso acreditar que você escolheria essa camisa.

— Quer que eu tire isso? — Perguntei. — Porque se isso te deixa mais confortável, posso.

— Não seja ridícula, Hadley.

Ela pediu uma salada com molho à parte. Eu pedi um hambúrguer e batata frita. Ela fez uma careta.

— Fale-me sobre a escola.

— É ótimo — eu disse.

— Estou muito orgulhosa de você, — ela disse. — E estou muito orgulhoso de sua escrita.

Lutei contra o desejo de dizer algo sarcástico. — Obrigada, — eu disse.

— Sabe, tenho uma velha amiga na Vogue. Eu sinto que isso pode ser apenas o lugar para você.

Olhei para ela, incrédula. — Você está brincando comigo?

— Bem, eles têm artigos realmente bons na Vogue.

— Isso pode ser verdade, mas isso não é apenas o lugar para mim. Não importa o quão bom os artigos são. Estou sem noção quando se trata de moda.

— Você não é sem noção. Você apenas escolhe se vestir como... — ela parou, pensando por uma palavra inofensiva.

— Um idiota? — Eu sugeri.

— Um moleque.

Eu ergui minhas sobrancelhas.

— Bem, devia pensar nisso. Vou enviar um email para ela.

— Não envie um e-mail para ela.

— Não me diga o que fazer, Hadley. Se eu quiser enviar um e-mail para minha amiga, eu vou.

— Certo, mas não quero trabalhar na Vogue. Eu quero ser uma repórter de qualquer maneira, não um jornalista, de longa data.

Ela não estava ouvindo. Ela estava observando uma mulher morena pequena do canto de seus olhos. — Betty Sachs teve tanta cirurgia plástica que eu nem a reconheço mais.

Segui seu olhar. — Isso é tão interessante, mãe.

Ela olhou para mim. — Sobre o que estamos falando? — Ela assentiu com a cabeça. — Fazer compras depois do almoço. Você precisa de botas novas.

— Eu gosto destas, — eu disse defensivamente. — Poderia usar um livro, embora.

— Sabe, Salomão e eu nos encontramos numa livraria.

Isso me surpreendeu. — Qual?

— Barnes e Noble. Eu pensei que ele trabalhava lá. Ele continuou tentando me dizer que livros eu deveria ler. De qualquer forma, ele

recomendou tantos, ele insistiu em pagar por eles. — Ela olhou para mim sonhadora. — Ele não é como nenhum dos outros homens com quem me casei.

Eu já tinha ouvido isso antes. Eu provavelmente ouviria novamente. — Isso é bom, — eu disse, em vez de: isso é delirante.

— Ele é realmente o único, — ela disse enfaticamente. — Você está namorando alguém? Eu tinha uma queda por um garoto novo toda semana quando eu estava na faculdade.

— Isso é mais o estilo de David. —

Ela riu. — Ninguém, realmente? Você é uma menina tão bonita.

Eu balancei a cabeça. — Não tenho tempo para namorado.

— Só vai ficar mais ocupada depois de se formar.

— Certo. Bem, eu vou atravessar a ponte quando eu chegar a ela, eu disse.

— Deixe-me te dar um conselho.

Resisti ao desejo de rolar os olhos.

— Você é jovem. Você pode ser um pouco imprudente, — ela sorriu. — Você não será capaz de ser imprudente quando tiver um emprego e uma família. Divirta-se — o início de um novo relacionamento é o mais divertido. E você está na faculdade. Nada é tão complicado.

Pensei no garoto no estacionamento. Não tinha sido divertido. Essa não era a palavra certa. Tinha sido aterrorizante, mas de um bom jeito. Isso tinha feito meu coração cair. Não é divertido, mas algo mais quase como diversão — algo que você sentiu mais profundamente que divertido. Algo que te fez ficar fraco.



Capítulo 08

Voamos de volta para Evanston três dias antes do início do semestre. David tinha um saco cheio de novos utensílios de cozinha de Williams Sonoma que minha mãe lhe tinha dado para o Natal e eu tinha três novos pares de sapatos que não sobreviveriam três minutos em uma festa na faculdade.

Arrastámos nossas malas de volta para o nosso quarto após a meia-noite — o voo foi adiado e, em seguida, eles não tinham um local de desembraque, e a minhas costas estavam doendo. Eu desmoronei na cama, tirando meus sapatos enquanto eu desligava a luz.

*****

Meu telefone me acordou antes das 7 da manhã.

O nome de Justin brilhou na tela.

— Ei, Justin, — eu disse. — Está tudo bem?

— Sim, eu acho.

— O que se passa? Como foi seu natal? — Sentei-me e virei minha lâmpada de cabeceira.

Sua voz tremeu ligeiramente quando ele respondeu: — Ok. Hum. Eu acabei de voltar.

— Sim? Onde você foi?

— Londres? — ele parecia inseguro mesmo disso.

Eu sentei na cama, — Tem certeza que está bem?

— Sim, eu só.... Voltei ontem à noite. Há todos esses textos de pessoas sobre o artigo. E alguns deles estão me ameaçando e há coisas no blog de fofocas do campus e meu colega de quarto nem está falando comigo e...

— Justin, acalme-se, — eu disse. — O que está acontecendo?

— Esse artigo, — disse ele. — Sobre hospitalizações por bebidas. As pessoas estão chateadas.

— Merda, — murmurei. Eu nunca tinha ouvido falar do presidente da fraternidade depois que me ofereci para imprimir uma carta. Saí da cama e comecei a puxar as roupas.

— Estou me assustando.

— Não faça isso. Estou chegando. Vamos descobrir o que fazer, ok?

— Tudo bem — ele disse trêmulo.

Olhei pela janela para a manhã sombria. Parecia frio. Era sempre frio em Evanston em janeiro. Tirei minha camisola e saí.

Justin vivia em dormitórios de calouro, que eram bonitos, edifícios de pedra bucólica agrupados na quadra. Eu passei minha identidade na porta e corri para o seu quarto.

— Ei, — ele disse. Parecia que não tinha dormido. Seu cabelo estava desgrenhado, ele tinha olheiras sob seus olhos, e eu podia ver linhas de preocupação arranhando sua testa. — Desculpe. Eu não sabia que era tão cedo. Eu sou tipo de jetlag. Eu só.... Eu não sabia o que fazer.

— Você me ligou. Isso é o que você deve fazer, — eu sorri tranquilizadoramente para ele. — Deixe-me ver os e-mails.

— Eles também estavam enviando textos. Eu deletei a maioria deles, — ele disse timidamente. — Mas ... — Sua voz parou enquanto ele me entregou seu telefone.

Leio o primeiro texto que eu vi, *você é um maricas. Fique longe da nossa fraternidade e não escreva mais mentiras sobre nós.*

— Você já respondeu a alguma dessas perguntas? — perguntei, tentando manter minha voz neutra.

Ele balançou sua cabeça.

— Boa.

— Na verdade... bem, pedi que me deixassem em paz. Algumas vezes. Antes de pensar em ligar para você, — ele disse suavemente. — E isso só piorou... eles disseram — disseram que parariam se imprimíssemos uma retração.

— Não vamos imprimir uma retração — eu disse sem rodeios. — Retratações são para corrigir erros, e você não cometeu um erro.

— Bem, eu apaguei o meu Facebook. Mas, agora há coisas sobre mim no CampusRag.

— Eu odeio esse site, — eu disse amargamente.

Ele sorriu fracamente. — Certo.

CampusRag era um blog de fofocas onde posts anônimos podiam dizer o que queriam sobre quem queriam. Era basicamente uma bagunça repugnante de vitríolo anônimo. Ninguém merece ser destruído na Internet. Especialmente não Justin.

— Certo, — falei com autoridade. — Não escreva de volta para eles e não deixe que eles pensem que você está intimidado.

— Mas *estou* intimidado — insistiu Justin. — Não sei o que fazer. E eles estão dizendo ao mundo inteiro que eu sou gay, que é algo que eu não disse à maioria das pessoas.

— Vou cuidar disso. Eu prometo. — Eu olhei em seus olhos castanhos vidrados. — OK?

— Ok, — ele disse suavemente. Ele fechou os olhos e pressionou os calcanhares de suas mãos em suas pálpebras. Ele tirou um sorriso de coração partido. Ele acreditou em mim. — Obrigado.

— Claro. — Passei alguns minutos em seu telefone, encaminhando as mensagens de texto, e mais tempo em seu computador, encaminhando

os e-mails. Quando terminei, sorri para ele e apertei seus ombros. — Isso ficará melhor em poucos dias.

— OK. — Ele respirou com dificuldade.

Eu olhei em volta do pequeno e apertado dormitório. Lembrei-me de como solitários os dormitórios podiam se sentir nos dias difíceis antes que todos voltassem das férias de Natal. — Tem planos de jantar?

Ele balançou sua cabeça. David gostaria dele. Quero dizer, seria difícil não fazer isso.

— Meu colega de quarto é um ótimo cozinheiro, — ofereci. — Você deveria vir.

Ele sorriu. — Gostaria disso.

— Bom, escreva-me quando estiver livre. Vai ser ótimo.

Ele assentiu.

— Não fique mal, ok? Vamos descobrir isso.

Senti-me menos segura de mim mesmo no corredor fora de seu quarto. Havia passos oficiais que eu poderia tomar para relatar o assédio, mas foi um processo longo e árduo e uma resolução em abril não significaria muito para Justin agora. Além disso, o conselheiro do jornal, Dean Canady, foi para a Romênia para o intervalo.

Eu enviei um e-mail rápido a ele de meu telefone, alertando o da situação, e deixando o saber que eu estava procurando o remédio o mais rápido. Passei pelos meus e-mails até encontrar o de Alexander Faulk.

Enquanto eu caminhava para o meu carro, eu enviei um e-mail a Faulk, perguntando quando ele estaria disponível para falar. Sentei-me no carro ligando no calor e esperei que ele escrevesse de volta.

Eu nunca fui a pessoa mais paciente do mundo. Depois de uma música de Miley Cyrus e três comerciais no rádio, Faulk ainda não tinha escrito de volta, então eu dirigi para a casa de fraternidade.

Eram oito horas da manhã. Disse a mim mesmo que as pessoas civilizadas acordavam às oito horas, o que significava que eu podia perturbar as pessoas incivilizadas que ainda dormiam. Talvez ensinar-lhes alguns bons hábitos.

A casa da fraternidade era charmosa, revestida de tábuas amarelas. Eu estacionei do outro lado da rua e andei tão confiante quanto consegui, subindo as escadas da varanda para a porta da frente.

Eu não tinha ido a uma casa fraternidade em Northwestern. Não porque eu tivesse alguma coisa contra eles. Eu não. Eu simplesmente não tinha amigos em fraternidades.

Mas isso parecia pessoal. Era difícil não guardar rancor contra a organização responsável por intimidar Justin.

Toquei a campainha e observava na ampla varanda, que teria sido convidativa se não fosse atapetada com latas cerveja esmagadas e pontas de cigarro. Isso é revoltante, pensei. Como é que alguém vive assim?

Eu bati a campainha novamente e, em seguida, bati alto. Pensei em Justin. Eu respirei e me lembrei de que eu estava aqui em uma missão capacidade profissional.

Justin. Enfrentá-lo de frente. Como um adulto. Homem a homem. Mulher para homem. Apenas faça isso. Eu tomei um fôlego e bateu mais uma vez.

— YO! Apenas entre. Está aberto! — alguém gritou sobre o som fraco da música. Eu empurrei a porta rangendo. A ampla entrada estava empoeirada, mas organizada, e as portas francesas à minha esquerda foram abertas para uma sala vazia, onde a TV estava ligada.

— Olá? — Eu chamei.

Ninguém respondeu.

— Olá? — gritei, um pouco mais alto.

— Há dinheiro na cozinha. Basta deixar a pizza no balcão, — gritou a mesma voz.

— Eu não estou entregando pizza, — gritei de volta.

Quem diabos ordenou pizza às oito da manhã de qualquer maneira?

— Merda. Espere.

Ele desceu as escadas, abotoando uma camisa xadrez vermelha.

Quando ele olhou para cima, meu coração parou.

Era o garoto da caminhonete que eu tinha beijado.

Deus, ele parecia bom.

E Deus, ele era a última pessoa que eu queria ver agora.

Eu levei meio passo para trás como fugir de volta para o meu carro fosse uma opção.

Não, eu disse a mim mesma. *Apenas faça. Finja que nunca o beijou. Nunca aconteceu.*

Ele riu. Era um som baixo, ondulante e agradável. Ele passou a mão pelos cabelos úmidos. Mordi minha língua observando-o.

— Eu realmente nunca perguntei esse nome, — ele disse suavemente. Ele deslizou as mãos nos bolsos e sorriu para mim.

— Hadley Arrington.

— Ah.Hadley Arrington. — Ele sorriu mais. — Bem, eu sabia que a solução mais fácil para meu problema estaria perguntando a você, mas você é muito, muito difícil de encontrar. Na verdade, eu tinha concluído muito recentemente que você era algum tipo de miragem de tempestade.

— Eu não sou uma miragem, — eu disse sem rodeios.

— Aposto que é isso que diz a todos os rapazes.

Meus olhos tremiam em suas órbitas, com vontade de rolar. — Escute, o Alexander Faulk está aqui?

— Quer dizer Xander? Não. Ele ainda não voltou de Minnesota.

Eu balancei a cabeça. — Ótimo.

— Hadley Arrington, — ele repetiu meu nome com um sorriso de lobo, e veio o resto do caminho pelas escadas. Sentou-se nos degraus e amarrando um de seus tênis. — Você se lembra de mim, certo?

Eu balancei a cabeça. — Sim. — *Infelizmente, desde que eu não estou aqui para fazer amigo.*

— Você honestamente não quer saber o meu nome? — ele perguntou. Eu olhei para ele, rezando para que seu nome não pertencesse a um dos endereços de e-mail que eu havia retirado da caixa de entrada de Justin.

— Qual o seu nome? — Eu perguntei.

— Jack, — ele disse com um sorriso arrogante. Quando eu não devolvi o sorriso, ele passou a mão pelos cabelos e se levantou. — Sinto muito. Eu não estou sendo muito útil. Você está bem? Você não parece

que estava esperando para me ver. Xander não está aqui. Mas eu poderia lhe dar seu número de telefone.

— John Diamond está aqui? — Eu perguntei.

Jack sorriu de novo. — Na verdade, sou eu. Todos me chamam de Jack.

Bem, isso foi espetacular.

Era vice-presidente da Fraternidade. E, portanto, pelo menos parcialmente responsável por isso. E a pessoa que eu teria que confrontar sobre isso.

— Ótimo — murmurei.

Ele inclinou a cabeça. — Eu tenho que dizer, você parecia muito mais feliz em me ver na última vez que nos conhecemos.

Eu ruborizei. — Bem, eu estava bêbada.

Seus olhos cintilaram. — Você não estava bêbada.

— Como você saberia? — perguntei. — De qualquer forma, eu não estou aqui para discutir bobagens.

Seu sorriso se apagou um pouco. — OK. Uh, o que você está aqui para discutir, então?

— Sou a Editora-Chefe do Daily Northwestern , — eu disse. — Um dos meus funcionários está sendo assediado por membros de sua fraternidade.

Seu sorriso desapareceu completamente. — Sério?

— Sério.

Ele me deu um olhar derrotado. — Cristo. Dissemos a eles para deixa-lo sozinho. — Ele passou a mão pelo rosto.

— Disse quem?

— Nossa turma do segundo ano. Eles são todos filhos da p... animais — ele disse. Ele balançou sua cabeça. — Droga.

— Não o deixam sozinho.

— Sim. Merda. Desculpa... Quer falar aqui? — Ele me levou para uma sala de estudo do foyer. Ele rapidamente fechou os blocos de desenho abertos em uma das mesas maiores e os colocou no chão.

Sentei-me diante dele. Ele descansou o queixo de um lado, pensativo. — Então, o que eles estão fazendo?

— Assassinato juvenil e ciberbullying. Vou encaminhar os e-mails para você.

— Sim, claro. Deixe-me pegar meu computador. — Ele se levantou e ouvi seus passos na escada. Eu me concentrei no alvo de dardos pendurado na parede de painéis de madeira. *Seja profissional. Resolver o problema.*

Eu encaminhei o material para seu endereço de e-mail enquanto ele buscava seu computador. Quando voltou, parecia sombrio.

— Como você pode ver, isso está claramente cruzando a linha — eu disse formalmente. — E embora eu entenda que os membros de sua fraternidade não gostaram dos fatos que foram impressos no artigo de Justin, você foi repetidamente contatado com um pedido de comentário. Deixei Alexander saber que ele poderia conversar com Justin e esclarecer sua posição... — Minha voz se apagou. Ele não estava me ouvindo.

Seus olhos estavam colados à tela e ele clicou sua língua contra o céu de sua boca com pesar. — Ah, merda — ele disse cansado. — Isto não é, isso não é algo que eu conhecia. Xander também. Nossa classe de segundo ano está realmente fora de controle. — Passou a mão pelo cabelo e pôs a tela para baixo. — Estamos vendo a coisa de cima, aliás. Honestamente, estávamos todos realmente assustado quando vimos o artigo. Quero dizer, eu estou e sei que Xander está. Nenhum de nós sabíamos sobre ele. É por isso que Xander te enviou um e-mail. Ele queria explicar.

Eu respirei fundo. — E eu disse que ele podia. Justin enviou um e-mail a vocês dois, pedindo uma declaração.

Jack estremeceu. — Sim, eu sei. Xander é muito ocupado, embora, e eu não sou tão bom com e-mails.

— Olha, esse não é o ponto — eu disse. — Se houver uma atualização, se você gostaria que imprimíssemos uma declaração, tudo bem. Eu te disse que faríamos isso. Mas essa merda tem que parar. Ele

escreveu um artigo sobre a saúde dos alunos e vocês estão fazendo a vida dele um inferno. —

Ele limpou a garganta. — Não estou por trás disso. — Ele olhou para mim. — Quero dizer, não estou dizendo que não seja horrível. Isto é. Mas isso é como algumas rapazes aleatórios. Este não é um esforço de toda a fraternidade.

— Bem, precisa *parar*. — Minha voz soou frágil e áspera para meus próprios ouvidos. Eu não queria ouvir sobre a falta de culpa de Jack. — Ele escreveu um artigo. Ele tentou fazer com que muitos de vocês falassem com ele, mas nenhum de vocês o fez. Ele não fez essas coisas. Aconteceu. Aconteceu *aqui*.

— Vou falar com os rapazes.

— Não, — eu disse. — Não quero que fale com os rapazes. Eu quero que você deixe os caras saberem que eles podem se desculpar e tirar os posts no CampusRag e parar de enviá-los, ou então eles podem lidar com a administração. Eu não vou deixar você intimidar um dos meus funcionários escritores fora da escola.

— Ei, — ele disse indignado. — Não estou intimidando ninguém. Eu nunca diria nada dessa merda.

— Quando você é o chefe de uma organização, você é responsável por suas ações.

Ele balançou sua cabeça. — Você está confusa.

— Estou confusa?

— Eles votaram em mim porque foram apedrejados. Sabe o que o vice-presidente de uma fraternidade faz? Nada.

— A posição existe por uma razão, e não fazer nada quando a organização que você está no comando é intimidar um calouro faz você culpado.

— Olha, vou fazer parar.

— Bom, — eu disse ternamente.

— Não acredita em mim?

Dei de ombros. — Eu nunca disse isso.

— Vou cuidar disso, Hadley. — Ele encontrou meus olhos. Eles eram frios, calmos, e por alguma razão ridícula, eu quase confiava neles.

— Ótimo. Obrigada, — eu disse. Eu soava como uma cadela. Eu esperava mais de uma luta, honestamente. Eu respirei e exalei. — Desculpe. Eu realmente gostei disso. Se você conseguir pará-los. Eu só — eu não sei. Ele é um garoto legal.

Ele assentiu. — Vou cuidar disso, — ele repetiu.

Eu torci meus lábios e olhei para Jack. Ele estava olhando para mim. Abaixei os olhos e me levantei. Pareceu-me tão triste que o estranho que beijei em uma porta traseira, a pessoa aleatória que eu percebi, reapareceria assim. Como alguém que estava envolvido com uma organização que estava machucando alguém que eu gostava.

Todo mundo sabe que você não deve confiar em estranhos. Não deve ouvi-los. Não deve tomar o doce deles. Não deve entrar em seus carros. Você definitivamente não deve beijá-los.

A maioria das pessoas aprende isso no jardim de infância. Mas eu, Hadley Arrington, tinha perdido essa lição. Ou escolhido para ignorá-la. Eu deslizei meu casaco, me sentindo como um idiota.

— Obrigado por me ter um tempo para me receber — eu disse seriamente.

— Sim, sem preocupações, — ele disse. — Desculpe por isso. Realmente, desculpe.

Ele me acompanhou até a porta em silêncio. Quando chegamos a ela, ele colocou uma mão levemente em minhas costas.

Eu pulei.

— Desculpe, desculpe, — ele disse. Ele ergueu as mãos para onde eu podia vê-las. Ele olhou para mim. — Olha, este é um momento muito ruim.

— Qual é o mau momento?

— Isto, — ele disse. Ele mordeu o lábio. — Depois daquele dia, passei um tempo tentando descobrir quem você era. Mas ninguém podia me dizer.

— Provavelmente porque eu normalmente não ajo assim.

Ele sorriu. — Oh. Bem, isso é uma vergonha.

— Para você, talvez.

— Para mim, definitivamente. — Ele riu. — Então, posso te convidar para jantar ou isso vai te chatear?

— Não acho que seja um bom momento para falar sobre o jantar.

— Sim. Eu sei. Mau momento.

— É sempre um mau momento — eu disse.

— Isso é ruim. —

Saí da porta.

— Posso te fazer uma pergunta séria? — ele disse. — Por que você me beijou?

Dei de ombros. — Meu companheiro de quarto me desafiou.

Seu rosto mudou. Não dramático, mas bastante para saber que o que eu disse tinha sido doloroso.

Ele riu. — Ha. É claro, é claro. — Ele assentiu. — Devia ter pensado nisso.

Olhei para a mistura de surpresa e dor no rosto e engoli. Ele me deixaria em paz se eu fosse embora agora. Mas, eu não gostaria da instabilidade no meu estômago.

Eu coloquei minha mão na porta para mantê-lo de fechá-la.

— Quero dizer. — Engoli em seco. — Ele me desafiou a beijar alguém. E eu escolhi você. — Eu ruborizei, como algo mais cruzou seu rosto, e eu puxei a porta fechada antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa.



Capítulo 09

— Você nunca vai acreditar no que aconteceu, — cantarolou David quando eu entrei pela porta. Ele estava enrolado no sofá com um livro e uma xícara de chá.

— Você vai me dizer, — eu disse. Balancei a cabeça e caminhei até a chaleira, que ainda estava fumegando.

Ele sorriu para mim. — O que aconteceu com você?

— Primeiro — eu disse.

— Ben Mitchell, — ele disse simplesmente.

Esperei que o nome tocasse um sino. Eu inclinei a cabeça e bati os meus dedos. — Jogador de futebol, certo? Você estava apaixonado por ele por um ano inteiro do segundo ano.

— Jogador de futebol, — ele corrigiu. — Alto, escuro e bonito. E eu estava apaixonado por ele no terceiro ano.

— Bem, perto o suficiente. O que há com ele?

— Eu o vi hoje.

— É isso aí? —

— Não, não é isso. —

Eu abri um dos armários em nossa cozinha e remei procurando por saquinhos de chá. Eu bocejei.

— Ele me chamou pra sair.

— Espera, *o que*?

— Ele me pediu para ir ver um filme com ele, — disse David. — Tivemos química juntos no ano passado. Éramos parceiros de laboratório. E quando eu encontrei ele na mercearia hoje, ele só me pediu para ver um filme.

Eu hesitei. — Apenas vocês dois?

— *Sim*, só nós dois — disse David. — Acha mesmo que ele me convidaria para passear com seus amigos?

— Ele está... fora? — perguntei cautelosamente.

David sacudiu o comentário com a mão. — Não, ele ainda está no armário, mas eu não me importo. Ele é sonhador.

Eu não gostava da ideia de David ser o segredo sujo de alguém. Especialmente depois do que ele me disse em San Francisco sobre nunca permitir que ninguém o fizesse sentir vergonha de quem ele era novamente.

— Sim, mas, quero dizer... não é uma grande dor de cabeça? Namorar alguém que esconde sua identidade real? — Perguntei cautelosamente.

— Como discutimos anteriormente, Hadley, ele é sonhador. *Sonhador*, — ele disse. — Além disso, *eu* não vou esconder a minha verdadeira identidade. Ele pode fazer o que quiser.

— Se você diz, eu disse. — Ainda estará por perto para jantar, certo?

— Sim. Estou fazendo lasanha.

— Você pode fazer por três? Convidei Justin. Do jornal.

— Ah, o Justin que Nigel queria que eu saísse?

— Sim.

— Espero que não tenha feito promessas. Porque eu não *posso* cancelar com Ben.

— Eu não disse. Acabei de convidá-lo para o jantar. Eu tive a manhã mais *louca*.

— O que aconteceu?

— Bem, eu descobri quem eu beijei aquele dia.

— Meu Deus! Detalhes!

Eu fiz uma careta. — Seu nome é Jack Diamond e é vice-presidente da Lambda Pi. Aquela fraternidade que Justin escreveu um artigo?

David assentiu, lembrando-se. — Sim, sim. E?

— Então, basicamente, têm sido o segundo ano da Lambda Pi assediado Justin desde que publicou o artigo. Então, fui até lá para encontrar o presidente e ver se ele conseguia todo mundo sob controle e ele não estava lá, mas Jack estava. Era tão incrivelmente estranho.

— Meu Deus. Isso é terrível.

— Sim. — Balancei a cabeça. — Terrível.

— O que ele disse? Quer dizer, ele estava por trás disso?

— Não. Quero dizer, ele disse que não estava atrás de nada. E que ele cuidaria disso. — Revirei os olhos. — Mas, quem sabe o que isso significa?

— Desculpe, Hads.

Eu acenei para longe o pedido de desculpas. — Por favor. Estou preocupada com o Justin. E eu não vou nem pensar em beijar outro garoto até que eu tenha um emprego. — Eu exalei.

David grunhiu. — Isso foi má sorte. Você tem que se colocar lá fora.

— Não. Eu não quero um namorado, — eu balancei a cabeça. — A monogamia de longo prazo não funciona na minha família. Eu não preciso desse tipo de drama agora. Eu preciso de um emprego.



Capítulo 10

David e Justin se deram bem imediatamente. Justin era um cozinheiro sem esperança, mas um aprendiz ansioso e ele ria cada vez que David jogava suas mãos para cima em suas tentativas de cortar tomates ou rolar massa ou manteiga uma panela.

David olhou para a fileira de fatias de abobrinha deformadas de Justin. — Isso é um projeto de arte abstrata? Eu quero círculos agradáveis, uniformemente cortados.

Justin riu.

Eu poderia dizer que ele estava desapontado quando David saiu abruptamente, quando estávamos limpando a cozinha do jantar. — Esse é o meu passeio! — Ele plantou um beijo no meu rosto e deu um abraço solto Justin e agitou sanindo antes de Justin poderia perguntar onde ele estava indo.

— Ele é um trapalhão, — eu disse a Justin. Eu tinha certeza que David perderia seu interesse em Ben Mitchell rapidamente. — Você

também deveria vir na semana que vem. David cozinha toda sexta à noite. É sua maneira de conseguir a atenção plena.

Justin assentiu com a cabeça. — Gostaria disso.

******

David não voltou para casa até a manhã seguinte, e quando o fez, ele usou um sorriso grande e tolo em seu rosto que me fez gostar de Ben Mitchell muito mais. Qualquer um que poderia fazer David sorrir assim era aprovado por mim.

Outra coisa também era diferente. Geralmente, David exalava com detalhes sobre o que ele usava, dizia e o que ele gostava ou não. Mas David apenas zuniu alegremente quando eu perguntei se ele tinha se divertido.

— Oh, foi maravilhoso, — ele disse simplesmente.

— O que você fez?

— Ele é muito bom, Hadley, — ele sorriu.

Eu sorri para ele. — Detalhes?

— Tudo estava ... — ele suspirou.

— Bem, se você está sem palavras, deve ter sido muito especial, — eu disse. Eu mordi a barra de granola que fui forçada a comer porque David não estava em casa para fazer o café da manhã. — Da próxima vez, que você dormir fora, me avise para que eu possa pegar minhas panquecas — eu disse egoisticamente.

Seu rosto caiu ligeiramente. — Ah, eu sei que você não é fofoqueira ou coisa assim, mas eu prometi a Ben que manteria tudo em segredo. Então, não diga nada a ninguém.

Eu ergui minhas sobrancelhas. — OK...

— E, hum, se o vê-lo... Bem, eu disse a ele que não contaria a ninguém. E então eu percebi, você sabe, que eu já disse a você. Então, se você o vê, apenas finja que não o conhece. OK?

Eu estava prestes a concordar, quando eu parei. — Por que ele não quer que seus amigos saibam? Você está fora. Isso não é segredo.

— Obviamente, mas ele ainda está no armário. E ele é um grande negócio. Ele está no time de futebol. Sabe, seria uma grande quantidade de escrutínio e —

— Você não pode simplesmente dizer a ele que seus amigos são confiáveis?

— Hadley, por favor, você poderia simplesmente não dizer nada? — Ele implorou.

— Eu não vou dizer nada, — eu disse. — Mas você deve ser capaz de dizer a seus amigos. Só porque ele está no armário não significa que você precisa para mantê-lo em segredo.

David encolheu os ombros. — Estou bem com isso. Eu gosto dele.

— Se você tem certeza.

— Tenho certeza.

Eu acenei com a cabeça e voltei meu foco para o pedido de emprego *EUA Today* que um professor de Northwestern tinha enviado para mim. Não era um ajuste perfeito — não como o trabalho do *Times* no Cairo tinha sido, mas seria uma boa experiência — trabalhando no Washington, DC Bureau, relatórios sobre a política interna.

Tentei não dizer algo estúpido ou controlado, embora eu estivesse muito tentada a dizer que Ben estava pedindo um sacrifício bastante significativo.



Capítulo 11

Eu estava comprando meus livros para o semestre, resmungando no preço de lista $130 no novo livro de texto árabe, quando meu telefone tocou.

Eu não reconheci o número, mas eu reconheci o código de área. 917. Nova york. Tinha que ser meu pai respondendo ao meu pedido de transferir dinheiro para livros. Minha mãe responde mais rapidamente a essas coisas. Mas eu gostava de fazer meu pai fazer isso. Ele quase não tinha que fazer mais nada para mim e ele poderia mais do que pagar os meus livros.

— Bem a tempo, pai, — eu disse.

— Na verdade, este é o Jack.

Nota para si mesmo: Nova York é grande. Às vezes, pessoas com códigos de área 917 não são seu pai. São às vezes Jack Diamond.

— Desculpe. Eu pensei... eu só liguei para o meu pai e eu não... não importa. O que está acontecendo?

Ele estava rindo. Ele precisava parar com isso.

— Desculpe, — ele disse. — Isso é sério. Eu deveria estar falando sério. Tivemos uma reunião na última noite — na fraternidade. Concedido, nem todo mundo está de volta do recesso, mas solicitamos a todos para examinarem seus posts e deixar Justin em paz. Eles voltaram e apagaram seus comentários do CampusRag. — Ele respirou fundo. — Quero que saiba o quanto estou triste. Eu quero que vocês dois saibam disso — você e Justin. Não somos um grupo tão unido, então é difícil saber o que todo mundo está fazendo o tempo todo, mas devemos ter tomado o controle da situação desde o início. Desculpe, não fizemos e sinto muito que Justin tenha que lidar com isso, porque nós não fizemos.

Como desculpas catalãs iam, foi bom. Fiquei impressionada. A maioria das pessoas nunca assumiu a responsabilidade por suas ações e ainda menos pessoas assumiram a responsabilidade pelas ações de outros que poderiam ter evitado.

Eu respirei. — Obrigada, — eu disse. — Sou grata. Mesmo. Eu sei que Justin será.

— Sim, sem problema — ele disse.

Eu balancei outro livro em cima da minha pilha. — Estou na livraria, então devo ir, mas sério, muito obrigado, Jack.

— Sim claro. — Ele estava quieto.

— Bem, eu acho, vou te vejo por aí, — eu disse.

— Na verdade, antes de ir. Você gostaria de jantar algum dia? Ou eu tenho que esperar que seu companheiro de quarto te desafie você de novo?

Eu teria rido se não tivesse ficado tão assustada. — Hum, o que?

Ele riu. — Jantar? Você gostaria de ir jantar algum dia? Posso te convidar para sair?

— Olha, estou na livraria.

— Oh, eu entendi. Eu ouvi sobre essa lei. Você não pode concordar em ir a um encontro com alguém quando estiver numa livraria.

— Eu não acho que estou disponível, — eu consegui dizer.

Ele não parecia nada feliz. Mais do que tudo, ele parecia divertido. — Já? Você nunca está disponível para o jantar? Uau.

— Bem, eu só ... não sei. Eu não estou realmente namorando pessoas agora, eu disse. — Ou sempre, eu adicionei silenciosamente.

— Quem disse alguma coisa sobre um encontro? Talvez eu só queira jantar com você. Talvez eu ache que você tenha uma conversa fantástica.

— Duvido, de alguma forma, — eu disse.

— Por quê? — Eu podia ouvi-lo sorrindo.

— Porque na nossa primeira conversa, eu estava bêbada e não fazia sentido. — Olhei ao redor para ver se alguém estava ouvindo. — E na nossa segunda conversa, eu gritei com você.

— Você não gritou. Você falou persuasivamente.

— Bem, não é uma boa ideia, — eu disse. — Parece que as coisas estão rapidamente passando de não fazer sentido à raiva e, em seguida, como, a terceira conversa que temos pode acabar terrivelmente, você sabe?

Ele riu novamente.

— Pare de rir. Estou falando sério.

— Está com medo de que nossa terceira conversa seja devolvida? Em que? Silêncio? Isso seria estranho, mas eu aposto que poderíamos sobreviver a isso.

— Eu realmente não tenho tempo para namorar ninguém agora, — eu disse. Isso parecia crível. Certamente era verdade.

— Ah, eu não vou desistir tão facilmente, — ele sorriu. — Foi você que começou. Você não deveria ter me beijado assim se quisesse ficar sozinha. —

— EU —

— Vou passar, — disse ele com firmeza. — Podemos sair. Essa é uma boa ideia. Sem jantar. Não-encontro encontro.

— Quero dizer, talvez.

— O que você fará esta noite?

— Nada além de...

— Ótimo. Eu vou te pegar esta noite..

— Não, acho que você não entendeu. Eu disse que o jantar não era bom para mim.

— Eu pensei que você disse que namorar não era bom para você. Não vamos jantar. Vai ser um não-jantar, não-encontro sessão encerrada.

— Nem sei o que isso significa.

— Eu só quero falar com você, — ele disse casualmente.

— Por quê?

Ele riu.

— O que? —

— Acho que você é fascinante, — ele disse, a mesma diversão irônica percorrendo sua voz. — Vou passar esta noite. — Ele desligou antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa.



Capítulo 12

Na verdade, eu estava curiosa se Jack realmente iria parar depois daquela noite. E eu estava estranhamente antecipando isso, mesmo que eu achasse que era uma ideia terrível. Meus dedos tamborilaram na bancada. A coisa responsável a fazer seria dizer-lhe que isso era insensível, que nunca poderia funcionar, e que eu não era o tipo de garota que conseguia lidar com um cara como ele. Ou qualquer tipo de cara.

Mas, oito veio e se foi, e eu tinha mordido a sobra do frango, preparando-se para as aulas começarem. Parecia que ele não estava vindo. Eu estava prestes a mudar para o meu pijama quando houve uma batida na porta. Eu congelei, então caminhei propositadamente para a porta e a abri.

Qualquer coisa que eu estivesse pensando em dizer saiu da minha cabeça quando o vi. — Ei, — ele disse. Ele não estava sorrindo, embora seus olhos brilhassem, e ele mordeu o lábio quando olhou para mim. Quando ele estava de pé tão perto de mim, eu tinha que olhar para seu rosto, o que o fez parecer mais alto e mais bonito.

— Oi, — eu disse, e então eu me lembrei que estava irritada. — São quase nove.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Você tem um toque de recolher ou algo assim?

— Temos aula amanhã.

Ele sorriu. — Isso significa que você se transforma em uma abóbora à meia-noite?

Eu olhei para ele sem entender.

— Vampiro? Ou, não, lobisomem. Esta noite é para ser uma lua cheia. Posso entrar? — Entrou no apartamento, sem esperar uma resposta, e olhou em volta. — Lugar legal.

— Eu não disse que você poderia entrar, — eu disse.

Ele sorriu. — Você é engraçada. —

— Não foi uma piada.

— Não, quero dizer, você é engraçada. Como, você estava superquente no estacionamento e agora você está super fria. — Ele olhou para mim. — Estou falando em graus de calor emocional, não atratividade física. Você tem sido consistentemente quente por toda parte, em termos de atratividade.

— Isso é suposto ser um elogio?

Ele riu. — Na verdade, não. Embora, com a maioria das meninas, você pode dizer praticamente tudo o que quiser você conclui dizendo que estão quentes.

— Você deve conhecer algumas garotas muito burras.

— Eu sei — disse ele. — Mas, eu te conheço agora. Isso tem que cancelar pelo menos duas garotas estúpidas.

— Não funciona assim.

— Como você sabe como funciona? E você a polícia do cancelamento de meninas estúpidas?

— Não, mas não funciona assim. Ninguém consegue cancelar ninguém.

— Talvez sim. Talvez cada pessoa estúpida que você conhece cancela cada pessoa inteligente que você conhece e toda boa pessoa que você conhece cancela cada pessoa má que você conhece.

— Isso mesmo. É provavelmente por isso que todos se esqueceram de Jesus e Hitler, e apenas se lembra de seus contemporâneos não cancelados, Average Jane e Avarage Joe — eu disse.

Ele riu. — Eu quis dizer pessoas que eu realmente conhecia. Você realmente *conhecia* Hitler? Talvez você vai se transformar em um vampiro às nove horas.

Eu revirei os olhos.

— Você quer fazer alguma coisa. Não vai a um encontro?

— Sim, — eu disse. — Vamos — Olhei ao redor do meu apartamento. — Vamos fazer algo.

Peguei meu casaco no meu quarto e voltei para a sala. Jack estava estudando uma fotografia na parede. Era uma foto que David havia tirado uma madrugada de primavera quando tínhamos ido andando pelo lago. Minhas costas voltaram-se para David e você só podia ver parte do meu rosto.

— Imagem legal. É você, certo?

Eu balancei a cabeça. — David tirou isso.

— David?

— Colega de quarto.

— Ah. — Ele sorriu e ergueu as sobrancelhas. — Aquele que te desafiou a beijar um estranho?

— Sim. —

— David parece o homem. A última vez que encorajei as meninas a ficarem com estranhos como eu, eu quase fui preso.

Eu sorri e enfiei um fio de cabelo atrás da orelha.

— Então, o que exatamente constitui um não encontro? — ele perguntou.

— Não sei. Não é essa a sua ideia?

— Você não sabe? — ele riu. — Como diabos eu deveria saber se você não sabe?

Dei de ombros. — Não sei. Indo para um passeio de carro ou algo assim.

— Um carro! — ele riu.

— O que? —

Ele balançou sua cabeça. — Nada. Vamos dar uma volta.

Ele me seguiu para fora do apartamento e desceu a escada até o estacionamento.

Eu dei uma olhada em Jack. Ele me pegou olhando e sorriu de volta.

— Então, — ele disse, quando eu entrei em seu carro. — Para onde quer ir?

Dei de ombros. — Não sei. Por aí. Eu poderia tomar um sorvete.

Ele não disse nada sobre o quão frio estava ou o quão longe estávamos de Ben & Jerry's ou como era provavelmente demasiado tarde para ir a qualquer lugar. — Eu poderia fazer sorvete.

Houve um longo período de silêncio estranhamente silencioso, após o que eu exigi, — Então, por que você queria falar comigo de qualquer maneira? —

— Por que você me beijou no estacionamento? — ele perguntou brincando.

— Já te disse. David me provocou.

— Certo. Mas você disse que me escolheu. Por quê?

— Eu estava bêbada.

Ele riu. — Você não estava bêbada.

— Era sua única pergunta? — Eu perguntei. — Posso garantir que não temos nada em comum. E também posso garantir que o quê você está procurando, você não vai encontra-lo comigo.

— Você não sabe o que estou procurando.

— Isso não.

Ele me deu uma olhada. — Certo então, o que é isso?

— Não é da sua conta, realmente — eu disse. Eu passei uma mão pelo meu cabelo.

— Então, primeiro você está irritada eu só tenho uma pergunta, e agora eu não tenho permissão para fazer perguntas.

— Eu não estou tão tensa, — digo, embora eu certamente estava agindo como ele. — Você tem permissão para fazer perguntas. Só não, *ok, então o que é isso*? Porque eu realmente não sei.

Ele riu. — Justo. — Ele olhou para mim. — Por que não me faz uma pergunta?

— Tudo bem.

— Oh, vamos lá. Certamente, há algo que você quer saber. Você é uma repórter.

Havia muitas perguntas que eu queria perguntar. Mas havia muitas outras coisas que eu já poderia dizer de olhar para ele. Apenas metade de ser um bom repórter estava fazendo as perguntas certas. A outra metade estava percebendo detalhes, então você não teria que perguntar a eles.

— Ok, — eu disse. — Como é a sua mãe?

Ele olhou para mim rapidamente. — A sério?

Dei de ombros. — Não precisa responder. — Voltei a cabeça e observei a estrada pela janela.

— Não, um... — ele pensou por um momento e limpou a garganta. — Ela é muito acolhedora. E... ela se preocupa muito. Ela é muito doce sobre isso. Ela parece vulnerável. Ela se preocupa tanto comigo que eu começo a me preocupar com ela. — Ele sorriu, um pouco triste.

— Você é filho único? — Eu perguntei.

— Não, tenho um irmão. Ele é mais velho. Você?

— Sim, — eu disse. — Quero dizer, sou filha única.

— Como é isso? — Ele perguntou.

— Não tão mal como eles te disseram.

— Então, você não é um narcisista solitária que não consegue se dar bem com ninguém?

— Ah, não, eu sou definitivamente isso, — eu disse. — Não temo a independência.

Ele riu. — Posso dizer.

— O que seu irmão gosta?

— Perfeito, — ele disse. Totalmente, completamente, um-malditamente-incrivelmente perfeito. Isso me deixa enjoado. Mesmo. — Ele sorriu para mim. — Ele nunca me bateu. Perfeito.

Eu ri. — Você deve odiar suas tripas.

— Nah. — Ele balançou sua cabeça. — Na verdade, não. Bem, na escola um pouco. Mas não mais.

Eu sorri.

— Ele é... sério. Você gostaria dele.

— Por que você diz isso?

— Bem, você parece meio séria — ele disse. — Ele é médico da Marinha. Ele está no Afeganistão agora. — Ele esfregou o queixo.

— Deus. Há quanto tempo ele esteve lá?

— Não muito tempo — disse ele. — Ele foi para a Academia Naval e depois para a Faculdade de Medicina de Harvard e agora ele é um médico de trauma lá. Acho que já faz um ano e meio. Ele diz que está tudo bem. Ele é muito seguro, porque ele é médico. Ele não está tão perto do combate. — Ele sorriu. — E assim que é a minha mãe. E meu irmão — como um bônus. O que mais você tem? — ele perguntou.

Eu inclinei minha cabeça para os lados. — O que você teme?

Ele riu. — Você não está se segurando. Deixe-me ver. Enguias. E águas-vivas. Não suporto. Mas acho que estou mais assustado de nunca descobrir isso.

— O que?

— Eu mesmo, — ele disse. — Sabe, nunca descobrir o que vai me fazer muito feliz. Aquele tipo de coisa. Do que você mais tem medo?

— Provavelmente dependência.

— Depender do que? — ele perguntou curioso. Ele sorriu. — Drogas?

— Pessoas. —

Ele soltou um curto latido de riso. Então ele olhou para mim. — Fala sério?

— Sim.

— Dependência de pessoas é a coisa que você mais tem medo? Você percebe que a dependência de outras pessoas é como a maneira como o

mundo gira, não é? Você não construiu seu próprio carro e escreveu seus próprios livros didáticos, não é?

— Não disse que era racional. Eu disse que estava com medo.

— É por isso que não vai sair comigo?

— Não, não vou sair com você porque não quero ir a um encontro com você — resmunguei. *Ou qualquer outra pessoa, nunca.*

— Muito bem. Então, como isso funciona? Você ficará selvagem depois da pós-graduação? Saindo para a floresta e vivendo sozinha

— Não, — eu disse. — Eu quis dizer dependência emocional mais do que qualquer outra coisa. — Dei de ombros. — É só a minha resposta. Eu sei que não faz sentido.

— Você preferiria ficar sozinha para sempre do que precisar de alguém?

— Sim, — eu disse. — Sou boa em ficar sozinha. Eu gosto de ficar sozinha.

— Uau, — ele disse.

— Sim.

— Isso te faz feliz? Ficar sozinha?

— Sim, na verdade, — eu disse.

— E o sexo?

Eu podia sentir o rubor rastejar pelo meu pescoço. — Com licença?

— E o sexo? As pessoas são sexuais. Eles têm necessidades. Você tem necessidades.

— Ouça, eu fiz sexo. E eu não fiquei impressionada.

Ele balançou a cabeça, mordendo um sorriso.

— O que? Estou falando sério.

— Ele não estava fazendo certo então.

— Ele fez *muito bem* — eu disse, pensando em como eu perdi minha virgindade no colégio na casa de hóspedes dos pais de Luke, e como tinha sido principalmente desajeitado e doloroso e muito brilhante naquele quarto. Tinha ficado melhor, um pouco, mas nunca tinha sido incrível.

— Não, ele definitivamente errou, — ele disse. — O que é criminoso. Eu poderia consertar isso.

— Com licença?

Ele olhou para mim. — Quero dizer, se eu tivesse tanta sorte de ter a chance de dormir com você, você ficaria impressionada.

— Você é extremamente arrogante.

— De volta para você.

— Como sou arrogante?

— Que tipo de pessoa dá ao sexo uma chance e decide que não é para eles?

— Esse tipo. —

Ele sorriu. — Mas, isso é um pouco arrogante. — Ele estava provocando, principalmente. — Quero dizer, você é tão segura de si mesma, acha que o sexo é superestimado.

— Eu não disse que era superestimado. Eu disse que não fiquei impressionada. Só estou lhe dizendo o que é verdade. Eu fiz sexo. Eu não estava louca por isso.

— Quando?

— O que é isso para você?

— Diga-me quando.

— Essa é uma pergunta extremamente pessoal.

Ele inclinou a cabeça. — Não precisa me contar. Eu só acho que ele estava fazendo errado.

Eu respirei. — Primeiro ano.

— Foi a última vez que fez sexo?

Eu ruborizei.

— Droga, — ele disse. Ele olhou para mim.

— Não faça isso.

— Fazer o que?

— Faça piadas sobre mim.

— Eu não estou — ele disse. Ele balançou sua cabeça. — Honestamente, não estou. — Ele encontrou meus olhos. — Você teve uma experiência ruim ou algo assim?

Eu respirei. — Não. O sexo estava bom. Mas eu terminei com o garoto e ele disse a todos que eu era fácil. — Dei de ombros. — Não dormi

com mais ninguém depois disso. Eu não queria que ninguém pensasse que ele tinha razão.

— Sinto muito. Isso é besteira, — ele disse.

— Não é grande coisa. É história antiga, — eu disse.

— Bem, eu posso ver por que você pode não querer namorar as pessoas depois disso.

— Tem muito menos a ver com ele do que você pensa — digo. — Eu não tenho tempo, e monogamia não corre exatamente na minha família e —

— Não quer depender de ninguém?

— Exatamente, — eu disse.

Ele assentiu com a cabeça seriamente. — Sim, veja, a coisa sobre isso, porém, é que as pessoas que nunca querem depender de ninguém, pessoas que nunca querem ser tocadas, elas não saltam para os braços de um estranho na chuva. Mesmo em um desafio.

Encontrei seus olhos quentes e castanhos. Eles me procuraram e eu desviei o olhar. — Bem, desculpe decepcioná-lo, mas às vezes elas o fazem.

Ele empurrou a direção e saiu da estrada.

— *O que* você está fazendo? —

Ele colocou o carro no parque sem dizer nada.

— Com licença? — eu repeti, olhando para ele. — Eu mal te conheço. Puxar para o lado da estrada é um movimento assassino em série.

— Não sou um assassino em série.

— O que você está fazendo? —

Ele desabotoou o cinto de segurança e se inclinou sobre o assento e me beijou novamente. Sem perguntar, sem qualquer coisa que parecia um aviso.

Ele me beijou profundamente e, em vez de afastá-lo, inclinei-me.

Fiquei surpresa com o gemido que escapou de meus lábios enquanto movia sua boca pelo meu pescoço. Fiquei surpresa com o modo como minha coluna vertebral se arqueava em sua direção e da maneira que eu queria que deslizasse suas mãos quentes mais para baixo minhas

costelas até meus quadris. Quando sua mão escorregou debaixo da minha camisa, esfriou contra meu quadril, eu coloquei minha mão sobre ele. — Espere, pare.

Ele puxou a cabeça para trás e olhou nos meus olhos. — Quer que eu pare? — Ele manteve a mão lá, espalhada no meu quadril — não um lugar particularmente sexual ou privado, mas me fez tremer.

Eu exalei pesadamente e não disse nada.

— Você quer que eu pare? — repetiu, mais seriamente.

Eu balancei a cabeça ligeiramente, com olhos selvagens e inseguros sobre tudo, exceto por um único fato: eu gostava de ser beijada por ele. Mesmo quando eu estava sóbria. Mesmo quando eu sabia que ele estava em uma fraternidade com um bando de idiotas. Mesmo quando eu sabia o quanto a maioria das relações estragava sua vida, eu queria que ele me beijasse.

Ele pressionou seus lábios contra os meus e abriu meu cinto de segurança.

— Vem cá, — ele sussurrou, puxando meu pulso. Ele me colocou do seu lado do carro, de modo que eu estava montada nele. Ele beijou meu pescoço, e eu podia sentir meu pulso correndo debaixo de seus lábios. Ele se inclinou para trás e olhou para mim. Ele deslizou uma mão sob minha camisa de flanela solta e minhas costas. Sua outra mão esfregou ao longo do lado da minha perna, através da minha calça jeans. O atrito era gentil, mas correu para cima e para baixo na minha perna.

Apertei meus quadris mais de perto dos dele.

Ele tirou a alça do sutiã e me beijou de novo.

Eu tremi quando ele deslizou as alças pelos meus braços. Ele beliscou meu lábio e meu pescoço enquanto ele desabotoava minha camisa.

— Está bem? — ele sussurrou.

Eu acenei com a cabeça uma vez.

Ele deslizou suavemente a camisa pelos meus braços.

Meu sutiã caiu com ele e eu olhei para ele, a luz pegando em seus olhos. Ele correu as duas mãos para cima das minhas costas, e tomou

um peito suavemente. Seu polegar se cravou no meu mamilo e eu mordi meu lábio, e seus lábios beijaram seu caminho da minha boca ao meu pescoço. Ele continuou esfregando seu polegar suavemente em meu peito. Cada breve movimento viajava como uma corrente elétrica para cima e para baixo na minha espinha.

Eu exalava uma respiração trêmula, pulsando com a eletricidade de seu toque em toda parte.

— Cristo, Jack ... — sussurrei. Fechei os olhos e encostei a cabeça em seu ombro. Ele beijou meu pescoço, mordendo.

Eu escondi meu rosto em seu pescoço, e ele riu levemente, enquanto sua mão acariciava meu estômago tremendo. Ele me beijou de novo, suavemente e depois firmemente, e então ele quebrou o beijo e sorriu.

— Você é uma coisa, sabe?

— Você disse isso, — eu disse, lembrando-me da porta traseira.

— É verdade. — Deixou cair a boca quente e úmida em um peito e arqueei minhas costas, pressionando-me para frente. Eu podia sentir sua excitação através de sua calça jeans enquanto ele gentilmente manipulava meu peito com sua língua.

Eu agarrei punhos de seu cabelo, arqueando minhas costas.

— Espere, eu sussurrei.

Ele parou, erguendo a cabeça, os cabelos presos onde eu tinha agarrado em minhas mãos.

— Esperar? — ele repetiu.

— Isto é ... estamos no lado de uma estrada. E é rápido. Isso é rápido.

Ele assentiu. — Sim. OK.

De repente me senti envergonhada, sentada e olhando para longe e segurando minha camisa na frente de meus seios.

Ele colocou uma mão no meu peito, entre meus seios, muito perto do meu coração.

— O que? —

— Eu gosto de você, — ele disse. Ele sorriu, seus olhos brilhando. — Você é a melhor pessoa que conheci durante todo o ano.

Eu encontrei seus olhos. — Aposto que diz isso a todas as garotas.

Ele riu. Ele me entregou meu sutiã.

Minhas mãos tremeram enquanto eu tentava prendê-lo com uma mão. Eu consegui na minha segunda tentativa, e puxei a minha camisa. Ele gemeu quando me levantei do seu colo e voltei para o banco do passageiro.

Estávamos ambos quietos. Ele limpou a garganta. — Você estava dizendo algo sobre não querer me beijar, eu acho.

— Na verdade, eu estava dizendo algo sobre você ser um assassino em série.

Ele riu. — E como você só me beijou porque estava bêbada.

— Eu poderia ser uma bêbeda agora. Eu poderia ser um alcoólatra para tudo que você sabe. —

Ele sorriu maliciosamente. — Certo.

— Não se vanglorie, — eu disse. — Não é atraente.

Ele puxou o carro de volta para a estrada, em direção ao sorvete. Enquanto nós dirigimos, eu fui de ofegante e excitada para desajeitada e irritada por ter deixado um estranho apalpar-me no lado da estrada. — O que é que foi isso? — Eu perguntei quando chegamos ao Ben & Jerry's.

— O que foi o que?

— Parando assim.

— Eu queria ter certeza de que eu estava certo, — ele disse.

— Sobre o que?

— Sobre o fato de que eu realmente gosto de te beijar. E a menos que eu esteja muito, muito enganado, você também gosta, — ele disse. Ele tinha capturado meu olhar e eu me deixei ficar olhando por um segundo. Então, eu desviei o olhar.

— Essa não é a questão.

— Não quer namorar ninguém. Isso é bom. Mas isso não significa que não podemos sair, — ele disse.

— E fazer o que? Curtir? — perguntei.

— Há outras coisas que podemos fazer, — ele disse, com um sorriso. — Olha, quero jantar com você. Quero leva-la para um encontro.

— Sim, — eu disse. — Mas —

— Mas você tem um desligamento. Eu te escutei. — Ele assentiu. — Então, por que não namoramos?

— E fazer o que?

— Sair. Tomar sorvete. Eu não sei. — Ele sorriu. — Podemos nos divertir sem ficar noivos, sabe? Podemos nos divertir sem namorar. Nós podemos ser amigos.

— Com benefícios? —

Ele riu da sugestão. — Quero dizer, claro. Poderíamos ser amigos, também. Sem benefícios. Embora tenhamos boa química.

Química?

— Química sexual.

— Não fizemos sexo.

— Eu sei, mas se o fizéssemos ... — ele deu de ombros. — Provavelmente seria alucinante. Porque a forma como nos beijamos é insana. Você não acha?

— Eu não beijei muitas pessoas para saber.

— Bem, eu sim. E foi, — disse Jack com naturalidade.

Eu acreditei nele. Não apenas poderíamos ter um sexo alucinante, mas poderíamos ser amigos. Que talvez eu pudesse ter uma aventura sem compromisso com um cara bonito, que realmente, realmente gostei muito.

— OK.

— Certo o que?

— Vamos ser amigos com os benefícios.

Ele riu. — Espera, sério?

— Sim. Espere, você estava brincando?

— Não. Nem um pouco. Você está? —

Nós olhamos um para o outro. — Eu te perguntei primeiro, — eu disse.

— Não, eu não estava brincando.

— Ótimo — eu disse. — Deveríamos ter algumas regras.

— Como o quê?

— Nenhum presente. Definitivamente sem flores. Eu não estarei lavando a sua roupa, fazendo biscoitos, ou chegando ao seu ideal. Não me peça, digo. Inclino minha cabeça. — Sem datas. Sem comédias românticas. Sem festas do pijama. Sem eu te amo. Não me compre bebidas. Sem Dia dos Namorados, apelidos, conversa de bebê, chocolate ou shows da Taylor Swift.

Ele olhou para mim de perto. — Isso é sério?

— Sim, — eu disse. — Por quê?

— Isso parece uma armadilha.

— Por quê? —

— Porque você acabou de fazer regras contra quaisquer umas das coisas que um cara não quer fazer com sua namorada.

— Não é uma armadilha. E qualquer das partes pode rescindir benefícios sem qualquer drama. Não haverá drama.

— Esta é definitivamente uma armadilha.

— Tem algo a acrescentar? — Eu perguntei.

— Sim. Não me chame de baby.

— Não vou te chamar de baby.

Nós caminhamos para o Ben & Jerry's e eu pedi um sorvete baunilha com arco-íris polvilhado. Sentamos em seu carro com o calor ligado alto enquanto nós comemos.

Ele começou a rir para si mesmo quando ele terminou a sua.

— O que? — Eu perguntei.

— Nada, — ele sorriu. — Você é muito mais interessante do que eu poderia ter previsto.

— Pode dizer louca, — eu disse.

Ele assentiu. — Sim, eu sei. Mas eu não quero dizer isso. Interessante.



Capítulo 13

David ficou quieto na primeira semana de aulas. E eu estava mandando um monte de textos travessos.

Nenhuma dessas coisas havia acontecido antes, então provavelmente eu estaria preocupada com o próximo apocalipse se não tivesse tão fixad sobre como sobreviver a classe de pós-graduação em combate e jornalismo de conflito de Robert Riley.

Fiquei muito feliz por estar matriculada. Riley era uma lenda. Ele ganhou dois Prêmios Pulitzer quando cobriu o conflito na Bósnia durante os anos 90.

Mas eu também estava receosa em não atender suas expectativas notoriamente altas. Rude e resistente espalhavam-se boatos de deixar alunos com um único erro gramatical em suas atribuições finais. E a classe era composta principalmente de estudantes de pós-graduação. Andrew e eu éramos os dois únicos estudantes de graduação que foram autorizados a cursá-la este ano.

Eu dormi espasmodicamente a noite antes da aula de Riley — embora isso fosse em parte devido aos oito cappuccinos que tomei enquanto corrigia os erros estilísticos do jornal antes de ser lançado.

Ainda assim, cheguei cedo, como todo mundo, e sentei-me com Andrew enquanto esperávamos que Riley entrasse.

Ele chegou vestindo um suéter com zip, mancando por causa do tiro que ele recebeu na estrada por um bombardeio no início de sua carreira.

Ele jogou uma cópia do New York Times dobrada em sua mesa. — Em primeiro lugar, bem-vindos. Em segundo lugar, vocês devem saber que eu não tolero atrasos ou ausências injustificadas. Se você não aparecer, é melhor você ter um atestado médico, porque terá sorte de ter um lugar na minha classe. Você tem sorte de estar estudando jornalismo. E assim que você esquecer que o relato é um privilégio que deve ser concedido apenas para os indivíduos mais comprometidos e bem disciplinados, você vai se foder. E se você foder no jornalismo, as pessoas se machucam. Quando você imprime mentiras em um jornal, você as torna verdadeiras. E se você ficar preguiçoso, você vai acabar imprimindo mentiras, se você estiver ciente ou não. É por isso que, nessa classe, eu não vou defender ninguém arredondando verdades, não importa quão insignificante eles possam parecer.

Troquei olhares com Andrew. Riley era incondicional.

A porta se abriu e todos se voltaram para olhar para a alma tão tonta o suficiente para aparecer cinco minutos atrasado para a aula de Riley. E então meu coração pulou em minha garganta, porque não era outro senão Jack Diamond, esguio, magro e incrivelmente bonito, com um sorriso de gato Cheshire lento que parecia ser apenas para mim.

O professor Riley pigarreou. — Jack! Que agradável surpresa.

Fechei a mandíbula caída e olhei para ele.

Jack assentiu com a cabeça. — O que foi? — Ele acenou para mim, e então ele olhou para Riley.

— Então, você decidiu dar o ar da graça? — Perguntou Riley.

Jack deu de ombros e deu-lhe um sorriso. — Ainda em cima do muro sobre isso, Bobby.

Bobby? Bobby. Ele disse isso?

Eu esperei Robert Riley — laureado do Pulitzer, jornalista famoso, professor extraordinariamente mal-humorado, saltar sobre o estrado e agarrar os olhos de Jack Diamond para fora. Mas isso não aconteceu.

— De nada, Jack — disse Riley, paternalmente.

Jack subiu até a última fila, onde ninguém estava sentado. Levei um momento para arrancar meus olhos dele e olhar para Riley.

— Alguns dos momentos mais cruciais da história são registrados por jornalistas de combate, — Riley estava dizendo. — E é preciso mais do que uma boa escrita para que esses momentos sejam gravados com precisão. É preciso disciplina e paciência e um trabalho extraordinariamente difícil e perigoso …

Eu tentei me concentrar no professor Robert Riley. Eu deixei sua voz abafar as perguntas que eu queria perguntar a Jack, até que tinha esquecido que tinham estado lá.

Eu não notei quando Jack saiu da aula, mas ele se foi quando Riley nos dispensou.



Capítulo 14

Como Jack prometeu, Xander enviou email para Justin para pedir desculpas em nome da fraternidade.

Justin me encontrou depois de nossa reunião de funcionários para expressar sua gratidão. — Significa muito — disse ele timidamente. — Quero dizer, obrigado.

— Ei, — eu disse prontamente. — Esse é o meu trabalho. Não precisa me agradecer.

Saímos do escritório juntos depois da reunião, e eu encaminhei o problema para Andrew durante a noite para que eu pudesse ter minha entrevista por telefone com o *USA Today*.

— Como estão as coisas? — Eu perguntei.

— Certas — ele disse. Ele esfregou a parte de trás de sua cabeça. — Quero dizer, Química Orgânica está me matando devagar, mas, além disso, estou bem.

Eu ri. — Já?

— É um monstro, — ele disse. — O meu cérebro não entende.

— Você vai conseguir.

— Sim. Eu poderia ter que abrandar no papel, no entanto. Desculpa. No próximo ano deve ser mais fácil. Eu sei que não escrevi muito.

— Compreendo perfeitamente. Não é um problema — eu disse.

— Obrigado, Hadley.

Tínhamos chegado ao final do caminho onde virei à esquerda em direção ao estacionamento e ele virou à direita em direção a seu dormitório.

— Tenha uma boa noite, Jus. Eu te vejo por aí.

— Ei, hum … — deu de ombros. — Disse que David cozinhava todas as sextas-feiras?

— Sim, — eu disse. — Oh, certo. Você deve vir esta semana!

— Sim? — ele assentiu. — Legal. Gostaria disso.

— Impressionante. David ficará feliz.

— Sério? — Justin perguntou esperançoso.

— Definitivamente. — Eu pensei que o flerte com Ben terminaria em breve. David estava temperamental e silencioso. Ele evitou seus outros amigos quando ele saiu do apartamento, e impacientemente esperando para ouvir Ben da maioria das outras noites. Eu não podia imaginá-lo suportando isso por muito mais tempo. — Vai ser divertido. Estou feliz que você esteja vindo. Tenha uma boa noite.

— Obrigado. Boa sorte com a entrevista, — ele gritou depois de mim.

A entrevista foi boa — um monte de perguntas informativas. Nada que me deixou desconfortável, mas nada que eu pudesse excluir também. Eles me disseram que entrariam em contato para agendar uma entrevista pessoalmente, o que parecia uma vitória.

Depois de desligar o telefone, David entrou.

Saí do meu quarto para vê-lo. — O Justin virá jantar amanhã. Acho que ele gosta de você.

— Quem? —

Eu ergui minhas sobrancelhas. — Justin Shelter?

— Oh, — ele disse. — Certo. —

Ele parecia mais magro e cansado. Isso não estava certo. Ele não poderia ter perdido peso em uma semana.

Era a sua roupa, eu percebi. Ele estava se afogando com uma camisa de polo folgada e calças. Eu não tinha ideia de onde ele tinha conseguido, mas não era assim seu estilo.

— Você está bem? —

Ele balançou a cabeça, como se estivesse saindo de um transe. — Desculpa. — Ele sorriu mais genuinamente. — Estou bem. Cansado. Passei a noite no Ben. — Ele olhou para mim sonhadoramente. — Ele é muito bom.

— Sim? Quando posso encontra-lo? — arrisquei cautelosamente.

— Já te disse. Você não pode. Não até que ele esteja pronto e isso não vai durar muito tempo por causa do futebol.

Eu balancei a cabeça uma vez. — Bem, ele é seu namorado?

— Não. Não. Definitivamente não — ele deu de ombros. — Ele não está pronto para isso. O que é bom. Eu posso esperar totalmente.

Eu não comprei. Ele parecia muito triste.

— Bem, você tem planos sexta-feira? Depois do jantar?

— Não, provavelmente não. Ben tem planos com seus companheiros.

E David não foi convidado.

— Talvez pudéssemos sair depois do jantar, — eu disse. — Você, eu e Justin.

Ele sorriu. — Você quer sair?

— Sim, — eu disse. — Eu disse a Jack que pensaria nisso. E eu acho que você deve apresentar Justin para algumas pessoas.

— Para pessoas?

— Na comunidade gay, — eu disse. — Ele é um calouro, lembra?

— Oh, sim, — David disse, sem compromisso — Olha, Ben me pediu que desse um tom mais baixo.

— Baixar o tom de que?

— Você sabe, a coisa toda, — ele disse muito suavemente.

— *Que* coisa toda?

— Apenas a coisa gay fora do armário.

— Sinto muito. O que? — eu disse, incrédula. — Me diz que é uma piada.

— Hadley, — disse ele. — Eu sei que você não entende, mas eu realmente gosto dele. E ele tem sido muito bom para mim — disse David, quase suplicante.

— Pedindo-lhe para diminuir a sua personalidade?

— Não é minha personalidade — ele disse. — Não tenho que estar aí fora, sabe?

Olhei para ele, em completo choque. — Sim, ele parece maravilhoso. Eu gostaria de conhecer esse garoto.

— Hadley.

— Não, eu realmente quero. Quero ver quem colocou a ideia louca em sua cabeça que suas escolhas é algo para se envergonhar.

Meu telefone tocou no balcão. David olhou para mim. — Você vai entender isso?

— Isto é mais importante agora.

David se levantou e encolheu os ombros. — Não vejo por que você está me fazendo sentir mal por um relacionamento que eu estou animado.

— Não estou tentando fazer você se sentir mal com seu relacionamento.

— É o que você está fazendo, no entanto, — respondeu David friamente. — Vou para a cama.

— David, — chamei depois dele.

Ele fechou a porta suavemente. Eu bati em cima dele.

— Hadley, quero que você me deixe em paz — ele disse. Eu suspirei profundamente.

— David, vamos. Eu sinto muito.

— Não se preocupe com isso, — ele respondeu de volta. — Estou cansado. Vou dormir.

*****

David fez-se escasso na manhã de sexta-feira. Eu o ouvi tomar uma xícara de café e deixar o apartamento por volta das 07h. E ele não respondeu ao meu texto quando perguntei se precisávamos de algo para o jantar enquanto eu estava no meu caminho para casa naquela noite. Eu realmente esperava que ele estivesse lá para deixar Justin entrar. Eu estava começando a me preocupar que ele estava tão bravo comigo que ele não apareceria.

Cheguei ao apartamento, rezando para que David estivesse em casa. E ele estava. Ele estava fazendo fajitas, e ele e Justin já estavam bebendo.

— Lindo você está aqui, — David disse, enrolando suas palavras. — As habilidades culinárias de Justin melhoraram tremendamente. Ele fez um trabalho incrível com a mistura de margarita.

Ele soava como o seu eu habitual e ele estava vestido dessa maneira, também. Ele usava jeans apertados em suas pernas finas, uma camisa rosa brilhante, e um fedora enquanto ele me derramava uma margarita. Ele me entregou com um sorriso amplo, francamente assustador.

— Está usando uma camisa com essas meias? — perguntei com uma sobrancelha arqueada quando Justin me deu um caloroso abraço e riu.

Eu mudei para jeans mais apertados e botas mais bonitas, e um top preto recomendado por David.

Jack queria encontrar-se hoje à noite, e pela primeira vez que eu poderia me lembrar, eu estava animada para sair.

Eu bebi a margarita realmente forte que Justin tinha empurrado em minha mão. Eu mesmo fiz a minha maquiagem, jogando a cabeça para a música. Foi divertido. Eu estava me divertindo, e isso não era uma coisa ruim. Eu tinha sobrevivido não recebendo o emprego do *New York Times*. Eu tinha um amigo com benefícios. E o céu não tinha caído. Ele foi principalmente ok.

— Você definitivamente não está pronta ainda — disse David quando voltei para o quarto. — Certo Justin?

Justin assentiu com a cabeça e sorriu para David.

— Quem disse que eu estava pronta?

David levantou a mão. — Eu. Como todo o primeiro semestre.

— Muito obrigado, amigo.

— Quero dizer, você nunca pareceu tão cansada. Você apenas se *vestiu* assim.

— Cale-se — eu disse. Passei a mão pelo meu cabelo. — Jack estará aí em breve.

— Fabuloso, — disse David. Ele olhou para Justin. — Hadley é uma solteirona comprometida, mas ela tem um amigo com benefícios, cortesia minha.

Eu revirei os olhos.

David se levantou de seu assento e pegou seu reflexo no espelho. — Esta roupa está bem?

Eu terminei a minha margarita. — Claro.

David agitou-se diante do espelho. — Sinto que Ben não gostaria disso.

— Quem é Ben? — perguntou Justin.

David abriu a boca e fechou-a. — Ben Cho, o estilista, meu ícone.

Eu ergui minhas sobrancelhas. — O que?

— Espera. Eu estou mudando. —

Ele saiu do seu quarto meia hora depois vestindo algo decididamente único. Cáqui e uma camisa polo azul. Ele passou a mão pelo cabelo e se virou para mim.

— Como estou? —

— Como você é de Nowhere, Nebraska? —

David se encolheu ligeiramente e Justin me lançou um olhar sujo. — Eu gosto — disse Justin em voz baixa.

— Desculpe. Você está bonito. Apenas, não muito você.

— Não quero que ele... Não quero assusta-lo.

— Por ser você mesmo? — Eu perguntei.

David olhou para Justin e depois para mim. — Não vamos falar sobre isso agora.

Eu encontrei seus olhos e inalado profundamente. — Muito bem. Qualquer coisa que você diga.

Eu roubei um olhar para David empurrando nervosamente seu cabelo para fora de sua testa e estudando seu reflexo.

— Você está bem. Você sempre está bem — eu disse, vendo a apreensão em seu rosto e odiando que alguém o tivesse feito sentir tão desconfortável em sua própria pele.

— Meu Deus, tudo ficou tão sério, — disse David. Ele riu. — Juro que não somos normalmente emocionais, Justin. — Ele mostrou a música. — Quem quer outra margarita?

Justin e eu aceitamos outra bebida. Muito em breve tínhamos esquecido o momento estranho e nos perdemos no gênio musical que era Ke$ha.

David começou a saltar em seus dedos do pé e torcer seus quadris e joelhos. Eu me juntei a ele. Meu coração bateu alto em meus ouvidos com a música, e minhas pernas tremeram de saltar. Eu caí no chão, cabelo sobre o meu rosto. — David, não posso ir a lugar algum. Preciso ficar aqui com as margaritas.

— Meu Deus. Hora de ir ao bar, — disse ele. — Hadley, levanta. Você não consegue desmaiar.

— Não estou desmaiado. Estou apenas fora de forma. — Sentei-me e sacudi o cabelo. — Vamos.

Caminhamos para o bar.

Quando eu pensei em ver Jack lá, meu estômago torceu ligeiramente. De uma boa maneira. Da melhor maneira.

O Pub foi o tipo de bar que cada cidade universitária tem. Pisos pegajosos, tropeços caloiros, rock, música pop barulhenta, condescendentes barmens que realmente não gostavam de qualquer de seus clientes, e praticamente todos que você sabia do campus.

A primeira pessoa que vi foi Andrew Brenner.

— Ei, — Andrew disse, colocando uma mão em minhas costas. — É bom finalmente te ver.

— Sim. Obrigado, — eu sorri. — Sabe, eu saio.

— Eu sei. Eu sei. Isso não foi o que eu quis dizer. — Ele riu. — Pode acreditar no vento frio? A umidade está fora de controle. —

Eu balancei a cabeça. — Coisas doidas.

Justin ergueu as sobrancelhas e reprimiu um riso.

— Vocês se conhecem bem? — Eu disse.

— Claro. Adorei o artigo — disse Andrew, apertando a mão. — Onde está a sua colega de quarto?

Olhei em volta, mas David tinha desaparecido na multidão. Eu vi Nigel em um canto e acenei. Ele pode saber.

— Não faço ideia, — disse a Andrew. — Devemos encontra-lo. Voltaremos logo.

David e eu fomos até Nigel.

— Hads, — disse ele. Ele me deu um caloroso abraço. — Justin. Impressionante ver você. Como tá indo?

— Bem.

Nigel acenou com a cabeça para Trevor. — Justin, este é o meu amigo Trevor. Trev, Justin. Justin é um calouro na GSA.

— Impressionante.

— Viu o David? —

Trevor fez um gesto esvoaçante com uma das mãos. — O príncipe David está nos dando o tratamento silencioso. Afinal, não estamos na equipe de futebol.

— E usando algo horrível — disse Nigel. Ele olhou para mim. — O que há com ele?

Eu balancei a cabeça. — Longa história.

— Ele está ali — disse Nigel. Ele apontou para ele. — Fingindo não nos ver. —

Ele estava sozinho, parecendo meio triste e desconfortável, segurando uma cerveja perto de um bando de jogadores de futebol. Eu vi Ben Mitchell, também, intencionalmente ignorando ele.

Besteira.

Isso foi estúpido. E isso me deixou furiosa.

— Quer uma bebida? — Trevor perguntou. — Estamos bebendo e dançando.

Eu balancei a cabeça, observando David, desejando poder balançar seu ombro e fazê-lo sair. Mas eu sabia que não iria funcionar.

— E você, Justin? Bebe? — perguntou Trevor.

— Sim. Definitivamente! Hadley, você se importa?

— Não, não, vá em frente, — eu gesticulei para eles.

— Encontre-nos no bar se você mudar de ideia, — Nigel ligou.

Os três desapareceram. Eu mantive meus olhos em David, olhando para o meu telefone ocasionalmente, me perguntando se ele se importaria de ser visto comigo, ou se apenas seus amigos gays Ben lhe disse para evitar.

Ben ainda o ignorava. Eu decidi ir busca-lo. Pelo menos, ele não precisava ficar sozinho enquanto estava sendo ignorado.

Eu me virei e eu bati diretamente em Jack a toda velocidade.

Ele estava segurando duas cervejas e deu um passo para trás, apenas escorregando-as.

— Heyo, — Jack disse. Ele sorriu. — Eu estava tentando chamar sua atenção.

Ele me entregou uma delas e eu olhei para ele, me perguntando se eu deveria dizer que ele não deveria me comprar bebidas.

— Eu sinto que você está propensa a acidentes, — ele disse. Ele estava usando xadrez. Azul marinho com vermelho. Parecia bom para ele. Parecia Jake Gyllenhaal. Muito boa para um bar universitário. Muito bom para uma estudante de faculdade que não tinha dormido com ninguém desde o primeiro ano... *do ensino médio*.

— Desculpa, o que? — eu disse, afastando meus olhos de seu corpo, sentindo-me como uma garota de fraternidade idiota, pego objetivando uma menina quente em um traje de Halloween.

— Eu disse que me sinto como se estivesse propenso a acidentes. Foi assim que nos conhecemos. Você está caindo? — ele me deu um sorriso.

— Você estava no meu caminho.

Ele riu. — Eu acho. Minha culpa. — Ele sorriu. — Gosta de cerveja? Eu tenho uma para você, porque eu sou o tipo de pessoa que faz suposições.

— Obrigada.

— Então, como vai? — ele perguntou.

Olhei para ele e ergui meus ombros. — Não muito. Eu estava, hum … — Olhei para onde David estava de pé. Ben estava finalmente conversando com ele, embora tivesse o braço em volta da cintura de uma loira. — Estava prestes a conversar com meu companheiro de quarto.

— Os companheiros de quarto são incríveis. Vamos encontra-lo.

— Quanto você já bebeu esta noite? — Eu perguntei.

Ele riu. — Não sei se devo lhe dizer isso. Você pode colocar em seu jornal.

— Confie em mim. Você não é tão interessante e nós não estamos tão desesperados ainda, — eu disse.

— Ainda? — Ele balançou sua cabeça. — Não é uma venda muito forte. Bem, a resposta não é muito. É um bar lotado. Alguém me empurrou. E você me deixa nervosa.

Eu sorri com isso. — Besteira.

Ele inclinou o pescoço de sua garrafa de cerveja em minha direção. — Eu aposto que você fica com isso o tempo todo.

Eu balancei a cabeça. — Não. Nunca entendo.

Ele riu. — Talvez todos estejam nervosos demais para dizer alguma coisa.

Tentei pensar em algo espirituoso para dizer de volta, mas eu estava assistindo David lá embaixo no bar, com os braços cruzados firmemente sobre o estômago. Ele estava sozinho, ninguém falava com ele. Quebrou meu coração fodido.

Eu podia ver como Ben olhava de relance, ocasionalmente, e como cada vez que David parecia brevemente esperançoso e como cada vez que Ben desviou os olhos.

— Sério? — murmurei amargamente.

— Desculpe, — Jack disse. — Não é permitido?

— Sinto muito. O que você estava dizendo? — perguntei, sem tirar os olhos de David. Eu precisava ir lá embaixo.

— Ah, a sua semana? Eu perguntei se você teve uma boa semana.

— Sim, foi boa.

— Tudo certo?

— Sim, — eu disse. — Meu companheiro de quarto está sendo um idiota.

— Quer ir encontra-lo? — ele disse.

Eu balancei a cabeça. Eu tomei um gole da cerveja e fiz uma careta.

Ele riu. — Não gosta de cerveja. Bom saber.

— Você não deveria me comprar bebidas.

— Você está certa — ele disse. — Devolva. — Ele estendeu a mão para ela.

Eu sorri, apesar de mim mesmo. — Tem os meus germes nela.

— E o companheiro de quarto? — ele disse.

— É uma longa história.

Olhei em volta para Ben e vi suas costas recuarem em direção à porta.

Desgraçado.

David ainda estava segurando o telefone. Quando acendeu, assim como seu rosto. Eu encostei meus braços sobre a grade para assistir.

A voz de Jack estava quieta em meu ouvido. — É ele?

— Sim.

— Você pode me contar a história, — ele disse. — Mesmo que seja longa.

— Eu disse a ele que não iria, — suspirei.

— Bem, vá falar com ele se precisar. Vou esperar aqui — disse Jack.

Eu balancei a cabeça. — Sim. Sim, tudo bem. Obrigado. Desculpa.

— Não se preocupe, — ele disse. Ele olhou em volta. — Guardarei a sua bebida.

Eu sorri, desejando poder conversar com Jack em vez de me preocupar com David. Voltei a descer as escadas, passando pela multidão na frente do bar e o encontrei.

Eu bati no seu ombro. — Ei.

David girou. — Hadley! Ei.

Eu sorri. — Você está bem?

Ele acenou com a cabeça e sorriu. — Ben me mandou uma mensagem para encontra-lo. Então eu vou.

Eu acenei com a cabeça uma vez. — Consegui.

Ele encontrou meus olhos. — Desculpa. — Ele olhou em volta. — Quer que eu fique com você? O Jack ainda está aqui... — Ele mordeu o lábio, se desculpando. — Eu sei que eu te disse que eu apresentaria Justin para algumas pessoas, mas Bem...

— Não se preocupe com isso, — eu disse. — Vejo você em casa.

Ele assentiu. — Divirta-se. — Ele me abraçou. Ele não olhou para trás enquanto eu o via sair.

Jack estava esperando por mim, como prometido. Ele era o tipo de pessoa que não parecia desconfortável sozinho. Ele tomou muito espaço, inclinando-se sobre a grade, com uma cerveja descansando em seu cotovelo, cuidando de outra em seus lábios.

— Tudo bem? — ele perguntou.

Não, não foi, mas eu balancei a cabeça. — Sim. — Eu sorri. — Então, te vi esta semana.

— Você fez. Nós fizemos fora no meu carro. — Ele sorriu. — Você me deixou sentir você. Então você disse que eu não tinha permissão para namorar com você.

— Eu lembro, — eu disse. — Eu quis dizer na classe de Riley.

— Ah.

— Acho que o chamou de Bobby.

Ele assentiu. — Eu não recomendo tentar isso.

— Não ia. Ele é aterrorizante.

— Ele é inofensivo, sério.

— Como você o conhece?

— Ele é meu padrinho — disse Jack. — Vamos voltar.

— Oh, ok, — eu disse. — Como isso acabou acontecendo?

— Oh, você sabe, — Jack disse. — Eu insisti nisso assim que nasci. — Ele sorriu. — Não, meu pai o conhecia.

Eu balancei a cabeça. — Peguei você.

— Ele acha que eu quero ser fotógrafo.

— Você?

— Não. Não quero ser nada. — Ele sorriu. — Mas eu gosto do humor dele. Isso o faz sentir como se estivesse fazendo um bom trabalho como padrinho. Você gosta da classe?

— Sim, sim. Ele é incrível. Eu cresci lendo seus livros e seus artigos e —

— Claro. É por isso que você é Editora-Chefe.

— Sim, isso e uma longa linha masoquista, aparentemente — eu disse.

— *Sério*? — Jack disse maldosamente. Ele sorriu. — Conte-me mais sobre sua raia masoquista. Isso é como um *Fifty Shades* —

— Porra, não. Eu quis dizer que é muito trabalho e é muito ingrato.

— Tudo bem — ele disse. Ele riu em sua cerveja. — Ah... — Ele olhou para mim, rindo. — Quer dançar?

— Desculpa?

— Você quer dançar? — ele acenou para a pista de dança. — Você não fez uma regra contra isso.

Olhei para a pista de dança. — Não sou uma boa dançarina.

— Você não bebeu o suficiente então. Todo mundo é um bom dançarino quando está bêbado.

— Você é um bom dançarino? —

— Incrível, — ele disse. — Vamos lá.

Segui-o descendo pelo bar até a pista de dança. Ele agarrou meus quadris e eu tinha apenas o suficiente para beber para não se importar com quem viu.

Eu envolvi meus braços ao redor de seu pescoço. Ele me puxou para perto, e ele se moveu contra meus quadris.

Sim, ele era um bom dançarino.

Eu não estava bêbada. E eu não acho que havia álcool suficiente no mundo para me fazer uma. Mas, ele não parecia se importar, então eu segurei em seus ombros e me movi quando ele se moveu e girou. E nós rimos. Toda vez que eu fazia algo estúpido, ele começou a rir e eu também.

Eu continuei girando do jeito errado. Seus pés seguiam escorregando e ele continuava sorrindo cada vez, segurando meus antebraços, pressionando sua testa na minha, seu risada baixa e rouca perto de minha orelha.

Quando uma música lenta chegou, ele balançou a cabeça. — Isto contra as regras?

Eu balancei a cabeça. — Este é o único tipo de dança em que eu não me sinto doente. —

Senti-me pequena em seus braços e não conseguia me lembrar de me sentir pequena antes, e quente. Muito quente — realmente — mas eu não queria deixar ir. Eu podia sentir cada lugar onde tocamos.

Ele sorriu. — Está muito quente.

— Sim, eu concordei.

— Precisamos de bebidas.

— Sim.

Ele agarrou meu pulso e me puxou para o bar. Ele chamou a atenção do barman.

— Jack! — disse o barman. Ele sorriu e apertaram as mãos e bateram nos ombros.

— Xander, esta é Hadley.

Ele assentiu com a cabeça e sorriu. — Certo. Prazer em conhecê-la.

Eu apertei sua mão.

— Você é quem parece uma armadilha, certo? — Xander perguntou.

— Cale a boca — disse Jack.

— Acho que sim — eu disse.

Xander riu. — Você gosta de tequila?

Dei de ombros. — Não sei. Eu gosto de margaritas.

Xander assentiu e derramou quatro tiros habilmente, empurrando-os para nós. — por conta da casa, — ele disse, virando-se para uma garota gritando por sua atenção.

Olhei para Jack. — Não sei sobre isso.

Jack sorriu e lambeu a mão, sacudindo sal ao longo da mão.

Ele pegou meu pulso e pressionou um beijo úmido sob meu ponto de pulso. Sem olhar para mim, ele derramou sal ao longo da marca de sua boca.

Ele picou um pouco, o sal, onde se agarrou à minha pele.

Ele me entregou um copo de shot, bateu o dele contra o meu, lambeu o sal e bebeu o dele, mordendo um limão por último.

Eu balbuciava com o bocado de sal e álcool.

— Morda — disse ele, segurando um limão enquanto meus olhos corriam. Eu fiz, afastando-se dele enquanto o suco escorria pelas minhas mãos ardendo. Eu estremeci.

— Blergh. Oh meu Deus, eu disse. — Desculpe, isso foi incrivelmente desajustado.

Ele riu. — Outro?

Eu balancei a cabeça. — Acho que não.

Uma garota ruiva esbelta, linda que eu conhecia, era a presidente da Kappa algo, escorregou por nós.

— Tiros? — Jack perguntou, oferecendo nossas sobras.

— Oh meu deus, amo você, — ela disse, pegando eles. Ela sorriu para mim. — Ei! Você é caloura? Como você conhece o Jack?

— Desculpa? — Eu perguntei.

— Está correndo? Você está certo? Acho que o vi no nosso evento hoje. Eu sou o presidente do Kappa Delta. Deixe-me saber se você tiver alguma dúvida. Nós nos misturamos com a fraternidade de Jack o tempo todo.

— Oh, não, — eu sorri. — Na verdade sou sênior.

Ela franziu o cenho. — Meu Deus! Desculpa. Estou mortificada. Eu sinto muito.

— Não se preocupe, — eu disse. — Sou Hadley.

— Reese. —

— Prazer em conhecê-la, — eu disse.

Jack riu de novo. — Vejo você, Reese — disse ele. Ele passou o braço em volta de mim. — Está muito quente aqui dentro — ele disse, puxando sua camisa de flanela grossa. Seu cabelo estava úmido de suor. O meu também estava, mas era bom olhar para Jack. Isso o fez parecer estranhamente vivo.

— Quer voltar lá? — ele acenou para a pista de dança. Eu puxei meu cabelo em um rabo de cavalo alto. O ar contra meu pescoço parecia delicioso.

— Claro, — eu disse.

O álcool e o calor chegaram a mim rapidamente. Jack ficou mais bonito e mais bonito. Nós dançamos e dançamos. As minhas pernas doíam. E toda vez que ele me fazia girar, eu comecei a rir.

— Quer sair daqui? — ele perguntou, quando estávamos ambos sem fôlego e rindo.

Olhei para ele. Seu cabelo suado, sua camisa xadrez amarrotada. E eu disse exatamente o que eu queria dizer. — Sim.

Ele me puxou através da multidão e para fora da porta para a noite de inverno. Por cinco segundos fugazes, nós dois ficamos no ar gelado sem nossos casacos.

— Isso é tão bom — disse ele, estendendo os braços e caminhando pela calçada, entre duas margens de neve.

Mas nós rapidamente começamos a tremer e eu puxei meu casaco para baixo e ele deslizou sobre um velo de Patagônia e enfiou as mãos nos bolsos.

— Então, qual é o seu acordo, Hadley Arrington?

— Nenhum negócio, — eu disse.

— Por favor. Todo mundo tem um acordo.

— Qual é o seu negócio?

— Sou um fracassado, — ele disse. Ele sorriu. — Sua vez.

Eu fiz uma careta.

— Eu aposto que você é um superacusador.

— Na verdade, não eu disse.

Ele olhou para mim. — Editor-chefe do jornal?

Dei de ombros. — Eu gosto disso.

— Porque é um masoquista?

— Porque-porque eu sinto como se eu estivesse realmente criando algo em vez de apenas... flutuar sem rumo.

— Veja, eu falho — disse Jack. — Você deveria tentar. Não é tão terrível quanto você acabou de fazer soar. Tem algumas vantagens.

— Como o quê?

— Bem, você nunca ficará desapontado consigo mesmo. Falhar é fácil.

A casa da fraternidade não estava longe — quatrocentos metros atrás na estrada. E nós caminhamos através da porta destrancada da frente para os sons de vídeo games e o cheiro de maconha. Eu enruguei os olhos quando senti o cheiro e ele riu. — Vamos.

Seu quarto estava no andar de cima, no corredor e em um canto. Ele era pequeno e aconchegante e absurdamente impecável. Ele tinha inúmeros livros, forrados em prateleiras. E um bloco de desenho aberto em sua mesa. Caminhei para olhar para ele, mas ele fechou antes de eu chegar lá.

Eu não sabia o que fazer comigo mesmo, onde sentar, o que dizer, ou como dizê-lo. Eu olhei para ele e tentei soar legal. — Então o que você quer fazer?

Ele fechou a porta e colocou as mãos levemente na minha cintura. Suas mãos haviam descansado lá a noite toda, mas a dança tinha sido mais sobre diversão do que sobre sexo. Agora as mãos leves fizeram meu coração bater rapidamente em antecipação. Ele se inclinou para frente e me beijou de novo, me empurrando de volta para a cama.

— Jack ...

Ele parou de me beijar e franziu a testa. — Você está bem?

Revirei os olhos, respirei e me soltei do aperto. — Estou bem. Então, como você conhece o Reese?

Ele sorriu. — A garota mais sem noção no campus? Como eu poderia não conhecer? — Ele ergueu as sobrancelhas. — Eu acho que você nunca entrou para a coisa da fraternidade.

— Eu corri, — eu disse.

— A sério?

Eu balancei a cabeça. — Sim, eu estava tentando atravessar o centro de estudantes para chegar à biblioteca, passei por algum tipo de alegria. Muitas palmadas. Muito estranho.

— Ha. Eu pensei assim. — Ele levantou-se da cama e tirou os sapatos. Ele começou a desabotoar sua camisa. Eu o observei com atenção.

Ele sorriu, sem se desculpar. — Então, Hadley Arrington.

— Sim, eu disse.

— Você não é uma dançarina ruim.

— Não sou uma boa dançarina.

Ele sorriu. — Não seja tão dura consigo mesmo.

— Não tenho flores e você não pode mentir para mim, — eu disse.

— Ok, você não é uma boa dançarina, — ele disse.

— Estou devastada, — eu disse.

— Eu aposto. — Ele apontou um dedo para mim. — Você é uma superinvestigadora.

— Completamente devastada. Quase não há jornalistas sérios que não possam dançar.

Ele sorriu, seus olhos se enrugaram, e ele jogou a camisa suada em cima da cômoda. Seus ombros largos eram lisos e castanhos, como se ele estivesse no sol, apesar de ser janeiro em Illinois. Uma fina cicatriz branca correu da costela esquerda para a virilha direita, dividindo diagonalmente os músculos ondulantes.

Eu encontrei seus olhos, uma sensação em pânico. — Como conseguiu isso?

— Escorregar e deslizar, — disse ele. — Havia uma rocha afiada sob o escorregador. E eu tive que ir primeiro. Claro.

Eu estremeci, imaginando.

— Sim, — ele disse. Ele sorriu, os olhos cintilando. — Não tente isso.

— Vou manter isso em mente.

— Então, eu tenho uma pergunta — ele disse.

— Atire, — eu disse, tentando parecer calma. Levantei-me e tirei o casaco e o coloquei sobre a parte de trás da cadeira.

— Estou te assustando?

— Não por quê?

— Você parece pronta para fugir.

— Eu não vou a lugar algum, — eu disse. Eu parecia um pouco como uma viciada em cocaína, no entanto. Nem sequer acreditei que não iria a lugar nenhum. Eu girei a cabeça e ele se aproximou de mim.

— Relaxe, — Jack murmurou. Ele pressionou seus lábios contra meu pescoço.

— Eu estou relaxada.

— Merda, — ele sussurrou. Um sorriso tocou nos cantos de sua boca quando ele me beijou. Ele me deu uma volta, então eu estava de frente para ele e me levou de volta para a cama. Eu sentei quando nós alcançamos sua borda.

Ele então se inclinou para frente, me pressionando de volta para os cotovelos. Pensei que ele ia me beijar, mas ele deixou cair a cabeça ao lado do meu ouvido e sussurrou: — Não precisamos fazer nada se você não quiser. — Jack disse enquanto me prendia.

Ele riu suavemente em meu ouvido. A respiração estava quente contra meu pescoço. Ele moveu a boca da minha orelha para a minha boca e me beijou.

— Talvez eu esteja nervosa.

— Não fiques nervosa. Estou nervoso — disse ele. Ele me beijou de novo e eu sorri, quebrando o beijo.

— Mas eu sou uma perfeccionista.

— Você não será fracassada na cama — ele sorriu. — Não comigo de qualquer forma.

Fechei os olhos, erguendo uma das mãos até sua mandíbula forte e beijando-o. Meus dedos se enroscaram em seu cabelo macio e ainda

úmido. Meu coração começou a correr, como se fosse explodir. — Bem, eu poderia estar enferrujada?

— Cale a boca, — ele sussurrou gentilmente. Ele me levantou e me deslizou mais para trás na cama, então eu estava deitada debaixo dele. Eu podia sentir seu calor, mas ele apoiou seu peso em suas próprias mãos. E ele me beijou de novo.

Eu quebrei o beijo abruptamente, puxando minha cabeça para o lado e sentando. Ele sentou-se nos calcanhares.

— Tudo bem? — ele colocou a mão na minha parte inferior das costas.

Eu balancei a cabeça.

— Muito rápido?

— Sim.

— O que você quer?

— Isto. Somente. Não sexo. Não esta noite, quero dizer, eu consegui. Olhei para ele. — Desculpe. Eu quero. Apenas não tão rápido. E eu queria dizer algo antes de nos adiantarmos.

Ele assentiu. — Nunca tomei isso como garantido.

Eu balancei a cabeça. — Boa.

Ele sorriu e me persuadiu em seu colo. Eu o estiquei e coloquei minhas mãos em seus ombros. Eles foram quentes. Seus dedos frios correram até minha caixa torácica, ele deixou cair beijos ao longo de minha clavícula. Ele me puxou para mais perto. Senti-o debaixo de mim.

Ele pegou a bainha da minha camisa e puxou-a sobre a minha cabeça. Ele tirou meu sutiã suavemente com uma mão e mordeu uma alça e puxou-a pelo meu braço. Seus dentes raspados tão suavemente contra os cabelos em meu braço.

Eu tremi quando ele se levantou um pouco e deixou cair a boca suavemente em meu peito.

Passei minhas mãos pelo cabelo dele.

— Você tem gosto de baunilha — disse ele, erguendo a boca. Ele se levantou, me levantando com ele e se ajoelhou na cama e me deixou de costas.

— Você tem gosto de cerveja e tequila, — respondi.

Ele sorriu. — É com isso que eu escovo os dentes.

— Então, vamos ter uma longa sessão de amassos?

— Uma sessão de amassos sem camisa, — ele brincou. — Acho que as crianças a chamam de segunda base.

Eu sorri. — Benefício da amizade?

Ele assentiu. — Absolutamente.

Fizemos isso até que nossos lábios doíam. E quando paramos, ficamos em silêncio abraçados. Sentia-me sonolenta e ria, peguei minha camisa e disse que tinha que ir. Ele sentou-se na escada e esperou o táxi comigo, ambos tremendo.

Recostei-me nas mãos, respirando o ar frio. Ele era fácil de estar perto, quando ele não estava me deixando nervosa, e depois de rolar em sua cama sem camisa, eu não estava nem um pouco nervosa.

— Devemos fazer algo divertido — disse Jack, quando o carro chegou. — Não é um encontro — disse ele quando eu lhe dei uma olhada. — Como um tipo de coisa de amigos. O que você faz para se divertir?

— O jornal.

— Isto é engraçado?

— Sim, — eu acenei com a cabeça. — É, na verdade. — Eu quis dizer isso também. Poderia ser estressante, mas era voluntário. Eu gostei.

Ele sorriu. — Bem, podemos ler alguns jornais.

— Talvez você deva ser o responsável pela diversão.

— E você pode ser responsável pela conquista?

— Eu serei responsável pelas regras.

Ele riu e me acompanhou pelo caminho em direção ao carro. — Te vejo por aí, Hadley.

— Mais tarde, amigo.

Ouvi-o rir quando entrei no carro. Ele me viu partir. Havia algo nisso que eu gostava. E algo mais sobre isso me assustou um pouco.



Capítulo 15

À uma da tarde, minha ressaca estava começando a sumi. Eu não podia me lembrar de regras de vírgula, e eu continuava faltando os infinitivos divididos e todos os outros erros gramaticais desagradáveis que criavam artigos de calouros.

Quando a porta dos escritórios se abriu e Andrew apareceu, soltei um suspiro de alívio. Ele segurou duas grandes xícaras Starbucks. Ele me entregou uma.

— Eu te amo tanto quanto eu amo o café.

Ele olhou por cima da minha calça de moletom e as garrafas vazias de Pedialyte na minha mesa. — Noite difícil?

— Não, realmente.

Ele riu duvidosamente e acenou com a cabeça. — Certo.

— Pelo menos tomei banho esta manhã, — eu disse. — É por isso que eu não saio — informei-lhe. — Socializar derrete meu cérebro.

— Acho que provavelmente é só o álcool — ele disse.

— Você está muito julgador está manhã, Brenner.

— Desculpa. — Ele bocejou. — Cansado, eu acho. Encontrou o David ontem à noite?

— Sim, eu fiz. Finalmente. Ele estava usando uma camisa pólo. Confundi o inferno fora de mim.

Ele se inclinou sobre meu ombro para olhar o artigo que eu estava revendo. — Acordo verbal, primeiro parágrafo. — Ele bateu na tela.

— Merda. Eu não deveria estar editando agora, digo. Eu corri o erro e peguei meu café.

— Então, eu estava conversando com Juliet, e ela acha que devemos fazer algo grande para o Dia dos Namorados.

Eu dei-lhe um olhar. — Como o quê? Eu não estou colocando o dia dos Namorados na capa.

— E uma edição especial? Como um filme de seis páginas, Love at Northwestern.

— Precisa de seis páginas? Demos a reeleição de Obama seis parágrafos, — eu disse.

— Não seja um Grinch[1]. Seria ótimo para os leitores, — disse ele. — Como, poderíamos fazer um artigo sobre vida LGBT, vida grega, e Juliet teve essa ideia de fazer uma seção de Admiradores Secretos por uma semana.

— E onde colocamos os Admiradores Secretos? Antes da seção de esportes ou depois da seção internacional? — perguntei sarcasticamente.

— Você poderia pensar nisso? — disse Andrew. — Não é uma má ideia. Você poderia escrever um editorial sobre por que você se opõe ao Dia dos Namorados.

— Não me oponho ao Dia dos Namorados. Eu só não estou dando seis páginas no meu jornal.

— Seu jornal? — ele repetiu.

— Sabe o que quero dizer. Eu sou a primeira menina a ser Editora-Chefe em nove anos. Eu não estou presidindo o primeiro Dia dos Namorados Especial.

---

[1] Grinch: Ser verde que odeia o Natal. Acredito que a conotação em relação ao Dia dos Namorados é similar.

— Você deveria pensar nisso — ele disse seriamente. — Acho injusto que você esteja esnobando, porque você não quer que as pessoas pensem que você é muito feminina. Se eu fosse o Editor-chefe, eu o faria.

Suspirei. — Podemos apenas focar esta questão e se preocupar com Dia dos Namorados mais perto do Dia dos Namorados? —

— Muito bem, — ele disse. — Mas pense nisso. Sério, pense nisso. Poderíamos fazer as pessoas escreverem sobre suas vidas amorosas. Poderia ser uma mistura de peças de opinião e notícias. Olha, nós sempre falamos sobre cultura no Noroeste, e as vidas amorosas são uma grande parte da cultura.

Resisti ao desejo de rolar os olhos. — Vamos conversar amanhã. Só não tenho energia agora.

Ele sorriu, embora friamente. — OK.



Capítulo 16

— Estou apaixonado — declarou David quando voltei do jornal às 11 horas de um sábado de manhã.

— Eu não tenho tempo para o seu amor, — eu disse. — Estava prestes a relatar que estava desaparecido. Não te vejo há uma semana. Você perdeu o jantar em uma sexta-feira.

Ele sorriu enquanto derramava massa em um ferro de waffle. — Eu estive aqui.

— Quando esteve aqui?

— Estive aqui na terça-feira à noite.

Eu revirei os olhos.

— E você estaria muito ocupado para notar o contrário — ele disse. — Eu sei quando você parou de fazer sua cama.

Quando meu horário ficou enlouquecido, eu parei de dormir debaixo das cobertas assim eu não precisava que arrumar minha cama pela manhã. Eu odiava arrumar a minha cama. Ela ficava perto da parede, e

eu não conseguia deixar a colcha plana, a menos que eu puxasse ela do canto, arranhando todo o chão.

— Waffle?

Eu assenti, com relutância. — Por favor. Acho que as coisas vão bem com o Ben?

Ele sorriu. — Sim. Prato?

Puxei um prato do armário sobre a pia e entreguei a ele. — Bem, eu senti sua falta, — admiti.

Ele sorriu. Aposto que esteve aqui por cinco minutos.

— Mesmo assim — eu disse. — Então me conte.

Ele suspirou e balançou os cílios dramaticamente. — Ele é sonhador.

Eu joguei xarope nos meus waffles. — Na verdade, poupe-me os detalhes.

David riu. — Estou brincando. É bom embora. Eu realmente gosto dele, Hadley.

— Vai precisar de mais polos?

— Talvez — ele disse. — Mas quem realmente se importa?

— Você deveria, — eu disse. Dei uma mordida no waffle.

Ele encolheu os ombros com tristeza. — Não percebeu.

— Desculpe, — murmurei. — Simplesmente sinto... Não sei. Eu sinto que você não deveria ter que se vestir de maneira diferente para o cara que você está namorando. Quer dizer, se eu começar a fazer isso, você teria batido no maldito telhado.

— Sim, isso é diferente.

— Como? — Eu perguntei.

— Porque, você é direta e todos que você encontros também são, — ele disse. — Se algum cara quisesse que você mudasse, estaria controlando a merda. Ben tem que se proteger.

— De pessoas descobrindo quem ele é? Quem é você? — Balancei a cabeça. — David, isso não faz sentido.

— Ele está no time de futebol.

— A temporada acabou e ele é veterano, — eu disse. — Ele realmente acha que as pessoas são tão homofóbicas que ele não pode ser visto com você?

— Ele quer ir para a liga. — A boca de David endureceu em uma linha fina. — Olha, você não entende porque não é gay. Ele não quer que as pessoas saibam. Ele está assustado. Não se trata de me mudar. É sobre estar assustado. E eu estou disposto a lidar com isso, certo?

Eu olhei para ele.

— Ou não está bem para você? — perguntou David.

— Se você está confortável, então tudo bem. Mas você não parecia confortável na semana passada quando ele estava ignorando você. Eu não acho que é saudável. Eu sinto muito. Eu sei que não é o que você quer ouvir e eu sei que é a sua vida e sua decisão, mas, há um monte de caras lá fora, que não lhe pediria para mudar —

— Como você saberia? — perguntou David com raiva.

— David — eu disse suavemente. — Você é como a pessoa mais amável —

— Gosto do Ben. Quero sair com o Ben. E se é isso que eu tenho que fazer, eu farei isso. E eu não preciso que você me *julgue* por isso. —

— Muito bem. Você está certo. Desculpe, eu disse. Eu respirei fundo. — Desculpe. Isso não é o que eu estava tentando fazer. — Balancei a cabeça. — Não sei. Isso só me deixa nervosa. Mas, eu não deveria estar criticando. Desculpa. —

Eu dei outra mordida no waffle. Eu os afoguei em xarope e eles ficaram pegajosos e doces. Fui até a geladeira e servi um copo de leite e tomei um gole. — Os waffles estavam ótimos, — eu disse, apenas para limpar o ar entre nós.

— Obrigado. — Ele mordeu o lábio. — Na verdade, tenho um favor a pedir.

— Sim claro.

— Pedi ao Ben para jantar esta noite e ele não vai ficar confortável se estiver aqui. — Ele parecia preocupado. — Eu gostaria de cozinhar. Acha que pode encontrar algo para fazer? Em outro lugar?

— Claro, — eu disse, em uma voz falsamente alta. — Ótimo. Tenho coisas para fazer. Prometo que não vou incomodar.

Ele deu um sorriso. Obrigado. Sério. Obrigado.

— Sim, sem preocupações.

Embora eu tivesse pedido desculpas e, embora David parecia ter me desculpado, algo havia acontecido entre nós que nos deixou desconfortável.

Meu telefone vibrou. Eu tinha uma mensagem de texto de Jack: *Qual sua programação para hoje?*

Olhei para David. — A que horas Ben vem?

— Bem, ele disse que ajudaria a cozinhar. Então, se você me disser quando é bom para você, então ...

— A qualquer hora está bem — eu disse.

— Sim? Bem, talvez eu diga a ele cinco e meia?

Eu balancei a cabeça. — Legal. — *Livre às 5, talvez um pouco antes. Vem aqui?*

Certo.

— Boom, — Jack disse quando entrei. Ele estava deitado na sala de estar terrivelmente bagunçada, em outra camisa de flanela xadrez e arqueando o pescoço na tela da televisão enquanto ele jogava Halo com o barman de cabelos escuros da semana anterior.

— Ei, Xander, esta é Arrington.

— Está me chamando de Arrington?

— O que? Eu gosto desse nome, — ele disse. — Hadley, Xander. Xander, Hadley. Vocês se encontraram no bar, mas estava bêbada.

— Eu lembro, — eu disse.

Xander levantou os olhos do violento jogo por uma fração de segundo. — Olá. Bom te ver de novo.

— Você também.

— Ela é a editora-chefe.

Xander levantou a cabeça e parou o jogo.

— Ei, que merda está fazendo? — Jack perguntou a Xander, empurrando seu controlador. — Não pode pausar.

Xander olhou para mim e sorriu. — *Você é* a Editora-Chefe?

— Foi o que eu disse — disse Jack. — Por que fez uma pausa no jogo, seu idiota?

— Você não disse que era uma garota.

— Foda-se — disse Jack. — Retorne.

Xander riu e acenou para mim. Ele continuou olhando. — *Tudo* faz sentido agora.

— Feche a porra da boca, e termine o jogo, — Jack insistiu.

— O que faz sentido? — Eu perguntei.

— Tome uma bebida e junte-se a nós — disse Jack. — A cozinha é ali — Jack assentiu com o queixo. Entrei na cozinha e abri a geladeira. Com exceção de uma caixa de suco de laranja, tudo o que eles tinham era álcool e bebidas energéticas.

A voz de Xander chegou para a cozinha e eu inclinei minha cabeça para ouvir.

— Teria sido muito mais fácil tirar todo esse material do Justin Shelter da internet se você tivesse acabado de explicar que estava tentando impressionar uma garota gostosa... — Eu mordi meu lábio.

Eu não deveria gostar disso. Era depreciativo, objetivado e um insultou ao meu intelecto e minha posição no papel. Foi um ultraje.

Mas eu gostei. Eu nunca fui a garota gostosa. Eu não era a garota gostosa.

Agarrei uma garrafa de vodka e pesquei um copo limpo em uma máquina de lavar louça.

— Foda-se, — Jack respondeu. — Não estou tentando impressioná-la.

— Bem, se você não está tentando impressioná-la, talvez eu vá — disse Xander. O piso de cerâmica na cozinha era pegajoso.

— Gostaria de ver isso, — Jack respondeu.

— Sim, aposto que sim.

— Não, realmente — disse Jack. — Divirta-se. E me conte como depois.

A voz de Xander caiu. Eu não consegui ouvir nada depois disso.

Derramei uma gota de vodka sobre o gelo e enchi o copo com suco de laranja.

Voltei para a sala de estar e sentei-me ao lado de onde Jack estava deitado no chão. Eu me inclinei contra o sofá e estendi a mão para um controle.

— Você joga Halo?

Eu assenti com a cabeça. Eu não tinha ideia de como jogar Halo.

Xander deu uma risadinha. — Bem, tudo *realmente* faz sentido agora, — ele repetiu. — A menina quente joga Halo. — Ele assentiu. — Tudo faz sentido.

— Xander, você poderia parar de falar? — perguntou Jack.

— Sabe o que vai fazer no próximo ano? — Xander perguntou, ignorando-o.

— Hum, não exatamente. Não, eu disse. — Tenho uma entrevista com o *USA Today* na quinta-feira. — Dei de ombros. — Escritório de Washington.

— Impressionante, — disse Xander. — Então, jornalismo político?

— Sim.

— É o trabalho dos sonhos?

Dei de ombros. — É um bom trabalho, mas não. Não exatamente. Eu quero fazer jornalismo de combate, eu acho.

— Você quer? — perguntou Jack. Ele tirou os olhos da tela e me deu um rápido olhar de busca.

— Sim, eu disse. Esfreguei meu queixo. — De qualquer forma, duvido que isso aconteça antes de sair da escola por um tempo. Eles querem pessoas com experiência.

Xander observou Jack de perto. Nenhum deles disse nada.

— De qualquer forma, sim. Jornais, — eu disse para encher o silêncio.

— Jornalismo de Combate? — repetiu Jack.

— Hum, sim. Eventualmente. Mas isso não é essa entrevista— eu disse.

— Bem, isso é bom.

— Por que isso é bom? — Eu perguntei.

— Não acho que valha a pena morrer por más notícias.

Eu balancei a cabeça. — Acho que é importante. Talvez até vale a pena morrer. Se os jornalistas não tivessem ido ao Vietnã, mais pessoas teriam morrido ali. Você precisa de correspondentes de guerra para impor a prestação de contas.

— Bem, se isso é... — ele começou, sua voz quase áspera. Ele soltou um longo suspiro e não terminou o pensamento. — Sim, eu acho que isso é importante, — ele disse sem coragem. Ele encolheu os ombros.

— O que vai fazer no próximo ano? — perguntei a Jack.

— Vou tentar encontrar uma forma de não trabalhar — disse Jack. — Que eu sou realmente muito bom, então eu não prever qualquer problema.

— Agradável. —

— Bom plano — disse Xander sarcasticamente.

— Acho que é um ótimo plano — disse Jack simplesmente. — Eles sempre te dizem para fazer o que você ama. E eu adoro não trabalhar.

— Eventualmente, você vai ter que fazer algo com sua vida, — disse Xander.

Jack encolheu os ombros. — Veremos.

— Você tem que fazer alguma coisa, — repetiu Xander.

— Não discuta comigo sobre o significado da vida, meu amigo. Você pode ser um gênio da engenheira, mas levou um B+ em Introdução a Filosofia — Jack disse. — E eu não vejo o ponto em conseguir um emprego.

Xander jogou a cabeça para trás, como se tivesse tido a mesma conversa com Jack uma dúzia de vezes. — Chega. Tenho coisas para fazer, — ele pegou a mochila do chão e assentiu para mim. — Prazer em conhecê-la, novamente, Hadley.

— Você também — eu disse a Xander. Eu o observei ir. Ambos ouvimos a porta fechar atrás dele e, em seguida, estávamos por nossa conta.

Era estranhamente eletrizante estar sozinho em uma sala com ele. Eu podia ouvir a plenitude do silêncio do quarto: a maneira como as tábuas do chão rangiam quando Jack se movia, a maneira como minhas mangas sussurravam quando eu escovava um pedaço de cabelo perdido atrás da minha orelha.

Jack finalmente se sentou e olhou para mim. — Um gole?

— Você quer mesmo um gole?

Ele sorriu e pegou minha bebida. Ele deu um gole. — Você usou uma chave de fenda para misturar isso?

— Você não tinha outros misturadores, — eu disse.

— Sim nós temos.

— Bem, todos eles têm nomes como ataque cardíaco em uma lata e dose letal de cafeína.

Ele inclinou a cabeça e tomou outro gole. — Você quer comer?

— Isso é como a regra número um.

— Ah, você nunca está disponível para o jantar — ele disse. — E os lanches?

Eu lhe lancei um olhar e ele riu. — Vamos lá para cima.

— Quase nem te conheço — disse Jack em fingido horror.

— É por isso que não estou fazendo lanches com você.

Eu levantei uma sobrancelha e ele riu. Eu terminei o resto da bebida em um longo gole. Ele me levantou pelo pulso e acenou com a cabeça para a cozinha.

— Então, como está o jornal? — ele perguntou, reenchendo minha bebida e tornando-a duas vezes mais forte.

— Há conversa sobre uma edição do Dia dos Namorados, — eu disse.

— Você está horrorizada — ele disse. Ele acrescentou alguns cubos de gelo ao meu copo e tirou um segundo da máquina de lavar louça para si mesmo. — Não sei o quão bem você faria em combate se o Dia dos Namorados te causa náuseas.

Eu ergui minhas sobrancelhas. — Não vejo o ponto.

— É neste feriado em que os casais dão uns aos outros doces, presentes, flores e vão jantar — ele disse. — As cores são rosa e vermelho, também branco. É o nome de um cara que se casou com um bando de pessoas ou algo assim. Acho que ele era um Santo. São Valentim. — Ele balançou a cabeça, levantando seu copo e inclinando-o para mim, como um brinde. Ele tomou um gole e engoliu em seco. — Sim. Também é um filme com Ashton Kutcher. Provavelmente não é o seu tipo de coisa. Estou envergonhado o quanto eu sei sobre isso, na verdade.

— Eu sei sobre o massacre.

— Que massacre?

— Houve um massacre em Chicago em 1929. — Eu disse. — Alguma coisa de gângster.

— Mesmo?

Eu balancei a cabeça. Bebi meu suco de laranja. — Al Capone contra Bugsy Malone. Cinco membros da quadrilha do lado norte dispararam e mataram.

Ele riu. — Bem, isso é fantástico. Obrigado por isso. Estou falando de Ashton Kutcher e você está falando de Al Capone.

— Nenhum problema — eu disse.

Ele sorriu e me beijou. E então ele beliscou meu pescoço, bruscamente.

— Você acabou de me *morder*?

— Não sei, talvez. Eu estava tentando te beijar e ficou um pouco estranho. Estou morrendo de fome, mas você não tem tempo para jantar comigo. — Ele disse tudo isso sem bater uma pestana.

Eu ri todo o caminho até seu quarto.

— Você está perturbadoramente organizado, — eu disse.

Ele encolheu os ombros. — Só gosto de saber onde estão as coisas.

— Eu também, mas ...

Ele sorriu para mim. — Bem, se você está perturbada com isso, imagino o que acontecerá da sua cobertura de combates de guerra.

— Não, isso não é natural.

Ele riu. — OK. E a guerra é super orgânica ou algo assim?

— Ou algo assim, — eu disse. Tomei um longo gole de meu suco de laranja e vodka.

Tirou-a das minhas mãos e tomou um gole.

— Eu preciso disso.

Ele balançou sua cabeça. — Não, você não precisa.

— Sim. Eu decidi dormir com você e já faz anos. Anos reais.

Ele não riu, o que eu estava esperando. Ele deu outro gole. — Não quero que esteja bêbada.

Ele colocou meu copo meio cheio sobre a mesa ao lado dele. Caminhei em sua direção. Ele se sentou na beira da cama me observando com cautela, seus ricos olhos castanhos cintilando. Ele pegou meus pulsos e me puxou para ele e me beijou com força.

Ele caiu para trás e me levou com ele. Eu fechei meus olhos enquanto ele rolava sobre mim, e cavou suas pontas dos dedos firmemente em meus quadris. — Por que está usando tantas roupas? — ele sussurrou, desfazendo o botão no meu jeans.

Eu poderia provar a vodka e suco de laranja em sua boca. Ele cheirava a ar fresco e maconha, e tinha os lábios mais suaves e talentosos do mundo. Ele puxou a camisa sobre a minha cabeça em um firme puxão que fez meus cabelos estáticos.

Eu tremi.

Ele se sentou sobre seus calcanhares e olhou para mim.

— O que?

Ele sorriu. — Tire seu sutiã.

Eu fiz. Eu tremi no ar frio de seu quarto e ele não se mexeu. Eu queria que ele fizesse alguma coisa, mas ele só olhou para mim. Por um breve momento, eu me preocupei que algo estava errado.

— Você é linda, — ele disse com voz gutural.

— Cale a boca — sussurrei.

— Não, sério. Você é. — Ele sorriu e ele se inclinou para frente e ele me beijou. Eu puxei sua camisa sobre sua cabeça e corri minhas mãos sobre seus ombros largos.

Ele acariciou minhas costas lentamente e suavemente. Suas mãos se sentiam quentes e frias ao mesmo tempo. Eu tremi, minha pele ficando vermelha onde ele me tocava.

Ele tirou meu jeans, puxando-os facilmente até que eles saíram. Ele sorriu para mim.

Eu o beijei e ele apertou meu peito.

— Quero foder você, — ele sussurrou. O jeito que ele disse soava sujo e doce ao mesmo tempo. Ele me beijou com força, mas suas mãos eram gentis enquanto pressionavam minhas costas. Seus dedos calejados deslizaram para cima e para baixo minha espinha levemente e eu tremi e arqueou minhas costas.

Eu queria que ele me fodesse, também.

Ele estendeu a mão para minha cintura e me puxou para mais perto. Senti o calor de seu corpo. Sua cueca se agitou ligeiramente quando eu me apertei contra ele, embaraçando meus dedos em seus cabelos macios, que foi apenas o tempo suficiente para eu passar meus dedos.

Ele se sentou contra a cabeceira da cama, me segurando contra ele, esmagando seus quadris um pouco contra os meus e eu senti um espasmo de desejo disparando através de mim, pelas minhas pernas até a ponta dos meus dedos.

Eu mordi seu lábio suavemente.

— Cristo, — ele murmurou. Ele me levantou e me empurrou de volta um pouco, de modo que eu estava deitada de costas debaixo ele, com minha cabeça perto do pé de sua cama e minhas pernas ainda apertadas ao redor de sua cintura.

— Jesus, Hadley — disse ele com ferocidade. Ele deslizou em cima de mim, segurando a maior parte de seu peso em suas pernas e antebraços. Ele me beijou até ficar ofegante e doendo.

Eu balancei a cabeça. Eu não sabia o que ele estava dizendo, 'Jesus', mas eu estava lá também. Sem fôlego e selvagem com a sensação de estar tão perto dele.

Ele enganchou seus dedos em minha calcinha preta e eu soltei um som suave. Eu corei quando ele os deslizou até meus joelhos.

— Jesus, eu quero te foder — ele disse.

— Sim, — eu disse. — Você deveria fazer isso.

— Sim? — ele perguntou.

— Sim. — Minha garganta ficou tensa. Meu corpo congelou com antecipação e ansiedade. Fazia algum tempo.

Sentei-me e passei uma mão pelo meu cabelo. Eu estava nervosa. Mas, Deus, eu queria fazer sexo com ele.

Ele agarrou meu queixo e me beijou. — Tem certeza que?

— Sim eu tenho certeza.

Ele riu e com seus lábios ainda descansando contra os meus, eu podia sentir as vibrações de seu riso. — Então, relaxe. Vai ser divertido. Eu vou devagar — disse ele, encontrando meus olhos e vendo mais hesitação do que eu ia admiti.

Ele me pressionou de volta para a cama. Ele beijou minha boca e meu pescoço, e ele se moveu para baixo do meu corpo, deixando beijos em meus seios e meu estômago, na borda afiada do meu osso ilíaco. Quando ele alcançou a pele macia da minha coxa interna, eu agarrei um punhado de seu cabelo.

Ele riu baixo e fácil e eu fechei meus olhos e senti uma sacudida enquanto deslizava dois dedos entre minhas pernas.

— Relaxe, — ele disse de novo, movendo-se para cima do meu corpo para beijar meu pescoço. Enrolei meus dedos dos pés tão forte que eles racharam e sua risada baixa percorreu seu corpo.

— Você está bem? — ele perguntou, apenas meio brincando.

— Eu... — ele enrolou os dedos e eu jurei. Ele tinha batido algo que atravessou meu corpo como um estremecimento, só o tremor que correu minha espinha e para baixo dos meus pés estavam quente e brancos e de alguma forma macio.

Qualquer palavra que eu tentasse dizer saiu muito mais perto de um gemido.

Ele sorriu.

— Você é um bastardo, — eu murmurei, tocando seu rosto.

— Vou adorar vê-la perder o controle, — ele brincou. Ele deslizou os dedos para fora de mim em um movimento suave e pegou um preservativo.

— Isso é bom? Você tem certeza? — ele perguntou.

— Quantas vezes você vai me fazer dizer sim?

Ele sorriu e beliscou meu pescoço. — Até que você esteja gritando, querida.

— Vamos ver sobre isso.

Ele inclinou a cabeça, colocou a camisinha e me beijou de novo. Ele se moveu sobre mim e passou uma mão pela minha perna. Ele hesitou quando eu fechei os olhos.

— Ei, olhe para mim, — ele disse.

Eu abri meus olhos. — Você é muito mandão.

— *Eu sou* muito mandão? — ele disse. Ele levantou uma sobrancelha.

— Sim.

— Parece estar gostando.

— Bem, como eu disse, eu realmente não sei o que estou fazendo, — eu sorri, e respirei, e ele se inclinou e me beijou. Desta vez, mantive meus olhos abertos.

Eu assisti à intenção tranquila em seus olhos, como ele se moveu cuidadosamente e com certeza em mim. Eu tomei uma respiração aguda, brevemente surpresa com a sensação.

Eu me enrolei reflexivamente. — Porra, — murmurei.

— Relaxa. Apenas respire profundamente algumas vezes, ok? Se você quer que eu pare, eu vou parar.

— Não quero que pare.

Demorou um segundo para a dor se dissipar e então ele se moveu em mim, tentativamente no início, apenas uma ligeira pedra para trás.

Fechei os olhos e agarrei seus ombros.

— Cristo, você está apertada, — ele sussurrou trêmulo. Eu apertei minhas pernas ao redor dele.

Eu podia dizer que ele estava sendo gentil, respondendo à minha hesitação. Eu podia dizer que ele estava se segurando.

Mas mesmo que eu soubesse, eu sentia apenas ele e me sentia no limite absoluto do controle. Eu estava mal pendurado em minhas próprias reações.

Eu só podia registrar sua presença acima de mim e o mar de prazer enquanto ele se movia em mim. Reconheci brevemente que minha mente tinha ficado absolutamente vazia, como a única coisa que existia no mundo naquele momento era o corpo de Jack Diamond acima de mim, a cama macia embaixo de mim, sua língua suave em meus lábios, seus cílios revoltos contra a mente, a quente onda da construção do orgasmo.

Através da névoa perfeita, um único pensamento coerente registrou: ele estava certo sobre Lucas fazendo errado.

Eu segurei meus dentes em seu ombro para não gritar e Jack tomou conta, sorrindo seriamente, segurando meu quadril e controlando cada movimento para que nada doesse.

— Jesus, Hadley, — ele sussurrou quando ele finalmente chegou. — Jesus Cristo.

Senti como se minha espinha se tivesse derretido numa poça. Eu poderia ter dito algo para esse efeito porque ele riu. Fechei os olhos, respirando com dificuldade, pensando nas outras coisas que eu queria dizer como oh meu Deus. Eu decidi não dizê-los.

Mas *oh meu deus*.

Ele se afastou suavemente, se livrou do preservativo e voltou para a cama. Ele puxou meu corpo desossado de volta para ele.

— Isso foi bom, — eu consegui dizer enquanto envolvia um braço firmemente em volta da minha cintura, e eu me virei contra ele, então minha cabeça estava enterrada debaixo de seu queixo. — Você é bom nisso.

Ele pressionou um beijo duro e duradouro no meu ombro. — Não tenho nada em você, garota.

Deixei cair minha cabeça contra seu ombro sabendo que eu me lembraria melhor do que a minha primeira vez — a noite escura e

preguiçosa de sábado, quando Jack Diamond me fez sentir que ninguém nunca me fez sentir antes.

Eu de alguma forma adormeci. Quando eu acordei, ele estava sentado em sua mesa, meio vestido, com os pés levantados no desktop, lendo *Absalom, Absalom* de William Faulkner na luz baixa.

Ele olhou para mim. — Juro que não te droguei. Você acabou de desmaiar.

Levantei-me e passei uma mão pelo meu cabelo. — Que horas são?

— Quase à meia—noite — disse ele. Ele acenou com a cabeça pela janela. — Está nevando novamente. Você deveria ficar.

— Não, eu realmente deveria voltar para casa, — eu disse. Olhei a janela duvidosamente. Eu podia ver os espessos flocos caindo do céu e cobrindo o mundo novamente. Todo o inverno seria assim, dias e dias de neve.

Ele ficou de pé, segurando o roupão gasto em uma mão. Ele caminhou até mim e me sentou sobre as cobertas, deixando o livro cair de sua mão. — É uma tempestade de neve.

— Eu vivo a dois minutos de distância, — respondi.

— Você estava bebendo, — ele disse, tentando me pressionar de volta para a cama.

— Horas atrás, — eu disse. Empurrei-o de volta.

— Está frio. E eu estou quente.

— Acordo cedo e chuto.

— Não me importo.

Eu sorri, empurrei-o de lado, e saí da cama, tentando fingir que ele não estava me observando enquanto eu me vestia. — Desculpa a coisa toda da soneca ...

— Nah, é legal, — ele disse. — Você trabalha tanto, provavelmente adormece sempre que se deita.

— Quase — eu disse.

Ele assentiu. Ele sorriu suavemente. — Nos vemos, Hads.

— Até a próxima.

Eu ri baixinho no patamar da escada. Isso era exatamente o que eu precisava. Algo divertido. Algo sem expectativas. Algo com alguém tão bonito quanto Jack poderia ser.



Capítulo 17

Eu girei durante as próximas duas semanas, comendo quando dava e entrando na casa de fraternidade depois da meia—noite para ver Jack sempre que podia, o que não era suficiente.

Voei para DC para a entrevista com o *USA Today* e fui o bastante burra para não verificar o horário do ônibus quando eu desembarquei em Chicago na mesma noite, desgastada e com os sapatos menos confortáveis do mundo.

Foi incrível alguém nunca tem nada feito em saltos.

Chamei o David do terminal. E envie-lhe meia dúzia de textos. Mas ele não respondeu. E eu sabia que isso significava que ele não estava perto de seu telefone. David nunca me ignorou.

Sentei-me nas cadeiras de plástico perto da bagagem. Eu tinha duas pessoas para escolher: Andrew e Jack. Eu escolhi Jack.

— Estou presa, — admiti. — No aeroporto.

— Você está me pedindo um favor?

— Completamente, — eu disse.

— Eu vou quebrar o recorde de velocidade da terra no meu caminho até aí apenas para que eu possa me gabar — ele disse.

Ele não estava mentindo. Eu só tinha esperado quinze minutos quando ele estacionou o Jipe na frente.

— Para onde, minha senhora? — ele perguntou.

— O escritório do jornal, se não se importa.

— Sim, claro. Eu estava esperando para leva-la comigo, — ele disse.

Eu sorri e esfreguei meu queixo. — Sim. Eu tenho que ir embora.

— Não pode tirar uma noite?

— Eu posso. Só não posso esta noite.

Quando chegamos ao escritório do jornal, ele me lançou um olhar pesaroso. — Quer companhia?

Eu sorri. — Sim, mas não vou fazer nada.

— Tudo bem — ele disse.

—Obrigado. Muito, — eu disse.

— Foi um prazer. É para isso que os amigos servem.

— Talvez eu deva parar de dormir contigo para que possamos ficar amigos — confessei.

— Na verdade, eu sou um amigo muito merda — ele respondeu. — Então, talvez você devesse continuar dormindo comigo. Vou enviar-lhe a conta pelo passeio de carro.

Andrew estava jogando uma bola de beisebol contra a parede do meu escritório, falando através das páginas de opinião com alguns de nossos colunistas. — Hads, estamos perdidos sem você — disse ele, pegando a bola. — Como foi seu voo?

— Bem.

— Sem atrasos? — ele perguntou. — Há um tempestade sobre Ohio.

Eu ergui minhas sobrancelhas. — Ah, não. Sem atrasos.

— Incrível. Ei, então, você pensou sobre a questão do Dia dos Namorados? — ele perguntou. — Todo mundo gosta da ideia. Certo?

Os colunistas assentiram com a cabeça.

— Ah, eu realmente não pensei nisso. Uma edição especial? — perguntei. Sentei-me na beira da minha mesa e tentei pensar seriamente. — Você acha que isso não seria melhor para a revista?

— Você leu meu e-mail? — ele perguntou. — Fizemos uma repartição por seção.

— Não, eu tenho que olhar para isso, — eu disse, esfregando a parte de trás do meu pescoço.

— Bem, vamos falar sobre isso, — ele disse. — É um bom conceito. É embalagem para um artigo sobre sexo e romance, que são mais do que apenas buzzwords. O feriado oferece relevância para lidar com questões maiores, como o acesso ao controle de natalidade, taxas de agressão sexual, todas as coisas que ninguém fala porque nunca é interessante.

— Eu ouvi, eu disse.

— Bem, acho que não pode dizer não.

— Não estou dizendo que não. Eu não estou decidindo agora. OK?

— Quando? — perguntou Andrew. — Vamos. É uma boa ideia. Juliet quer dar uma tentativa de edição.

— Não sei. Como sobre —

— Terça-feira — disse Andrew. — E o jantar de terça-feira?

— Estou na agenda para copiar na terça-feira.

— Posso pegar o seu turno, — Shuchi, um dos nossos colunistas joviais, oferecido com um sorriso.

Eu exalei. — Oh. Bem, tudo bem então. — Tentei sorrir para Andrew. — Obrigado, Shuchi.

— Perfeito, — Andrew disse. — Obrigado, rapazes. Ótimo encontro. — Ele bateu palmas.

Eles pegaram seus cadernos e saíram. — Como foi a DC?

— Ótimo — eu disse. — Estive lá por uns cinco minutos.

Andrew assentiu lentamente. — Bem, vou deixar você fazer o teu trabalho.

Eu balancei a cabeça. — Obrigado. Desculpe por ser tão curta. Estou apenas um pouco sobrecarregada.

— Tudo bem — disse Andrew. — Falamos na terça-feira.

— Sim. Sim.

— Vou fazer uma reserva em algum lugar.

— Sim, em qualquer lugar está tudo bem — eu disse. — Podemos ir ao Chipotle ou algo assim. Obrigado.

— Certo, — ele sorriu. — Vai ser bom. Dia dos namorados.

Eu sorri. — Você está me matando.

Ele riu e sibilou seu caminho para fora do escritório.

Fiquei lá até a meia-noite e depois fui à biblioteca para terminar um ensaio árabe. Eu adormeci enrolado em uma cadeira de biblioteca e só fui para casa quando o sol começou a subir.

Eu tive um daqueles dias onde o tempo se move rápido e lento ao mesmo tempo — onde você está tão cansado, nada realmente faz muito sentido.

Fiquei feliz quando acabou.

Mandei uma mensagem para David para ver se ele voltaria para jantar. Ele não cozinhava nas sextas-feiras em poucas semanas.

Ele costumava responder aos meus textos instantaneamente, mas ele só respondeu a minha mensagem sobre a necessidade de uma carona do aeroporto no dia seguinte. Com desculpas e emojis e algo sobre estar ocupado com Ben. Mas ele não escreveu de volta ao meu texto sobre o jantar. Então, eu fui para o meu quarto para escrever uma nota de agradecimento ao meu entrevistador, Cheryl.

Eu estava preocupada com David.

Ou talvez eu me senti um pouco negligenciada. Mordi meu lábio. Talvez eu estivesse sendo egoísta.

Ele estava de cabeça sobre os calcanhares apaixonado por Ben. Ben que teve que manter sua orientação sexual escondida. Ben que não podia dar ao luxo de ter alguém sabe. Ben que ainda estava ligado com as meninas para manter as aparências. E Davi acreditava que tudo era necessário.

Eu sabia que não devia julgar, mas achei difícil não fazê-lo.

Ben poderia dar um pouco. Ele podia parar com as meninas, pelo menos. Se ele estivesse fazendo David tonificar toda a sua personalidade em público, então Ben poderia parar de dormir com as meninas.

Depois que eu escrevi meu agradecimento, David finalmente retornou para mim. Desculpe, tenho planos com Ben.

Jack estava ocupado, também, em um evento de corrida para sua fraternidade.

Eu pedi comida chinesa, ligando em um reality show na realidade TV, e senti pena de mim mesma. Eu coloquei um selo em minha nota de agradecimento, e suspirei.

A entrevista tinha ido bem. Eles queriam um pós—graduado recente com experiência editorial. Mas, eu não poderia ficar animado sobre ele como eu tinha sobre o trabalho do *Times*.

Eu peguei meu laptop e disparei impulsivamente um e-mail para Suzanne no *Times*.

Cara Suzanne,

Eu só queria ver com você e se há outras posições no Times que poderiam estar se abrindo em um futuro próximo.

Espero ouvir de você em breve.

Atenciosamente,

Hadley

Enviei-o antes que eu pudesse me convencer.

Sim, ele estava desesperado. Mas eu estava desesperada, também. Eu sabia o que eu queria fazer. Eu tinha passado quase todas as sextas-feiras na faculdade assim — sozinha e exausta — eu não deveria desistir só porque eu tinha ouvido alguém ter dito — não — uma vez.

Fiquei dormindo no sofá, na maneira como você adormece quando você está exausto, espessa, como cair pesadamente em um casulo sem sonhos de escuridão.



Capítulo 18

Cheryl ofereceu-me o trabalho enquanto eu voltava para o apartamento no sábado à noite. Eram oito horas e eu tinha certeza de que o número desconhecido pertencia a um operador de telemarketing. Mas, era ela, trabalhando em um sábado.

Isso me fez pensar que eu realmente não tinha ideia do que eu estava me metendo.

— Posso ter algumas semanas para pensar? — perguntei, tentando com as chaves. Fiquei aliviada. Era uma opção e uma boa, mas eu ainda estava segurando a esperança de que eu poderia conseguir um emprego que eu realmente queria.

— Claro, tome seu tempo — disse Cheryl. — Estamos ansiosos para ouvir de você.

Eu não tinha ouvido resposta de Suzanne. Suponho que era de se esperar.

Destranquei a porta, finalmente, e entrei em nosso apartamento. A luz do quarto de David estava acesa, pela primeira vez em dias. Na

maioria das vezes, quando eu voltava para casa, ele estava dormindo ou ele tinha ido para Ben.

— David! — Eu gritei.

Quando ele não respondeu de volta, entrei em seu quarto franzindo a testa. Ele deve ter deixado as luzes acesas antes de sair. Eu suspirei, decepcionada, e as apaguei.

E então ouvi um som, como choramingar. Eu liguei as luzes e cruzei a porta do banheiro dele.

Eu hesitei. Não queria incomodar em nada no chuveiro, mas soado como alguém com dor. — Ei, David? — Eu chamei suavemente.

Eu bati. — David?

— Hadley? — ele gritou de volta, trêmulo.

— Você está bem? — Eu perguntei.

— Sim, tudo bem — ele disse.

— Quer que eu entre?

Ele não disse nada, então eu abri a porta. Ele estava curvado sobre a pia, pressionando um pano tenso de sangue para sua boca.

Atravessei o banheiro. Coloquei minhas mãos em suas costas. — David, — eu engasguei.

Um de seus olhos estava cheio de lágrimas. O outro estava muito ferido, já inchado, escondendo o azul ovo de robin de sua íris que me assustou a primeira vez que o conheci. — David, — eu repeti. — O que aconteceu?

— Nada, — ele murmurou.

— Querido…

— Ben e eu entramos em umadiscussão.

— Ele bateu em você?

— Nós entramos em umadiscussão, — David repetiu, como se isso fosse diferente. Seu lábio estava dividido e ele estava sangrando das gengivas.

— David, — eu disse. — Precisa ligar para a polícia.

— Estou bem — ele disse.

— Fique aí. Aqui. Sente-se — eu disse, chutando o assento do vaso sanitário e empurrando-o pelos ombros para que ele estivesse sentado. — Vou ligar para a polícia. Eu volto já.

— Não! Hadley, falo sério. Pare. Por favor, não, Hadley. Nós entramos em umadiscussão. Era mútuo. Eu não sou uma menina.

— Nunca disse que isso.

— Bem, é diferente.

— Não, não é diferente.

— É completamente diferente.

— O namorado de ninguém deveria bater neles, — eu gritei para ele, furiosa com a implicação. — David! Ele bateu a *porcaria* fora de você.

Ele engoliu em seco. — Eu disse que estava bem. — Sua voz quebrou quando ele disse isso e eu instantaneamente lamentei levantar a minha voz. — Pode me ajudar?

Suspirei. — Só me dê um segundo.

— Não chame a polícia, Hadley. Estou te implorando.

— Tudo bem. Eu não vou. Vou pegar gelo. — Tentei coletar meus pensamentos enquanto caminhava para o congelador. *Não fique emocional. Ele foi atacado por alguém de quem ele está apaixonado. Seja lógica e firme e você pode falar sobre isso na parte da manhã.*

Tudo soou bem na minha cabeça, mas quando eu peguei um pano para embrulhar o saco de plástico de gelo, eu queria bater sangrentamente em Ben.

— *Filho da puta*, — murmurei para a geladeira. — Estúpido idiota.

Voltei para o quarto de David. Ele tirou sua camisa salpicada de sangue e sentou-se no banheiro, tremendo. Entreguei-lhe o gelo e voltei para seu quarto. Levei seu roupão para ele, e o ajudei a aliviar seus ombros doloridos nas mangas.

— Obrigado, — ele sussurrou.

Eu estalei. Não podia me ajudar. — Vamos para sala, — eu disse, puxando-o para cima. — Vou fazer chá.

Eu o ajudei no sofá e passei pelos canais, procurando algo que pudesse fazê-lo sorrir. Isso seria difícil. Mas eu encontrei uma repetição

de Make it or Break It , um show caseiro ABC Family que tínhamos sido obcecados em nosso ano de calouro, quando ambos tínhamos de dezoito anos idade.

— Adoro esse show, — ele disse suavemente.

Eu coloquei a chaleira, rufando meus dedos contra a bancada. O silêncio estava repleto de medo e adrenalina. Eu queria levá-lo para ele. Eu fiz um copo de camomila com mel e trouxe para ele.

Sentei-me de pernas cruzadas ao lado dele no nosso sofá e ele se inclinou contra mim, embalando o copo em suas mãos. — Obrigado, Hadley.

— Sim, claro — eu disse suavemente. Passei os dedos pelo cabelo curto. Ele cortou para Ben.

— Eu me sinto um idiota, — ele murmurou.

— Você não é idiota.

— Nós acabamos de entrar em uma discussão, — ele disse suavemente. — Eu sei como é. Mas, era apenas um argumento.

Engoli em seco. — O que aconteceu? — perguntei tão neutra quanto pude.

— Ele ligou para essa garota, — ele disse. — Eu perguntei a ele — perguntei se ele poderia parar de fazer isso. Ele ficou chateado.

— E ele bateu em você?

Ele encolheu os ombros. — Não. Tentei ir embora e ele não me deixou. Mas eu tentei, fisicamente, ir e ele ficou chateado e... — Ele engoliu e fechou os olhos antes de continuar. — Ele tentou se desculpar. Eu não o deixaria. — Ele mordeu o lábio. — Mas, era, você sabe, nós dois estávamos nos enrolando um ao outro. Eu só não sabia que ele estaria assim.

— Seu namorado não tem permissão para bater em você, — eu disse o mais firmemente que pude. Eu pensei que ele deveria saber que já. Pensei que todos soubessem disso intrinsecamente. Mas ele estava insistindo que tinham tido umadiscussão, que era uma situação totalmente diferente. Mesmo que eu não o visse essa maneira. E eu já podia sentir ele me afastando.

— David?

— Sim, sim, eu sei. Vou falar com ele, — disse David. Ele mudou de posição.

— Você bateu nele de volta? — Eu perguntei.

— Não, não — ele balançou a cabeça. Ele riu suavemente e tristemente. — Você me conhece. Eu sou apenas verbalmente confrontacional.

Engoli em seco e assenti. — Dave, eu sei que isso parece uma luta para você. Mas você não deve ficar com alguém que bate em você. Não importa o quão louco por ele você é.

Ele não disse nada. Ele pegou o chá e tomou um gole. — Não foi assim, Hadley.

— Você continua dizendo isso, mas ele bateu em você.

— Eu sei, mas foi diferente.

Eu soltei um suspiro frustrado. — Deixe-me ver seu olho.

Ele soltou o gelo de seus olhos e fez uma careta em mim. — Quão mal? — ele perguntou em uma voz pequena.

— Vai ficar bem. Mantenha o gelo sobre ele.

— Ele está sob muita pressão, — ele continuou. — E tem medo da coisa toda e eu só escolhi algo que o incomodou para começar. E, eu não sei. Eu não podia deixa-lo ir.

— Você realmente não precisa dar desculpas para ele, — eu disse.

— Não, eu não estou dizendo que ele deveria ter me acertado. Mas nós acabamos de discutir. É como lutar com meu irmão, sabe? — disse, como se eu entendesse.

Eu me recusei a aceitar isso. Mas não era o momento para uma discussão. Mordi meu lábio e ficamos quietos até que os créditos rolam. David sentou-se em silêncio, enquanto outro comercial tocava.

— Eu realmente gosto dele, — ele disse depois de um momento. — Eu sei que você acha que estou sendo louco, mas eu realmente, realmente gosto dele. Preciso que confie em mim. Foi só uma discussão. Ele não é, você sabe, abusivo.

Eu inalei bruscamente. — David, não posso dizer que não faz mal.

— Está bem. Mas por favor, não tente me convencer a terminar com ele. Porque eu estou dizendo a você agora que isso não vai acontecer. Eu não vou desistir disso ainda.

— Fazendo você esconder quem você é? Isolando você de seus amigos? Acertando você? Estas não são as ações de alguém que te ama, — eu disse com voz rouca. — Não vou sentar e dizer para você aguentar.

— Eu não sou um idiota, Hads, — ele disse, com um toque de seu antigo tom em sua voz. — Eu não ficaria com alguém perigoso. Parece ruim, mas não é o que você pensa. Preciso que confie em mim. OK?

Eu encontrei seus olhos e eu não sabia o que mais dizer. Eu queria gritar comigo tanto quanto eu queria gritar com ele. Definitivamente não era bom para alguém bater em meu melhor amigo. E foi especialmente não é bom para o seu namorado chamado para fazê-lo. E a parte menos boa sobre isso era que David iria aceita-la.

— Ok, — eu disse. Engoli em seco e ele acenou com a cabeça agradecido.

Eu era velha o suficiente para saber que muito poucas coisas na vida eram tão preto e branco quanto pareciam quando você era criança. Mas este era um deles. Isso não aconteceu. Não deveria. Estava errado.

Mas, eu disse ok quando eu sabia que não deveria ter dito.



Capítulo 19

— Em algum lugar, de alguma forma, eu perdi minha espinha dorsal, — eu disse a Jack, deitado em sua cama, de cuecas e uma de suas camisas de flanela. Eu estava totalmente começando a entender como alguém poderia usá-las todos os dias.

Jack estava quieto. — O que aconteceu?

— Eu não sei. — Eu estava de costas olhando para o teto rachado com a cabeça no colo de Jack, e eu queria ficar aqui para sempre, o que provavelmente estava contra uma das nossas regras. — O namorado de David o espancou.

Jack ficou quieto por um breve segundo. — Quem diabos é o namorado dele?

— Não posso te dizer.

— Não posso mata-lo se não me disser quem é.

Eu sorri brevemente. — Eu disse ao David que não. Ele está no armário e acho que ele está apavorado caso alguém descubra, eu disse. — Mas ele, quero dizer, seu olho está inchado e fechado. David disse que

era uma discussão. E ele fez toda essa coisa longa, onde ele disse como eu só preciso que você confie em mim sobre isso. E eu disse *tudo bem*, de todas as coisas inacreditavelmente estúpidas para dizer, eu estava tipo, ok, David, está tudo *bem* comigo que seu namorado vagabundo bateu em você, e que você não pode ver de um olho, e que você é um naufrágio emocional. Não se preocupe. Amor é amor. — Suspirei. — Sou uma maldita idiota.

Jack fez um barulho no fundo de sua garganta. — Bem, o que mais você poderia fazer?

— Não sei. Faça com que ele entenda que não está tudo bem.

— Bem, eu ainda acho que você tem uma espinha dorsal, — Jack disse suavemente. — E eu posso vencer a merda do namorado dele.

Eu dei-lhe um olhar.

— Não me olhe assim. Eu poderia ficar violento por você.

— Por David, — corrigi.

— Eu também poderia ser violento por David. Eu tenho um carro.

Eu ri. — O que vai fazer com um carro?

— Atropelá-lo. Ir enterrá-lo. Deixá-lo cair no lago. Eu posso fazer isso, baby, — Jack sussurrou, pressionando seus lábios contra minha testa. — Diga-me, querida.

— Não —

— Tenho permissão para te chamar de 'baby' quando estou fingindo ser um criminoso. É assim que os criminosos falam — disse Jack. Ele sorriu, mas apenas brevemente. Ele olhou para mim, como se estivesse pensando: — Você quer denunciá-lo? — ele perguntou depois de um momento.

— Para quem?

— Não sei. A polícia? Saúde Campus? CAPS? — CAPS era o centro de crise de saúde mental no campus. Eu nem tinha pensado nisso. — Tenho certeza que eles têm algum tipo de processo que você pode usar.

— David me mataria se eu tivesse esse cara em apuros.

Jack encolheu os ombros. — Sim, talvez no começo.

Suspirei. — Não sei. Ele é meu melhor amigo. Eu confio nele.

— Está preocupado com a segurança do David?

— Não. Bem, talvez. Eu não sei. Psicologicamente, um pouco. Quer dizer, David era - ele era diferente antes de começar a vê-lo. Ele estava feliz por ser gay. Agora, ele sente como ele tem que escondê-lo.

— Mas ele disse que eles entraram em uma discussão?

— Sim.

— Talvez fosse apenas uma discussão.

— David não bateu de volta.

Jack franziu o cenho. — Talvez David precise tomar algumas aulas de boxe.

— Não é uma má ideia — eu disse, franzindo o cenho. — Vou executá-lo por ele.

Jack esfregou o queixo. — Falou com ele sobre isso?

— Não desde quinta-feira.

— Bem, fale com ele. Quero dizer, a melhor coisa séria que David decidisse que esse cara era um problema.

— Sim, eu concordei. Eu balancei a cabeça. — Não sei. Desculpe incomodá-lo. É perturbador. Além dos jornalistas, David é meu único amigo. E eu sinto que, eu não sei, eu deveria estar fazendo um trabalho melhor. —

— Hads, você sabe que está fazendo o seu melhor.

— Eu não sei.

Ele passou a mão pelo meu cabelo e se inclinou para me beijar. Foi um beijo afetuoso mais do que qualquer outra coisa e eu sorri para ele por um longo minuto.

— Então, ainda gosta da aula de Riley? — perguntou Jack, quebrando o silêncio.

— Sim, — eu disse.

— O que ele tem em relação? — perguntou Jack. — Desde que você está, obviamente, não em guerra com ninguém. —

— Ele tenta nos fazer escrever sobre coisas que são caóticas, — eu disse. — Como, escreva um relato preciso de uma época em que você estava totalmente desperdiçado.

Jack riu. — Como você se lembra o suficiente para fazer isso?

— Exatamente. E como você não se faz parecer um idiota total?

Jack sorriu. — Acho que gosto de você quando está bêbada.

— Acho que nunca me viu realmente bêbada.

— Na noite em que dormimos juntos...? — Ele sorriu.

— Oh, não. Você definitivamente nunca me viu realmente bêbada, — eu disse. — Não sou legal.

Ele riu e deslocou minha cabeça para fora de seu colo. Eu me sentei quando ele ficou em pé. — Gostaria de ver isso, na verdade. Poderia ser divertido.

Eu o observei ir até sua mesa e pegar um livro. Seus livros — e ele tinha mais de cem — estavam ordenadamente organizados acima de sua mesa. E os que não se encaixavam lá alinhados uma estante de livros por sua cama. Eu não tinha encontrado ninguém com tantos livros quanto Jack. A maioria dos estudantes só comprava livros necessários para suas aulas. Mas Jack tinha mais livros do que qualquer professor podia atribuir, e todos pareciam ter sido lidos.

— Eu tenho algo para você, — ele murmurou sobre seu ombro, meio tímido. — Quero dizer, eu não o consegui para você. Eu já o tinha. Mas, eu acho que você gostaria. — Ele moveu alguns livros e encontrou o que estava procurando. — Aqui — disse ele, entregando-me uma cópia desgastada de *The Bombs over Bosnia*, uma coleção de artigos de Robert Riley sobre a Bósnia.

Eu o peguei, surpreso e grata. — Uau. Como conseguiu ... — Eu me cortei. — O padrinho, certo?

— Sim. Tenho algumas cópias. Essa é uma primeira edição, — ele disse. Ele esfregou o queixo e deu de ombros. — Pensei que gostasse.

Eu tinha uma cópia do livro de bolso em casa. Eu poderia ter dito que já tinha, mas não seria verdade em tudo. Esta cópia era usada e lida e possivelmente até amada, como os melhores livros devem ser. E era do Jack.

Eu folheei as páginas. Alguém os enrugou enquanto eles estavam lendo. Talvez uma e outra vez. Eu vi a caligrafia familiar de Jack nas

margens e passei meus dedos pelas palavras. Quando eu olhei para cima, ele estava me observando.

— Obrigado, Jack.

— Eu não sei se isso é contra as regras ou não, — ele disse timidamente.

— Os livros são legais — eu respondi.

— Certo, — ele sorriu. — Boa.

— Obrigado.

— Sim, sim, sim. Quero dizer... Eu já tinha. Não é como... — ele ergueu os ombros e sentou-se à sua mesa.

Eu ri. — Bem. — Coloquei-o suavemente ao lado da minha bolsa e da minha roupa e saí da cama.

— O que você vai fazer amanhã? — ele perguntou.

— Jornal —

— Sabe, realmente estou ficando doente com essa palavra.

— Conte-me sobre isso, — respondi.

Ele sorriu enquanto troquei suas roupas pelos meus menos confortáveis. — você sabe, você poderia dormir.

— Regras.

— Como é que dormir na mesma cama significa mais para você do que sexo?

— Isso não significa mais para mim, — eu disse a ele, abotoando minha calça jeans e deslizando meus pés em meus tênis Converse.

— Quero dizer, mesmo que você deva ter tempo para dormir.

Eu revirei os olhos. — Sim. Na minha própria cama. — Eu o beijei brevemente e ele estendeu a mão para o meu pulso. Eu segurei o livro que ele me deu em uma mão e olhei em seus olhos castanhos. E eu me inclinei para outro beijo.

Eu amei o jeito que ele me beijou. Mas isso pareceu mais sério, mais profundo e mais longo, e nós nos abraçamos por um longo momento antes de limpar minha garganta e sentir um rubor correndo em meu rosto. Virei a cabeça.

— Te vejo por aí, Hads.

— Te vejo por aí, Jack.

Ele sorriu. — Se precisar de algo, você sabe, basta pegar o telefone.

Eu assenti e sorri de volta. — Eu vou. —



Capítulo 20

Seria meu último inverno de andar pelo longo e frio campus do estacionamento para o escritório do jornal. Enquanto havia coisas que eu perderia sobre Northwestern, o tempo não era uma delas. Meu telefone vibrou no meu bolso, e eu me abaixei, esperando ver o nome de Jack iluminando a tela. Mas era apenas Andrew.

8 ainda funciona para jantar esta noite?

Eu fiz um barulho frustrado na parte de trás da minha garganta. Eu tinha esquecido. Eu digitei uma resposta com meus dedos congelados: *Talvez 8:15? Encontro você no jornal em 5.*

— Ei, — eu disse sem fôlego quando cheguei ao meu escritório. Andrew estava esperando pacientemente, examinando o rascunho da edição de amanhã. — Só tenho que falar com Justin por dois segundos e depois podemos ir.

— Claro, sem preocupações.

Ele estava em cáqui e um botão aberto. Eu estava realmente usando calças de moletom. — Tinha um lugar mais bonito em mente?

Ele olhou para minha roupa hesitante. — Sim. Eu fiz reservas no Mill House. Tudo bem?

Um dos mais elegantes e caros restaurantes em Evanston. Eu acenei com a cabeça uma vez. — Claro. Hum. Ótimo. Eu vou ... — O Mill House era o tipo de lugar onde você foi com seus pais. Se seus pais estavam super tensos.

Como se para fazer um ponto, meu telefone vibrou e eu olhei para a tela.

Jack.

Paraquedismo é contra as regras?

Eu ergui minhas sobrancelhas e comecei a digitar.

— Mudar? — Andrew terminou minha frase.

Eu olhei para cima. — Certo. Desculpa. Vou mudar. Eu só, cinco palavras com Justin, ok?

— Sim, claro. Não tenha pressa.

Atravessei o escritório para o computador de Justin.

— O que foi? — Eu perguntei. — Problemas de atribuição?

— Sim, desculpe, — ele disse. — Então, eu tenho está citação no registro de um treinador atlético que disse que eu não poderia identifica-lo pelo nome ou para qual esporte ele treinou. Ele disse que eu poderia dizer que ele era um treinador principal de uma equipe de time, mas nenhum outro identificador.

— Isso está no orçamento para 2014? — perguntei. Eles haviam desviado recentemente vários milhões de dólares destinados à equipe de futebol para programas que afetariam o corpo estudantil.

— Sim, — ele disse. — Acho que é suficientemente crítico que o anonimato esteja bem aqui.

Eu leio rapidamente:

— A administração está tentando enviar uma mensagem. Eu não vou citar nomes, mas tem havido ataques repetidos em nosso programa de administradores em geral — todos, desde os oficiais de admissão aos reitores acadêmicos. A universidade se recusa a reconhecer a importância que temos para os alunos. Isso aconteceu antes, em 2007, e

danificou o programa de futebol e que, por sua vez, danificou as doações que os de ex-alunos doam caiu em 2008. Não é uma boa política usar o orçamento atlético para programas não-financiados na faculdade.

Eu balancei a cabeça. — Você pode usar tudo menos as duas primeiras frases. Ele está nos dizendo que a administração está tentando enviar uma mensagem, mas se ele não vai apoiá-la com qualquer coisa específica e ele não vai colocar o seu nome por trás, não podemos executá-lo. Ele não pode apenas falar sobre a situação anonimamente.

— Sim. Ok, — Justin disse.

— E salientar o fato de que houve uma crise financeira em 2008, — eu adicionei. — E que a verba foi cortada de todas as universidades.

— Sim, — Justin concordou. — Bom ponto. — Ele cortou parte da citação e ambos examinamos o artigo novamente para ver se ainda fazia sentido.

— Acho que parece bom, — eu disse. — Tenho que correr. Escreva para mim se tiver qualquer outra dúvida.

— Eu vou. Obrigado, Hadley. Divirta-se.

— Obrigado! —

Voltei para Andrew. — Desculpe, pronto?

Ele assentiu. — Vamos.

Eu o segui pelas escadas e puxei meu telefone para o texto Jack: *Paraquedismo é totalmente legal.*

Excelente. Está dentro? Sábado?

Eu mordi meu lábio. *Certo.*

Coloquei meu telefone no bolso e saí do frio para entrar no carro de Andrew. Dirigia uma fantasia, um novo Range Rover. Seu pai era algum tipo de magnata do petróleo — algo que Andrew nunca diria, mas o Google rapidamente o faria.

Ele ligou o aquecedor e eu tremi.

— Eu sinto como se eu não tivesse visto tanto de você ultimamente, — Andrew disse, dirigindo em direção ao meu apartamento.

— Mesmo? — Eu perguntei. — Estou no jornal todos os dias.

— Eu sei, mas você costumava vir às noites de bar. Eu não acho que você foi a uma durante este ano.

Eu sorri. — Vou para o próximo.

Ele estacionou ao lado do prédio. — Você deveria. Eles são divertidos.

— Eu vou, eu prometi. Olhei para a hora. — Vou ser rápida. Prometo.

Andrew assentiu com a cabeça. — Sem pressa.

Corri para cima rapidamente, tentando pensando em algo para usar em Mill House.

As luzes estavam acesas em nosso apartamento e eu ouvi a TV soar como eu chutava minhas sapatilhas e entrava.

— David, — gritei. — Eu preciso de ajuda.

Houve um forte estrondo quando eu joguei minhas chaves na mesa e eu gritei de surpresa. David estava sem camisa e ele parecia petrificado e eu podia ver Ben Mitchell se escondendo atrás do sofá. Um filme estava tocando.

Espero que ele se machuque, pensei impiedosamente. Eu peguei minha respiração. — Jesus, David, você me assustou. O que devo vestir para Mill House?

— Hadley, — ele disse em uma voz pequena. — Pensei que estivesse no jornal?

Olhei para Ben. — Há uma pessoa no chão.

Ben ficou de pé. Ele olhou para David. — Disse que estaríamos sozinhos.

— Ela sabe — disse David, soando cansado.

— Ela *sabe*? — Ben disse explosivamente.

— Eu não me importo, não direi nada, e assinarei um acordo de não-divulgação se você isto lhe tranquilizar, — eu informei friamente para Ben. Voltei minha atenção para David, que ainda parecia completamente assustado. — Mill House, David. Foco.

— Vestido preto, leggings, botas. Esse vestido de malha. Com o arco. Manga longa. Seus pais estão na cidade?

— Não, eu disse.

— Quando ela descobriu? — perguntou Ben a David. Eu não gostava de seu tom de voz. Era surpreendentemente acusatório.

Eu realmente deveria ter dado o nome de Ben para Jack quando ele ofereceu para executá-lo.

— Ela não vai dizer nada — disse David suavemente.

— É melhor mesmo — murmurou ele.

Isso foi uma *ameaça*? — Confie em mim, tenho coisas melhores a fazer do que falar sobre sua sexualidade, Ben, — eu disse.

— Hadley! — exclamou David.

Eu caminhei para o meu quarto. Coloquei o traje exato que David havia sugerido: um vestido de malha de mangas compridas, calças pretas macias e botas pretas. Eu olhei no espelho, coloquei meu cabelo para baixo, fiz uma careta, e coloquei meu cabelo de volta. Não havia muito que eu pudesse fazer sobre o meu cabelo. Gostou de ficar coxo, e eu não tinha paciência para encorajá-lo a se comportar de qualquer outra maneira.

Ben e David estavam falando em voz baixa quando eu emergi, torcendo meu cabelo em um coque baixo.

— Eu realmente sinto muito, — David estava dizendo. — Eu juro. Ela é a única pessoa que sabe. OK?

Eu estava realmente começando a desprezar esse garoto. Eu o odiava desde que ele atingiu David, mas agora ele estava se movendo para o território combatente inimigo.

— Quem vai leva-la para Mill House? — perguntou David alegremente.

— Andrew.

Ele sorriu. — Ah, isso é incrível, Hadley.

Olhei-o com curiosidade. — Sim, vai ser bom sair do escritório por um tempo. —

— Então, você não está mais vendo Jack?

— O que? — Eu perguntei.

David ergueu as sobrancelhas. — Vai ter um encontro com Andrew Brenner, certo?

— Não é um encontro. Estamos falando de algum número especial em fevereiro. — Eu exalei. — Para o Dia dos Namorados.

— *Ceeerto*, — disse David. — Em Mill House.

Olhei para ele. — Não, não, não. Você está... está confuso. É o *Andrew*. É para o *jornal*. —

David deu uma risadinha. — Não pode estar falando sério, Hadley. Ele está levando você para Mill House. *Isso* é um encontro.

— Não é um encontro.

— Aposto vinte dólares que ele tenta te beijá-la.

— Estou indo. Não é um encontro — eu disse, abrindo a porta. — Adeus.

Eu respirei fundo no corredor. Eu ia jantar com o Andrew. Uma refeição. Nada mais. Nada menos. Falávamos sobre o jornal. Era isso. Definitivamente não é um encontro.

Os ventos noturnos do lago sopraram ferozmente enquanto eu caminhava para o carro. O cabelo que eu tinha empurrado para trás das minhas orelhas voou descontroladamente. Senti Andrew me observando enquanto eu abria a porta e a fechava.

— Desculpe, — eu disse.

— Não se preocupe. Você foi rápida. — Ele sorriu. — Você está muito bonita.

Merda.

Nós éramos os mais jovens no Mill House. Por uma década. Finalmente.

Uma garçonete chique e de cabelos escuros examinou nossas licenças de motorista quando Andrew pediu a lista de vinhos. Andrew pediu uma garrafa de vinho caro o suficiente para impressioná-la. Ou talvez fosse para me impressionar. Eu não conseguia pensar em uma boa razão pela qual ele deveria fazer qualquer um.

Ele tinha me visto se comportar mal todo o ano. Ele tinha me visto gritar com copiadores e quase irromper em lágrimas quando eu não tinha dormido o suficiente. Não entendi precisam de US $ 200 garrafa de vinho

como Andrew. Eu gostava dele desde o começo. Eu simplesmente não *gostava* dele assim.

O delirante de David, uma parte do meu cérebro sussurrou para mim. Mas outra parte foi montar peças do que eu tinha imaginado antes. A maneira como ele estava sempre perguntando se eu queria sair ou ver se eu queria almoçar ou café para falar sobre o jornal.

Quando nos beijamos no ano passado, eu tinha dito que era um erro. Eu pedi desculpas. Eu lhe havia dito que nunca faria nada para ameaçar nossa amizade. Ele apenas balançou a cabeça concordando.

Mas, finalmente, ele concordou comigo. Ele não precisava concordar.

Então, não era um encontro.

— O que você gosta daqui? — Eu perguntei. — Não tenho estado aqui desde o fim de semana com meus pais.

Ele sorriu. — Sim, meus pais adoram este lugar. Pegue a trufa massas.

Eu levantei uma sobrancelha. — Onde é isso?

— É um dos seus especiais. É incrível. Apenas confie em mim. —

Concordei e fechei meu cardápio. — Certo. — Eu tomei um gole do vinho.

— Como é?

Eu só sabia o suficiente sobre o vinho para saber que eu não gostei. — É muito bom.

Ele sorriu. — Estou feliz que você goste. É um Borgonha branco. Um dos favoritos da minha mãe.

— Muito legal. —

Eu olhei ao redor do restaurante desconfortavelmente. Ele não parecia ter nada a dizer. Eu limpava minha garganta desajeitadamente e mexia com meu lugar.

— Então, o que você normalmente bebe? — ele perguntou.

— Eu não sei, honestamente — sorri. — Tudo o que está disponível. Portanto, este é um regalo.

— Pensei que soubesses mais sobre o vinho.

— Sério? Por quê?

— Você cresceu tão perto de Napa.

Eu levantei meus ombros desafortunadamente. — Sim. Eu não sei. Eu acho que você só tem que ser o especialista hoje à noite.

Ele riu. — Bem, seja eu.

— Assim. — Limpei a minha garganta. — Dia dos Namorados.

— É uma boa ideia. Juliet Robinson veio com ele. Conhece a Juliet? Ela faz a reportagem de notícias locais e o relatório do crime no campus?

Eu balancei a cabeça. — Claro, ela é muito boa.

— Certo? — disse Andrew. — De qualquer forma, as pessoas não leem seus artigos. Ela fez um artigo sobre agressão sexual no campus em setembro. Ficou com 22 hits no site.

Eu exalei. — Então, a alternativa é escrever sobre o Dia dos Namorados?

— É só mudar a embalagem. Amor, sexo e relacionamentos no campus. Todas as coisas que ninguém fala após a orientação de calouro como estupro de encontros e sexo seguro. Podemos torna-lo pessoal. Juliet falou com um grupo de pessoas diferentes que disseram que estariam dispostas a escrever sobre suas experiências.

Suspirei.

— É uma boa ideia, Hadley. Qual é o seu problema com isso? — ele sorriu.

— É um jornal — eu disse. — Nosso trabalho é cobrir as notícias. Não é ser defensores da mudança social ou celebrar um feriado. Quer dizer, Andrew, vamos lá. É como fazer uma questão da Páscoa para chamar a atenção para a situação dos animais de fazenda da fábrica.

Ele sorriu. — Exceto por um feriado secular e as vítimas não são animais de fazenda, mas sim companheiros de escola. E Dia dos Namorados é um feriado relacionamento. Não é um trecho para fazer uma questão que lida com relacionamentos.

Abri a boca e depois a fechei. Eu bebei meu vinho. Andrew sorriu e eu suspirei.

— Ouça, eu sei que você odeia o Dia dos Namorados — Andrew disse.

— Não odeio isso. Eu acho que é estúpido, — eu disse. — Também acho que o gatinho da minha mãe Priscilla é estúpido e eu a adoro. E eu não estou dizendo que devemos cobrir estas questões. Deveríamos. Mas não devemos usar o sexo e a cor rosa para embalá-los.

— Dia dos Namorados não é apenas sobre sexo.

— Sim, é também sobre rosa. E flores. E chocolate. E ursos de pelúcia. Nenhum dos quais são notáveis.

Ele riu. — Você é um cínico. Você não acha que é pelo menos um pouco sobre relacionamentos? — Eu tomei outro gole de vinho e Andrew pegou a garrafa. Ele reabastecido meu vidro e, em seguida, o seu.

Eu balancei a cabeça. — Não é nada sobre relacionamentos. É sobre sexo. Você e eu temos um relacionamento. David e eu temos um relacionamento. Juliet e eu temos um relacionamento. E o Dia dos Namorados não é sobre nenhum desses relacionamentos. Trata-se de relacionamentos entre pessoas que fazem sexo com outras pessoas. Ou entre pessoas que querem ter relações sexuais umas com as outras.

Andrew me deu um pequeno sorriso. — Acha mesmo que é a única diferença?

— Sim. Do contrário, as pessoas se casariam com seus melhores amigos o tempo todo — eu disse.

— Algumas pessoas.

— Fazer o que?

— Casar com seus melhores amigos.

Eu balancei a cabeça. — A coisa toda é antiquada. O casamento era uma construção social para proteger a propriedade e garanti que as mulheres com filhos não fossem abandonadas. Não faz sentido biológico. Isso fez sentido social antes do advento do controle de natalidade, mas agora é basicamente um ponto discutível. Está em declínio: casamento, relacionamentos, tudo isso.

— Deus, você realmente é de São Francisco, não é?

Eu sorri. — Não pode vir como um choque para você que eu não sou uma romântica.

— Bem... mesmo pessoas não românticas se apaixonam.

— Eu odeio essa frase.

— A sério? — perguntou Andrew, com um sorriso.

— A ideia de que as pessoas *caem* no amor, — eu disse. — Parece tão desleixado. Você *caiu*? Mesmo?

Andrew riu de mim.

— O quę? É ridículo. Controle suas emoções. Você pode imaginar se criminosos foram dizendo que eles caíram em ódio ou ciúme e é por isso que mataram quatro pessoas ou roubaram o banco? Agimos como o amor é essa coisa incontrolável. Mas quando se trata de raiva e todas aquelas coisas feias, nós somos esperados para controla-lo. Nós devemos lidar com essas emoções sem machucar ninguém. Mas jogue fora a palavra "amor" e todo mundo acha que todas as regras devem ir para a direita para fora da janela e quem pode ajuda-lo se alguém se machucar? É *absurdo* e é degradante, honestamente, que esperamos que as pessoas se controlem, exceto quando se trata de querer *dormir* com alguém.

— Ah, *vamos*, — ele disse. — É mais do que sexo.

— Não acho. É sexo e não quer ficar sozinho. Todo mundo tem medo de ficar sozinho.

— Sim, bem, — Andrew deu de ombros. — Quem quer acabar sozinho?

— Eu não me importaria, — eu disse.

— Bem, você é boa companhia — ele indicou.

— Então se fosse só eu, eu e eu até o fim dos tempos, eu provavelmente estaria bem com isso.

Andrew mordeu o lábio, retirando-se da discussão. — Sim, bem. — Ele terminou o vinho e encheu o copo.

A garçonete trouxe nossos pratos.

— Sim, bem o quê? — perguntei, divertida com o quão pessoalmente ele estava tomando minha recusa em acreditar em pessoas apaixonadas.

Ele olhou para longe de mim. Parecia que, de repente, pensou que o jantar era uma má ideia. — Nem todo mundo gosta tanto de si.

Eu peguei o olhar suave em seus olhos. — Desculpa. — Eu mordi o lábio. — Quero dizer, eu gosto de você muito melhor do que eu gosto de mim.

Ele conseguiu um riso fraco. — Obrigado. Pelo menos um de nós sabe — Ele limpou a garganta. — Acho que as pessoas da nossa idade não querem mais se colocar lá fora. E assim eles não. E então ninguém realmente se apaixona. Eles jogam seguro. E é por isso que todo mundo continua se machucando. Você deveria se apaixonar. Meus pais se casaram quando tinham vinte anos. E eles ainda estão casados.

Eu ergui minhas sobrancelhas. — Meus pais se casaram quando tinham vinte e um anos e não são.

— Bem, essa é a coisa, é um jogo de dados. Mas você tem que jogar o jogo.

— Por quê?

Ele hesitou. — Não sei. Então você pode ter uma família e estabilidade e alguém ... alguém para vir para casa.

Ele tinha um olhar tão sério em seus olhos naquele momento. Eu queria prometer a ele que cairia descontroladamente no amor e rir tanto quando se lembrar de como ele costumava pensar que ele poderia acabar sozinho. Mas quem realmente sabia? Todos nós nos preocupamos às vezes. Mesmo aqueles de nós que tinham certeza de que tudo trabalharia fora tinha que lembrar a nós mesmos que estaria tudo bem. Todos temos nossas próprias dúvidas. Todos nós temos fraquezas. Mesmo em nossos lugares fortes, temos fraquezas.

*****

Depois que discutimos os separatistas na Líbia e o controle de armas no Senado e se a equipe de basquete do noroeste poderia ficar pior ainda este ano, nós compartilhamos sobremesa e Andrew conseguiu a conta. Eu tinha certeza que era exorbitante.

— Devíamos dividir, — eu disse.

Andrew balançou a cabeça. — Por favor. Eu pedi o vinho.

— Bem, eu bebi, — insisti.

Andrew sorriu e sacudiu a cabeça novamente. — De jeito nenhum, Hadley.

Ele entregou seu cartão para a garçonete e se inclinou para trás.

— Bem, — eu sorri. — Você me convenceu no Dia dos Namorados. Faremos a edição especial. Juliet será responsável.

Ele riu. — Sim? Tem certeza.

— Absolutamente.

— Eu só queria te levar para o jantar. Então, não se sinta obrigada.

— Ah, — eu disse, sem jeito. — Não me sinto obrigada. Você fez um bom argumento.

Ele assinou o cartão de crédito entregando-o. — Pronta para ir?

— Sempre que você estiver.

Eu estava ligeiramente bêbada do vinho, e minha bota escorregou no tapete. Eu ri nervosamente quando Andrew pegou meus quadris.

— Não tenho estado assim desde o Dia de Ação de Graças, — disse a Andrew. — Está jogando fora meu centro de equilíbrio.

Ele riu, deixando a mão na minha parte inferior das costas. Não havia uma forma graciosa de se afastar.

Nós nos viramos para a porta. E foi quando eu vi um par de olhos escuros pela sala. Escuro e doe como e brevemente vulnerável. Olhos de Bambi. Os olhos de Jack.

Eles brilharam e desviaram o olhar. Eu parei, vacilando, e Andrew também parou.

— Tudo bem? — perguntou Andrew.

Jack estava sentado em frente à mesa de Robert Riley. Ele já tinha olhado para longe de mim, embora de longe eu pudesse ver uma bola apertada de tensão em sua mandíbula. Seu rosto bonito não traía mais nada. Eu me perguntava o que eles estavam falando.

Riley estava falando intensamente e Jack estava balançando a cabeça. Ele não estava usando xadrez, mas uma camisa escura de botões. Isso o fez parecer apenas alguns anos mais velho e uma sombra mais séria. Isso o fez parecer bem. Ainda melhor do que o habitual. Se

ele soubesse que eu estava olhando, ele não me deu nenhum sinal. Ele obviamente não tinha intenção de dizer olá.

— Hadley? — repetiu Andrew. — Tudo certo?

— Sim. Sim. Desculpe, — eu disse. Fingi um bocejo, virando-me para sorrir incerta para Andrew. Eu disse a mim mesmo que não importava. Esse Jack certamente estava chateado com algo que não tinha relação comigo. Ele não era meu namorado. Nem Andrew era. Eu não estava em um encontro. Era para o jornal. Essa foi a razão pela qual eu disse que sim.

Eu consegui me afastar de Andrew na porta, envolvendo meus braços ao redor de meu corpo e correndo para o carro. Inclinei minha cabeça contra a janela fria do carro quando entramos.

— Obrigado pelo jantar — eu disse, quando ele ligou o carro e explodiu no calor.

Ele sorriu. — Sim. Foi divertido. Devemos fazer isso de novo.

— Mm, — eu balancei a cabeça de forma não-concomitante. O passeio breve para o meu apartamento estava em quieto, exceto pelo som de um noticiário local tarde da noite que falava sobre os drones. Eu bocejei novamente quando chegamos ao meu lugar.

— Vou acompanha-la.

— Não precisa fazer isso. — Eu sorri. — Estou bem tenho a chaves.

Andrew mordeu o lábio. — Bem, devemos fazer isso de novo.

Esfreguei meu queixo. — Não sei se devemos fazer um hábito. — Eu sorri. — Você pode ir a falência.

Ele se inclinou para mim para um beijo. Eu abaixei minha cabeça, beijei sua bochecha, e desenrolei meu cinto de segurança em um movimento. Abri a porta e tremi no ar frio.

— Sim. Bem, tenha uma boa noite — disse Andrew. Ele ficou envergonhado e senti uma pontada de culpa.

— Você também — eu disse. — Sério. Obrigado, Andrew.

Ele sorriu com força. — Sem problemas.

Fechei a porta do carro e corri para cima, sacudindo as mãos, que tinham ficado entorpecidas.

Quando cheguei ao segundo andar, vi David e Ben de pé na porta aberta do nosso apartamento.

Ben embalou o rosto de David em suas mãos e beijou-o com ternura. Ambos sorriram um para o outro por um longo momento antes que Ben largasse as mãos, beijasse a testa de David e se voltasse para ir.

A porta se fechou antes de me notar. Ben virou-se para a escada, com a cabeça baixa. Quando olhou para cima, ele me viu.

— Ei, — ele disse para mim. — Como foi o encontro?

Eu não podia acreditar que ele estava tentando ter uma conversa comigo. — Não foi um encontro.

Ben sorriu. — Já percebi. Você sabe, você soa como eu. Eu nunca acho que qualquer coisa é um encontro também.

Eu olhei para ele. Eu não podia me ajudar. — Eu não sou nada como você, — eu disse ferozmente.

Ben empurrou a cabeça para trás. — Relaxa. Foi uma brincadeira.

— Olha, não sei quem diabos você acha que é.

— Acho que sou o namorado de David.

— É isso que você acha? — Eu perguntei.

Ben sorriu. — Quer perguntar ao David?

— Se alguma vez bater nele novamente, eu estou chamando a polícia, — eu disse. — E então arruinarei a sua vida. Quero dizer. Arruiná-la. —

Ben ficou surpreso. Ele balançou sua cabeça. — David não queria que me ameaçasse, Hadley. Nós entramos em uma discussão. Disse-lhe que sentia muito. Mas, você realmente precisa manter sua boca fechada. Bem? Você precisa dar uma pausa para David.

Eu balancei a cabeça. — Quero dizer. Se bater de novo, vou chamar a polícia. Isso não está bem.

Ben sacudiu a cabeça. — Foi um desentendimento. Você não entenderia.

Ele tentou dar me volta e eu o parei.

— Não. Eu entendo, — eu disse. — Entendo muito melhor do que você, porque fui a única que cuidou dele.

Ben estava quieto.

— Ele não podia nem falar, ele estava tão chateado, — eu disse friamente. — Seu olho estava inchado fechado e ele perdeu um dente. Não me diga que eu não entendo.

Ben estava quieto. Ele lambeu os lábios. — Ele não me disse isso. Eu não sabia disso. Eu não queria bater nele com tanta força.

— O que quer dizer com isso? —

— Eu só queria que ele calasse a boca e ouvisse, — ele disse. Ele exalou. — Ouça, eu estraguei tudo. Bem? Não precisa me dizer isso. Eu agarrei. Você não tem ideia de como eu sinto muito. Pergunte a David.

— Não. Não me importo — eu disse. — Não me importa o que David diz e não me importa o quão mal você se sente. Se você o machucar novamente, eu estou chamando a polícia. David não tem a ideia mais normal do que um relacionamento saudável parece.

Ben olhou para mim, perplexo. — Temos um relacionamento saudável. Eu não sou como a sua maldita família. Eu me importo com ele.

— Bem, faça um trabalho melhor de mostra-lo, — eu disse. — Podes começar por reconhecer que ele existe quando pede a ele que te encontre num bar. —

Ben sacudiu a cabeça.

— Tenha uma boa noite, Ben, — eu disse sarcasticamente, andando em volta dele e caminhando para a porta do apartamento.

Respirei fundo antes de abri-lo, certificando-me de que Ben tinha recuado pelo corredor.

David estava esparramado no sofá, desmaiando. — Ei, menina.

— Ei, — respondi. Eu sorri, tentando não tremer do meu confronto com Ben. David realmente ficaria furioso se soubesse.

— Como foi seu encontro?

— Não foi um encontro?

— Ele tentou te beijar?

Eu exalei.

— Você me deve vinte dólares.

Esfreguei meu queixo. — Jack estava lá.

— Merda — disse David.

Eu balancei a cabeça. — Sim, isso é mau, certo?

David encolheu os ombros. — Quer dizer, não era um encontro, certo?

— Acho que Andrew pensou que era — eu disse. — Mas, não, eu não. — Olhei para o balcão. Flores em um vaso. Gardênias. Eu não tinha percebido antes.

— Ben? — Eu perguntei.

David mordeu o lábio. — Sim. Ele veio se desculpar.

Eu acenei com a cabeça uma vez. — Figurado.

David estava quieto. — Não vai acontecer de novo.

— Você confia nele?

— Eu faço.

— Porque eu quero dizer, se quiser denunciá-lo. Posso confirmar tudo.

— Hadley. Por favor, basta esquecê-lo?

Eu não disse nada por um momento. — Bem, as flores são agradáveis.

Ele acenou com a cabeça e se levantou. — Eu deveria coloca-las na água. — Ele sorriu. — Quer chá?

Sacudi a cabeça, sentindo-me profundamente triste de repente. — Não. Só vou deitar.

Ele sorriu. — OK. — Eu o vi virar-se para a pia, zumbindo debaixo de sua respiração, encher o vaso com água, ajustando os caules para que as flores se abanassem em um amplo círculo.

Virei-me e caminhei para o quarto, pensando no brilho de tristeza de Jack, depois na raiva e depois na indiferença no restaurante.

Era tão fácil ver tantas coisas se você parasse por um instante e observasse de perto — a mandíbula nodosa de Jack, os lábios trêmulos de David, os olhos planos de Andrew, até mesmo a maneira como Ben usava seu medo de ser descoberto— toda a dor que eles tentaram

suportar em silêncio tinha assinado sua assinatura tão claramente em seus rostos meio quebrados.



Capítulo 21

Eu não ouvi de Jack por três dias.

Não era uma coisa inteligente fixar — não quando eu precisava tomar uma decisão sobre o *USA Today*, acompanhar a lição de casa árabe e evitar parecer um idiota na classe de Riley.

Mas eu estava fixada.

Tanto que eu não ouvi a pergunta que Riley me fez na sexta-feira à tarde.

— Alguém em casa? — Riley exigiu.

Eu olhei para ele sem entender. — Sinto muito. Eu não estava prestando atenção.

— O que queremos dizer com jornalismo sensível a conflitos?

— Jornalismo que trabalha ativamente para reduzir o conflito, incentivar a resolução, — Eu disse.

Ele assentiu. — Esse tipo de jornalismo pode ser imparcial?

Eu parei. — Bem, de acordo com Ross Howard, sim. E abrange mais do que escrever artigos que incentivem as pessoas a serem gentis com os

outros. Parte do jornalismo sensível ao conflito é apenas um bom jornalismo. Não confiar nas declarações de porta-vozes, olhando para relatar, dizer as opiniões dos membros de baixa hierarquia dos militares ou civis desarmados, reconhecendo as crenças generalizadas sem necessariamente validá-los.

Riley assentiu com a cabeça. — Ótimo. E por que os jornalistas têm a obrigação de seguir os princípios de Howard?

— Porque os jornalistas são mediadores. Eles fazem escolhas sobre o que comunicar e como comunica-lo. Quando você enquadra um conflito na Síria, por exemplo, como intratável, você também informar a opinião de alguém em todo o mundo a ler o seu papel. E isso tem efeitos no mundo real.

Riley assentiu com a cabeça. Ele olhou para o relógio. — Exatamente. Estaremos concluindo nosso inquérito ético sobre relatórios de áreas de conflito na próxima semana e avançando para conflitos específicos em nosso mundo moderno. Nós também estaremos fazendo a primeira rodada de perfis de coragem, — disse ele. — Cada um será designado para um jornalista que perdeu a vida em combate. Enquadre-o como uma curta e retrospectiva revista — quem ele era, o que ele fez, como ele morreu, o que ele escreveu que vamos lembrar, e o que nós aprendemos com ele. — Ele olhou ao redor da sala de aula e assentiu. — Estejam seguros este fim de semana, por favor.

A classe esvaziou rapidamente. Às segundas e quartas-feiras, as pessoas sempre voltavam para conversar com ele, mas às quatro e meia da tarde de sexta-feira, todos saíram correndo pela porta.

Eu levei meu tempo deliberadamente, esperando para que a classe estivesse vazia quando eu lhe pedisse ajuda.

Quando a porta se fechou e ficamos só eu e ele, eu olhei para cima. — Professor Riley?

Ele assentiu. — Sim.

— Eu queria saber se talvez eu pudesse falar com você sobre minha carreira depois da faculdade, — eu disse.

Ele balançou a cabeça, como se ele me tolerasse por alguns segundos

— Tenho uma oferta de emprego. Não sei se devo aceitar.

— Sim. Aonde?

— *EUA Today*

Ele assentiu. — Não é um papel ruim.

— Sim. A posição é no escritório de DC. Política. E eu não estou interessada em política. E eu d —

— Rejeite-o, — ele disse sem rodeios.

— Bem, eu não tenho outra oferta.

— Bem, obtenha outra oferta.

Eu sorri fracamente. — Certo.

— Ouça. Você é uma criança esperta. E você é dura. — Fez uma pausa. — Você é a editora-chefe do jornal de graduação, sim?

— Sim.

— Um pouco de migalhas, — ele disse. — Eles te contam muitas coisas sobre entrevistas de trabalho, mas não é uma festa de chá.

— Sim, tudo bem.

— Onde mais você fez entrevistas

— Só o New York Times, — eu disse. — Para a agência africana. Eu não entendi.

Ele assentiu. — Eles dizem por que?

Eu balancei a cabeça. — Experiência insuficiente.

— Tem certeza que não quer fazer política?

— Eu quero fazer conflito e combate no Oriente Médio, — eu disse. — Talvez eu possa gostar de política, mas ...

— Não tome isso se você já sabe que não é o que você quer, — ele disse. — Ninguém gosta de um jornalista que não parece comprometido. Quando você diz a eles em dois anos que você quer algo diferente, eles não estão necessariamente dando-lhe isso. Você fala árabe, certo, garota?

Eu balancei a cabeça. — Sim.

Ele acenou com a cabeça uma vez, estendendo a mão em seu bolso para um cigarro. — Talvez eu tenha algo para você.

— Mesmo?

— Não fique nervosa — ele disse. — Vou fazer um telefonema. — Ele abriu a porta, deixando-me sair antes dele e eu sorri amplamente.

— Professor Riley, obrigado.

Ele acenou com a cabeça uma vez. — Um conselho, Arrington? Você vai ter que adquirir o hábito de dizer às pessoas o que você quer se você está indo ter uma chance de lutar por isso. — Ele me deu um olhar de conhecimento.

Eu mordi meu lábio, pensando em Jack, em vez de jornalismo, quando ele disse isso. *Quero falar com você, Jack.*

Eu balancei a cabeça. — Certo.

— Quero dizer, — disse ele. — Você é muito talentosa para brincadeiras.

Eu sorri. — Obrigado.

Ele assentiu com a cabeça, despedindo-me, e eu fui embora, sabendo que eu deveria falar com Jack, sabendo que eu deveria dizer a ele que parecia que ele estava me ignorando e eu queria saber por quê. Talvez fosse tudo sobre me ver com Andrew, mas eu tinha certeza de que eu tinha dito a ele que Andrew era apenas um amigo.

Mandei uma mensagem para ele enquanto eu caminhava até o estacionamento.

Você está livre?

Sim.

Esperei tempo suficiente para ter certeza de que ele não me pediria para ir. Mantendo o conselho de Riley em mente, enviei uma mensagem para ele: *Você quer vir?*

Nada. Cheguei ao meu carro e fiz uma careta.

Ou eu posso ir até lá?

Ele escreveu de volta imediatamente: *Sim, se você quiser.*

Se você quiser. Significa que ele não se importava. Bem, eu me importei. Eu queria vê-lo e perguntar por que ele estava agindo estranho.

Que ele totalmente tinha sido.

Então eu dirigi até a casa de fraternidade, estacionei meu carro, passei por um concurso de construção de bonecos de neve se deteriorando em uma luta de bola de bêbado no pátio da frente, e subindo as escadas. Entrei na casa sem bater.

Jack sentou-se deitado em um sofá na sala, enviando mensagens de texto em seu telefone com um polegar, e sorvendo uma cerveja. Ele se sentou entre Xander e um garoto chamado Nate, ambos muito fascinados por um jogo de basquete para me notar. Jack fez embora. Ele pareceu surpreso.

— Ei, — eu disse suavemente.

— Ei, — ele disse. Ele se inclinou para frente, apoiando os antebraços nos joelhos e voltou sua atenção para o jogo de basquete na tela. — O que você quer? — ele perguntou friamente.

— Qual é o seu problema? — Nate perguntou, rindo.

Jack encolheu os ombros.

Inclinei minha cabeça na direção da porta. — Devo ir?

Ele olhou para mim sem vergonha, como se pudesse ver através da jaqueta que eu estava usando. Ele tomou um longo gole de sua cerveja, sem quebrar o contato visual.

— Cristo, Diamond, — murmurou Xander. — Pare de se enganar mutuamente e vá para o seu quarto.

Jack se virou e olhou para ele. Ele levantou-se. — Ei, — ele disse para Xander. Ele estava chateado.

Xander sorriu casualmente. — Sabe que estou brincando. — Ele olhou para mim, dizendo-o principalmente para meu benefício.

— Não é engraçado. — disse Jack em breve. Ele balançou a cabeça para mim. — Andar de cima?

Dei de ombros. — Certo. —

— Xander é fodidamente estúpido, — ele murmurou quando saímos da sala de estar e subimos as escadas, em direção ao seu quarto. Ele fechou a porta atrás de mim e tirou sua camisa grosseiramente.

Bem, isso foi direto. Ele pensou que eu estava aqui apenas para sexo.

Inclinei a cabeça para ele. — Jack?

— O que? — ele perguntou grosseiramente.

— O que você está fazendo?

Ele sorriu sarcasticamente. — Pensei que não íamos nos fazer perguntas pessoais, — ele disse. Talvez ele tenha visto a dor nos meus olhos. Ele desviou o olhar.

— Você está louco pelo jantar.

— Você mentiu.

Eu exalei. — Como exatamente eu *menti*?

— Eu pensei que você não namorava ninguém, — ele disse. Ele parou de sorrir. — Você me disse isso, certo?

— É complicado, mas...

— Complicado? Você vai jantar com Andrew Brenner e me fode? Não, isso não é complicado, ele sorriu amargamente. — Quero dizer, isso é divertido e tudo, Hadley. Isso é muito legal. Mas, não me diga que você não namora pessoas quando tudo que você realmente quer dizer é que você não me levar a sério. E não me diga que algo é complicado quando é realmente muito simples.

— Andrew é o editor-chefe do jornal — eu disse. — Ele queria discutir uma questão do Dia dos Namorados.

— Te levou para jantar para falar sobre o Dia dos Namorados?

— A edição do Dia dos Namorados do jornal. — Passei a mão pelo meu cabelo. — E deixe-me terminar. Já te disse que não era um encontro. Eu não estou mentindo para você —

— Você —

— Você me deixaria terminar?

Ele olhou para mim. — Bem, termine.

— Eu não tive tempo para falar sobre a questão na semana passada e eu disse que falávamos durante o jantar para tirá-lo das minhas costas — eu disse. — Pensei que íamos ao Chipotle ou algo assim. Eu nem me lembro que eu tinha concordado em jantar até cinco minutos antes e ele tinha que me levar para casa para mudar de roupa porque ele tinha feito uma reserva em Mill House.

Ele riu amargamente. — Certo.

— Foi o que aconteceu!

— Eu conheço você — ele disse. — Não teria ido se não quisesse. Você diz 'não' como ninguém.

— É diferente.

— Como é diferente?

— Porque ele não é como você, — eu disse.

Jack recuou, magoado. — Certo. Bem, bom saber onde estou.

— Você não sabe onde está. Obviamente. Nós não estaríamos tendo esse argumento estúpido se você fizesse. Ele... ele não é nada como você. Ele não... ele não me assusta como você. — Eu respirei. — Acho que não entende o quanto me assusta, Jack.

Ele ficou calado por um segundo. Ele deu meio passo para mim. Ele falou baixinho. — Hadley, como diabos eu te assusto?

Eu olhei para ele e sussurrei, — Você apenas faz.

— Por quê?

— Porque eu gosto de você. Você é meu amigo e eu estou dormindo com você e eu gosto de você. Eu gosto de ter você por perto e eu não estou acostumada a isso.

— Oh, — ele disse. — Também gosto de você.

— Certo, — eu sorri sarcasticamente. — Você está morrendo de vontade de me ver.

Ele deu um passo na minha direção e ele pegou meus pulsos. Ele me puxou para ele. Seus olhos eram profundos. — Desculpe, — ele disse. — Eu apenas pensei...

— Eu não estou saindo com ele, — eu disse suavemente.

— Certo — ele disse. Ele pressionou sua testa na minha.

Ele me despiu lentamente, me beijando em todos os lugares. Ele tomou seu tempo. Algo mais profundo que as palavras passaram entre nós quando tivemos sexo. Ele disse coisas sem falar e eu entendi sem ouvir. Eu entendi que ele estava um pouco perdido e confuso. Ele entendeu que eu estava estressado e com medo de que todos

descobririam o quanto eu estava fingindo. Ele podia provar que eu tinha medo de tantas coisas. Até ele. Especialmente ele.

Sua boca, seus músculos e suas mãos me conheciam bem. Elas me amavam bem.

Eu peguei minha respiração enrolada contra seu ombro. — Isso foi bom, — eu sussurrei e ele riu suavemente.

Ele beijou meu estômago bem acima do meu quadril. — Você está animada para fazer paraquedismo?

— Mal posso esperar.

Ele sorriu. — Boa.

Eu me sentei e ele correu suas mãos para o meu corpo mais uma vez. — Eu deveria ir — eu disse.

Ele deixou cair um beijo no meu pescoço. — Hads?

— Sim.

— Você não tem nada a temer, — ele sussurrou em meu ouvido. — Eu prometo.

Quando finalmente saí da casa fraternidade, chequei meu e-mail e encontrei uma nota curta de um editor do *New York Times* .

Olá Hadley,

Rob Riley sugeriu que você poderia ser um bom ajuste para uma posição no Oriente Médio neste verão. Eu sei que você entrevistou para a agência do Cairo. Você poderia voar para uma entrevista na próxima semana?

Dale Broussards

Eu escrevi de volta imediatamente, concordando. Decidi que Jack poderia ser boa sorte.



Capítulo 22

— Tenho uma entrevista, — disse a Jack, quando cheguei à casa de fraternidade no início da manhã de sábado, pensando em outra coisa senão saltar de um avião.

— Onde?

— No *New York Times*, — eu disse. Eu exalei. — Seu padrinho realmente me ajudou.

— Eu vou ter que dizer a ele para parar de fazer isso, — ele disse.

Pegamos velho Jipe de Xander ao sul da cidade. Jack e eu fomos nos bancos traseiros. Xander e Nate tomaram a frente.

— Quero que todos saibam que esta é uma má ideia — disse Xander. — E é tudo culpa do Jack.

— Não é uma má ideia — disse Jack. Ele inclinou a cabeça contra a janela fria e encostei minhas costas contra a porta e coloquei meus pés em seu colo. Sempre que eu olhava para ele, ele me pegou olhando fixamente e sorriu.

— Já fez isso antes? — Eu perguntei a ele.

— Sim, — ele disse. — Algumas vezes.

— O solo de paraquedismo de Jack, — Xander me disse, encontrando meus olhos no espelho retrovisor. — Todo mundo está ficando amarrado a um profissional.

— Sério? Já fez isso antes? Por você mesmo?

Ele assentiu. — Sim.

— Você fez disso um hobby?

— Sim.

— Por quê?

Ele sorriu. — Por que não?

— Parece um pouco extremo.

— Nem todos podemos ser Editores-Chefes no nosso tempo livre.

— Como você entrou nisso?

— Um, na Costa Rica, na verdade. Quando eu tinha quatorze anos, — ele disse. — Eu fiz este tipo de coisa quando eu fui expulso do internato.

Eu levantei as sobrancelhas, incrédula. — O que? Por quê?

— Não sei. Era a Costa Rica.

— Eu quis dizer internato.

— Eu não fiz nada de mal, — ele me assegurou. — Maconha. Muito antigo. Nem todo mundo é de San Francisco, você sabe. Provavelmente ensinaram-lhe uma aula sobre como rolar uma articulação.

— Não muito, — eu disse secamente.

Ele sorriu. — Eu fui expulso de algumas escolas internas.

— Pelo que?

— Coisas pequenas, — ele disse. — Álcool, quebrando o toque de recolher, maconha. Eu não sou grande com regras.

Eu ergui minhas sobrancelhas.

— Suas regras estão bem, — ele sorriu. — Qualquer um que proíba flores que eu estou disposto a ouvir.

Eu sorri e olhei para ele. — São apenas orientações.

— Sério? Então, você vai jantar comigo?

Eu ri.

Ele riu de volta. — Estou começando a odiar esse garoto Brenner.

— Por quê? — Eu perguntei.

— Não sei. Só estou indignado por ter tido tempo para jantar com ele. — Ele sorriu para mim com ar de pateta. — Então, quando você vai descobrir se você tem o emprego do Times?

— Não sei. Como uma semana depois da minha entrevista, provavelmente — eu disse.

— Você deve praticar. — Ele ergueu o queixo. — Qual é a sua maior força?

— O que?

— Vamos praticar para sua entrevista.

— Não, — eu disse, envergonhada. Eu enruguei meu nariz com a ideia de Xander, Nate e Jack ouvindo as respostas às minhas perguntas da entrevista.

— Vamos.

— Não, eu disse.

— O que? Você está de repente tímida?

— É só uma pergunta pessoal — eu disse.

— É isso que você vai dizer ao cara que o entrevista?

— Vou dizer ao cara que me entrevista que minha maior força como jornalista é a precisão.

Jack sorriu. — Qual é a sua maior fraqueza?

Eu sorri. — Tenho problemas de confiança e assisto à reality shows. Qual é a sua?

Ele me deu uma olhada. — Repórteres morenas.

Eu ri e meu cabelo escuro caiu na frente do meu rosto.

— Isso provavelmente é verdade — disse Nate. — Jack nem sabe como participar de uma reunião e conseguiu organizar uma reunião obrigatória em seu nome.

— Não foi em meu nome, — eu disse.

— Sim, foi — disse Nate. — Ele é a pessoa mais preguiçosa do mundo. Se você não tivesse sido a pessoa perguntando, nada teria acontecido.

Xander e Jack riram.

Olhei para Jack e balancei a cabeça. — Não acho que seja verdade.

— Não, sério. Ele é profundamente preguiçoso — insistiu Nate.

— Eu sou, — Jack me disse.

Dei de ombros. Eu ainda acho que ele teria ouvido.

— Sério, — Jack insistiu. — Não em reuniões. E eu não achava que funcionaria, para ser honesto.

— Por quê?

— Porque os caras são imaturos e eles pensaram que era engraçado, — Jack disse. Ele encolheu os ombros. — Não é como se tivéssemos autoridade real.

— Sim, — disse Nate. — É uma fraternidade.

— Eu sei disso, — eu disse.

— Estar bêbado e ser meio homofóbico vem junto com o curso, — Nate disse.

— Hadley está um pouco confusa sobre a vida grega. Ela pensou que nós éramos um pilar da responsabilidade.

Nate acenou com a cabeça. — É mais como um clube que suporta bebês menores de idade e moral frouxa.

Jack riu.

— Não acho engraçado, — eu admiti calmamente. — E deu certo. Todos o deixaram em paz. — Dei de ombros. — Talvez eu seja ingênua e idealista, mas às vezes você tem que ser.

Jack encontrou meus olhos e sorriu. — Nunca pensei que fosse engraçado. Pensei que fosse um pouco engraçado.

Nós paramos no local de paraquedismo e pela primeira vez durante todo o dia, eu reconheci que eu tinha concordado em saltar de um avião. Saltar. Fora. Do. Avião.

Em fevereiro.

Porra.

— Não fique mal — disse Jack sem ajuda.

— É um ótimo conselho. —

Eu me perguntei quando ele começou a ser capaz de me ler assim. Eu sorri para ele, olhando para a pista simples e pavimentada. E eu abri a porta do carro. Estava mordazmente frio e seria ainda mais frio quando saltasse.

Jack tinha assinado os formulários de liberação antes, e assistiu aos vídeos de segurança. Eu também os assisti. Morte, ferimento sério, todo esse jazz.

Eu assinei o formulário com uma mão trêmula.

— Apenas finja que está escrevendo um artigo de jornal no Egito — Jack brincou.

— Eu absolutamente vou matar você, — eu disse.

Jack riu. — Confie em mim.

— Eu confio em você. São os paraquedas de que eu desconfio — eu assobiei.

Ele riu e beijou-me levemente na bochecha.

PDA. Não conversamos sobre isso. Provavelmente deveria estar contra as regras, mas eu gostei do jeito que ele se sentiu, então eu simplesmente me encostei contra ele. *Você está começando a ser meu bom amigo, Jack. Não foda isso.*

Ele acariciou-me sob o queixo e falou baixinho. — Olha, você não precisa pular se você realmente estiver assustada.

Eu balancei a cabeça. — Oh, foda-se. Eu dirigi todo o caminho até aqui. Estou saltando de um maldito avião.

Ele riu e deslizou suas mãos em torno de minha cintura e ele se inclinou em minha orelha e falou muito, muito suavemente. — Eu não acho que qualquer coisa poderia ser tão incrível quanto o paraquedismo até eu ter dormido com você.

Eu arqueei minha cabeça para trás. — Oh, sim? Então, o que é isso? Dupla verificação?

Ele riu, sacudindo a cabeça. — Não, tenho certeza. Isso é apenas para manter as coisas interessantes.

Um homem chamado Jonesy enfiou-me em um arnês enquanto o avião parou perto. Xander, Patrick e eu estávamos todos pulando em

duplas, enquanto Jack estava voando sozinho. Ele tinha feito isso antes, eu disse a mim mesmo. Não havia motivo para se preocupar.

O avião era barulhento e me sentei de volta em um banco, no colo de Jonesy, em frente a Jack, que sorriu para mim.

— Acolhedor? — ele perguntou.

Eu fiz uma careta. Eu não acho que era possível ter estas muitas borboletas em seu estômago. O avião percorreu a pista e subiu através de sua decolagem. Meu peito apertou e meu estômago ficou selvagem, como a terra encolheu abaixo de nós. Os motores rugiram em meus ouvidos. Eu mal podia ouvir o instrutor que eu estava preso a gritando em meu ouvido.

— Tudo bem, querida — ele disse. — Vamos abrir a porta em apenas um minuto e depois vamos pular. OK?

Não está bem. Não está bem. *Então* não está bem.

Fechei os olhos até que os ouvi abrir a porta.

— Tudo bem, aqui vamos nós — ele disse. — Vamos começar a mover.

— Ok, — eu respirei. Levantamo-nos e, desajeitadamente, nos dirigimos para a porta. O ar estava gelado. Na verdade, frios incrivelmente.

— Puxe seus óculos de proteção, — Jonesy gritou sobre os motores chacoalhantes. Ele me levou até a borda do avião. Tudo o que eu podia ouvir agora era o vento e o barulho. Virei a cabeça, entrando em pânico, e olhei para Jack. Ele se levantou para me observar ir. E quando eu peguei seus olhos, eu me senti segura.

E então estávamos parados do lado de fora do avião.

A terra estava espalhada abaixo de nós, plana, como um mapa desdobrado. Tudo era branco e cinzento por milhas. Eu senti meus dedos do pé apenas sobre a borda da porta. Senti meu coração revolto em meu peito. Meu cérebro ficou claro. Tudo que eu podia ver era a terra. Tudo que eu podia lembrar era que estávamos pulando.

Ele me empurrou para fora e nós caímos, o ar era o *doce Jesus* tipo de frio, enchendo minha boca, correndo pelo meu nariz, tirando o calor

do meu corpo e o ar dos meus pulmões. Voltamos uma vez, duas, três vezes e a linha escura do horizonte girou em meus olhos como uma vela de balão.

Meu pescoço esticado contra a pressão e, em seguida, não me senti como se estivéssemos caindo. Ainda estávamos caindo rápido, mas já não estávamos acelerando. Eu estava pressionado firmemente contra o peito de Jonesy, com meus braços contra o dele como um pássaro em voo.

Ele abriu o paraquedas e eu senti aperto em torno do meu peito e braços quando saímos da queda livre. Nós abrandamos e então estávamos apenas vagando sobre a terra.

— Oh meu Deus, — eu murmurei quando fui inundada com endorfinas. Senti como se estivesse tomando drogas. Eu me senti perfeita. Como todas as coisas que eu nunca me preocupei nunca voltaria.

Eu nunca quis pousar. Mesmo que meus dentes batiam, eu queria ficar a deriva para sempre.

— Levante os pés e tente se levantar — Jonesy me disse quando nos aproximamos do chão. E isso é o que eu fiz. Nós pousamos suavemente. Mas minhas pernas tremeram enquanto nós estávamos. Ele tocou ligeiramente minha cintura e desamarrou-me e eu sentei.

— Puta merda, — eu disse enquanto observava Jack pousar sozinho. Ele entrou mais rápido, chicoteando através do vento. E ele aterrissou em uma meia-corrida, dando alguns passos grandes para a frente e depois correndo para mim, tirando o arnês.

— Puta merda — repeti-lhe.

Ele riu e puxou-me para cima. Olhei para o céu. À distância, pudemos ver os outros dois paraquedas de abertura e Nate e Xander de volta à terra.

— Podemos fazer isso de novo? — perguntei sem fôlego.

Ele sorriu e baixou a cabeça. De pé em um campo aberto, com um paraquedas ainda amarrado aos ombros, ele me beijou mais profundo do que qualquer um já me beijou antes.

E meus joelhos se dobraram. Eles realmente se dobraram. E a coisa sobre seus joelhos dobrar que eles nunca dizem que no cinema é que normalmente você nunca está esperando e geralmente nem ele é.

Então ele não me pegou. O bastardo.

Eu me segurei, mas não sem sentir uma dor aguda tiro no meu joelho, que torcida debaixo de mim.

— Merda. Ow. *Merda*, — eu disse, agarrando a horrível esfaqueamento no meu joelho esquerdo.

— Jesus. Você está bem? Você... o que aconteceu? — perguntou Jack. Ele me ajudou a sentar.

— Tenho um inchaço no meu joelho.

— Isso não é possível.

— Oh meu Deus, feche a boca, eu estou morrendo, — eu disse.

— Você está seriamente ferida?

— Sim.

— O que aconteceu?

— Meu joelho deslocou.

—Te deixei fraca dos joelhos?

— Estou falando sério. *Dói*, eu rosnei.

— Certo tudo bem, tudo bem — ele disse. — Ei! — gritou para um dos instrutores. — Ela machucou a perna. Você pode... — Eles começaram a correr e ele olhou para mim. — Querida, você pode se levantar?

— Eu não sei — eu disse. — É *realmente* uma dor fodida — E foi. Era como uma dor punhalada, profunda e penetrante e horrível.

Eu deitei no chão frio, respirando com dificuldade. Qualquer um que lhe diga que você deve esperar esse indivíduo que o faz fraco nos joelhos deve ser morto.

Três horas depois, eu tinha muletas Percocet, e uma cinta para o meu joelho torcido. Docemente, Nate e Xander haviam parado toda a provocação na sala de espera enquanto Jack tentava não rir quando eu disse ao médico que meu joelho desabou depois que ele me beijou.

— Eu te odeio, — eu resmunguei quando ele empurrou a cadeira de rodas para as portas. — Realmente, realmente odeio.

— Isso é contra as regras, — ele disse.

— Quem disse?

— Estou a fazendo uma regra. Nenhum ódio.

— Certo, filho de flor.

Xander me deixou em meu apartamento. Ele pegou minha sacola por cima do ombro, dando-me um olhar como se ele tivesse me *desafiando* a zombar dele, e me ajudou até a porta.

— Você precisa pegar o elevador — ele disse.

— Não há elevador, — eu disse, testando minhas muletas na escada.

Jack olhou para mim com ceticismo. — Vai morrer nestas escadas.

— Não seja tão alarmista. — Tropecei e ele me confirmou.

— Não, não, não. Não vou leva-la de volta ao hospital esta noite. — Ele me levantou abruptamente, como se eu fosse uma criança e começou a subir as escadas.

Eu gritei em seus braços. Eu normalmente lutaria, mas eu estava com sono e que merda queria subir escadas quando estavam em analgésicos e alguém os carregaria.

— Não quero ouvir uma maldita palavra sobre o quanto peso.

— Não mais que onze quilos — disse ele.

— Boa resposta — respondi secamente. Chegamos ao fim das escadas e ele me colocou para baixo.

— O quę? Nenhum serviço porta-a-porta? — perguntei, colocando minhas muletas no corredor e começando o passeio desajeitado para a porta do meu apartamento.

— Porra, não — murmurou sem fôlego. Ele pegou minhas chaves e abriu a porta. David e Ben sentaram no sofá, sorrindo um para o outro, e ambos se assustaram quando viram Jack.

— Sério, Hadley? — disse David, irritado. Eu esqueci. Eu tinha esquecido completamente que ele planejava ter Ben em cima.

— Merda, — murmurei.

— Oh meu Deus, — David disse em um tom completamente diferente quando percebeu que eu estava com muletas. — O que aconteceu com sua perna? Seu paraquedas não estava aberto ou algo assim?

— Eu estaria morta se meu paraquedas não abrisse, — eu disse.

— Ela tropeçou, — Jack disse desajeitadamente.

Jack olhou para Ben, depois para David e depois para Ben. — David, certo? Acho que não nos conhecemos oficialmente. — Ele se aproximou dele e apertou sua mão. Ele acenou com a cabeça para Ben. — O que se passa, Mitchell?

Então eles se conheciam. Ótimo. Eu olhei para David. Ele ia me matar.

— Ei, Jack — disse Ben, levantando-se. — Como está indo? Estávamos fazendo um projeto de química. Vocês foram para o paraquedismo? Fantástico. Eu adoraria tentar isso algum tempo. Você sabe, quando eu não tenho que me encontrar com meu parceiro designado para um projeto obrigatório. — Ele sorriu nervosamente. Pelo menos ele tinha a dignidade de liberar quando tentava desmentir David, tentou agir como se a única razão pela qual ele passasse algum tempo com ele fosse porque ele tinha sido designado.

Os olhos de Jack brilharam com o que eu estava começando a reconhecer como seu olhar de marca de fúria silenciosa. Eu tinha certeza de que ele tinha colocado dois e dois juntos. Ele sabia que Ben era o garoto que atacou David. — Sim? — disse ele em breve. — Boa sorte com isso. — Ele se virou para mim. — Vamos. Você precisa se deitar.

— O que há de errado com sua perna? — perguntou David.

— Eu torci o joelho.

— Deixe-me ajudar. Você precisa de gelo? — perguntou David. — Eu sei — espera. Eu *sei* que temos gelo. Como você *torceu* o joelho, garota? — Ele entrou na cozinha.

Ben se encolheu quando David me chamou de garota. David pegou, também, mordendo o lábio, envergonhado. E eu olhei para Ben com raiva.

— Eu faço sua semana nos joelhos, — Jack brincou.

— Um bem, eu deveria ir — disse Ben. — Olha, acho que você pode finalizar o resto do projeto daqui, certo, Danny?

Os olhos de David brilharam. Não com raiva. Com dor dilacerante incrivelmente insana que quebra o coração. Como se ele tivesse sido esbofeteado no rosto. Ben fingia não o conhecer. Ben estava fingindo que não se lembrava do nome dele.

— O nome dele é David — Jack disse enquanto eu ficava tenso.

Ben enrubesceu de novo e Jack virou a cabeça para olhar de forma crítica para David.

— Oh, oh, desculpe, nós... nós nos conhecemos pela primeira vez. Somos parceiros de laboratório , — Ben ofereceu mal.

— Não se desculpe comigo — disse Jack.

— Certo.

Ele se virou para ir embora.

— Você deve se desculpar com David — disse Jack.

Ben parou e olhou para Jack e David. — Certo, desculpe.

— Não se preocupe com isso, — David disse, mal acima de um sussurro.

Ben ainda estava a meio caminho da porta. Ele fechou a porta com tanta força que o portão chocou.

— Aqui está o gelo — murmurou David. Sua voz vacilou. — Desculpe-me? — Ele andou para seu quarto rapidamente.

— David, espere, — eu chamei por ele. — David, vamos.

— Apenas deixe-o. Você precisa deitar — disse Jack. — Então podemos pegar David.

— Eu não sou tão arrumada quanto você, então não tenha um ataque de pânico, — eu avisei quando chegamos ao meu quarto.

Eu me arrastei na minha cama. Ouvi a porta do banheiro de David fechar suavemente.

— Então, Ben Mitchell é gay? — Jack perguntou, rastejando ao meu lado na cama.

— Não diga a ninguém, — murmurei.

— Isso é só — uau.

— Não...

— Não vou fazer isso. É apenas irônico — disse Jack. — Ele usa a palavra "maricas" mais do que qualquer outro rapaz que conheço.

— Não me diga essa merda, — eu disse. — Eu mal posso ouvir David dizer o nome dele sem querer caçá-lo e David sente como se eu estivesse atacando ele quando eu aponto o que um namorado de merda ele é.

— Foi ele quem bateu em David, certo?

Eu balancei a cabeça.

Jack passou uma mão pelo meu cabelo. — Bem, certamente não é culpa sua.

— Eu sei disso.

Ele suspirou.

— Ei, chame o David para mim, — eu perguntei.

Ele acenou com a cabeça, mas não se moveu. — Ei, David, — ele gritou. — David, venha aqui.

— Eu quis dizer levantar e pedir muito bem.

— As paredes são finas, — Jack respondeu.

Eu o empurrei. — Você é preguiçoso.

Jack não se moveu. — Ele pode querer ficar sozinho.

— Por favor.

Jack suspirou, levantou-se e bateu na porta do quarto de David. — Ei, cara, quando tiver um segundo, Hadley quer falar com você.

— Sim, — David chamou de volta, trêmulo. — Só um minuto.

Jack voltou para o meu quarto e se deitou ao meu lado. — Sob as cobertas.

— Não.

— Está frio aqui.

Ele puxou os lençóis.

— *Não* faça isso.

Ele me deu um olhar perplexo.

— Não gosto de fazer a minha cama.

— Então não faça isso, — ele disse.

— Mas eu odeio quando parece confuso.

Ele puxou as cobertas, puxou-os para baixo e depois sobre mim. — Muito tarde.

— Idiota.

David apareceu, um pouco de olhos vermelhos, alguns minutos depois. — Ei, — ele disse. — Como você está se sentindo?

— Atordoadamente foda, — eu disse. — Entre aqui.

David olhou cautelosamente para Jack e sentou-se na beira da minha cama.

— Ei, posso dizer algo? — perguntou Jack.

David olhou para ele duas vezes com cautela. — Ah sim.

— Era seu namorado? — perguntou Jack.

David me lançou um olhar de traição.

— Eu não *disse* nada, — insisti.

— Ele está no armário. Você não pode dizer a ninguém, — David disse.

— Então, ele é seu namorado — Jack disse.

— Sim, — disse David.

— Ele está sendo um idiota — disse Jack sem rodeios. — E da próxima vez que ele te acertar, bate-lhe de volta.

— Hadley , — disse David, horrorizado.

— Eu - eu tinha que falar sobre isso com alguém.

— Então fale sobre isso comigo.

Eu olhei para ele suplicantemente. — Você disse para deixar. E assim eu fiz, mas eu tinha que dizer a alguém.

David cruzou os braços e sacudiu a cabeça. — Pare com isso, ok? Parece que você tem drama suficiente em sua própria vida pessoal, como ela é.

Jack arqueou as sobrancelhas.

— Sim, bem ...

— Não, estou bem. Ben e eu estamos bem. Eu sei o que o negócio é —

— Ele vai fingir esquecer seu nome na frente de Jack? Alguém que ele mal sabe? Ele preferiria que Jack pensasse que ele não te conhece do

que Jack talvez suspeite que ele poderia ser amigo de alguém que é gay? A sério?

— Hadley, eu não dou a mínima. Você não entende isso? Eu o amo — disse David.

— Bem, eu realmente sinto muito, porque as coisas estão indo, não vai acabar bem.

Jack olhou para mim. — Talvez vocês dois devam ter essa luta quando vocês dois não estejam tão emocionais.

— Oh, *cale a boca*, — David e eu gritamos para ele na mesma hora e no mesmo tom de voz.

Jack olhou para David e depois para mim. Eu o vi lutando com um sorriso.

— Certo. Desculpe, — ele exalou.

Eu joguei minha cabeça para trás. — David, eu te amo. Eu só acho que seu namorado é um idiota. OK?

Fechei os olhos e esperei para ouvir sua voz. — Muito bem, — disse ele, em tom tenso. — Só, você sabe, tente ficar longe disso.

Eu respirei fundo e assenti. — Sim. Tudo bem, eu vou.

— Você é meu melhor amigo — disse a ele suavemente. — Sentir-se melhor. — Ele fechou a porta suavemente atrás dele.

Jack estava quieto ao meu lado.

— Como se sente? — ele perguntou, beijando minha têmpora levemente.

— Ugh.

— Aqui. Por que você não toma seus analgésicos e tenta adormecer? — ele perguntou. — Quer a TV ligada?

— Sim.

Ele percorreu os canais.

— O que você quer?

— As notícias.

Ele olhou para mim. — Você adormece com as notícias?

— Gosto de pensar que posso ouvir quando estou dormindo.

— Você é um psicopata, — ele disse. Ele saiu do quarto e voltou com um copo de água. Ele me ajudou a sentar e tomar as pílulas. E então ele colocou as muletas ao lado da minha cama, onde eles seriam facilmente alcançáveis.

Deitou-se ao meu lado na cama e vimos as manchetes.

— Isto é o que você adormece? — ele sorriu. — Já ouviu falar de cantigas de ninar? Ou o planeta Terra?

— Sim. Mas é isso que eu gosto — eu disse, enrolando-me nas cobertas.

— Demonstrações violentas no Egito?

— Sim.

A tensão no meu joelho tinha sido tão grande, que eu realmente não comecei a nota-lo até que ele começou a se dissipar.

— Perturba, — brincou Jack.

Senti a mão de Jack no meu cabelo, e senti seus lábios escovarem o topo da minha cabeça. — Tudo bem, ligue para mim se precisar de alguma coisa, garota — ele disse.

— Ei? — Eu peguei seu pulso. Na sala escura, a palavra que quebrou nossas regras foi fácil de dizer: — Fique.

Ele hesitou. — Você tem certeza?

Eu balancei a cabeça. — Sim, quero que fique.

Ele tirou os sapatos e se sentou ao meu lado e eu dormi facilmente.



Capítulo 23

Eu acordei grogue e com dor novamente. Eu jurei quando me sentei. E então eu jurei novamente quando vi Jack enrolado ao meu lado. Estávamos ambos completamente vestidos. Nós estávamos acariciando.

— Merda, — murmurei. Peguei as muletas e a garrafa de suco de laranja e engoli outro comprimido.

Jack se mexeu. Ele piscou os olhos e sentou-se de repente. Ele olhou para mim e depois para a tela da TV. — Ei, a CNN é realmente como uma canção de ninar, — ele murmurou, enquanto as manchetes da manhã rolavam pela tela.

— Você está bem?

— Sim, só um pouco dolorida, — eu disse, inclinando-me para a frente na cama para o meu telefone. Meu joelho era um problema, mas parecia um pequeno problema comparado a Jack dormindo.

Percorri os meus textos — nada importante ou interessante. E então eu verifiquei meu e-mail.

O novo memorando de Andrew aos escritores da equipe de funcionários na verificação de fato.

O artigo de Justin, que ele estava tendo dificuldade em adquirir.

Um e-mail de Dale Broussards confirmando minha entrevista na quinta-feira. Era difícil não ficar feliz com isso. Eu sorri amplamente.

— O que? — perguntou Jack.

— Nada, — eu disse.

— Você está sorrindo como uma idiota.

— Não é nada, — eu disse. — Apenas o trabalho que estou entrevistando. Estou animada.

Jack estendeu a mão para o meu telefone. — Deixe-me ver.

Entreguei meu telefone. Ele digitalizou o e-mail rapidamente e entregou o telefone de volta para mim com um aceno de sua cabeça não concordante. — Puro.

Eu acho que eu deveria ter sabido que ele não estaria muito empolgado com trabalhos, dada a sua aversão a eles.

Eu bocejei. — David está na cozinha, — eu disse, ouvindo o som dele na cozinha.

— Eu ia dizer que cheira incrível. Quando posso me mudar?

Eu dei-lhe um olhar e comecei a meus pés tremulo.

— Fácil, tigre — disse ele, saltando da cama. — Aonde você vai?

— Escovar meus dentes.

— Deixe-me ajuda-la.

— Escovar meus dentes?

— Eu aposto que você não tem uma escova de dentes extra.

— Você pode usar a minha, — eu ofereci.

Ele fez uma careta.

— Sua boca tem tido pior.

Ele riu de mim enquanto eu coxeava para o banheiro. Eu olhei no espelho enquanto eu escovava meus dentes, afundado contra minhas muletas. Eu não podia acreditar que eu tinha torcido meu joelho. Eu tive uma entrevista para um trabalho na Síria, relatando sobre a agitação maciça. O que eu diria ao New York Times quando eles perguntassem

como eu torci meu joelho? Algum menino me deixou fraca dos joelhos? Que eu não poderia lidar com um beijo?

Se alguma vez me sentira menos recortada para um jornalismo sério, não conseguia me lembrar. Eu cuspi e lavei minha boca. E Jack e eu nos mudamos para compartilhar escovas de dentes. Fabuloso, eu pensei sarcasticamente.

Eu fui para a cozinha onde David estava trabalhando seriamente em panquecas de mirtilo.

— Ei, — disse ele com um sorriso enquanto eu me sentava. — Na hora certa. — Ele me entregou um prato com duas panquecas.

— Ah, você é o melhor. Sério, o melhor — eu disse. Eu sorri e dei uma mordida. Jack veio atrás de mim e beijou meu pescoço, me surpreendendo. Eu me afastei do beijo, rindo.

— Então, eu tenho outra entrevista com o *Times*, — eu disse a David.

— Sério? Isso é tão incrível. — David entregou a Jack um prato.

Eu balancei a cabeça. — Basta ter uma boa história para as muletas. Quero dizer, eu provavelmente não vou conseguir, mas —

— Oh, por favor — disse David. — Você vai conseguir.

Eu olhei para Jack, que estava trabalhando em um grande bocado de panquecas de mirtilo. — Ok, agora eu entendo por que você não quer dormir comigo — Jack disse uma vez que ele engoliu. — Não tenho um David e não queres partilhar o seu pequeno-almoço.

David sorriu. — Não precisa compartilhar. Há carboidratos suficientes para um exército aqui.

— Sou um exército — respondeu Jack. Ele me deu um olhar de tubarão e eu dei uma mordida de panquecas, rolando meus olhos.

— Hadley, o que você contribui para esta operação? — perguntou Jack.

— Ela faz o café. Quando ela não está ferida, — David explicou.

— Deve ser difícil, pressionando um botão.

— Mm—hmm, — eu disse. — Você é um idiota. Talvez seja por isso que eu não quero dormir com você.

— Então, *como* isso aconteceu? — perguntou David. Ele sorriu. — Acho que não consegui a história ontem à noite. Jack disse algo sobre os joelhos fracos.

— Já te disse — disse Jack. — Eu a beijei. Ela caiu.

— Eu tinha acabado de pular de um avião, — eu disse. — E eu tinha ignorado o café da manhã. Então, eu diria baixo nível de açúcar no sangue.

David sorriu. — Espere, fale-me da entrevista. Qual é exatamente o trabalho?

— É para um trabalho dividido entre Nova York e o Oriente Médio. Respondendo às crises conforme necessário, basicamente.

— Isso é perfeito para você.

Jack acenou com a cabeça uma vez. Ele olhou para as panquecas. — O que quer dizer com crises?

— Como, conflito violento, principalmente — eu disse. — Pelo menos, no Oriente Médio. Mas, realmente, provavelmente qualquer notícia importante na região. Eu provavelmente estaria focada na Síria, mas tudo depende do que precisa ser coberto.

— Você realmente quer fazer isso?

— Bem, sim.

— Quero dizer, você já pensou nisso?

— Desculpa?

— Quero dizer, você - você realmente pensou sobre o que o trabalho em uma região violenta, misógina do mundo poderia ser como no dia-a-dia? — ele perguntou. — Seus pais estão bem com isso?

— Obviamente, já pensei nisso. É o trabalho dos meus sonhos. E eu sou uma adulta. Embora, duvido que meus pais se importem.

Ele bebeu seu suco de laranja. — Aposto que eles se importam.

— Por quê?

— Por quê? — ele repetiu. — Porque você é seu filha e você está falando sobre ir para uma zona de guerra real. Com um bloco de notas em vez de uma arma.

Eu ergui minhas sobrancelhas. — Está falando sério agora? —

— Minha mãe iria absolutamente me matar se eu lhe dissesse que eu seria um repórter em zonas de conflito do Oriente Médio. Isso é tudo.

David encontrou meus olhos. — Seus pais se importam?

— Só se eles notarem, — eu disse. Meu pai provavelmente se importaria. Mas, eu teria que começar o trabalho primeiro e depois ele teria que decidir me procurar ou a minha mãe. Provavelmente estaria no Oriente Médio quando ele descobrisse.

— Como é que eles não vão notar que você está trabalhando como, Afeganistão ou Síria ou o que quer que seja? — perguntou Jack.

— Olha. Ainda não fui à entrevista, — eu disse. — E eu não tenho ideia do que acontecerá se eu conseguir o emprego. E meus pais não vão notar porque meus pais são super absorvidos. E não importam. Eles não querem que eu seja qualquer tipo de jornalista. Então, se eu terminar fazendo isso no Oriente Médio, isso não fará nenhuma diferença.

— Por que eles não querem que você seja jornalista? — perguntou Jack.

— Pensam que é estúpido. Eles pensam que eu não vou receber nada e que é um enorme e fodido desperdício do meu tempo e energia. — Eu bati em Jack. — Estes, por sinal, só para que tenham um pouco de fundo, são duas pessoas que não podiam estar no mesmo continente umas das outras, mas sobre isso, elas concordam. É uma indústria morrendo, é de baixo pagamento, e ninguém dá uma merda. Ponto tomado. Eu ainda quero fazer isso.

Jack sacudiu a cabeça. — Não foi o que eu disse.

— Bem.

— Não foi isso que eu disse — repetiu ele, teimoso. — O que você está tentando fazer é perigoso. Isso é tudo. Não quis dizer que você não deveria ser jornalista.

Eu exalei. — Oh.

Ele sorriu. — Então, pode relaxar. — Ele tomou outra mordida de panquecas de mirtilo. Eu observei as linhas de seu ombro. O modo como ele moveu o garfo. Algo sobre isso me fez cair um pouco apaixonado. Ou luxúria.

Ele me pegou olhando para ele e sorriu. — Você não está recebendo nenhuma das minhas panquecas, — ele disse, olhando para o meu prato vazio. — Essas são minhas.

Eu ri e por um momento, a tensão se difundiu. Mas ainda havia tantas coisas não resolvidas. O fato de ele ter dormido. O jeito que eu só assustei com ele sobre meus pais. O namorado de David. Todo o maldito jornal descansando em meus ombros.



Capítulo 24

— O que aconteceria? — perguntei a Andrew. — Se simplesmente não colocássemos um jornal. —

Ele me deu uma olhada. Ele não ficara nem um pouco impressionado com a minha história de torcer o joelho enquanto falava no paraquedismo e ele pareceu ainda mais irritado com a minha sugestão de que o Noroeste poderia sobreviver um dia sem nós. Além do fato de eu ter dito a ele que precisava atuar como redatora-chefe quando saí para Nova York para minha entrevista, tinha certeza de que Andrew tinha tido o suficiente.

— Se precisar de uma pausa, posso fazê-lo hoje.

— Eu não preciso de uma pausa, — eu disse. — Só estou me perguntando o que aconteceria.

— Eu não sei, Hadley, — ele disse cansado. — Prefiro não pensar nisso.

Eu mastiguei meu lábio. Eu tinha examinado meu currículo duas dúzias de vezes. Eu tinha praticado respostas a cada pergunta de entrevista que eu já ouvi. E eu tinha pesquisado fanaticamente meu entrevistador. Tudo o que restava a fazer era executar impecável na entrevista.

Dirigi-me até Jack depois de ter terminado todos os detalhes finais para a edição do dia seguinte. Ele estava deitado na cama, lendo. Ele mal me ouviu bater nas minhas muletas.

— Mmm. Ei. Você está ficando boa nisso, — ele disse com um sorriso.

— Obrigado, senhor. — Tentei fazer uma reverência nas muletas e quase acabei.

Ele assentiu. — Eu tenho algo para você.

Eu sorri. — Sim?

Jogou-me uma camisa de New York Knicks. — Para o avião. Então você não parecerá um turista desamparado do Meio Oeste.

Eu revirei os olhos. — Não pareço...

— Sh... — ele disse.

— Sou da Califórnia.

— As meninas desamparadas da Califórnia e os turistas do Centro-Oeste são todos iguais para os nova-iorquinos.

Revirei os olhos e puxei a camisa, equilibrando-me em uma perna. Ele me beijou profundamente. Ele empurrou um fio de cabelo atrás da minha orelha. — Talvez devêssemos ter colocado a camisa depois de transarmos, — ele murmurou.

— Mm, — eu disse, beijando-o de volta. — Você pode ter um ponto.

— Porque gosto de todas as coisas sob a camisa. Eu realmente cheguei no meu próprio caminho aqui. —

Eu ri quando ele beijou meu pescoço ainda mais suavemente do que o habitual. Ele me arrastou até a borda da cama e puxou o suéter sobre minha cabeça. Ele puxou minha blusa com ele. E então despiu-se.

— Você pode fazer isso? — ele perguntou, apontando para o meu joelho.

Eu balancei a cabeça.

— Tem certeza que?

— Positivo.

Ele sorriu. — Boa.

Ele era leve em seus toques. Era difícil para mim mover, mas ele era perfeito. Ele embalou um joelho em seu braço, apenas permitindo que ele balançasse, e ele era tão doce e ele era tão gentil que parecia mais do que apenas um bom sexo. Começou a se sentir muito como um esmagamento. Ou talvez, se eu deixar minha guarda para baixo por meio segundo, um pouco mais do que até mesmo uma paixão.



Capítulo 25

Eu estava em Nova York por um único dia. Um único dia caótico que começou no aeroporto O'Hare e terminou lá na mesma noite. O processo de entrevista tinha sido esgotante, seis horas de perguntas rápidas.

Eu fiz uma disciplina uma vez no sistema de justiça criminal. Eu aprendera como os pesquisadores agressivos faziam as mesmas perguntas repetidas vezes para que o suspeito começasse a esquecer o que ele dissera e começaria a questionar o que ele lembrava. Eu me senti um pouco como que no momento em que fui entregue a um assistente editorial que me levou para fora do labirinto complexo de escritórios.

— Vamos ligar para você, — ela me disse.

— Ótimo, obrigada — respondi. E então eu cruzei pela 8th Avenue, peguei um táxi, passei pelo aeroporto de Kennedy e peguei um avião de volta para Chicago. Eu cansadamente desmaiei encostado na janela.

Eu não podia acreditar que tudo isso tinha acontecido no espaço de um dia. A maneira como viajamos agora faz tudo ir tão rápido que quase não aconteceu.



Capítulo 26

— Eu sinto que você não está comendo, — Jack disse. — Tenho que te levar para jantar.

Metade da fraternidade terminou para uma celebração de classe de penhor, e era hora do jantar. Estávamos escondidos no quarto de Jack e eu não estava preparada para bater um jantar de fraternidade de todos os homens.

Dei uma olhada desconfiada para Jack. — Isso é contra as regras.

— Você quebrou a regra da festa do pijama, — ele apontou.

— Foi culpa sua. Eu estava drogada.

— Estava pronto para ir. Mas você era tudo como *fica*, — ele sussurrou em imitação de mim.

Eu ri. — Eu não estava. —

— Foi como quando o Titanic estava afundando e a ruiva era como, oh meu Deus, está tão frio, vamos dar as mãos.

— Não foi assim.

— *Jack, nunca me deixe*. O que eu deveria fazer?

— Você não estava drogado, — eu disse, ruborizada.

— Nunca me deixe, Jack, — ele sussurrou. — Nunca me deixe.

— Essa é a pior imitação de Kate Winslet. —

— Não estou fazendo Kate Winslet. Eu estou fazendo Hadley Arrington, — ele sorriu. — E eu estou comprando seu maldito jantar. Se você está tão preocupada com as regras, podemos ir ao McDonalds. Eles não servem comida. Todos os produtos são de plásticos que são comestíveis. Então, nós nem sequer temos que chamar de jantar.

— Ugh - Eu prefiro jantar.

— Lá vai você de novo. Quebrando as regras. — Ele sorriu.

Nós caminhamos escada abaixo. Bem, ele andou. Eu de muletas. Eu estava ficando boa em pular.

Entrei no carro dele e coloquei meus pés no painel. Ele sorriu para mim. — Então, quando descobriu o trabalho?

— Oh, eu não quero pensar nisso, — eu disse a ele. Eu olhei para fora da janela. Jack ainda não sabia o que queria fazer. — E você? Já pensou no próximo ano?

Ele riu. — Justo.

— Não, sério. Eu não estou pedindo para ser uma cadela. E você? — Eu perguntei.

Ele fez um barulho indefeso. — Eu — eu sinto que você não acredita em mim quando eu digo que eu não sei. Eu só... Eu não sei.

— E o paraquedismo? — Eu perguntei.

Ele riu amargamente.

— O que? — Eu perguntei. — Disse que amava isso. Você poderia ser um instrutor.

— Com um diploma do *Northwestern*?

— Quem se importa? Faça o que te faz feliz.

— Essa é a coisa, Hadley. Eu só...Eu não me importo com nada o suficiente, — ele deu de ombros.

— Você gosta de ler. Você gosta de paraquedismo. Você ama seus amigos, — eu disse. — Você se importa com muita merda.

— Ponto tomado. Olha, me desculpe, eu perguntei. Podemos esquecer isso?

— O que você vai fazer se você não encontrar um emprego?

Ele encolheu os ombros. — Posso ficar em Chicago.

— Mesmo? — Olhei para ele.

— Sim. Bobby está trabalhando em um livro. Ele disse que eu poderia ser seu assistente de pesquisa. — Ele encolheu os ombros. — Então, é uma ideia.

— Essa é uma *ótima* ideia — eu disse.

Ele olhou para mim. Eu me encolhi com o olhar, que era um de aborrecimento. — Não sou um animal de estimação, Hadley. Não é que eu não consiga um emprego. Eu não estou procurando uma razão.

— Bem, qual é o motivo?

—Todo mundo está sempre procurando algo mais para torna-los felizes. Apartamento novo. Nova namorada. Cão novo. Novo emprego. Nada disso faz cada um feliz. O olhar apenas distrai o inferno fora de você do que realmente está acontecendo, que é a sua *vida*.

— OK. — Fechei os olhos brevemente. — Mas mesmo se fazer algo não o fará feliz, ainda poderia valer a pena fazer. E ter valor ...

— Hadley, — ele disse em breve. — Você nem quer ser minha namorada. Por que você se importa se eu tenho um emprego ou não?

Bem, isso foi um pouco áspero. Eu olhei para ele enquanto ele dirigia. — Não quero ser a namorada de ninguém agora.

— Certo.

— Eu não.

— Entendi — ele disse.

— Acho que isso não funciona. Todo mundo rompe. Ou então eles se casam. Ou eles se casam e depois se divorciam. Ou eles trapaceiam. — Olhei para ele. — Ou eles se tornam um mentiroso. Ou - e isso é o que realmente me assusta - uma pessoa desiste de tudo o que eles realmente querem por alguns anos de amor e luxúria e descobrem que não valeu a pena. Mas você não sabe. Você nunca pode realmente saber o que está acontecendo na cabeça de outra pessoa. Não importa quanto tempo você

gasta com eles ou quanto sexo você tem ou qualquer coisa. Você não sabe.

Ele suspirou.

— E o ponto não é que eu não quero que você seja meu namorado. A questão é que eu não quero que ninguém seja meu namorado. Ninguém.

Ele respirou. — Cristo. Esqueça. OK?

— *Eu não tenho vergonha de você* — acrescentei, para dar ênfase. — Eu não me importo se você não conseguir um emprego. Você acabou de falar sobre não ter muita coisa para alguém que supostamente não dá a mínima. E nós devemos ser amigos.

— Não quis dizer isso. Eu só - esta é uma conversa estúpida. Desculpe, eu comecei.

Eu respirei fundo. Tínhamos chegado a um restaurante mexicano que eu gostei. Ele foi popular com quase todos que já comeram. Os quesadillas foram sempre quentinha, amanteigadas, e queijo delicioso e o guacamole provando que foi importados do Monte Olimpo. Além disso, eu sempre fui uma trouxa para margaritas.

Jack abriu a porta, que não era apenas cavalheiresco, mas realmente necessária, com as muletas. Ele sorriu quando ele pegou minha mão e me ajudou. — Desculpe, — ele disse, sinceramente. — A minha mãe continua a me fazer muitas perguntas. Está me incomodando um pouco. E Xander acha que ele deveria estar no meu caso sobre isso. E depois, você sabe, depois dele, você é como ... basicamente minha melhor amiga.

Isso significava muito para mim. — Você é basicamente o meu melhor amigo também.

— Depois do David? —

— Bem, eu ainda não *classifico* todos ainda. — Ele riu quando eu disse isso. — Mas você está lá em cima, garoto. Não se preocupe.

Nós nos sentamos em uma cabine de canto e pedimos margaritas e guacamole. Sentei-me com as pernas esticadas e Jack sorriu para mim quando eu bati uma margarita inteira de um longo gole.

— Menina má. Eu tenho que dirigir.

Eu sorri e ordenei uma segunda. — Não sei. E você disse que queria me ver realmente bêbada.

Ele sorriu. — Contanto que você fique consciente.

— Não vou adormecer. Eu prometo.

— É melhor não. — Ele mergulhou um chip no guacamole e estalou-o em sua boca com um aperto.

Talvez fosse o joelho torcido ou a dívida de sono ou a entrevista. Talvez eu só queria me divertir. Eu não sei, mas eu fiquei bêbada. Em algum lugar, entre as quesadillas e a piada de Jack sobre um conjunto de trigêmeos no Delta Delta Delta, acabei realmente, realmente bêbada e rindo muito, muito difícil.

E de alguma forma, Jack também.

— Porra, eu mal consigo ler este recibo, — ele disse apertando os olhos para ele. — Ligue para Z. Diga a ele que precisamos de uma carona.

Peguei seu telefone rindo e liguei para Xander. — Ei, Diamond? — ele disse.

— Ei, — eu disse.

— Quem é?

— Hadley Arrington, — eu disse.

— Oh. Jack lhe deu o telefone dele? Vocês estão ficando sérios, hein?

— Precisamos de uma carona.

— Diga a ele para ligar para uma das promessas.

— Ele disse …

— Não, diga a ele para vir, — Jack disse, apontando um dedo para mim e apertando um olho. — Diz-lhe que é uma emergência.

— Ele disse não. —

—emergência, — Jack repetiu.

— Coloque-o no telefone. — Disse Xander.

— Ele está muito bêbado para dirigir, — eu disse.

— Ele também está bêbado para falar ao telefone?

— Um. Sim.

Xander suspirou pesadamente. — Onde vocês estão?

— México.

Jack explodiu em gargalhadas e agarrou o telefone. — Estamos no Pedro. — Ele riu do que Xander lhe disse. — Sim, bem, eu sabia que você diria sim a *ela*. Vejo você em alguns minutos, amigo. — Ele guardou o telefone e olhou para mim. — Nos trouxe uma carona.

— Consegui o passeio.

— Você não conseguiu merda. Aquele é o meu amigo.

— Sim, mas eu o levei para vir para o México para nós.

Quando Xander nos chamou para nos dizer para sair, movi-me o mais rápido que pude com muletas. E Jack me ajudou no banco da frente e pulou na parte de trás.

— Vocês dois são irresponsáveis — disse Xander.

— Nós te chamamos, — Jack riu.

— O que diabos você fez com ele?

— Dei-lhe algumas margaritas, — eu disse indignada. — Por que não está mais preocupado comigo?

— Porque ele está rindo.

— Não estou rindo, — Jack insistiu. Ele chutou as costas do assento de Xander.

— Ei, — disse Xander.

— Já estamos lá? — Jack exigiu.

— Não me faça voltar lá, — Xander franziu o cenho.

Chegamos à casa de fraternidade e Jack saltou do carro. Ele me puxou para fora. — Vamos, aleijada.

Eu ri. Ele segurou meu rosto em suas mãos. — Você me deixou bêbado, — ele disse.

Chegamos lá em cima o mais rápido que podíamos. Ele desligou todas as luzes e fomos selvagens. Às vezes, quando você está bêbado, você sente falta das melhores partes sobre sexo. Às vezes, porém, quando você está bêbado, parece tão bom quanto parece nos filmes. Demasiado intoxicado para se preocupar com as roupas ou as luzes ou o que fazer quando ele mergulhou sua cabeça assim.

Eu vim antes dele, em uma onda longa e dura que soprou negro através da minha mente. Não havia nada além de Jack.

Tentei recuperar o fôlego. Eu agarrei suas costas largas para apoio. Seus músculos duros ondularam sob minhas mãos quando ele chegou. Através da névoa do álcool e dos beijos suaves e do alto intenso, ele disse muito claramente e muito possessivamente: — Eu te amo.

Ele desabou ao meu lado, respirando com dificuldade. E as ondas de choque correndo pelo meu corpo correram frias. *Eu te amo*.

Não é isso que toda garota quer ouvir?

Do cara que ela está dormindo com uma base casual.

Porque ela não tem tempo para um relacionamento.

Que é apenas a coisa que ela diz para as pessoas, porque ela está realmente tão fodidamente aterrorizada de ter seu coração partido que ela não pode imaginar arriscar, nem por um segundo.

Eu respirei superficialmente ao lado dele enquanto ele me enrolava em seus braços. Ele não parecia se importar que eu não tinha dito nada de volta. Ou que eu tinha ficado tensa ao lado dele.

E ele me segurou lá, mas eu não podia relaxar, e eu não conseguia dormir. E depois de muito tempo, eu me levantei da cama, vesti minhas roupas e fui embora.



Capítulo 27

Ele não me ligou na manhã seguinte. E eu também não liguei para ele. Sentei-me no sofá com David, paralisada por três pequenas palavras que me assustavam. Três pequenas palavras que eu não acreditei completamente.

— Não conta se você diz isso durante o sexo — disse David. — Não se assuste.

Eu balancei a cabeça. — Certo. —

— Talvez ele tenha falado sério... sabe, *eu te amo* agora? — ele disse.

— Certo.

— De qualquer maneira, não se assuste.

— Certo. — Eu respirei. — Não quero me deixar assim.

— Você o ama? — Perguntou David.

Eu balancei a cabeça. — Não posso fazer isso, David.

— Por que não? — Ele olhou para mim. — Hadley, vocês não são seus pais. Isso não pode ser uma desculpa para não ir atrás de algo que poderia ser realmente bom.

— Não é desculpa. É uma razão. Um bom motivo. E eu estou tentando conseguir este emprego. Estou tentando me certificar de que o jornal fique em boa forma. Eu mal tenho tempo para aulas.

— Bem, qual é o problema? Se ele te ama, o que há de errado nisso? Por que você não pode ir para a aula e amá-lo?

— O problema é que ele faz minha cabeça girar, — eu disse, exasperada. — Estabelecemos os termos da relação. Fizemos *regras*.

— Que é o que você queria. Mas e se você quiser mudar os termos? Seria realmente o fim do mundo?

Suspirei. — Não quero alterar os termos

— Então, não sei... Diga—lhe para ficar com outra pessoa por algum tempo.

Eu fiz uma careta. — Não vou dizer para ficar com outra pessoa.

— Por que não?

— Porque pode arruinar as coisas. Eu gosto das coisas do jeito que elas são. Eu não quero que elas mudem.

— Então, diga a ele — disse David. Ele estava usando a camisa de Ben, que era grande e solta em seu corpo magro.

— Como está o Ben? — perguntei. Eu não tinha ideia de como dizer a Jack que não queria que nada mudasse. O que eu deveria dizer? Ei, podemos falar sobre o fato de você ter dito "Eu te amo" ontem à noite? Parecia estúpido. Mesmo na minha cabeça parecia estúpido. Ele estava bêbado. Provavelmente não significava nada. Talvez nem se lembrasse.

David encolheu os ombros. — Ele está bem. Eles têm um formal no próximo fim de semana. Ele vai com uma garota.

— Ele deveria ir sozinho se não vai te levar.

— Ele acha que as pessoas suspeitam. Ele ficou louco porque Jack descobriu. — Ele encolheu os ombros. — Ele não quer que sejamos exclusivos de qualquer maneira. De qualquer forma, eu perguntei a este cara. Se ele vai ver outras pessoas, então eu também.

Eu gritei. — Quem?

Ele sorriu. — Amigo do Nigel. — Ele encolheu os ombros. — O nome dele é Sam.

— Sam parece *ótimo* — eu disse entusiasticamente.

David assentiu com a cabeça. Ele encolheu os ombros. — Sim. Eu prefiro ser exclusivo com Ben. Mas eu não quero que seja apenas eu sempre esperando por ele enquanto ele faz esse grande show. Quero dizer, ele não deixa sua guarda cair em volta de ninguém.

— Deveria absolutamente ver outras pessoas se ele quiser ver outras pessoas — eu disse. — Vai ser divertido. O que você está fazendo?

— Jantar, filme, bebidas. — Ele encolheu os ombros. Ele soou menos do que emocionado, mas eu estava feliz. Qualquer um que fosse realmente fora do armário seria uma melhoria.

— Isso será ótimo.

— Não sei, mas não pode doer.

— Dê uma chance. Se ele não é seu namorado —

— Ben *é* meu namorado — disse David, soando de repente desolado. — Ele está. Ele só… — Sua voz pegou. — Porra. — Ele pressionou a palma das mãos nos olhos. — Isso é muito estúpido, hein? Você está chateada porque ele disse 'eu te amo' e eu estou chateado porque Ben nunca vai dizer. — Ele riu amargamente, balançando a cabeça. — É o que você tem. Sempre que você tem expectativas, é isso que você recebe. Exatamente o oposto. — Ele se levantou. — Quer chá?

— Claro, — eu disse suavemente. A dor no rosto dele era insuportável.

Ele colocou a chaleira, compondo-se. — Estou chateado. Quero dizer… Fiz tudo o que ele pediu. *Tudo*. Eu tenho um novo corte de cabelo, porque o meu último corte de cabelo era muito gay. Eu não me visto como eu quero. Eu nunca faço planos, porque os planos que eu faria seriam em lugares que ele nunca iria. Todos os meus amigos, além de você são como, nem mesmo na foto.

Esfreguei meu queixo. — Já disse isso a ele?

— Não, porque ele está sob muita pressão apenas vendo — disse David. — Eu sou o primeiro homem com quem ele já esteve há mais de uma noite. Ele continua me dizendo o quão grande o risco ele está tomando. Mas… — Ele balançou a cabeça. — Quero que seja real.

— Diga-lhe isso. Diga-lhe tudo isso. O que você acabou de me dizer. Você merece algo real.

— Eu só — Eu sei que ele vai terminar comigo.

— Essa é a sua perda, David. Se ele romper com você, então já vai tarde. Você merece essas coisas. Você merece ver seus amigos e usar seu cabelo, no entanto você quer usar seu cabelo. É o seu maldito cabelo.

Ele sorriu.

— Não é o cabelo dele. Seu cabelo.

Ele riu. — Sim. Sim. Eu sei. Mas é difícil.

— É difícil, — admiti. — Por que é tão difícil falar com as pessoas? Como, essa é a principal coisa que fazemos um com o outro. Nós falamos.

— Tecnologia.

— Não acho que seja assim tão simples.

— Eu faço. — Ele levantou os ombros. — Pense nisso. Você pode basicamente descobrir o que alguém está fazendo e pensando sem pedir agora. Facebook, Twitter, seja qual for. E se você tiver uma pergunta, você pode fazer o texto. E isso é como se nunca tivesse acontecido. Falando. Falar é difícil. — Ele assentiu.

— Bem, — eu disse. Foda — se falar. Acho que devemos fazer algo divertido. Só você e eu. Como nos velhos tempos.

Ele riu. — O que você quer fazer?

Praticamente qualquer coisa.

— Vamos para Chicago.

— Sim. Vamos para Chicago.

— Vamos ao museu.

Eu sorri. — Vamos.

— Este é um plano fabuloso, — disse David. Ele sorriu. — Ainda quer chá?

— Eu quero um pouco de chá, — eu disse. — Esquecemos tudo sexta-feira. Sem jornal, sem classes, será glorioso. Faça arranjos, David.



Capítulo 28

Juliet tinha feito um trabalho incrível na proposta para a edição do Dia dos Namorados, que estava ao virar da esquina. Sentei-me com ela para discutir e fiquei encantada.

— Juliet, isso é inacreditável, — eu disse, olhando para o layout e para o alcance que ela já tinha feito.

— Certo? — ela sorriu. — Então, temos 450 tweets de admiradores. O que vai ser louco. Faremos tudo isso a partir do feed Twitter Social diário.

Eu balancei a cabeça.

— E então vamos imprimi-los em letras pequenas em um foldout, — ela disse. — Para que as pessoas também possam lê-los no jornal.

— Os tweets? —

— Sim.

— Ok, — eu disse. Eu sorri. — Isso soa incrível, Juliet. A sério.

— Obrigado! — sorriu amplamente. Então, quando você ouviu falar do *Times*?

Dei de ombros. — Honestamente, eu não acho que minha entrevista foi tão bem.

— Mas, quando você ouve?

— Até o final da semana, — eu sorri. — Veremos. —

— E quando você tira essas muletas estúpidas?

— Ugh. Logo — eu disse. — Mais uma ou duas semanas. — Meu joelho se sentiu bem quando eu simplesmente coloquei meu peso sobre ele. Mas a caminhada ainda doía. — Mal posso esperar.

Meu telefone zumbiu sobre a mesa. Foi um telefonema. Jack.

— Pode esperar um segundo? — perguntei a Juliet.

— Bem, na verdade... É sobre tudo. Então, eu posso ir.

— Obrigado. Parece realmente, realmente grande. Deixe-me saber se você precisar de ajuda com qualquer coisa. —

Juliet misturou seus papéis juntos e fechou a porta do meu escritório atrás dela.

Peguei o telefone. — Ei.

— Você pode falar? — perguntou Jack.

— Estou...

— No jornal, eu sei. Quero dizer. Você pode escapar por uma hora?

— Por quê? — perguntei cautelosamente.

— Eu só... eu realmente gostaria de te ver, — ele disse suavemente. — Desculpe se... Sábado assustei você.

Eu tomei uma respiração aguda. — Não, está ... está tudo bem.

— Venha aqui?

Eu respirei. — Jack tem como todos os dez minutos.

— Tudo bem. Só quero falar com você.

Eu mordi meu lábio. — Muito bem. Eu estarei aí.

Eu não fiquei nervosa por vê-lo por semanas. Mas eu estava nervosa quando eu estacionei e quando eu abri a porta. Ele estava de pé na sala, distraidamente assistindo a TV.

— Ei, — ele sorriu e acenou com a cabeça e eu subi com ele até o quarto dele e me sentei no chão com minhas costas para uma parede, meus pés estendidos diante de mim

Ele me deu um sorriso irônico. — Eu disse que te amo.

Eu me encolhi. — Sim.

— Você está enlouquecendo.

Engoli em seco. — Um pouco.

— Por quê? — ele perguntou.

— Bem, você quis dizer isso?

Ele jogou a cabeça para trás. — Jesus.

— O que?

— Diga-me o que dizer — disse Jack. — Se você quer que eu diga que eu não te amo, eu não te amo. É isso que você quer?

— Você me ama? — perguntei cautelosamente.

Ele respirou fundo. — Você é como minha pessoa favorita.

Eu sorri com isso.

— Não vou propor. Eu não vou comprar um anel ou comprar flores ou força-la a namorar comigo ou emitir um ultimato — ele disse rapidamente. — Simplesmente, eu não sei. Eu não vou dizer que não me importo com você.

Mas você está apaixonado por mim?

— Pode dizer alguma coisa? — ele perguntou. — Porque estou enlouquecendo.

— Por quê? — Eu perguntei.

— Estou enlouquecendo porque acho que você vai embora porque eu disse algo estúpido.

— Eu não vou me afastar — eu disse. Dei de ombros. — Acho que me deixou preocupada que talvez você queira algo que eu não possa lhe dar agora. Mas, eu não quero ir embora. Eu não vou embora. OK?

Deixou escapar um suspiro alto e enorme e o emparelhou com um sorriso de dente. — OK.

— Tenho que voltar ao jornal. — Eu disse a ele de forma natural. Eu hesitei na porta. — E, você sabe, para o que vale a pena, eu me importo com você, também. Muito. Tipo, de uma forma que me faz temer, nós vamos estragar tudo e parar de falar.

Ele sorriu. — Não vamos.

Eu balancei a cabeça. — Acho que é mais fácil do que pensa.

— Não, eu juro por Deus. Eu nunca vou dizer nada estúpido novamente na minha vida. — Ele me deu um sorriso pateta e eu sorri de volta para ele.

— OK. Eu realmente tenho que ir.

Ele balançou a cabeça e me beijou.

Ainda assim, eu não pude deixar de sentir como se algo tivesse mudado enquanto eu desci as escadas. Eu não sabia se era para melhor ou para pior. Eu só sabia que algo estava diferente.



Capítulo 29

Cheguei em casa para ver David como David. Foi uma mudança extraordinária. Ele estava usando calças que gostava e uma camiseta apertada e olhando para o seu reflexo no espelho.

— Olá, — eu disse, quase chocada. Eu sorri para ele. — Você parece bem.

Ele me lançou um olhar maldoso. — Cale-se. Eu pareço totalmente na média. — Ele reorganizou os cabelos, mexendo com o corte de cabelo no espelho. — Por que você me deixou fazer isso com meu cabelo?

Eu sorri amplamente. — Oh, eu não *te* deixei fazer isso.

— Já terminei, a propósito.

— O que?

— Com Ben, — ele disse sem rodeios. — Já terminei. Aquela garota que ele está trazendo para o seu semi formal? Ele dormiu com ela. — Ele tomou fôlego e não conseguiu manter o ar ambicioso de total segurança. Sua voz tremeu quando ele explicou. — Quero dizer, eu não acho que ele me pediria. Quero dizer, sejamos sinceros, nunca esperei que ele me

pedisse. Eu sabia que ele estava trazendo essa garota. Mas uma garota com quem ele dormiu? E por que ele ainda *tem* que ir? Ele poderia ter feito qualquer desculpa. Qualquer. Mas eu fiz tudo o que ele pediu. Eu praticamente parei de falar com você, porque ele pensou que você estava tentando nos separar.

Bem, isso explicou muito.

— Desculpe, — eu disse suavemente. E eu realmente lamentava vê-lo tão chateado. Mas fiquei aliviada por ele ter percebido que ele merecia ser tratado melhor. Sentei-me no sofá ao lado dele e enrolado debaixo de seu braço.

— Pode dizer.

— Dizer o que?

— Que você me disse.

— Eu não vou dizer isso a você, — eu murmurei.

Ele exalou. — Odeio que eu me importe com ele.

Eu sorri para ele fracamente. — Sim. Eu sei.

— Eu odeio isso. Você vai ficar bêbado comigo?

— Abso-fodidamente-lutamente, — eu disse. Eu entrelacei meus dedos com os dele. — Você vai ficar bem. Você não vai se importar para sempre.

— Eu sei. Vou ficar melhor. — Ele balançou sua cabeça. — Eu me sinto um idiota.

— Você não é um, — eu sorri. — Nunca viveria com um idiota.

Ele já estava despejando os tiros de tequila. Eu levantei uma sobrancelha. Isso ia ficar confuso.

— OH QUEM ESTAMOS HALFWAY LÁ! OH WHOU LIVIN EM UMA ORAÇÃO! TOME MINHA MÃO E NÓS FAREMOS EU JURO!

Era difícil dizer quem estava gritando mais alto no bar, na maior parte deserto, naquela noite de quinta-feira, mas David e eu estávamos fazendo barulho suficiente para limpar o lugar.

Quando nós dois cambaleamos pela porta, eu olhei para David e comecei a rir.

— Meu Deus, eu o odeio — disse David. — Eu o odeio absolutamente. Ele é o pior. Foda-se, Ben Mitchell.

Eu suspirei pesadamente. — Eu sei.

— O que agora? — ele perguntou.

Dei de ombros. — Chame um táxi?

Ele assentiu. — Certo. Táxi. Certo. — Mas não liguei para um táxi. Estendi a mão na minha bolsa e liguei para Jack.

Bêbado e feliz, eu o chamei de bebê.

— O que você fez com Hadley?

— Eu estou muito, muito bêbada, — eu disse. — Venha me buscar, por favor.

O sol demônio rastejou pelas cortinas e declarou guerra aos meus olhos e à minha cabeça. Eu rolei e cai no corpo de Jack. Ele grunhiu.

— Acho que morri, — eu gritei.

Ele riu alegremente. — Não, eu não deixaria isso acontecer.

— Nunca mais vou beber. Sempre. Estou fodidamente alérgica.

— OK.

— Eu nunca quero ouvir a noite passada mencionada, — eu disse. — Há grandes lacunas na minha memória. E eu não quero que elas sejam preenchidas.

Jack sorriu ironicamente para mim. — Você vomitou.

— Pare.

— E você disse que eu era adorável.

— Pare. Cessar e desistir.

Ele riu e pegou um copo de água na mesa de cabeceira. Ele me entregou. — E então David me acusou de matar você, mas ele também estava perdido. —

— Não me lembro de nada disso.

— Você parecia morta.

— Pare.

— Isso foi antes de você também tirar suas roupas e fez a Macarena.

— *Não* fiz a Macarena nua. —

— Isso pode não ter acontecido. — Ele beijou minha bochecha. — Você vomitou, no entanto.

— Desgraçado. — Eu olhei para o copo de água que ele tinha me dado e então eu olhei para cima em sua cara amável. Eu tomei um gole. — Você está muito gentil comigo.

— Não, — ele disse simplesmente. — Eu não estou.

— Você está, — eu disse seriamente. — Eu era muito responsável quando eu não esperava que alguém fosse legal comigo. Isto é culpa sua.

Ele riu. — Não estava *perto* de você. Eu encontrei você nesta condição, — ele disse. Ele revirou os olhos. — Claramente, você nunca deveria ir a bares com David. Além disso, eu ouvi algumas histórias sobre tequila. Isso deve ser contra as regras.

Eu fiz uma careta, lembrando da tequila. Eu realmente não poderia discordar.

Eu me desloquei para fora de minha cama e pressionei minha mão em minha testa. — Porra.

— Advil. Precisa de Advil, café e transplante de fígado.

— Não conheço ninguém que me dê o fígado.

— Eu diria que eu faria, mas então você surtaria novamente, — ele disse suavemente.

Eu sorri para ele. — *E* você dormiu. *Novamente*. — Nós não conversamos mais sobre a coisa do "eu te amo". Mas tinha que ser um bom sinal de que ele estava brincando sobre isso.

— Você me fez.

— Não me lembro disso.

— Bem, — ele disse. — Você não se lembra muito. Você? *Jack, eu nunca vou deixar ir*, — ele imitou.

— Oh Deus.

— Nunca deixe ir.

— Eu não acredito em você, — eu disse, embora eu acreditasse totalmente nele.

— Jack! — ele imitou.

— Minha voz *não* soa assim. — Sai da cama. Sua risada me seguiu pelo corredor e entrou no banheiro, onde eu liguei o chuveiro e pisei debaixo da água. Eu estava lavando meu cabelo quando ouvi a porta se abrir e fechar.

Jack entrou no chuveiro atrás de mim. Ele sorriu quando sentiu a água. — Você gostaria que fervesse.

Beijei-o e ele gentilmente me aliviou em direção à parede. Ele apertou as mãos contra os azulejos, perto da minha cabeça, enquanto ele beijava meus lábios mordendo. Ele abaixou a cabeça e escovou seus lábios contra meu pescoço, seu cabelo molhado acariciou meu queixo e os músculos em seus ombros ondulados quando ele se curvou e beijou o cume plano do meu peito. Eu tomei fôlego e senti sua boca contra meu coração vibrante.

Ele caiu de joelhos e me beijou mais baixo. Meu osso ilíaco e minha virilha e, em seguida, apenas um pouco menor. Sua língua era macia e morna e quando eu o senti em mim, eu me levantei em meus dedos do pé.

Ouvi a respiração dele, o borbulhar agradável da água correndo pelo ralo, o rugido tranquilo do chuveiro.

Ele se recostou sobre seus calcanhares, suas mãos em meus quadris, sua língua me deixando louca, e eu quase perdi o equilíbrio.

— Jesus, Jack.

Ele riu e a vibração abafada percorreu-me. Agarrei seus cabelos molhados e mordi meus lábios para não gritar enquanto ele habilmente me levava cada vez mais alto.

Levantei meu braço à minha boca e mordi meu pulso quando cheguei. — Oh meu deus, oh meu deus, — eu murmurei quando ele terminou.

— Ei, garota, — ele disse suavemente. Ele me puxou para baixo, então nós dois estávamos sentados no chuveiro e ele lavou o xampu do meu cabelo enquanto eu encostei minha testa contra seu ombro.

— Onde aprendeu isso?

— Tomou um seminário, — ele sussurrou.

Depois, deitei na cama, respirando profundamente, enquanto ele se sentava na beira da minha cama e vestia-se. Ele estava olhando para uma fotografia emoldurada de meu pai.

— Então, qual é o seu negócio com o seu pai?

— Nenhum negócio, realmente — eu disse. Olhei para o teto. — Não foi muito para que houvesse um acordo. — Eu respirei.

— Hm, — ele disse.

— Como é a sua família? — perguntei. Eu só sabia o básico. Sua mãe e seu irmão mais velho. Que seu pai tinha morrido quando era criança e ele nunca falou sobre isso.

Ele exalou. — Soldados e benfeitores, o lote deles. — Ele sorriu.

— Mesmo? — Eu perguntei.

— Sim, eu também não sei de onde vim, — ele brincou.

— Eu não disse isso, — eu disse.

Ele deixou cair o sorriso distante. — Meu avô era almirante na Marinha. Moda antiga. — Ele terminou de abotoar sua camisa de flanela macia e sorriu. — Meu irmão mais velho o idolatrava.

— Ainda está perto?

— Ele morreu, — ele disse suavemente. — Cinco anos atrás. Ataque cardíaco.

— Eu sinto muito.

— Tudo bem. Ele era velho. — Jack acalmou a garganta. — Ele ficaria muito orgulhoso do Alex.

— Tenho certeza que ele estaria muito orgulhoso de você também.

— Sim, talvez — ele sorriu. — Não quis dizer isso de verdade. Só que Alex é muito parecido com ele.

Eu balancei a cabeça. — Deve ser difícil para você saber que ele está no Afeganistão.

— Minha mãe se preocupa, — ele disse, desviando a pergunta. — Mas os médicos geralmente ficam muito seguros.

— Você me disse que ele era perfeito, certo? — perguntei, lembrando da nossa primeira conversa no carro.

— Sim, — ele esfregou o queixo. — Alex é perfeito. Ele teve que crescer um pouco rápido. Ele estava sempre tentando me colocar na linha.

— Como foi para você? Sabendo que ele está ali? — perguntei suavemente, empurrando um pouco.

— É uma merda — ele disse. Ele exalou pesadamente. — É uma droga como você não acreditaria. — Ele sorriu e pegou uma foto de mim e de minha mãe. — É a sua mãe?

Eu balancei a cabeça. Eu não sabia por que eu mantive essa foto na minha cômoda. Isso me deixou muito triste por eu me sentir como se eu mal a conhecesse.

— Deus, ela é linda. —

— Mm, — eu disse. Eu tinha ouvido isso tantas vezes. — Sim, ela é.

— Ela se parece com você.

— Na verdade não. —

Ele sorriu. — Como você. Seu sorriso é diferente, entretanto.

— Como?

Ele sacudiu a cabeça estudando-a. — Não sei ... quando você realmente sorri? Está mais quente. Você são próximas?

Eu balancei a cabeça. — Não.

— Por que não? —

— Ela nunca baixa a guarda, — eu disse. Eu balancei a cabeça. — Não com ninguém. Nem mesmo comigo.

Ele levantou uma sobrancelha. — Bem, isso explica muito.

Ele colocou a fotografia de volta na cômoda e depois subiu na cama.

— Eu baixei minha guarda com você. — Olhei para ele. — Mais do que eu provavelmente deveria ter feito.

— Sim, depois de uma discussão, ele beijou minha testa. — Então, não tem acordo com o seu pai. E sua mãe não deixa sua guarda baixa. Divorciado?

Eu balancei a cabeça.

— Recomeçou?

— Mais vezes do que gostaria de contar. Ambos. Meu pai está solteiro de novo, mas minha mãe está em seu sexto marido. Fui para casa no Natal. E eu fui para minha casa, e lá estava outra pessoa morando lá. — Eu ri. — Ela nem me disse que tinha se mudado. Ou que ela tinha se casado de novo.

— A sério? —

Eu ri. — Sim.

Ele soltou um assobio baixo. — Você disse sexto marido?

— Eu disse sexto marido, — eu disse. — Você é próximo da sua mãe?

Ele encolheu os ombros. — Eu era um punhado no ensino fundamental e no ensino médio. Só um garoto zangado. Fui expulso de algumas escolas. Já te disse isso, certo?

— Sim.

— De qualquer forma, a terceira vez que aconteceu, ela me mandou aqui para morar com Bobby. O que ajudou. — Ele inclinou a cabeça. Alguns.

— Não sabia que você morava com ele.

Ele assentiu. — Sim. Último ano. Eu nunca teria entrado em Northwestern se ele não ensinasse aqui.

Olhei para a mistura de vulnerabilidade e pesar em seu rosto. — Ficou com menos raiva?

Ele sorriu. — Eu entrei em algumas lutas no ano de calouro.

— Mesmo? —

— Foi assim que conheci Xander. Ele chutou minha bunda, — ele disse. Revirei os olhos e ele riu de mim. — Não, não estou mais zangado. Talvez nunca estivesse com raiva. Acho que senti muita falta do meu pai.

— Então você lutou contra as pessoas?

Ele assentiu. — Quando você perde alguém importante, nem tudo faz sentido. Ser irritado era mais fácil do que ser ferido. Estar sozinho era mais fácil do que deixar as pessoas chegarem muito perto. Eu sinto que você sabe algo sobre isso.

— Sim, — eu disse suavemente.

— Por causa dos seus pais?

Dei de ombros. — Não sei. Eu nunca poderia realmente contar com eles. Eles estavam sempre fazendo promessas que nunca poderiam manter, — eu respirei. — Mas eu conheci o David. E ele sempre esteve lá. — Eu mordi o lábio.

— David é um bom rapaz — disse Jack decididamente. Ele rolou de costas.

— Ele terminou com Ben.

— Isso é bom, — ele disse. Ele sorriu. — Isso é realmente bom.

— Sim, — eu disse através de um bocejo. — Estou aliviada. — Eu estiquei minhas costas — Deus, eu estou tão de ressaca.

Ele levantou.

— Onde você vai?

— Dê-me um segundo.

Ele voltou com um Gatorade, chutando a porta fechada atrás dele.

— Oh, você é um bom, bom homem.

Ele sorriu, entregando-me. — Espere até ouvir as minhas exigências.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Temos o fim de semana dos nossos pais semiformal, — ele limpou a garganta. — Em duas semanas. Eu nunca fui antes, — ele confessou. — Mas eu quero esse ano. Alex está de licença e minha mãe e Bobby virão. De qualquer forma, eu pensei que poderíamos ir juntos. — Ele encolheu os ombros. — Apenas se você quiser.

Fiquei surpresa, realmente, pelo convite para conhecer sua família, mais do que para seu formal. — Sim, — eu disse. — Definitivamente.

— Mesmo?

— Sim, — eu disse. — Claro.

Ele assentiu. — Boa. — Ele sorriu. — Eu estava meio preocupado que você dissesse que não. É tão contra as regras que nem é engraçado.

Eu sorri. — Bem. Tenho de dizer, Jack Diamond, que demonstrou uma deplorável falta de respeito por todas as minhas regras.

Ele riu. — Nunca conheci uma regra que eu não poderia quebrar.

— Mm hmm, — eu disse. — Pelo menos você entrega Gatorade. — Ele voltou sob as cobertas e beijou meus cabelos úmidos.

— Estou desapontado com o desempenho do meu chuveiro foi menos impressionante do que a entrega de água com açúcar, — Jack disse.

Depois que tomamos café da manhã no domingo, nós mal tivemos um momento que não foi gasto juntos. Talvez fosse a ressaca, mas eu não conseguia o bastante dele.

— Então, esta é a biblioteca, hein? — Jack disse, enquanto nos aproximávamos do prédio para poder trabalhar em um papel para a aula de árabe. — Você percebe que eu sou um virgem de biblioteca, certo?

Eu abri a porta. — Você precisa ficar quieto.

— Obrigado pela valiosa informação, Hadley Arrington. Eu vou guardá-la toda a minha vida.

Eu revirei os olhos. — Você realmente trouxe algum trabalho para fazer?

— Não, você disse que ia a biblioteca. E isso significa que o único lugar onde eu poderia fazer sexo com alguém está na biblioteca.

Ele disse esta última frase enquanto entramos na biblioteca misteriosamente silenciosa. E meia dúzia de cabeças viraram-se para olhar para nós. Ele sorriu e acenou. Segurei seu antebraço firmemente.

— É como uma caverna. — Anunciou em voz alta. Ele olhou ao redor. — Na verdade, um túmulo. —

— Cale a boca — sussurrei.

Ele revirou os olhos para mim. — E agora? — ele perguntou em um sussurro exagerado. Ele me seguiu até o segundo andar, para uma das mesas junto às janelas com vista para o lago. Ele sorriu enquanto eu me sentava.

— Você faz isso muito, não é?

— Vir para a biblioteca?

— Sim. —

— Sim, eu venho muito à biblioteca, Jack.

Ele riu e se sentou diante de mim. Ele manteve sua mochila, claramente não tendo nenhuma intenção de fazer nada produtivo, como

eu comecei meu computador e consegui meu caderno e livro de texto árabe.

— Você é o verdadeiro negócio, huh? — perguntou Jack.

Eu olhei para cima. — O que você quer dizer?

— Quero dizer, com o material árabe. Você realmente quer ser um correspondente de guerra?

Eu balancei a cabeça. — Sim. Eu acho.

— Por quê? — ele perguntou.

Dei de ombros. — É o que eu quero fazer.

Ele sorriu. — Não está bom o suficiente.

— O que?

— Você é a pessoa mais deliberada que conheço. Por que jornalismo de guerra? — ele perguntou. — Quero dizer, o que te fez querer fazer isso? Você viu um filme? Leu um livro? Tem um amigo?

Esfreguei meu queixo e pensei no momento em que percebi pela primeira vez. — Acho que começou com Nancy Drew.

Ele sorriu.

— Ela era um detetive, mas é uma espécie de trabalho semelhante. Você faz um monte de perguntas e descobrir quem está mentindo e quem está dizendo a verdade e todo esse jazz, — eu disse.

Ele sorriu. — OK. Então, este é Nancy Drew: Mistérios do Oriente Médio.

Eu ri. — Não, eu disse. — Então, você sabe, eu li outro livro.

Ele assentiu.

— Hum, sobre o holocausto. *Número das estrelas*. — Eu esfreguei meu queixo. — E parecia que quanto mais velha eu conseguia, mais eu percebia quantas coisas terríveis haviam acontecido que ninguém tinha se dado ao trabalho de perceber até que a destruição estivesse basicamente completa. — Fiz uma pausa. — É tão fácil se concentrar em nossas próprias vidas, e é tão terrível, e... meus pais se concentraram em suas próprias vidas. Não os fazia mais felizes. Meu pai ganhava muito dinheiro, mas minha mãe continuava procurando alguém por conta própria. E eu pensei, você sabe, se eu estava fazendo esse tipo de

trabalho, escrevendo sobre o que estava acontecendo para que as pessoas não pudessem ignorá-lo, então isso seria suficiente. — Dei de ombros. — Seria o suficiente para saber que eu estava fazendo um bom trabalho, um trabalho importante. E agora, o lugar onde as pessoas precisam saber o que está acontecendo é principalmente o Oriente Médio. — Eu coro. Discurso longo e sincero. Não meu estilo.

Ele sorriu.

— O que?

— Eu gosto disso, — ele disse.

— Você gosta do que?

— Gosto que suas razões para ser jornalista sejam totalmente ingênuas e idealistas, — ele sorriu.

Eu revirei os olhos. — Não disse que fosse profunda.

— Não, é meio que. — Ele sorriu. — E é bom saber que você não é uma cínica completa.

Eu me concentrei em não corar.

— Então, talvez você vai vir na coisa de namoro..

— Eu não vou, — eu disse.

Ele encolheu os ombros.

— Estou falando sério, — eu disse, ligeiramente aborrecido.

Ele riu. — Não fique brava.

— Não estou brava. Mas, eu sou sério que eu só quero começar o trabalho no Times e me concentrar nisso. Eu não quero que haja qualquer confusão.

Ele assentiu. — Não eu sei. —

Eu virei a página do meu livro, sentindo ele me observando.

— Se importa se eu for embora?

Eu balancei a cabeça. — Não, se você quiser.

Ele parou, parecendo reconsiderar por um momento. — Desculpe, só... claustrofóbico, sabe?

Eu balancei a cabeça, embora eu não soubesse nada. E eu o observei ir. Vi as outras garotas observa-lo ir também. Ele realmente era bonito. E ele era popular. E por um segundo, eu me perguntei se ele tinha

acabado de perceber que eu não era tão popular ou bonita e que ele realmente não precisava estar na biblioteca comigo.



Capítulo 30

Como tínhamos planejado, David e eu vagueamos por todo o Chicago Institute of Art. — Isso é chato, — eu disse, para seu desgosto. Eu estava indo junto com a agitação de planos de David, tudo o que eu sabia era, em parte, para ajuda-lo a superar Ben, que simplesmente não deixaria de chama-lo.

David não o chamara de volta, e eu confiava que ele não o faria. Mas, sempre que ele disse que precisava sair do campus, eu fui com ele.

— Sério, — eu disse. — Estou entediada agora. — Olhei para a pintura que David estava olhando, tentando determinar exatamente o que o mantinha paralisado.

— Como uma herdeira de São Francisco acabou menos culta do que um garoto de fazenda da Dakota do Sul?

— Você não era um menino de fazenda e eu não sou uma herdeira. E eu não vivo mais em San Francisco. Lembra?

— O que quer que seja. Olhe para o trabalho artístico. Pare de agir como um Neanderthal.

Eu bocejei. — Não estou agindo como um Neanderthal. Estou agindo como se eu precisasse de uma soneca, — insisti. — O que eu faço, porque isso é chato.

Ele bufou. — Não se preocupe. Vamos comprar o seu vestido de baile depois.

— Não é um baile — eu disse furiosamente.

— Eu não posso acreditar que você vai para um fim de semana formal dos pais, — ele disse.

— Cale-se.

— Você está indo para obter um corpete?

— Olha, só preciso de um vestido. E sapatos, — eu disse.

— Sabe com quem deveria ligar?

— Não.

— Sua fabulosa mãe. — Ele parou na frente dos tijolos de Claude Monet e os estudou.

— Ela torna tudo mais complicado.

— Isso pode ser verdade, — disse ele. — Mas ela é incrivelmente elegante.

Eu mordi meu lábio. A coisa lógica a fazer seria perguntar a ela. E pode ser a coisa mais fácil, também. Eu não teria que ir às compras. Mas parecia que eu estava pedindo ajuda.

Fomos almoçar depois. — Preciso de um rebote — disse David.

— Sim, — eu concordei.

— E o Justin?

Eu ergui minhas sobrancelhas. — Tanto quanto eu te amo, querida, não vou deixar você usar Justin como seu rebote.

Ele resmungou. — Bem, isso é uma vergonha.

— Nem pense nisso.

— Por que não?

— Ele é um calouro.

— Seria gentil com ele.

Eu ergui minhas sobrancelhas.

— Tudo bem, — ele disse. — Não vou pedir ajuda.

— Não o persiga se não gosta dele.

— Não sei se ainda gosto dele, Hadley — disse David.

Eu fiz uma careta. — O que aconteceu com o amigo de Nigel? Sam?

David encolheu os ombros. — Não.

— Como assim não?' —

— Só não, — disse David. — Tudo era não.

— Ok então, — eu disse sarcasticamente, — Isso faz muito sentido.

— Então, o Jack é como o seu namorado? — ele perguntou, mudando de assunto.

— Não tecnicamente — eu disse.

— Ainda é amigo dos benefícios?

— Eu acho.

Ele revirou os olhos. — Bem, contanto que ele saiba que não importa o tipo de benefícios que ele recebe, eu ainda sou o melhor amigo, tudo bem.

— Você não tem nada com o que se preocupar.

— Então, você vai chamar sua mãe ou eu vou ter que lidar com o horror de fazer compras com você, além do horror de romper com o meu ex-namorado secreto?

— Eu poderia chamar minha mãe.

Ele sorriu. — Acho que pode ser uma boa ideia.

Meu telefone zumbiu na mesa. Era um número desconhecido, então eu ignorei a ligação. Quando ele zumbiu de novo, David me deu uma olhada.

— Responda, se você é tão popular.

— Olá? — Eu disse, com um pouco mais de atitude do que eu normalmente teria.

— Hadley Arrington? —

— Sim, falando. —

— Este é Dale Broussards do *New York Times*.

Eu tossi no ar. O que?

— Como você está? —

— Estou... ótima — eu disse idiota, tentando não engasgar.

— Então, vamos te oferecer o trabalho. Precisamos que você comece logo após a formatura e provavelmente estará na Síria desde o primeiro dia. Se isso ainda soa bem, precisamos saber com bastante rapidez, porque gostaríamos de começar a leva-lo até a velocidade enquanto você encerrar o trabalho escolar e tudo mais.

Não. Porra. Caminho.

Depois disso, eu não registrei muito de qualquer coisa que ele disse. Tudo o que ouvi foi a oferta. O emprego dos meus sonhos. Essa coisa intangível que eu tinha trabalhado, trabalhado e trabalhado. Aconteceu.

— Então, se você nos deixar saber nos próximos três dias se você pode aceitar o

— Eu aceito, — eu disse automaticamente.

Ele riu. — Tudo bem, então.

Quando desliguei, olhei para o enorme sorriso no rosto de David e ri.

— Você entendeu?

Eu balancei a cabeça. — Sim. Ele disse que eu provavelmente estaria na Síria. Quero dizer, as coisas podem mudar, mas —

Ele riu. — Menina, parabéns. Nós temos que comemorar.

Eu ri novamente. Alegria pura. Eu realmente não podia acreditar.

Do lado de fora do restaurante, peguei meu telefone e mandei uma mensagem para minha mãe. Eu só podia esperar que ela ficaria feliz por mim e que ela não diria nada ao meu pai. E então eu chamei Jack. Ele não atendeu a chamada e sua caixa de correio estava cheio desde o dia em que eu o conheci.

Então eu mandei uma mensagem para ele.

Conseguiu o emprego! Alguns de nós estão indo para o Pub para comemorar. Quer vir?

Eu olhei para a tela por um período de tempo estranhamente longo, antes de revirar os olhos e guarda-lo.

— Diga ao Justin, e vou conseguir que todos os outros se preocupem em vir.

Levantei as sobrancelhas para David. — Você não está se recuperando com Justin.

— Penso seriamente que ele é bonito.

Eu dei-lhe um olhar de morte e ele apenas riu.

Quando chegamos ao bar, eu já podia dizer que ia ser ocupado.

Justin e o resto da equipe de jornal nos derrubaram.

— Um brinde a Hadley, — David chamou, reunindo todo mundo e distribuindo cervejas. Eu bati meu copo contra o de David e encontrei seus olhos. Não vi nada além de afeto. Engoli em seco e sorri, surpresa que um gesto tão simples me deixasse tão emocionada. David era meu melhor amigo. E ele estaria tão longe desta vez no próximo ano.

— Parabéns, — Justin disse, me dando um caloroso abraço.

— Obrigado, — eu disse.

— Ei, Justin — disse David. — Já faz muito tempo.

Justin levantou a cabeça e olhou para ele. — David, o que se passa? — ele tinha um grande sorriso no rosto.

— Eu sei que Hadley prometeu que eu iria apresenta-lo a algumas pessoas em janeiro — ele disse, com um sorriso vencedor. — Você vai ter que me deixar fazer isso agora.

Revirei os olhos para David e me afastei para conferir meu telefone. Jack ainda não tinha me escrito de volta. Irritante.

Quando eu olhei para cima, Ben Mitchell estava cambaleando em direção a David no bar. Porra.

De onde ele viera?

David estava de costas para Ben, então eu pisei. — Talvez devêssemos ir para outro lugar — eu disse suavemente.

Justin riu de mim. — Como onde?

David virou a cabeça e seu rosto escureceu. Eu sabia que Ben tinha um lado perigoso quando bebia, mas eu não esperava ver um flash de medo no rosto de David. — Sim, vamos, — ele murmurou.

— Onde? Por quê? — perguntou Justin.

— Eu não quero que ele cause uma cena, — David murmurou.

Mas era tarde demais para isso. Ben estava abrindo caminho e eu deixei o lado de David para intercepta-lo.

— Hadley, — ele murmurou. — Onde está Diamond?

Percebi que eu era a única, tampão insuficiente entre David e Ben, e dei um passo entre eles. Ben era um idiota, mas mesmo eu não acho que ele seria estúpido o suficiente para bater em uma menina em público.

— Olha, eu não acho que o David quer falar agora, — eu disse.

— Ei, — Ben disse, levantando a voz e chamando alto por cima do meu ombro. David encontrou seus olhos. — Vocês dois malucos, este não é um bar gay.

— Foda-se, Ben, — eu disse.

Ele riu e olhou para mim. — Sério, você precisa de uma garota para te defender?

— Foda-se, Ben, — repeti.

Ele riu. — Bichas, — ele cuspiu na direção geral de David.

— Ei, — Justin disse com força, dando um passo à frente. David pegou seu pulso.

— Não se preocupe, — ouvi David dizer a ele. — Não vale a pena ser preso.

Ele puxou Justin pela mão e eles deixaram o bar. Quando eu tinha certeza que eles tinham ido embora, eu voltei minha atenção para Ben. Eu fumei onde eu estava. — Você percebe, Mitchell, que você é a única fodida pessoa neste bar que tem um problema com eles?

Ben olhou para mim com olhos vidrados. — Ele me deixou.

— Bem, o que você esperava? — perguntei incrédulo. — Você não pode tratar alguém assim e esperar que eles fiquem por perto.

— Eu o amo — disse Ben, ridiculamente.

— Sério? Então, você o fez mudar tudo sobre si mesmo e você o espancou e você decidiu que sua reputação era mais importante do que seus sentimentos? Que porra está errado com você que você pensa que constitui o amor?

— Ninguém poderia saber, — ele disse.

— Não me importa o que você acha que são suas razões. Você não tem o direito de vir aqui e chama-lo de maricas. — Balancei a cabeça. — Você precisa de ajuda séria. — Eu me afastei dele, pronto para sair sozinha, já que Jack obviamente não estava chegando a tempo.



Capítulo 31

David e Justin se deram bem imediatamente. Três dias depois, eram aparentemente inseparáveis.

— Ei, chica, — chamou David quando entrei. Eles foram fazer risoto de lagosta, que foi ridículo, mas sabendo de David, seria incrível.

Fiquei feliz em vê-los. Jack tinha começado a me assustar um pouco. Ele finalmente me mandou mensagens de texto para "*Parabéns*", mas ele não queria me ver nos últimos dois dias, e eu comecei a me perguntar se ele estava se arrependendo de me pedir para ser sua acompanhante neste fim de semana.

Não ajudou que ele escolheu sumir na semana que meu pai começou a me chamar religiosamente. Minha mãe lhe contou sobre o trabalho. Então, obviamente ele queria falar sobre isso.

Ele queria muito me persuadir de ir para a Síria. Não havia nenhuma chance de que o trabalho, mas meu pai foi persistente e ele parecia pensar que eu lhe devia não uma, mas vinte e duas conversas sobre esse assunto.

Eu tinha mantido o meu telefone desligado, tentando evitar suas chamadas indesejadas, e cada vez que eu verifiquei, meu coração mergulhou um pouco mais profundo, vendo que Jack não tinha se incomodado em me ligar ou me enviar um texto.

— Você parece cansada.

— Estou cansada, — eu disse.

— Sente-se e tenha uma bruschetta.

Eu sorri para David.

— Ele vai resolver quase todos os seus problemas, — David prometeu. — Quantas vezes o seu pai telefonou hoje?

— Sete.

— Ah, eu estou vendo uma tendência descendente lá, — disse David. — Amanhã, só ligará seis vezes. A essa taxa, na próxima semana, você não vai ouvir nada dele.

Revirei os olhos para David. Isso era muito parecido com o meu pai — breves períodos de intensas tentativas de discussão, seguidos de longos intervalos de completo silêncio.

— Quantos mensagens de voz?

— Três.

— Estamos ouvindo ou excluindo?

— Estamos apagando, — eu disse, indo para minha caixa de correio de voz e excluindo-os sem lhes dar uma chance.

— Me dê isso — disse David, estendendo a mão.

Entreguei-lhe o telefone. Ele colocou na geladeira.

— O que?

— Vá lá. Você não precisa dessa coisa torturando você.

— Então você vai esfriar?

David encolheu os ombros. Parece uma boa estratégia para mim. — Ele olhou para Justin. — Dá-lhe algumas cebolinhas para cortar ou algo assim.

Justin sorriu timidamente para mim quando eu estava ao seu lado. — Não acredito que ele te deixa cozinhar com ele. Ele só me deixa fazer isso quando estou em meio a uma crise.

— Na verdade, não sei se confio nela com os cebolinhos, Justin — decidiu David. — Ela pode lavar os tomates.

Justin fez uma careta e me entregou os cebolinhos de qualquer maneira.

— Boa chamada, — eu disse a ele.

Ele assentiu. — Você ainda é meu mentor.

— Não na cozinha — grunhiu David.

Me retirei para o sofá quando eu tinha terminado com as cebolinhas e sentei-me assistindo *Keeping Up with the Kardashians*.

— *Quanto* tempo leva o risoto? Eu estou morrendo de fome, — eu me queixei. — Posso pedir pizza?

— Claro, se você não valoriza a sua vida — disse David.

— Tenho tempo para tomar um banho? — Eu perguntei.

— Tem tempo para tomar um banho de meia hora, se quiser.

— É melhor ser incrível.

Eu cantarolava no chuveiro, fantasiando sobre pizza, e sobre a minha cama. E, se eu estivesse sendo honesta, eu fantasiava em Jack me chamando de volta e pedindo desculpas por me colocar na ponta. Ele tinha me convidado para seu formal. Ele tinha me convidado para conhecer sua família. E então ele desapareceu.

Não fazia sentido. Eu me senti como uma daquelas meninas estúpidas em um filme ruim que tinha perdido um sinal óbvio, mas eu não conseguia descobrir qual era o sinal.

Saí do chuveiro e corri uma toalha através do meu cabelo e andei em meu quarto para se vestir. Liguei as luzes e gritei quando vi um homem sentado na minha cama.

— Acalme-se — disse Jack. — É apenas —

— Jack, que porra é essa? —

Ele encolheu os ombros. — Seu companheiro de quarto esta cozinhando o jantar para seu namorado, eu não queria me intrometer.

— Onde diabos esteve toda a semana? — perguntei, recuperando o fôlego. — E por que você não ligou as luzes?

Ele sorriu maliciosamente. — Bem, eu pensei que seria engraçado te assustar, na verdade.

— Bem, eu preciso me vestir, — eu disse.

— Também, seu pai está na sala de estar, — Jack acrescentou. — Qual é —

— O que? — Eu girei para ele. — Como é que *não* é a primeira coisa que me disse? —

Ele ergueu as mãos. — Sinto muito. Eu supus que você soubesse.

— Merda. Isto não é bom. — Suspirei. — Dê-me um segundo? Preciso me vestir. —

Vesti um jeans e um suéter e saí para a sala de estar. Que diabos meu pai estava fazendo aqui?

— Pai, o que aconteceu? — Perguntei, saindo para a cozinha. Ele estava sentado no sofá, estudando seu Blackberry, e David estava sorrindo irritantemente para ele enquanto Justin estava desnecessariamente limpando o balcão, parecendo muito nervoso.

— Hadley, — ele disse, levantando-se. — Sua mãe estava preocupada. —

Meu pai sempre atribui emoções a terceiros quando ele faz algo que exige uma explicação.

Sua mãe estava preocupada. O médico estava histérico. O limite de velocidade estava sendo completamente melodramático sobre segurança.

— Não há nada com que se preocupar.

— O que é esse negócio com a Síria? E por que você não retornou nossos telefonemas?

— Todo este negócio com a Síria é que estou me mudando para lá, porque tenho um emprego lá.— Eu sorri. — E eu retornei o seu telefonema. E eu acho que eu te disse o que eu acabei de dizer. E era estranho, porque eu tenho como muitas de mensagens de voz perguntando a mesma pergunta que eu já respondi.

— Por que não falamos sobre isso? — ele disse. — Querida, deixe-me comprar um bom jantar. Você escolhe —

— Não me chame de querida, — eu bati. Eu tinha ouvido ele chamar muitas amigas, querida. Eu não tinha certeza do que tinha se tornado da maioria deles, mas eu era sua filha. Eu, pelo menos, devo ser distinguida de todas as outras mulheres em sua vida. — E já falamos sobre isso. Nós discordamos. — David riu, agarrou o pulso de Justin e puxou-o para fora de nossa sala de estar e para seu quarto.

— Olha, Hadley, — ele disse em sua voz *eu sou um sério empresário internacional*. Ele me olhou atraente. — Não vou lhe dizer o que fazer com sua vida. Mas, eu realmente gostaria de falar com você. — Ele hesitou. — E por que seu namorado não … qual é o seu nome?

— Sou o Jack, — Jack se ofereceu.

— Por favor, cale a boca — eu disse a ele suplicante. — Eu só —

— O seu namorado Jack também pode vir.

— Ele não é o meu namorado. —

— Posso ir — disse Jack corajosamente. Ele sorriu. — Hads, por que você não se veste?

Eu me virei e tentei queimar Jack com meus olhos. Ele apenas sorriu, recusando-se a aceitar a dica. Eu invadi meu quarto. Eu poderia trancar a porta. Eu considerei isso por cerca de cinco minutos enquanto eu me vestia. O plano não foi muito além de trancar a porta. E se meu pai voasse até Londres para me ver, então ele provavelmente não se oporia a tirar a porta de suas dobradiças. David tinha passado por bastante disfunção durante um semestre, pensei nobremente, enquanto me resignava a jantar.

— A Síria não está em discussão — eu disse quando saí do meu quarto.

— Você está bonita — disse Jack docemente.

— Não fale comigo.

Jack riu.

— Encantadora, não é? — meu pai disse para Jack.

— Completamente — Jack respondeu.

— O que? Vocês são dois idiotas amigos agora? — Perguntei azedamente. — Vamos. Vamos acabar com isto. —

Ambos riram.

Meu pai tinha tomado um carro Lincoln com motorista, que pode ter parecido elegante e luxuoso quando havia apenas uma pessoa no banco de trás. Com três de nós, espremidos juntos, era decididamente deselegante.

Chegamos ao restaurante, com roupas amarrotadas e silêncio constrangedor. Uma mesa para três foi organizada. Jack se inclinou e sussurrou em meu ouvido. — Lindo lugar.

— Cale a boca — eu assobiei. Jack riu, obviamente satisfeito com meu desconforto.

Assim que a garçonete entregou-nos os nossos menus e desapareceu, eu conheci os olhos azuis gelados do meu pai. — É melhor encomendar algo forte.

Ele riu. — Relaxa, Hadley.

— Não. Não vou relaxar, mas eu realmente aprecio a sugestão. Mas eu gostaria de um pouco de vinho. Por favor.

Ele riu e Jack sorriu.

— Fico feliz que você acha que o desastre que é chamado de minha vida é engraçado — eu disse, mais para Jack do que para meu pai. Meu pai sempre tinha considerado o desastre que é chamado de minha vida como um passatempo moderadamente divertido que ele retomou a cada poucos meses.

Ele chamou a garçonete e pediu vinho. E depois, desagradavelmente, ele pediu filé mignon para todos na mesa.

— Jack é vegetariano — eu disse.

Meu pai olhou para Jack como se ele tivesse raiva.

— Não sou vegetariano — disse Jack calmamente.

Meu pai exalou quando o sommelier derramou o vinho. Ele deu um gole. — Excelente, obrigado. —

Eu derrubei meu copo de um gole.

— Você não deveria beber assim.

— É realmente desagradável, você sabe, aparecendo sem aviso prévio e dizendo a outras pessoas como beber seu vinho e viver suas vidas, — eu disse. — Dando a Jack um tempo difícil para ser um vegano.

— *Não* sou vegano.

— Bem, você deve ser um vegano, — eu disse duramente. — Devia ser alguma coisa. Qual é o ponto, Jack? Você está tão entediado por absolutamente tudo em sua existência que você não quer fazer nada?

— Não vamos ficar pessoais. Você teve um dia ruim — Jack disse

— Crianças, — meu pai disse. — Hadley. Vamos falar sobre este absurdo da Síria.

— Não tem absurdo. Eu consegui um emprego. Um trabalho muito bom. Praticamente o meu trabalho dos *sonhos*, — eu disse.

— Não é seguro.

— Muitas coisas não são seguras, — eu bati. — Dirigir um carro não é seguro. Ir para fora em uma tempestade não é seguro. Atravessar a rua não é seguro. Mas às vezes você tem que atravessar a maldita rua. Então você ignora o fato de que alguém poderia bater em você. E você continua.

— Essas não são comparações justas. Não há nenhuma razão para ir para a Síria — meu pai disse. — Você pode ser uma repórter de praticamente em qualquer lugar do mundo. Olha, Hadley, é um campo perigoso. E não há nenhuma boa razão que você deve morrer por isso em um lugar como a Síria.

— É o que eu quero fazer.

— Não é inteligente — disse meu pai. — Quero que reconsidere.

— Eu não vou, — eu disse .Olhei para Jack, que estava observando meu pai de perto.

Ele provavelmente estava enlouquecendo. Quando eu disse a ele que minha família estava meio confusa, ele provavelmente nunca imaginou que ele teria que lidar com a bagunça. Eu não poderia dizer o que a emoção em seus olhos era, entretanto. Parecia entendimento, embora eu não pudesse dizer se a pessoa que ele entendia era meu pai ou eu.

— Sabe o que aconteceu com Lara Logan no Egito? — Jack perguntou suavemente.

Eu me virei para olhar para ele. Eu sabia exatamente o que tinha acontecido com Lara Logan no Egito. Ela tinha sido assaltada sexualmente por um bando de homens revoltosos na Praça Tahir. A maioria das pessoas que seguiram a notícia sabia disso.

Mas não foi isso que me surpreendeu.

É que Jack disse isso.

No jantar com meu pai, que eu não estava fazendo nenhum esforço para ser civil.

— Com licença? — eu disse para Jack, que mal encontrou meus olhos.

— Exatamente — disse meu pai. — Obrigado, James.

Nenhum de nós corrigiu meu pai. Eu olhei para Jack em traição chocada. Ele olhou para baixo em sua comida e olhou para trás para encontrar-me ainda olhando fixamente. — Quero dizer... Hadley, pare de me olhar assim.

— Não.

Ele respirou fundo. — Ela estava cercada por cinegrafistas. Ela é alguém que viaja com segurança. Quero dizer, ela está na TV. O Times não pode protege-la ali. Acho que você não tem ideia do que está se inscrevendo — continuou Jack, tentando explicar por que ele tinha acabado de tomar o lado do meu pai.

— Exatamente — repetiu meu pai.

Cheguei cegamente à minha água. — Não acho que seja da sua conta.

— O que? — ele perguntou. — Você está se machucando? — Eu encontrei seus olhos por um longo tempo antes de ele desviar o olhar. — A sério? — Ele balançou sua cabeça.

— Depois da formatura? Por que importa se estou na Síria em seis meses? Você não vai me ver depois disso. — Estiquei-o exclusivamente com o propósito de machucá-lo. E eu vi isso funcionar. Eu o vi recuar.

Ele soltou uma risada curta e superficial. — Certo. Certo. Sem cordas. Entendi. — Ele estendeu as mãos indefeso. — Isso tudo é só um jogo. Isto é tudo sobre as regras e —

— Você não tem nenhum direito — eu assobiei. — Você não tem o direito de interromper algo que você não sabe nada e —

Ele assentiu. — Quer saber? Não devemos jantar juntos. — Ele empurrou a cadeira. — Foi uma boa regra. Esqueci-me daquela. Eu vou embora.

Ele estava saindo pela porta antes que eu pudesse registrar que ele poderia estar bravo comigo. Ou ferido. Ou alguma coisa. Eu assisti seus ombros. Sua cabeça curvada. Perguntei-me se ele achava engraçado ou se estava falando sério. Ele não levou nada a sério. Eu não podia imaginar por que ele seria tão alarmista sobre o Egito.

— Hadley, ele só estava tentando ajudar, — meu pai ofereceu.

— Ele estava tentando te ajudar, — eu disse. — Não ajuda.

Ele exalou. — Não tolero isso. E eu não vou apoiá-la.

— Eu não estou pedindo para você — eu disse. — Por favor. Você realmente acha que eu vou contar com você para qualquer coisa neste momento?

Depois disso, não restava muito a dizer. Ele pagou para o jantar e ele me deixou de volta no meu apartamento. Ele foi direto para o aeroporto. E mesmo que eu estivesse fazendo isso por anos, eu não conseguia suprimir totalmente a pontada de culpa no meu estômago, que tinha muito mais a ver com assustar o Jack do que tinha a ver com desapontar meu pai.



Capítulo 32

Desnecessário será dizer que Jack e eu não nos falamos por dias depois disso. E tanto quanto eu sentia falta dele, eu estava mais brava do que eu estava arrependida. Sempre que eu peguei o meu telefone para pedir desculpas, lembrei-me de como ele tinha me pego de surpresa e baixava novamente. E Jack também não fez nenhum esforço.

Riley presidia a classe com mais tranquilidade do que costumava fazer. O que quer dizer que ele não chamou ninguém de "um maldito imbecil inútil". Nós o escutamos discutimos situações de reféns. Aprendemos sobre quando ficar quieto era mais importante do que falar.

Às vezes, eu sentia que seus olhos estavam pairando sobre mim um segundo mais do que eles estavam pairando sobre qualquer outra pessoa na classe. Gostaria de saber o quanto Jack falou com ele. Gostaria de saber se ele sabia que tínhamos lutado.

No final da aula, ele limpou a garganta. — Vamos atribuir-lhe o seu perfil de carreira de um jornalista falecido na segunda-feira. Se você

estiver interessado em alguém em particular, me avise amanhã e veremos se você pode ser atribuído a essa pessoa.

Dia dos Namorados amanheceu muito frio, e estúpido, como todos os dias em fevereiro e como todos os Dias dos Namorados antes dele.

— Meu Deus! — David gritou.

Eu segui o grito agudo para a sala onde David estava em seus chinelos de coelho, empunhando uma panela de crepe em forma de coração. Alguém lhe enviara rosas. — Adivinha que dia é hoje?

— O dia em que o mundo vomitou rosa e PDA? — Eu perguntei. — Não ouviu falar de Jack em três dias e eu deveria estar conhecendo sua Família na sexta-feira?

— Não seja um Grinch.

— Isso é exclusivo para o Natal.

— Bem, não seja um Vrinch.

— Eu não tenho estômago para romance, — eu disse.

David olhou para mim.

— Justin te mandou flores?

David assentiu com a cabeça. — Eu acho que sim. — Ele pegou o cartão. — Quero dizer, não é como ... — Parou de repente quando leu o bilhete.

— O que?

Ele exalou. — Merda.

— O que?

Peguei o cartão dele. *Eu sinto sua falta. Por favor me ligue. Amor, Ben.*

— Você não vai se envolver com ele de novo.

— Eu sei, Hadley. Eu não sou estúpido, — David estalou.

Eu mordi meu lábio.

Houve uma batida na porta. — Não estou conseguindo isso, — disse David.

Abri a porta e vi Ben parado no corredor. — Oh, porra, não — eu disse, tentando fechar a porta novamente.

— O que? — perguntou David alarmado. Ele caminhou até a porta para ver Ben. Ele deu um passo para trás. — Ben?

— David, desculpe, — ele sussurrou. — Só sei que fui horrível. Eu sei, mas acho que é porque estou apaixonado por você.

— Você precisa sair, — eu disse a ele.

David pegou meus braços e me puxou chutando de volta para o meu quarto. — Ben, entre. Está bem. Só preciso acorrenta-la.

— Não pode sair com ele. Ele é um psicopata homofóbico.

— Hadley.

— *David Michael McPhee*.

— Confie em mim.

— Não é com você que eu estou preocupada.

— Eu não vou deixa-lo me machucar novamente, — David disse em uma voz baixa, mesmo. — Eu prometo. Eu sei melhor. Você tem que confiar em mim.

Eu respirei fundo. — Está bem. Mas se ele fuder com sua cabeça novamente, eu vou atirar nele. Eu realmente vou. Então, certifique-se que ele está ciente.

David sorriu para mim. — Hadley, sabe que posso lidar com isso.

— Eu sei, — eu disse. — Só queria que você não precisasse.

— Vai ficar bem. Vá para a aula. —

Eu os deixei em silêncio falando no quarto de David. Engoli em seco, hesitando na porta. Eu não queria ter que contar com a confiança para saber que David estava a salvo. Eu queria apenas saber. E eu queria que Ben fosse embora.

Eu esperei na porta durante o tempo mais longo, me perguntando o que eu perderia se eu apenas uma mensagem a meus professores e dissesse que eu estava doente, e ficar em casa para certificar que David era estava bem. Mas eu não podia fazer isso — não a David, não às pessoas que contam comigo. Então eu parti, estômago em nós, desejando que eu não tivesse sido tão má para Jack no jantar, desejando que eu tivesse seus braços para entrar em colapso.

Depois da aula, fui para a biblioteca. Eu mandei uma mensagem para David para garantir que tudo foi ok.

Como foram as coisas com o Ben?

Ele escreveu de volta imediatamente. *Eles estão bem. Ele saiu.*

Alguém limpou a garganta e olhei para cima. Jack Diamond estava segurando uma única rosa branca. Ele estava usando uma camisa xadrez vermelha, que estava solta sobre ele, e seu cabelo foi empurrado para trás fora de sua testa. Ele parecia um pouco tímido, como se ele não pudesse acreditar que ele estava fazendo isso também.

Ele estendeu a mão para mim com um sorrisinho irônico em seu rosto.

— Você está falando sério? — Eu perguntei.

— Sh... — Ele disse. — Você deveria ficar quieto na biblioteca.

Não estávamos sozinhos na biblioteca. Duas garotas assistiam com interesse pela mesa enquanto eu aceitava a flor ao comprimento de um braço.

— Eu pensei — ele disse muito suavemente. — Já que começamos a infringir as regras.

Olhei para ele.

— Que talvez eu deva pedir desculpas, — ele sussurrou. Ele se sentou ao meu lado e se inclinou sobre o meu caderno e falou no meu ouvido. — Você teve um dia de merda e eu piorei. Eu também não deveria ter me metido nessa conversa com seu pai. Eu fui péssimo. Eu sinto muito.

Eu sorri apesar de mim mesmo.

— Está tudo bem, — eu disse suavemente. — Eu fui uma vadia no jantar.

— E, eu pensei, se realmente estivéssemos indo para quebrar as regras ... — ele se inclinou para frente e beijou minha bochecha. — Talvez viesse ao aquário comigo esta noite? Eu sei que não disse jantares. Mas acho que podemos olhar para os peixes juntos. Mesmo sendo Dia dos Namorados.

Eu não sei se foi o calor de seus lábios na minha pele, ou a maneira como ele cheirava, ou o fato de que mesmo que eu odiava o Dia dos Namorados, eu amava rosas brancas. Ou talvez fosse porque só porque eu queria. — Sim, — eu sussurrei. — É um encontro.

— Bem, agora você está ficando tremendamente dramática, — ele disse, inclinando-se para trás, satisfeito. — Um encontro? Só vamos ver alguns peixes.

E ele me fez rir. Pela milésima vez desde que o conheci, ele me fez rir.

Olhei para ele. — Ainda estamos na sexta?

Ele sorriu. — Sim. Se você quiser ser.

Eu balancei a cabeça. — Eu quero.

Mais tarde naquela tarde, dirigimos em direção ao aquário, ouvindo o National.

Observei o mundo plano e escuro da minha janela.

— Você já foi lá antes? — ele perguntou.

Eu balancei a cabeça. — Não.

Ele sorriu. — Acho que vai gostar.

Jack obviamente tinha ido. Ele conhecia cada tanque, cada exposição escondida. Primeiro ele me levou através dos lotados. Ele pegou minha mão em uma sala escura diante de um tanque de tubarões. Sozinhos, nos beijamos na frente das águas azuis.

Antes dos golfinhos, Jack estava atrás de mim. Seu corpo estava quente, sua mão descansava em meu quadril e ele beijou minha mandíbula.

Mas foi antes da água-viva, onde ninguém estava assistindo, que eu parei para olhar. Os antigos gigantes pulsavam como corações batendo.

— Eles dizem que podem viver para sempre, — Jack sussurrou em meu ouvido. — Alguns deles são centenas de milhares de anos de idade.

Eu me inclinei fortemente contra ele. — Você pode imaginar as coisas que eles viveram? — Pensei em derrubar meteoritos e mares tremer. E então isto — sendo tirado da água aberta e colocado no meio

de um oceano de pessoas. — Acha que eles sabem que estão sendo vigiados?

Ele sorriu e beliscou minha orelha. — Acho que todo mundo sabe quando eles estão sendo vigiados.

Ele riu de mim quando eu pulei para trás das enguias. Ele ficou perto do tanque e observou cuidadosamente.

— Você vem muito aqui?

— Não muito. Já estive antes. Eu costumava ir ao aquário em Connecticut. — Ele olhou para mim. — Quando eu era criança. — Fez uma pausa. — Com o meu pai. Ele viajou muito para o trabalho. — Ele encolheu os ombros. — Depois que ele morreu, era o único lugar que me sentia bem. Em qualquer outro lugar parecia terrível. — Ele esfregou meus ombros. — Acho que foi o único lugar onde me deixei sentir triste. Eu não me lembro dele na escola ou na casa em que nos mudamos depois que ele morreu. Mas, eu me lembro dele em aquários.

Ele sorriu. — De qualquer forma, eu sempre me senti meio estranho na escola por causa disso. Como se todos estivessem na sala de aula ou no ginásio, pensando em estar na sala de aula ou na aula de ginástica e eu não estava lá. Eu estava fingindo que estava no aquário.

— Eu costumava ir à biblioteca e eu lia os livros — confessei. — Finjia que eu era outra pessoa por um tempo. Depois de um tempo, eu fiquei doente da ficção. Porque eu sabia que isso nunca aconteceria. Então eu li os jornais. E eu sabia que havia vida depois da escola. Fora de onde eu cresci.

Ele assentiu. — Sim. — Ele sorriu. — Sempre me senti como se eu tivesse mais em comum com um bando de peixe do que com as pessoas quando eu era criança. — Ele riu. — Mas eu sou um desastre.

— Isso não faz de você um desastre.

Ele não estava usando xadrez hoje. Eu pisei adiante até que estivéssemos um pouco distantes. Nossas testas tocaram.

— Sou um pouco desastroso, Hadley.

— Então, você é o meu desastre favorito, Jack.

Ele escovou seus lábios contra os meus e levantou-me do chão. E no Dia dos Namorados que eu sempre lembraria como o dia em que quebramos todas as regras, deixei um garoto literalmente me varrer de meus pés.

— Seu lugar? — ele perguntou.

Eu ri e acenei com a cabeça. Dirigimos para casa rapidamente.

Ele me acompanhou do carro, onde ele estacionou lá em cima. — Eu poderia me acostumar com isso, — ele confessou.

Fiz uma pausa e encostei-me contra ele. Eu não disse nada e ele riu para si mesmo e não trazê-lo como nós andamos no andar superior.

— Podemos estar entrando em uma festa gay, apenas FYI, — eu disse quando chegamos ao corredor.

— Tudo bem — ele disse. — Contanto que não esperem que participemos.

— Não faria isso por mim? — perguntei, zombando de indignação.

Ouvi um grito e um grito. Eu me afastei de seu beijo, ao mesmo tempo em que ele pulou em direção à minha porta.

— Você ouviu isso? — Jack perguntou, agarrando meu braço. Ele me afastou da porta. — Sabe quem está aí?

— David! Isso soou como David!

— Volta, Hadley! — Jack latiu e me afastei da porta enquanto ele a empurrava.

Os golpes estavam vindo do quarto de David. Jack passou por mim em direção ao seu quarto e eu segui-o de perto.

— David, — Jack gritou. — David, você está bem? — Ele abriu a porta e se moveu à minha frente. Eu queria correr para ele, mas eu não. Eu apertei minhas mãos para a minha boca inutilmente e fiquei olhando.

David estava sangrando e machucado, de joelhos, mal lutando contra Ben. As mãos de Ben estavam trancadas ao redor do pescoço de David.

David soltou um apelo, ou um grito de socorro, suas mãos sobre Ben tentando rasga-los. Seus olhos estavam molhados e ele estava desesperado por ar. A maneira como ele gritou soou horrível,

profundamente doloroso, e Ben chutou David com dureza nas costelas, sem liberar seu domínio sobre ele.

Jack se moveu antes que eu pudesse gritar. Jack se moveu tão depressa que Ben estava segurando seu nariz sangrando, com as costas contra a parede no tempo que me levou para chegar a David. E David balbuciou, sufocou e caiu de joelhos em seu estômago, e tomou essas respirações esfarrapadas e trêmulas que soaram como nada além de dor.

Sua figura quebrada jazia no chão, debaixo das minhas mãos abaladas e inúteis.

— David, — eu sussurrei através das lágrimas. — David, vamos. — Eu o virei. Seus olhos estavam abertos e ele estava respirando superficialmente.

Ben lutou contra Jack e Jack bateu nele novamente e ele caiu, abatido contra a parede.

— Sai de cima de mim, — Ben gritou.

— Hads? — sussurrou David.

— Estou aqui, querido — eu disse. — Estou aqui.

— Hadley, — ele sussurrou roucamente.

— Se você tocá-lo novamente vou enterrá-lo, Mitchell — Jack rugiu. — Você me entende? — Ele bateu o corpo de Ben contra a parede com tanta força que os quadros de imagens tremiam. — Saia daqui.

Assim que Jack o soltou, Ben fugiu.

Tentei ajudar David, mas ele se afastou de mim. — Vá embora, — ele disse, quando a porta bateu. — Vá embora por favor.

— Vou chamar a polícia — disse Jack. — Ele está em choque.

— Não, — David choramingou.

— Ele precisa de gelo — disse Jack, sem ouvir David e agarrando o telefone.

— Não, — disse David suavemente. — Pare. Hadley... Estou bem.

Ouvi Jack em seu telefone celular andando até a cozinha.

— Estou ligando para denunciar um crime — Jack disse deliberadamente para o telefone. Observei-o, meus pulmões e meu peito cheios de algo, ar e outra coisa. Acho que foi gratidão. — 2333 McBride

Street. Apartamento 2D. — A voz de Jack não vacilou quando David começou a chorar.

Ele me entregou um saco de gelo e passeou diante de nós, um olhar de preocupação capaz em seu rosto.

Coloquei a mão nas costas de David e ele me empurrou para longe. — Um assalto. Sim, senhora — o nome dele é Ben Mitchell. Ele é estudante no Northwestern. O departamento atlético deve ter seu endereço e fotografia em arquivo. O nome da vítima é David McPhee.

— Hadley, por favor — disse David com a voz quebrada.

— Ele precisa de cuidados médicos. Não, ele está alerta, mas ele está ferido, — Jack disse calmamente, ignorando David. — Obrigado. Nós vamos.

Quando desligou o telefone, Jack se aproximou e pegou David. Isso era algo que eu queria poder fazer, mas não podia. Ele colocou-o no sofá, estabilizou-o. — Você está bêbado? — Jack perguntou a ele seriamente.

David sacudiu a cabeça. — Não.

— Ele bateu na cabeça?

David assentiu com a cabeça. Jack era forte, o único capaz. Ele puxou as mãos de David para longe de seu rosto para que pudesse ver seus olhos. — Você está bem, — ele disse a David em voz baixa quando as sirenes se tornaram mais altas.

David se encolheu. E então ele caiu contra mim e eu segurei seu corpo contra o meu e pressionei meus lábios contra sua testa. O pouco conforto que ofereci o fez choramingar.

Os oficiais chegaram em breve. Seus passos o fizeram estremecer. Quando se sentaram, só pude ver o menino de Dakota do Sul, que ouvia a palavra "viado" na igreja e tentava esconder todas as partes mais verdadeiras de sua alma. Sabia que se descobrissem quem era, matariam-no. E então, como todo mundo prometeu, tinha ficado melhor. Mas depois piorou. Realmente, realmente horrível.

— O que aconteceu? — perguntou um deles a Jack.

Jack olhou para David. — Ele vai te dizer, — ele disse calmamente, com confiança.

— Meu ex-namorado me agrediu, — David disse simplesmente. Dizer isso em voz alta mudou-o. Ele falou com mais força sobre coisas que eu não sabia. Ele falou sobre assédio telefonemas e controle de comportamento.

— Foi a primeira vez que isso aconteceu? — perguntou um dos oficiais.

David sacudiu a cabeça. — Não, — ele sussurrou. — Eu pensei que ele ia me matar desta vez. Eu não podia respirar.

O policial fez um barulho de cacarejar com a língua contra o topo de sua boca. — OK. Qual o nome dele?

— Ben Mitchell, — disse David suavemente.

A polícia anotou seu nome e puxou Jack para o lado, que se manteve junto para lhe fazer mais perguntas. — Eu deveria ver Justin, — David me disse.

— Deixe-me ligar para ele. —

— Não quero que ele me veja assim.

Eu entrelacei meus dedos com os dele. — Ele gostaria de estar aqui. Mas, ele deve pelo menos saber, você não acha?

Ele assentiu. — Sim. OK.

Eu afastei-me, o suficiente para que ele não pudesse me ouvir chamando Justin, mas perto o suficiente para eu ficar de olho nele enquanto os paramédicos verificavam seus olhos e as marcas no pescoço dele.

Justin pegou o telefone e seu breve pânico se acalmou deliberadamente quando eu disse a ele que levariam David ao hospital.

— Ele ficará bem — disse Justin. — Avise-me quando ele estiver pronto para os visitantes e eu serei o primeiro lá. Ele pode falar?

Olhei para David, que ainda era basicamente incoerente. Não. Ele definitivamente não iria querer falar com Justin agora. — Não agora. Mas ele vai amanhã. Ele queria que você soubesse que ele não estava te dando um fora.

— Diga a ele para não se preocupar por um segundo sobre isso, — Justin disse. — Me ligue assim que ele quiser me ver, ok?

— Tudo bem. Sim. Eu vou, — eu balancei a cabeça, desejando poder ser tão calmo. *David está bem*, eu me lembrei. *Ele está machucado. Mas ele está bem.*

Quando Jack voltou para o quarto, ele olhou para mim e se aproximou. Ele passou um braço em volta dos meus ombros, um simples gesto, e eu me encostei contra ele, e ele me segurou.

No dia seguinte ao Dia dos Namorados, Jack pegou pipoca, Jack Daniels, Justin Shelter e eu no pequeno quarto de hospital de David flertando descaradamente com uma enfermeira.

— O namorado de Hadley poderia encantar seu caminho para Fort Knox, — Justin disse a David. Sentou-se na cama de David. Ele se estabeleceu ao lado de David, e depois de um momento, eu o vi inclinar-se para frente e beijar a testa de David e sussurrar: — Eu vou mata-lo.

David riu oco. — Estou cansado de todas as ameaças de morte.

— Desculpe — disse Justin. — Vou fazer uma campanha de cartas muito eficaz.

Nós nos viramos em *You've Got Mail*. Jack e eu assistimos parte do filme, e então decidimos dar a Justin e David sua privacidade, saindo para a sala de espera para sentar em cadeiras de plástico e polegar baratos através de revistas antigas

Eu folhei através de uma edição do casamento para uma estrela da realidade. — Deus, esta revista é antiga, — eu disse. — Essas pessoas estão divorciadas agora.

— É mais recente do que você imagina — Jack disse, checando a capa. — Sim. Quatro meses.

— Sério? Quatro meses? Foram casados por quatro meses?

Ele sorriu.

— Você sabe, você provavelmente pode ir — eu ofereci.

— Quero ver o que acontece com a livraria — Jack insistiu. — Acho que o Meg Ryan vai processar Tom Hanks ou matá—lo.

— É uma comédia romântica, não Law & Order.

Jack arqueou as sobrancelhas. — É melhor que parem. Porque aposto que Meg Ryan acaba matando Tom Hanks. Abaixo o capitalismo e tudo mais. Ocupe Wall Street. Ocupe Livros na Fox. Ou talvez venha a ser algum tipo de coisa Madoff.

— Um esquema Ponzi do livro? Isso não é possível.

Jack sorriu para mim. — Não, mas poderia ser definitivamente o enredo do filme. — Ele olhou por cima do ombro no quarto de hospital de Justin. — Você acha que eu deveria pedir para fazerem uma pausa?

— Eu não acho que você queira incomodá-los, — eu disse. — Provavelmente estão saindo.

— Bem, eu deveria incomodá-los. Justin não deveria tirar vantagem de David. Ele está altamente medicado e acho que também fiquei bêbado. Além disso, eu quero ver o final do filme.

Revirei os olhos e ele me beijou de repente.

— Para o que foi aquilo?

— Eu gosto de você, — ele disse, sorrindo.

Eu sorri. Eu mordi minha miniatura, tentei não corar, e me concentrei nos vestidos de damas de honra horríveis. Eu gosto de você *também*. Eu não disse, porque então eu teria explodido com constrangimento. Mas tenho certeza que ele sabia disso.

— Obrigado por... saber o que fazer, — eu disse.

— Oh, vamos, certamente você foi ao seminário em 911 no jardim de infância, — ele disse. — Nem mesmo eu ignorei essa classe.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Ele inclinou a cabeça contra a minha. — Ainda não quer sair comigo, hein?

Eu fiquei quieta. — Eu só quero ser assim.

— OK. — Ele sorriu. — Podemos ser assim. O que você quer chamá-lo?

Eu revirei os olhos. — Vida.

— Estamos levantando?

— Ou, você sabe, vivendo.

Ele inclinou a cabeça como se estivesse pensando nisso. — Certo. Vamos fingir que nunca disse isso.

Eu balancei a cabeça. — Combinado.

Justin trouxe David para casa do hospital naquela noite.

— Ei, — eu disse, quando Justin abriu a porta.

— Você sabe que eu posso andar, certo? — perguntou David secamente. Justin tinha o braço apertado nos ombros de David, como se ele não conseguisse sustentar as próprias pernas. David sorriu para ele brevemente.

— Venha aqui — disse David. Ele me envolveu em um abraço apertado.

— Eu sinto muito, — eu disse.

— Olá. Não é sua culpa. Ele é um bastardo — continuou David. — E eu deveria ter escutado você.

— Oh, David, não me importo —

— Não, eu devia ter escutado você.

— Ele vai prestar queixa, — Justin acrescentou.

— Bom, — eu disse ferozmente.

David sorriu fracamente.

— Você está bem?

— Claro, — disse David. Ele sorriu bravamente. — Eu sabia que era bom ter Jack por perto. Fico feliz que esteja de volta.

— Nunca estivemos juntos, — eu disse. — Mas estamos de volta. O que quer que isso signifique.

Ele revirou os olhos. — Certo, Hadley.

— O que?

— Você gosta dele, — David disse.

— Cale-se.



Capítulo 33

Minha mãe me mandou um lindo vestido e um par de sapatos que só faziam sentido usar para um encontro formal com os pais de Jack.

O vestido era azul claro, com um laço de seda branca na cintura. Ele caiu logo acima do meu joelho.

— Estou nervosa, — disse Jack quando entrei no carro dele.

Ele piscou.

— Há algo que eu precise saber? — Eu perguntei.

Ele piscou novamente.

Eu acenei minha mão na frente de seu rosto. — Olá? Terra para Jack.

— Você parece muito, muito bonita — ele disse.

— Obrigada, — eu disse. — O que preciso saber?

Ele riu. — Minha mãe é Julie, meu irmão é Alex. Ele inclinou a cabeça. — Riley está vindo. Você pode chama-lo...

— Professor?

Ele sorriu. — Certo. — Ele me olhou novamente.

— O que?

— Você parece muito bonita, — ele disse. Ele sorriu e dirigiu até a casa de fraternidade. — Eu disse a eles que você era minha namorada. Eu não acho que você gostaria que eu explicasse os detalhes para minha mãe e Riley.

Nós caminhamos do carro para a casa de fraternidade. Eu me inclinei contra ele um pouco no frio e ele riu quando chegamos à porta. — Não vai reconhecer.

Ele estava certo. Eu não o reconheci.

Os pisos brilharam, a música estava tocando em um volume agradável, e as pessoas estavam bebendo de óculos de verdade.

— Alugamos os óculos — Jack disse, olhando para a expressão no meu rosto.

— Ah, — eu disse.

Riley parecia fora de lugar, com uma jaqueta de tweed, encostada na parede e conversando com uma mulher bonita de cabelos escuros que sorria como Jack.

Engoli em seco nervosamente.

— Diga oi, pegue um copo de vinho, repita. Toda a noite — sussurrou Jack enquanto nos aproximávamos deles. — É como um jogo.

— Você deve ser Hadley, — sua mãe disse, virando. Ela ofereceu uma mão. — Sou Julie Diamond. É tão bom conhece-la.

— E este é o Alex — disse Jack.

Alex apertou minha mão. — Então, você é a garota que meu irmão nos trouxe para nos encontrar.

— Não sei sobre isso.

Alex riu, sabendo.

— Alex, cale a boca — disse Jack.

— Conhece Robert Riley? — perguntou a mãe.

— Eu, na verdade — eu disse e sorri. — Estou na sua classe de jornalismo de combate.

Riley assentiu e me deu um sorriso amigável. — Vou fingir que não te conheço na segunda-feira.

Eu sorri. — Estou acostumada com isso.

— Vamos buscar vinho — disse Jack. — Eu prometi que haveria vinho.

Eu o segui. — Estou fazendo isso mal? — Eu perguntei.

Ele riu. — Não. Só posso dizer que estão a salivar que pareço ter uma namorada. — Ele sorriu. — Eu não quero que eles tenham a ideia de que eu sou algum tipo de adulto responsável e maduro.

Eu balancei a cabeça. — Ah.

Ele pegou dois copos. — Obrigado por fazer isso. Minha mãe está morrendo de vontade de vir para um e... de qualquer maneira, eu agradeço.

Eu sorri. — Sim.

— Riley sabe que vai para a Síria? — ele perguntou.

Eu balancei a cabeça.

Tomou um gole de vinho.

— Ele me colocou em contato com o editor, na verdade — eu disse.

Jack parou de levantar o copo para seus lábios. — O que?

Eu balancei a cabeça. — Sim.

— Cristo — disse Jack. Ele olhou para Riley. Isso o incomodava claramente. Tomou um longo gole do vinho e assobiou. — Uau.

— O que? — Eu perguntei.

— Nada. — Ele limpou a garganta. — Preciso encontrar o Xander. Descobrir onde devemos nos sentar.

Eu o observei ir, confuso, e bebi meu vinho lentamente, perguntando-me quanto tempo ele demoraria. Eu tinha terminado metade do meu copo antes de eu desisti de esperar e voltou para o seu irmão e mãe, que ele tinha negligenciado em um canto.

— Onde está o Jack?

— Ele foi procurar Xander, eu acho — eu disse.

— Oh, — ela balançou a cabeça e sorriu.

— Então, você é médico, certo? — perguntei a Alex.

— Eu sou.

Eu balancei a cabeça. — Como gostava da faculdade de medicina?

Ele sorriu. — Melhor do que a Academia Naval. — Ele riu. — Não, eu gostei.

Jack se afastou, com um sorriso pateta. — Olá. Desculpa.

Ele parecia bêbado.

Eu sorri desajeitadamente.

— Onde está Riley?

— Tomando uma bebida.

Jack assentiu com a cabeça.

— Então, como se conheceram? — perguntou Alex.

— É uma história muito boa, real — Jack começou.

— Nós nos encontramos em uma porta traseira, — eu interrompi, corando preventivamente.

— Certo, — Jack disse.

Alex sorriu para Jack e depois para mim. — Não fazia ideia do que estava se metendo, hein?

— Nenhuma, — Jack disse. — Oh. Você estava falando com ela? Confie em mim. Ela é mais louca do que parece.

Alex sorriu. — Está bem então.

Jack começou a dizer algo mais. Xander, no entanto, bateu o garfo contra um copo para fazer um anúncio. — Todos, obrigado por terem vindo. Soube que o jantar está pronto por isso, se vocês fizerem o seu caminho para suas mesas, isso seria ótimo.

— Estamos na mesa treze — disse Jack. — O que é apropriado. Terrível sorte.

— Vou dizer ao Bobby — disse Alex.

Encontramos nossa mesa e eu sussurrei na orelha de Jack. — Você está bem?

— Sim. Estou ótimo, — ele disse, puxando minha cadeira. — Por que eu não estaria?

— Nada, — eu disse.

— Então, Hadley, o que acha de Jack não ter um emprego? — perguntou Alex.

— Desiste, — Jack disse.

Alex riu. — Oh, vamos lá. Estive no Afeganistão. Eu posso te dar um tempo difícil.

Julie limpou a garganta e olhou para mim. — Você é um dos alunos do Bob?

— Sim sou.

— Então, está interessado em jornalismo?

Eu balancei a cabeça.

— O pai de Jack era jornalista.

Achei chocante. Olhei para Jack. — Não sabia disso.

— Não contou para ela? — perguntou a mãe.

Jack estava observando sua mãe. Ele sorriu para ela com pesar. Ele esfregou o queixo e disse suavemente. — Vamos, mãe.

Julie olhou para mim e depois para Jack. — Para qual jornal ele escreveu? — Eu perguntei.

— *New York Times*, — Alex respondeu.

— É onde eu vou trabalhar no próximo ano — eu disse. Olhei para Jack, genuinamente chocada.

Jack limpou a garganta. — De qualquer forma, eles apenas fizeram uma edição do Dia dos Namorados para o papel da universidade.

— Eu vi isso, — disse Riley.

Jack sorriu. — Sim. Hadley quase teve um ataque cardíaco sobre ele. O que você acha?

— Enigmático.

Eu sorri. Eu teria concordado, se eu não estivesse pensando no pai de Jack. Eu estava mistificada. Como não poderia mencionar isso a uma garota obcecada por trabalhar no *The New York Times*?

— O que você está interessado em cobrir? — Alex me perguntou. Ele parecia muito sério.

Jack exalou pesadamente. — Vamos, Alex. Deixa a em paz.

— Vou trabalhar com a equipe de conflitos no Médio Oriente, — eu disse. Peguei meu vinho e rodei. — Eles disseram que eu provavelmente estaria baseada na Síria no começo.

— Você está de brincadeira? — Alex perguntou agressivamente. — Jack, fala a sério?

— Está falando comigo ou Jack? — perguntei. Eu limpei minha garganta. — Estou sentindo falta de alguma coisa aqui? Eu não estou brincando sobre nada. —

Jack estudou seu copo de água como se fosse o objeto mais fascinante do mundo. Julie me observou, e eu olhei para ela brevemente antes de olhar para longe. Seus olhos eram da mesma cor de Jack e continha a mesma borda de perda que Jack às vezes segurava.

— Síria? — Julie perguntou, sua voz esforçando-se. — O que seus pais pensam sobre isso?

Jack fez um ruído estrangulado na parte de trás de sua garganta. — Mãe. Deixe-a ser.

— Está tudo bem — eu disse. — Eles não estão entusiasmados, mas aceitaram. — Dei de ombros. — Eu falo árabe. É o que eu quero fazer.

— Você tem alguma ideia de como isso é perigoso? — perguntou Alex.

Eu inclinei minha cabeça. — Você não é um cirurgião de trauma no Afeganistão? — Eu perguntei.

— É diferente. Eu não tenho um alvo.

— Alex, pelo amor de Deus — disse Jack. — Por favor, deixe-a ir?

Dei de ombros. — Acho que é importante mostrar o que está acontecendo. O jornalismo é sobre dizer a verdade, e as pessoas aqui podem ajudar. Eles não podem ajudar se eles não sabem sobre o que está acontecendo. Mas se eles sabem, podem ajudar.

Eu encontrei os olhos do Professor Riley e ele acenou sutilmente para mim, mas não acenou.

— Se você quiser ajudar, você deve se alistar — disse Alex.

— Não diga a minha namorada para se alistar, — Jack disse com raiva.

Eu não tinha certeza com quem discutir, Jack ou Alex.

— Por que não? Ela estaria mais segura no exército como se estivesse em um jipe com um grupo de câmeras — disse Alex.

— Bem, não é sua preocupação, — Jack estalou.

— Se você se importa com ela, é minha preocupação — Alex respondeu. — Riley pode te dizer como é perigoso.

— Claro, — disse Riley calmamente. — Mas ela sabe.

— Você realmente não sabe, — Alex me disse. — Não faz ideia. Como você poderia saber?

— Desiste, — Jack estalou. — Não tente.

Alex se virou e olhou para Jack. — Isso me afeta. A última vez que alguém que você amou foi morto tirando fotos no Oriente Médio fui eu quem pegou o que restou de você. No caso de você esquecer, você não levou muito bem.

Jack empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Sim? Bem, foda-se, Alex.

Eu me movi para me levantar, como várias das outras famílias chicotearam suas cabeças ao redor para ver, mas o Professor Riley me bateu para ele, agarrando Jack pelo braço. Ele o puxou uma vez, gentilmente.

— Jack, vamos, — disse Riley, bruscamente. — Vamos dar um passeio. — Ele o empurrou suavemente para a porta e Jack se virou, os punhos apertados, os ombros pelos cotovelos. Mas ele andou com Riley. Alex exalou em seu assento.

— Alex, você não deveria provoca-lo — disse Julie.

— Eu não estava.

Julie suspirou pesadamente. — Você —

— Preciso do banheiro — disse Alex bruscamente, perseguindo-o na direção oposta, deixando-me sozinho com a mãe.

Eu bebi minha água, apenas para que eu tivesse algo a ver com minhas mãos que estavam tremendo.

— Desculpe — eu disse, quando não havia mais nada a não ser gelo em meu copo e eu tive que enfrentar o fato de que eu tinha de alguma forma arruinado o primeiro jantar de família que eles tinham em um tempo. E que algo terrível aconteceu com o pai de Jack. Senti as coisas se movendo no lugar.

Ela sorriu e balançou a cabeça. — Sempre foi assim. — Ela sorriu. — Eles se amam, e eles não sabem como dizer isso, então eles lutam.

Eu balancei a cabeça. — Desculpe, pensei. Eu…

— Não é culpa sua, — ela acrescentou.

Eu olhei para fora da janela. Jack tinha saído com Riley. Ele estava longe o suficiente das janelas para não perceber que eu podia vê-lo. Mas eu o vi. Sentou-se nos degraus, descansando os cotovelos nos joelhos. O idiota não estava usando um casaco sobre o blazer, e ele virou a cabeça para olhar para as estrelas.

Eu o vi estremecer - do frio ou talvez da discussão.

Riley ficou a alguns metros atrás dele, falando baixinho. Jack assentiu ocasionalmente e sorriu tristemente uma vez. Seus ombros estavam frouxos, desajeitadamente quebrados. Ele precisava de um casaco. Ele tinha que ter um casaco se ele estava indo para sentar lá fora.

Olhei para Julie. — Desculpe-me? — Eu disse. Levantei-me da mesa e subi para o quarto de Jack. Seu caderno de esboços estava aberto em sua mesa, o que ele estava sempre rabiscando dentro, mas ele nunca me mostrou.

Tinha-me atraído, no banco do passageiro do seu carro. Uma perna no painel, minha cabeça virou-se para longe dele. Meu rosto sombreado levemente com um lápis. Coloquei as pontas dos meus dedos na página e senti lágrimas por trás dos meus olhos. Engoli em seco e tomei seu casaco da parte de trás da cadeira, e desci as escadas com ele.

Eu fui procur-alo.

Eu nunca tinha ouvido a voz de Riley soar tão suave.

— ...Alex está lidando muito agora. Ele não é o mesmo garoto que partiu para a guerra. Ninguém é —

— Ei, — eu disse alto para que eles soubessem que eu estava lá. Fiquei desconfortável, hesitante, não querendo intervir, e não querendo ir. — Eu pensei que você poderia querer um casaco.

Jack olhou para mim e não disse nada. Caminhei até os degraus e passei-o sobre os ombros. Ele a puxou para mais perto. — Obrigado.

Sentei-me ao lado dele.

— Você vai estragar o seu vestido, — ele avisou.

— Não me importo.

Riley sorriu. — Você ficará bem? — Ele acenou com a cabeça para a porta, como se estivesse pensando em entrar.

— Ela não morde, — Jack disse. Ele soprou em suas mãos e virou a cabeça, observando Riley ir. Eu não disse nada. Tirou um frasco do bolso da frente e tomou um gole.

— Devemos conversar? — Eu perguntei.

— Sobre?

— Que. — Eu acenei com a cabeça. — Alex. Seu pai.

— É uma longa história — ele disse.

— Sou boa em longas histórias.

Ele balançou sua cabeça. — Eu sei. — Ele sorriu e olhou para mim. Ele tomou outro gole do frasco e ofereceu-o para mim. — Mas eu não sou.

Eu tomei um pequeno gole. Queimou minha garganta. Eu entreguei de volta para ele.

Ele limpou a garganta. — Meu pai era um correspondente de guerra. — Ele mordeu o lábio. — Ele adorava. — Ele encolheu os ombros.

O arrepio que desceu pela minha espinha parecia gelo.

Ele respirou fundo. — E depois morreu.

— Desculpe — sussurrei.

— Sim, — ele concordou. — Ele foi para o Afeganistão. Logo após o 11 de setembro, quando acabávamos de ir à guerra. Minha mãe implorou para que não o fizesse. Disse-lhe que ficaria bem. — Olhou de novo para as estrelas. — Eles o tomaram refém. O Talibã. — Ele encolheu os ombros. Ele tomou um gole de seu frasco. — Nunca recuperamos o corpo. — Ele respirou em breve e exalou. — Eles o cortaram em pedaços e colocaram-no no YouTube ou o que diabos eles chamam.

— Oh, Jack, — eu respirei. Eu não podia imaginar. Eu não conseguia imaginar nada disso, mas não precisava imaginar a dor de Jack, porque não havia maneira de ocultá-la.

Eu quase podia sentir a tensão sob sua pele.

Minha respiração rodopiou em nuvens brancas na frente da minha boca. Tudo fazia sentido. — Jesus, — Eu apertei meus olhos fechados. — Deus, Jack. Por que você não disse nada?

— Não sabia como. E você não iria para a Síria até uma semana atrás. Durante muito tempo você seria jornalista. Quero dizer, honestamente, quando descobri que você estava se candidatando para um emprego na Síria, eu estava tão longe da minha cabeça com você … — ele respirou fundo e sua voz sumiu. — É como se.

— O que? —

— Para se apaixonar por alguém que não poderia ser pior para mim. — Ele balançou sua cabeça. — Quer dizer, Jesus Cristo. Você tem um monte de regras. E eu tenho quase nada. Mas se eu tivesse que vir com um seria: não durma com a menina bonita que vai para a Síria em seis meses. E se você dormir com ela, tenha certeza de que não se apaixone por ela. Mas aqui estamos nós. — Ele sorriu sem humor.

— Você não está apaixonado por mim, — eu disse. — Não estamos namorando.

Ele riu amargamente. — Mas eu estou. Eu realmente estou. Eu estou apaixonado por você. — Ele sorriu de novo e balançou a cabeça. — Mas, estou fodido. — Ele se levantou.

— Jack …

— Olha, não se preocupe. — Ele colocou as mãos nos bolsos de sua jaqueta. — Não precisa dizer nada, Hadley. Entendi. Você não está nisso. Você disse isso desde o começo e você não me deve nada. Se você quiser decolar, vá. — Ele esfregou a nuca e voltou para a casa.

Eu levantei-me. — Quer que eu vá? Quer que eu saia da festa para a qual me convidou?

Ele mordeu o lábio. — Não, eu não quero que você vá. — Ele balançou sua cabeça. — Mas você provavelmente deveria.

Eu encontrei seus olhos. — Vamos — eu disse suavemente. — Fale comigo. Eu não vou morrer na Síria.

— Meu pai costumava dizer isso. — Ele balançou a cabeça e olhou para seus pés e depois para mim. Ele encolheu os ombros. — Ouça, vou entrar. Você não se inscreveu para isso.

— Ok, — eu disse. — Tudo bem. Vamos descobrir.

— Descobrir o que? — Ele demandou. — Estou dizendo que não posso mais fazer isso, Hadley.

Eu encontrei seus olhos. — Não pode fazer isso porque vou para a Síria? — Eu disse. Eu balancei a cabeça. — Eu apenas não entendo —

— Jesus, Hadley, você não ouviu nada que eu disse?

— Bem, estava tudo bem. Você sabia que eu —

— Eu disse que eu sou apaixonado você, — ele gritou. Ele jogou a cabeça para trás e eu dei um passo para trás e olhei para ele. Ele olhou para mim novamente e exalou. — Estou apaixonado por você, — ele repetiu calmamente. — Você entende isso?

Eu mordi meu lábio. Eu não tenho nada a dizer.

— Desculpe, — ele disse. Ele balançou sua cabeça. — Há cerca de uma dúzia de garotas que eu tinha que dizer que eu sentia muito porque eu não as amava. Então eu entendo o que é para você agora. Acredite em mim. Eu sei. É terrível. Você se sente culpada e estranha e como você não conseguiu me comunicar algo. — Ele assentiu. — Mas acima de tudo você sente que quer ir embora o mais rápido possível. E eu sei como é isso e farei isso fácil para você. Sai fora. Vai para casa. Está bem. Eu quebrei as regras e eu fui queimado e isso é culpa minha.

— Você não sabe como me sinto, — eu disse. Eu não me senti mal. Eu me sinto doente.

— Eu te amo, Hadley.

— Você poderia *parar* de dizer isso? — Eu agarrei.

Ele sorriu tristemente. — Vê? — Ele balançou sua cabeça.

Eu queria chorar. Eu tinha quase certeza de que começaria a chorar. — Desde quando? — Minha voz soou estrangulada.

Ele riu. Ele levantou o frasco para seus lábios. Seu rosto se contorceu quando ele engoliu em seco. Ele olhou para mim. — Não sei. Talvez desde que te conheci, — ele mordeu o lábio. — Ouça. Vá. Vá. Está

bem. — Ele sorriu. — Você não quer isso e eu... Eu vou lidar com isso. Mas, você deve ir. Vai ser mais fácil para você e vai ser mais fácil para mim também.

— Bem, quer que eu vá dizer adeus? Para Riley ou a sua... família?

Ele me deu um sorriso arrogante. Eu tinha visto um milhão de vezes. Em sua página do Facebook, quando ele estava falando com pessoas que ele realmente não sabia, quando alguém contou uma história que ele não acha que era particularmente engraçado e ele queria ser educado. Esse sorriso vazio, distante e arrogante, como se nunca tivesse se preocupado com nada antes em sua vida. — Nah. Não se preocupe com isso. Vou limpar. Não sua confusão de qualquer maneira.

Eu esperava que ele voltasse e olhasse para mim quando ele voltasse para a casa. Eu esperava que ele rir e dizer que ele estava fodendo comigo, ele estava bêbado, ou que ele só precisava de algum espaço, ou que ele iria me ligar amanhã ou que ele iria me ver ao redor. Ou alguma coisa.

Mas a porta se fechou e ele não voltou.

Fiquei olhando para aquela porta por um longo tempo.

Eu não tinha uma carona de volta para o meu apartamento. E eu não pedi uma. O ar estava frio o suficiente para que eu não pudesse pensar na dor gelada em meu peito.

Quando cheguei em casa, tremia do frio. Eu me sentia tão cansada, como se eu tivesse andado oito milhas em vez de metade de uma. Estremeci na porta, acendendo as luzes, tirando os calcanhares.

— Você voltou cedo — disse David. Ele se virou para olhar para mim. — Como foi?

Sorri, tirei a chaleira do armário e enchei com água.

Então eu explodi em lágrimas.

— Hadley! O que diabos aconteceu? — perguntou David. Ele se levantou do sofá ao lado de Justin. Eu sorri o mais que pude.

— Nada, — insisti, apertando minha mão na minha boca, apertando meus olhos.

— Hadley. —

— Por favor, David, — eu disse, enquanto ele cruzava o quarto para mim.

— O que ele fez? —

— Nada. Ele não fez nada — eu disse. Eu tomei uma respiração profunda e conseguiu manter os soluços baixos até que eu agarrei a porta e cheguei ao banheiro para ligar o chuveiro.



Capítulo 34

David se recusou a me deixar sair na manhã seguinte. Ele insistiu em uma explicação. E quando eu finalmente cuspi toda a história triste, eu ainda não tinha tocado minhas panquecas.

Eu balancei a cabeça. — Eu deveria saber.

— O que?

— Que isso terminaria mal — eu disse.

David olhou para mim preocupado. — É realmente um problema que ele te ama?

Dei de ombros. — Ele parece pensar assim.

— Por quê?

— Porque ele terminou comigo.

— Mas você nem está namorando.

— Ele me disse para sair. — Eu respirei. — Ele me disse que me amava e que eu tinha que ir. E eu fiz.

— O que você disse?

Dei de ombros. — Nada. Eu deixei.

Ele estava quieto. — Você o ama?

Inclinei a cabeça para David. Eu exalei. — Não acredito nisso.

— Apaixonado?

— Não do jeito que ele quis dizer. — Coloquei o cabelo em um rabo de cavalo e recolhi minhas coisas. — Eu tenho que ir.

— Hadley, — David me chamou.

— David, tenho que ir. O jornal tem de ser colocado para rodar, — eu disse. Eu provavelmente tinha feito isso antes, usado o jornal como uma desculpa para se esconder das pessoas. Mas eu nunca tinha sido tão consciente disso.

Cada vírgula que eu cortei, cada frase que eu reformulei, eu sabia exatamente o que eu estava fazendo. Ele me disse que me amava e eu queria dizer isso de volta.

Mas, eu estava com medo.

Assim, em um sábado de manhã, a sensação de ressaca e meio vazio, editei o jornal.

Você está quebrando seu próprio coração, uma pequena voz me disse, quando eu olhei para o meu trabalho tempo suficiente para pensar sobre isso.

Outra voz, uma que eu conhecia melhor e mais confiava, falou de volta*, você tem que quebrar seu próprio coração. Você não pode comprometer.*

*****

Eu não tinha ideia de como eu ia enfrentar o Professor Riley na aula na segunda-feira. Gostaria de saber o que Jack tinha dito quando ele voltou para o jantar. Ele tinha dito a eles que eu era louca ou sem coração ou apenas sentindo-se doente?

Teria acabado de lhes dizer a verdade?

Sentei-me na segunda a última fila, perto da parte de trás da sala. Eu rabisquei o meu nome em repetição nervosas e enroladas no canto do meu caderno. Eu tentei não pensar no jeito que Jack sorriu na noite de sexta-feira, como se ele tivesse visto isso acontecer e ele não tivesse sido capaz de detê-lo e por alguma razão que era engraçado.

Como descobrir algo que parecia bom demais para ser verdade, simplesmente não era verdade.

Bem, claro.

Eu tinha rabiscado meu nome na metade da página quando Riley entrou, e eu não olhei para cima quando ele resmungou olá para a classe.

Ele tinha se movido para restrições éticas no jornalismo quando se tratava de respeitar as crenças religiosas de outras pessoas, e eu finalmente olhei para cima quando ele referenciou uma estatística em um slide.

Ele não estava olhando para mim. Obviamente.

Ele não olhou para mim toda classe. Mordi meu lábio e tomei notas e quando ele terminou de falar, eu fiz o meu melhor para arrumar minhas coisas em velocidade recorde.

— Agora, antes de partir, distribuiremos o seu jornalista para o seu perfil. — Ele olhou em volta. — Ah, e Hadley?

Merda.

— Posso falar contigo um segundo depois das aulas?

Perguntei-me se Jack tinha dito a ele que tínhamos partido.

Ou seja, o que fosse na sexta-feira. Uma luta? Não, era mais do que uma luta. Era o fim de algo.

Eu mastiguei minha miniatura enquanto a sala de aula esvaziava.

— Vai descer aqui? — Riley perguntou com um sorriso.

Levantei-me e caminhei pelas fileiras até onde ele estava perto da sua mesa.

Eu não ia falar primeiro. Eu não conseguia pensar em uma única coisa para dizer. Ele me encarou com uma expressão penetrante.

— Então, sexta-feira foi divertido, — eu disse. Tanto para não falar primeiro. — Foi bom ver-te.

Riley sorriu. — Não sabia sobre você e Jack.

— Oh, — eu disse.

— Você é boa para ele, — ele disse, levantando a cabeça.

Abri a boca e depois a fechei. Eu inclinei minha cabeça e aclarou minha garganta. — Não sou sua namorada ou coisa parecida.

Ele riu. — Sim, ele disse isso. Seja lá o que for, acho que é bom.

Eu balancei a cabeça. Ele me disse para ir embora. Acho que até jornalistas investigativos perdem o óbvio às vezes.

— De qualquer forma, eu lhe designei o pai de Jack, Scott Diamond. — Ele olhou para mim. — Eu tinha tomado a decisão antes de saber que você estava... como você disse? Não a namorada de Jack ou algo assim? — Ele sorriu para mim.

Jesus. Cristo.

Eu sorri de volta. — Certo.

— De qualquer forma, se você não está confortável com a tarefa por causa disso, você pode escolher outra pessoa. Mas eu pensei que você faria um bom trabalho com ele. — Ele sorriu. — Ele teria gostado de você. Ele também era idealista. — Ele assentiu. — É a única vez que eu pensei em atribuir a ele a alguém e eu gostaria que o fizesse. Mas eu entendo se você preferir não.

— Eu vou fazer — eu disse calmamente. Eu inclinei minha cabeça. Eu tinha a sensação que Jack odiaria se soubesse. Mas ele não saberia. O triste foi que eu não acho que ele alguma vez descobriria. Porque eu não acho que ele nunca iria falar comigo novamente.

Ele assentiu. — Ótimo. Fico feliz em ouvir isso. Você está se sentindo melhor?

Então foi com isso que Jack passou. Doente. — Eu me sinto ótimo. Obrigado.

Ele assentiu. — Espero que não tome este caminho errado, mas deve saber que Jack é um lutador.

Olhei para ele.

— É como ele mostra que se importa com as pessoas. — Ele sorriu. — Se ele está lutando com você, sabe.

Eu desejei que estivéssemos lutando. Mas nós não estávamos. Ele estava me ignorando. E eu estava deixando ele. — Obrigado, mas não sou a namorada dele.

— Como eu disse, o que quer que você seja para ele, é bom.

Eu acenei com a cabeça uma vez, não querendo quebrar essa percepção, porque parecia fazê-lo feliz. — Bem, ah, obrigado.

Ele riu. — Para um projeto de pesquisa e conselhos de relacionamento não solicitado para alguém que você jura que não está namorando? A qualquer momento.

Eu consegui rir e disse-lhe que eu tinha que chegar a uma reunião. Caminhei rapidamente da sala de aula para o escritório do jornal.

Meu telefone não estava quieto. Não exatamente.

Minha mãe tinha enviado mensagens de texto sobre os planos de jantar para o fim de semana de formatura, meu pai tinha me enviado um e-mail sobre um atentado suicida na Síria com a linha de assunto FYI, e David tinha me enviado um gif de um coelho dançando.

Mas Jack não tinha me enviado nada.

Eu coloquei o telefone em uma gaveta para que eu não pudesse pensar sobre isso e voltei minha atenção para escrever uma breve sobre estatísticas de emprego para recém-licenciados.

Era material seco e descomplicado — o relatório divulgado pelo Gabinete de Assuntos dos Alunos vinha com gráficos e análises detalhadas. Em um dia normal, eu teria delegado a um escritor júnior, mas eu queria algo para fazer. Eu suspirei quando eu terminei e encaminhei a Andrew a cópia de edição.

Olhei pela janela, puxei meu telefone da gaveta e respondi a minha mãe.

Graduação não estava longe — dois meses agora — apenas oito semanas.

Isso parecia surreal.

O jornal estava em silêncio. Olhei pela porta. Se eu quisesse procurar no Google sobre Scott Diamond, eu poderia. Ninguém saberia. Mas eu me senti frágil e pensei que ler sobre isso poderia me quebrar.

Eu empacotei minhas coisas e fui para casa.

****

Comecei a chorar no chuveiro. Algo sobre a água quente na minha pele. O jeito que ele me disse para ir embora. O jeito que eu não conseguia

parar de me lembrar. O primeiro soluço saiu como se estivesse rasgando-me, e quando eu percebi que eu não seria capaz de detê-los, eu simplesmente me deixei chorar. Sentei-me no frio, piso de cerâmica e tentei respirar pela água.

Eu nunca esperava me sentir rejeitada.

Eu esfreguei meus cabelos viciosamente, como se pudesse parar o fluxo de emoção. Eu estava chorando porque ele disse que me amava e que eu tinha que sair e eu sabia que se a primeira coisa era verdade, assim era o segundo.

Saí do chuveiro, me envolvi em uma toalha e coloquei meu cabelo em outra tolaha.

Eu vaguei para a sala de estar para David, que estava deitado no chão, escutando algum tipo de música de spa nova era.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Realinhando minha espinha, — ele disse serenamente.

Sentando ao lado dele na minha toalha e olhei para o teto. Eu mudei. — Hã.

— Sh ... — ele disse. — Estás a matar o meu zen.

— Como?

— Má energia. — Ele abriu um olho. — Deite-se. Se alguém precisa de sua espinha realinhada, é você.

— Afinal, o que isso quer dizer? — perguntei.

— Significa calar a boca e deitar-se.

Então eu fiz.

— Como você sabe quando está se alinhando?

— Quando você sentir a tensão deixar o seu corpo, — David disse com conhecimento de causa.

— Como é isso?

David virou a cabeça para mim e olhou para ele. — Comece com o silêncio. Tensão de saída, eventualmente, segui.

— Certo.

— Feche os olhos. Cale-se.

Eu respirei e olhei para o teto e fechei os olhos. Meu ombro úmido roçou o de David e eu esperei que a tensão deixasse meu corpo.

Minha respiração diminuiu. Talvez fosse a tensão deixando meu corpo. Talvez estivesse sendo atingido por uma onda de exaustão. Mas algo aconteceu.

— Lá — ele disse.

— Do que está falando? Minha espinha ainda está desalinhada, — eu o informei.

— Bem, você não tem trabalhado bastante no silêncio, — ele disse. Ele levantou-se. Quer chá?

Sentei-me.

— Bem, agora definitivamente não vai se alinhar, — ele me informou.

Eu ri.

— Como vai, namorada? — perguntou David gentilmente.

— Espetacular. Estou escrevendo um artigo sobre o pai de Jack para a aula de jornalismo ensinada por seu padrinho que não acredita que eu não sou sua namorada.

— Parece complicado. — Ele me entregou uma caneca morna de chá. Nossas mãos escovadas. — Sua mãe me enviou um e-mail sobre a formatura.

— Oh sim, — eu sorri.

— Justin disse que seus pais queriam vir. Especialmente porque os meus não.

— Agradável.

— Sim? Você não acha que vai ser estranho?

— Quero dizer, meus pais veem. Isso vai ser estranho. Vou dizer a minha mãe para adicioná-los às nossas reservas. Se você quiser.

Ele assentiu. — Mm. Sim. Se ela não se importa?

— Ela não vai.



Capítulo 35

Eu não trabalhei no Google sobre Scott Diamond até meia-noite no sábado. Foi quando a maioria das pessoas se esforçou para dizer o que eles queriam. Meia-noite. Fim de semana. Tome algumas bebidas. Diga algo estúpido. Algo que você quer dizer.

Eu não podia olhar para baixo sobre isso. Se eu tivesse um pouco mais de nervos, eu teria chamado Jack e perguntado como ele ousa me dizer para ir embora apenas quando eu tinha me acostumado a tê-lo ao redor, assim como ele começou a ser a primeira pessoa que eu disse tudo.

Eu mastiguei minhas unhas olhando para os resultados da pesquisa.

O Filho de Scott Diamond Recita as Últimas Palavras do Pai

Eu cliquei no link com os dedos trêmulos, mordendo meu lábio. Não era Jack, mas Alex. O vídeo tinha alguns anos, tomado quando Alex estava em West Point.

Fechei os olhos. Eu não toquei no play. Eu olhei para a imagem congelada por um longo tempo.

Finalmente, eu fechei a tela do meu computador e empurrei.

Levantei-me e afastei-me dele.

Eu poderia pesquisar Scott Diamond ou eu poderia dizer a Riley que eu não poderia fazê-lo. E eu tinha um sentimento se eu não pudesse lidar com isso, não diria muito para as minhas perspectivas na Síria. Eu sabia que teria que ser mais difícil.

Virei a cabeça, olhando para o computador e roendo meu lábio. Fui até lá e abri a tela e comecei a trabalhar.

Scott James Diamond nasceu em 1961 em Chicago, IL. Ele frequentou a Universidade de Illinois, obteve um diploma de pós-graduação em jornalismo da Universidade de Nova York, e teve um trabalho de correspondência com o *Chicago Tribune*.

Ele conheceu Julie Rowland em 1983, casou com ela em 1985. Ela deu à luz seu filho, Alexander, em 1986, e seu filho Jack em 1992.

Ele passou três anos na Bósnia, e foi hospitalizado quando estilhaços em sua perna foram infectados.

Ele foi o co-recipiente do Prêmio Pulitzer com Robert Riley em 1994.

Ele passou um tempo na Primeira Guerra do Golfo, co-autor de um livro, e foi nomeado o Chefe da Agência Marroquina de Notícias. Ele voltou ao escritório do Metropolitan no *New York Times* em 1999.

Após os ataques terroristas de 11 de setembro, ele e Riley foram convidados a cobrir a guerra no Afeganistão. Ele concordou. Em janeiro de 2002, ele foi a um café para se encontrar com uma fonte.

Riley tinha um problema de estômago de beber a água, então Scott Diamond foi sozinho.

Ele não voltou. Não naquela tarde. Não naquela noite.

A última vez que a maioria das pessoas o viu estaria nas fotografias que eles fizeram. Ele olhou em direção a uma câmera, com olhos sérios, sem olhos fechados, segurando um jornal com a data do dia.

A última vez que um punhado muito pequeno de pessoas o veria seria na fita VHS enviada para o quarto de hotel de Cabul, onde Riley tinha escondido, recusando-se a sair.

Eles cortaram sua garganta, cortaram sua cabeça, e a câmera ficou preta.

Eu tomei notas sobre tudo isso. Foi o que eles te ensinaram. A maneira de dar sentido às coisas era tomar notas detalhadas e construir uma narrativa, identificando causas e efeitos, as repercussões e as advertências.

Eles não mataram Scott Diamond. Eles abateram. Como um animal.

Eu tremi. Eu tomei mais notas. Fazia menos sentido.

Quanto mais eu aprendia, menos sentido fazia. Não o que tinha acontecido. Eu sabia o que tinha acontecido. Eu entendo a linha do tempo. Reconheci as razões que os homens que mataram o pai de Jack deram por seu terrível crime.

Mas eu não conseguia chegar a um lugar na minha cabeça onde eu pudesse entender. Eu não conseguia entender a violência, o terror, a brutalidade ou a tragédia básica do pai de um garoto morrendo assim. Eu sabia exatamente o que tinha acontecido e eu também sabia que era horrível demais para entender completamente.

Fechei meu laptop e minhas anotações e me afastei deles. Eu poderia dizer o que aconteceu com Scott Diamond. Mas nunca seria a história completa. Nunca seria a história do que aconteceu com o pai de Jack Diamond.



Capítulo 36

O primeiro bom dia veio no final de março. O primeiro dia real da primavera. Quando você sabia que o inverno acabava de terminar.

Seria frio novamente — talvez uma ou duas vezes —, mas quando a temperatura subiu, você sabia que nunca mais ficaria tão frio quanto antes.

Eu mal tinha notado março até aquele dia quente. Quando ficou claro que Jack não voltaria para mim, que Jack não queria ser amigo, eu me enterrei no trabalho como costumava.

Havia algo de relaxante nisso, de checar cada caixa, de mitigar uma ansiedade quase inexistente.

Eu odiava a atribuição de Scott Diamond, egoisticamente, mas eu fiz isso. Eu fiz isso lentamente, anotando os detalhes, destacando os elementos-chave em jogo desde o momento de sua abdução até sua morte final.

Eu só podia ter tanta coisa ao mesmo tempo.

E eu sabia que era por causa de Jack, e eu sabia que era uma boa coisa para aprender a fazer. Para escrever sobre algo terrível acontecendo a uma pessoa que significou mais para você.

Eu nunca conheci Scott Diamond, mas eu conhecia seu filho.

Era, se nada mais, um exercício de empatia.

Eu acordei cedo — o primeiro bom dia — e não vi ninguém caminhando pelo campus até o escritório do jornal. Eu gostei da tranquilidade do escritório, também. A partir de um bule de café forte e amargo, comecei a pensar sobre as posições que precisávamos preencher no próximo ano.

Pensei que Juliet poderia ser uma boa editora-chefe. Mas ela disse que não sabia se queria o emprego. Ela sorriu e encolheu os ombros quando eu sugeri. — Não sei, Hadley. Parece uma tonelada de trabalho.

Quando eu consegui algumas coisas em forma, eu virei para o meu dever de casa. Eu tinha começado a trabalhar no meu escritório de jornal em torno do tempo quando eu comecei a ficar preocupada que eu encontraria Jack no campus.

Eu coloquei meus fones de ouvido para ouvir conversas árabes faladas em um clipe rápido, ao responder uma série de perguntas desafiadoras sobre seu significado contextual. Foi o tipo de trabalho que teve um grande foco — tanto que você não poderia pensar em nada, mas o ruído e o que tudo isso significava.

Andrew estalou a cabeça e acenou, deixando-me saber que ele estava aqui. Eu sorri, acenei de volta e continuei trabalhando.

Quando olhei para cima novamente, estava escuro. Eu tirei meus fones de ouvido e suspirei. Eu tirei meu telefone para ver que eu tinha perdido quatro chamadas enquanto estava em silêncio.

Aquilo foi estranho.

Desbloqueando o telefone e rolei para minhas chamadas perdidas.

Jack.

Jack.

Jack.

Jack.

O telefone, ainda em silêncio, iluminado com seu nome novamente.

Engoli em seco. Peguei o telefone.

— Vamos, vamos, atenda, — ele murmurou freneticamente.

— Ei, — eu disse. Eles estavam tendo uma festa. Ou alguma coisa. Parecia que mil pessoas estavam tagarelando atrás dele.

— Hadley?

— Jack? O que você quer? — perguntei calmamente. — Está tudo bem?

— Venha para a casa.

— Acho que não é uma boa ideia, — eu disse.

— Vamos, Hads, — ele implorou. — Tenho de te ver.

— Ei, você já jantou? — Andrew parou quando ele viu que eu estava no telefone.

— Hadley? — disse Jack.

— Eu tenho que ir.

— Porque? Basta vir aqui — ele disse.

— Não posso.

— Por favor. Vamos. Tenho de falar contigo.

Eu vacilava. Andrew estava me observando. — Jack, tenho de ir. — Eu desliguei e coloquei o telefone.

— Tudo certo? — perguntou Andrew.

— Ótimo.

— Foi o Jack?

Eu olhei para ele com cautela. Eu não gostei da ideia de pessoas sabendo nada sobre isso. Eu acenei com a cabeça, no entanto.

— Você está melhor — disse Andrew. Ele sorriu. — Todos achavam que você tinha perdido a cabeça. Você sabe?

Olhei para ele. — Não, eu não sabia.

— Vamos? — ele riu. — Jack Diamond? — Ele sorriu. — Causa número uma de separações em Northwestern?

— Nunca ouvi isso, — eu disse. E eu não tinha. Se Jack tinha uma história de dormir ao redor, ele tinha mantido calado. E seus amigos

também. Embora fizesse sentido: bonito e alto e popular e aquele sorriso maldito.

— Quer jantar?

— Claro, — eu disse.

— Chinês?

Eu balancei a cabeça e ele saiu do meu escritório.

O telefone tocou novamente. Eu o silenciei com um movimento do meu dedo e abaixei a cabeça. Eu tentei me concentrar em corrigir um infinitivo dividindo estranhamente na terceira frase do artigo de Scott Fleischer sobre roubos de máquinas de venda automática.

Mas, é claro, tudo o que eu podia ver era o rosto de Jack. E no silêncio zumbido da sala, tudo o que eu podia ouvir era o discurso arrastado bêbado de suas palavras. *Tenho que te ver*.

Quando o telefone se iluminou com seu nome novamente, eu simplesmente desliguei. Eu não poderia fazer mais trabalho, mas eu esperei um período de tempo apropriado, antes de eu deslizar minhas coisas em minha bolsa e fui encontrar Andrew.

— Importa-se que eu fique com o chinês? — Eu perguntei. — Estive aqui o dia todo. Não consigo focar mais.

— Sim. — Ele sorriu. — Não se preocupe. Te vejo amanhã, certo?

— Certo.

Liguei meu telefone novamente. Dez chamadas perdidas, três novas mensagens de voz. Havia apenas meia hora. Parei no estacionamento, olhando para o meu telefone, me perguntando se deveria ligar para ele, me perguntando se eu deveria ir até lá e vê-lo.

Quando meu telefone tocou novamente, eu respondi.

— Hadley, — ele disse com firmeza. — Pegue, porra do deus ...

— É a Hadley.

— Oh. — Ouvi-o respirar fundo. — Olha, há alguma maneira, qualquer maneira em *tudo*, que você poderia vir até aqui, Hadley? — Sua voz estava cheia de emoção. Parecia que ele estava chorando.

— Por quê? — Eu perguntei.

— Eu só... Eu realmente quero te ver, — ele sussurrou. A voz dele quebrou. — Eu preciso... Eu preciso de você.

— Você está bêbado e acha que estou disponível — eu disse a ele. Talvez se eu fosse uma puta, ele poderia me odiar. Isso seria mais fácil para nós dois. — Não é mais diversão. Lembra?

— Eu não quero me divertir — ele disse ferozmente. — Eu quero te ver.

Eu mordi meu lábio. Era impossível recuperá-lo agora. Era impossível dizer-lhe que eu era divertido quando ele já me disse que eu o machuquei. Era impossível dirigir para casa e dormir, porque ele ainda soava magoado.

— Ok, — eu disse. — Certo, eu vou.

Ele exalou. — Obrigado.

Desliguei o telefone e dirigi para a casa.

Havia batidas de música no térreo e copos de plástico vermelho jogados no chão e corrimão da varanda.

Foram as meninas mais bonitas e os meninos mais legais. Quanto mais perto eu cheguei, mais inadequado me sentia. Em minha calça jeans e camiseta Hanes, com minha mochila firme em meus ombros, eu pisei pela porta aberta, olhando em volta para ele.

Talvez no andar de cima.

Eu não queria me aventurar na cozinha, ou através da multidão de pessoas saindo da sala de estar para um corredor estreito. Então eu esperava que ele estivesse em seu quarto.

Subi as escadas, passando por uma garota asiática com uma flor atrás de um ouvido e um garoto ruivo de segundo ano fazendo agressivamente pelo corrimão.

Jack sentou-se contra a parede do quarto, observando a notícia em silêncio.

Jack bonito, com uma garrafa de uísque aberta, e um sorriso auto repugnante em seu rosto.

— Oi, — ele sussurrou como um garotinho, quando eu abri a porta e fiquei ali.

— O que está errado? — Perguntei. Fechei a porta. Ele não disse nada. A batida dos alto-falantes estremeceu através da sala. O quarto dolorosamente limpo, com tantos livros nele. E com Jack sentado em uma parede, bêbado, com olhos vidrados, impossivelmente triste.

Ele riu. — Eu culparia você se eu pudesse. — Ele balançou sua cabeça. — Estou fodido de novo.

— Você não está fodido.

— Ainda somos amigos? — ele perguntou.

Engoli em seco. — Não sei. Você gostaria de ser?

Jack encolheu os ombros. — Não sei. Eu pensei que eu seria sobre ele até agora. Mas eu não sou.

— Sobre o que? Eu?

Ele riu. — Sim, você. — Levantou a garrafa até o lábio. — Sinto sua falta. É estranho.

— Não é estranho, — eu disse. — Também sinto sua falta.

Ele sorriu. — Estúpido, certo? Nós vamos para a mesma escola e você vive na estrada. — Ele se inclinou para trás. — Desculpa ter dito que te amava. Eu não devia ter dito nada.

Olhei para ele. — Desculpe, não posso ser quem você quer. — Eu exalei.

— Você é exatamente quem eu quero.

— Bem, o que você quer, então — eu disse. — Não posso ser a garota que te segue. Não posso ir para a Síria. E você não pode ser o que quer que tenha sido para mim. — Eu mordi o lábio.

Ele fechou os olhos e caiu mais para baixo. — Talvez eu possa tentar.

Caminhei até ele e me sentei ao lado dele contra a parede. Eu tentei pensar em algo reconfortante para dizer. — David diz que minha espinha está desalinhada.

Ele riu.

— Ele diz que essa é a raiz de todos os meus problemas.

— Não seja legal comigo — disse Jack suavemente.

Eu estava quieto. — Disse que queria falar.

— Eu menti. Eu queria te ver, — ele disse. Ele exalou. — Não quero que seja boa comigo.

— Bem, não vou ser má com você. Especialmente quando você está olhando assim.

Ele me deu uma olhada.

— Ser sério com você agora seria como chutar um filhote.

— Porque eu sou adorável, — ele disse.

— Porque você está bêbado e triste.

Ele revirou os olhos. — É só a minha personalidade.

— Bêbado e triste?

Ele riu e eu fiz, também, e foi engraçado e terrivelmente difícil e profundamente doloroso de uma vez. Como o riso ecoou e por isso você sabia que você estava vazia.

Ele estendeu a mão para minha cintura e me beijou. Não importa o quão bêbado ele estava, não importa quão sóbrio e estúpida eu estava, ele ainda podia me beijar como se fosse o que ele nasceu para fazer.

Fiquei sem fôlego e sem sentido, e sussurrando: — Não podemos fazer isso. Jack, não podemos, não podemos fazer isto.

— Não consigo parar de pensar em você.

— Ainda vou para a Síria. Eu não posso desistir disso. Eu simplesmente não posso.

— Pode me dizer uma coisa?

— Sim.

— O que houve com as regras? A sério? — ele perguntou.

Dei de ombros. — Não sei. Minha maneira de não se transformar em minha mãe. — Eu mordi o lábio. — Ela nunca conseguiu juntar tudo depois que meu pai foi embora. Ela continuava olhando para se apaixonar por alguém. E ela estava sempre de acordo com seus caprichos, sabe? Não quero isso. E talvez as regras fossem exageradas. Mas, aquele que eu absolutamente não posso quebrar é aquele que você quer, certo? Quero dizer, vou para a Síria em maio. Você não pode lidar com isso. Mas eu não posso faltar.

Ele estava quieto.

Não era justo para mim ter essa conversa com ele quando ele estava bêbado. Mas perguntei. — Eu queria saber. Quero dizer, se tentássemos de novo e se desistisse de todas as outras regras e ainda fosse para a Síria. Você acha que isso poderia funcionar?

Ele mordeu o lábio. Ele balançou sua cabeça. — Não.

Fechei os olhos. Bem, pelo menos eu sabia agora.

Eu mordi meu lábio.

A rejeição ainda pungia.

— Não é perigoso. As chances de eu morrer …

— Não é racional, — ele disse. — Ainda acordei no meio da noite em pânico com o meu pai. — Ele olhou para mim. — E ele está morto há uma década. Nada pior pode acontecer com ele. Nada. E eu ainda não consigo dormir às vezes pensando que ele ainda está sofrendo. — Ele limpou a garganta. — E Alex está no Afeganistão e … — Ele respirou fundo. — Não, não posso. E eu não posso pedir para você desistir. Eu sei que você diria que não, se eu fizesse. Mas eu não quero que você diga sim. —

Ele tomou um longo gole de sua garrafa. Ele encontrou meus olhos. Ele os fechou.

— Isso é uma merda — ele disse. Ele estava perdido.

— Sim, eu concordei. Ele baixou a cabeça para o meu ombro, e eu senti ele acenar para dormir. Eu o abanei suavemente, o ajudei a ficar de pé e coloquei em sua cama.

Eu mudei a garrafa de uísque para o outro lado da sala e enchi um copo de água e coloquei ao lado de sua cama.

Eu olhei para ele, respirando calmamente, seus olhos grossos fechados. Eu alisei seu cabelo para trás fora de sua testa. Apertei um leve beijo no topo de sua cabeça, desliguei as luzes e saí.



Capítulo 37

Eu não vi Jack novamente até maio.

Ele mandou uma mensagem de texto ocasionalmente tarde da noite quando eu tinha certeza que ele estava bebendo e eu o ignorei até que elas pararam. E eu lutei contra o impulso de enviar mensagens de texto durante o dia, quando ele estava sóbrio e de cabeça clara.

Passei um tempo com David e Justin. Eles eram bons juntos. Eles trabalharam. Eles faziam sentido.

Quando eu vi Jack em maio, ele estava na biblioteca. Ele estava inclinado sobre um livro, seus dedos enrolados em torno de um copo Starbucks. Ele sussurrou para uma garota de cabelos dourados e sorriu ocasionalmente.

Então, alguém o tinha levado para a biblioteca.

Decidi não dizer oi, não querendo me preocupar se ele contasse a ela sobre mim ou se talvez ela fosse apenas uma garota de uma aula de inglês ou se talvez ela não fosse ninguém. Talvez eles tivessem se conhecido.

Eu fugi sem ele me ver. Eu não poderia decidir se ou não era uma vitória, porém, pelo tempo que ele estava fora de vista.

— ...e agora ela está enviando e-mails às 5:00 da manhã sobre as vírgulas de Oxford. Quero dizer, ela tem que se controlar ...

Fechei a porta do nosso apartamento e deixei cair a bolsa no chão. — Quem está falando sobre as vírgulas de Oxford?

Justin ficou em silêncio.

— Ela parece meio estragada — comentou David.

Eu olhei para ele ferozmente.

David olhou de volta para mim. — Justin acha que você pode estar em espiral.

— Espiralamento?

— No desespero, — ele acrescentou.

— Eu não disse isso, — Justin disse rapidamente.

— É sobre o e-mail?

— É como cinco páginas. Espaçamento simples. Sobre a gramática — disse David.

— Você leu isso? — Eu perguntei. — Isso era apenas para o pessoal do jornal.

— Justin encaminhou para mim.

— OK. Você não é confiável — disse Justin, olhando para David. — Te disse para não abrir o e-mail.

— Eu simplesmente não entendo por que todo mundo está confuso sobre as vírgulas de Oxford, — eu tomei um gole da minha Red Bull. — Eles são desleixados e é maio e as pessoas devem saber essas coisas até agora. O Northwestern Daily News não usa Oxford Commas. Isso é realmente complicado? Não. Não é nada complicado.

— Você não deveria estar enviando e-mails às cinco da manhã. Especialmente não sobre vírgulas. É perturbador — disse David.

— Eu não disse que você estava espiralando, — Justin acrescentou. — Só para ficar claro.

— Bem, eu acho que você está espiralando, — David entrou.

— E perturbada, — eu disse. — Consegui.

— Vamos ao bar para tomar uma cerveja e comemorar basicamente com a faculdade.

— Você e Justin?

— Não, Justin é um calouro. Seu GPA ainda importa. Ele tem coisas para aprender. Você e eu. É pub crawl.

— Eu tenho coisas para fazer.

— Como o quê? — Perguntou David. — Escrevendo um e-mail sobre apóstrofos?

— Apenas coisas.

— Você não tem nada para fazer. Vamos lá. Eu não vou fazer você escovar o cabelo, — ele disse. — Andrew estará lá.

— Assim?

— São pessoas com quem você estudou por quatro anos. Não temos muito tempo para gastar com eles, Hadley.

— Ótimo — eu disse.

Eu fui para o meu quarto e vesti um vestido de verão, botas de cowboy, e um casaco azul macio. Sentei-me com David e tomei um copo de vinho. Foi bom, eu percebi. Ele foi bom para relaxar.

Eu não tinha tomado uma bebida há muito tempo. Eu bebi lentamente e o vinho me fez dormir mais do que qualquer coisa. Eu estava bocejando enquanto caminhávamos para o bar.

— Eu prefiro tirar uma soneca, — eu disse, olhando para a linha.

Ele agarrou meu pulso. — Uma cerveja. Então nós vamos. Você vai. Tanto faz.

Estávamos ambos muito sóbrios para o lugar. Na verdade, as pessoas pareciam bastante emotivas. Nós só tínhamos algumas semanas à esquerda, e a realização agridoce que estávamos aproximando o fim tinha infiltrado no bar.

Eu soube que eu veria Jack quando nós entamos.

Eu senti falta dele. Eu senti falta dele no início, mas agora era mais como uma dor sem graça. Suportável. Completamente suportável. No entanto, eu queria que ele fosse embora e preocupado que nunca.

Quando eu o vi, a dor era mais nítida. Mas também me senti bem. Parecia estar na porta da casa da minha avó quando eu era criança.

Ele estava com a mesma garota. O que eu tinha visto na biblioteca.

Mordi meu lábio, observando-o. Seu cabelo estava um pouco mais comprido, ele tinha um pouco de barba por dia, e ele enrolou as mangas de uma camisa de flanela que eu não tinha visto antes.

Ele me pegou olhando. Sorriu. Olhou para ela.

Jesus. Isso foi o pior.

Eu olhei por cima do meu ombro para eles duas vezes. Ele a estava apresentando às pessoas. Algumas delas ela sabia. Ela empurrou o ombro de Nate como se fossem velhos amigos, rindo.

— Vá dizer oi.

— De jeito nenhum.

— Bem, então pare de olhar fixamente, — David ordenou. — Quer uma cerveja?

Eu balancei a cabeça. — Refrigerante de gengibre.

— Isso é tão chato.

Eu sorri. — Eu não quero ficar bêbado e ir lá e dizer algo estúpido.

David olhou para o outro lado. — Parece que tem doze anos.

— Ela não — eu disse.

— Ela tem. Ele ordenou uma noiva de criança da Rússia on-line.

Eu ri.

— Fez a coisa certa quando saiu. Você teria terminado como uma daquelas mulheres sem noção casadas com o psicopata total da SVU com a noiva do filho no porão.

— Legal.

— Vou ter uma Corona — disse David a Xander, quando chegamos ao bar.

Xander olhou para mim por um longo minuto. Ele olhou para mim como se eu realmente o tivesse irritado.

— E você, Hadley? — ele perguntou. Ele parecia muito educado. Frio, se eu estivesse sendo honesto.

— Ginger ale seria ótimo, obrigado. — Sorri o mais calorosamente que pude. — Como você está?

— Muito bem, — ele disse em breve.

Xander encheu um copo com gelo e cerveja gengibre. Ele olhou para mim com olhos congelados e empurrou o copo através do bar. Ele deu uma cerveja para David.

— Por conta da casa — disse ele friamente.

— O que há com ele? — perguntou David enquanto o observávamos.

Eu dei de ombros, saboreando minha cerveja de gengibre. — Acho que queria vodka.

— Agora, você está sendo sensata.

— Vamos adivinhar o nome da noiva, — eu disse.

— Tatiana.

— Svetlana, — respondi.

— Anastasia.

— Demasiado século XIX.

Ele riu. — Não vamos pensar na noiva do Jack ou da filha do Jack.

— Ótimo — eu disse. Eu olhei em volta. — Devemos cochilar?

David discordou e desaprovou minha sugestão. Ele bufou e me arrastou até os idosos no GSA com quem ele havia reavivado suas amizades.

As pessoas estavam ficando bêbadas, incluindo David. Jack definitivamente incluído. Eu continuei olhando para ver se ele ainda estava por perto. Ele nunca estava olhando para mim quando eu verifiquei.

— Eu vou, — eu disse, de repente doente.

— Tem certeza? — perguntou David com preocupação.

Eu balancei a cabeça. — Estou cansada.

— Obrigado por ter vindo — disse ele. — Eu sei que você não queria.

— Ei, foi divertido. Estou feliz por ter vindo, — eu o abracei. — Te vejo em casa?

Ele assentiu. — Sim.

Eu saí sozinha, empurrando a porta para a noite quente.

Senti-me sozinha, percebi. O que era estranho. Eu estava em uma sala lotada de pessoas, mas eu me sentia desvinculada dela, separada completamente, profundamente desvinculada das pessoas com quem eu tinha tanta coisa em comum.

Eu tinha me sentido assim todo o tempo antes de começar a ver Jack. Não me incomodou. Mas agora que eu estava em salas cheias com ele e sabia como era sentir como era a pessoa ao seu lado, de uma forma única, exatamente a mesma coisa que você era, eu perdi. E eu odiava me sentir tão distante. Eu me perguntava se eu sempre odiaria isso agora, ou apenas quando eu visse Jack.

Olhei de volta para a porta, me perguntando se eu deveria dar um último tiro. Mas eu balancei a cabeça. Eu estaria me formando em duas semanas. Eu tinha conseguido muito fora da faculdade, eu disse a mim mesmo. Eu não precisava pedir mais nada. Eu tinha um diploma, um amigo chamado David que eu faria qualquer coisa para, e o trabalho que eu sempre quis.

Todas as coisas boas.

Mas eu sentia como se tivesse perdido alguma parte essencial de ser jovem. Eu me senti mais velha do que meus colegas. Eu sabia que era minha culpa.

Voltei-me para a estrada.

Eu ouvi uma risada familiar e me virei para ver Jack, e a menina muito nova, e levou um momento para ele me ver.

Ele parou de rir. Comecei a andar.

— Ei! — ele chamou. Eu não me virei. Eu não queria conhecer a garota ou conversar com o garoto ou fazer qualquer coisa que não terminasse.

Ouvi seus passos enquanto corria atrás de mim.

— Espere.

— Eu estou indo para casa.

Ele olhou para mim. Parecia que ia dizer alguma coisa.

— Jack! — ela chamou.

Seu rosto caiu enquanto ele estava olhando para mim. — Você parece bem.

Eu sorri. — Obrigado. Eu te vejo por aí.

— Vamos deixa-la.

— Tudo bem. Mesmo. — Eu acenei com a cabeça. — É uma caminhada de cinco minutos. Volto antes do táxi.

Ele parecia resignado com isso. — Merda, Hadley.

—Jack! Qual é o endereço deste lugar? — Ela chamou.

Jack fechou os olhos brevemente. — Hadley.

— Jack, é só virar a esquina, — eu ri. Eu empurrei seu ombro brincalhão, mas ele trancou seus pés no lugar então eu acabei com a minha mão descansando em seu ombro. Eu deixei cair para o meu lado.

Ele parecia sério. Eu era a única que deveria ter ficado irritada e ciumenta, e eu estava, mas não era justo. Claro que ele estava com outra garota. Claro que ela era bonita. É claro que eu estava sozinho.

— Eu vou te ver de novo, — eu disse.

Ele não me seguiu e ele não disse nada, mas quando eu alcancei a esquina, eu coloquei um olhar por cima do meu ombro para ele. Ele ainda estava observando.



Capítulo 38

Foi o sentimento de desapego que me levou a renunciar ao último fim de semana de festividades antes da formatura para caçar apartamento com meu pai em Nova York.

Minha mãe e Salomão tinham me chamado para me oferecer o apartamento de Salomão em Greenwich Village, mas eu não queria isso. Eu queria um lugar meu, onde pagaria o aluguel, e não seria repentinamente despejado quando o casamento de minha mãe desmoronasse.

Meu pai precisava estar em Nova York naquele fim de semana e disse que olharia comigo. Eu sabia que ele seria mais prático sobre o que eu precisava e o que eu seria capaz de pagar.

— Ainda acho que isso é uma má ideia — meu pai disse quando o conheci no hotel para almoçar.

Eu revirei os olhos.

— Seu namorado concordou comigo, — ele apontou.

— Ele não é o meu namorado.

— Vocês terminaram?

— Nós nunca namoramos.

Ele bebeu sua água. — Sua geração tem algumas ideias bagunçadas sobre relacionamentos normais. Você sabe disso?

Eu inalei bruscamente.

— Esse garoto gosta de você, — ele disse.

— Papai.

— E você gosta desse rapaz.

— Papai.

— Ideias, — ele disse.

— Cale-se.

Ele sorriu, tirando um pedaço de pão da cesta antes dele. — Quer saber como é a Nova Iorque no salário de um jornalista?

Eu ergui minhas sobrancelhas.

Ele rasgou o pão ao meio e deu uma mordida. — Pode ser mais assustador do que a Síria.

Não era assustador. Mas com certeza foi pequeno e caro.

Meu pai não se regozijava. Ele fez ao corretor mais perguntas — aluguel, segurança depósito, transporte — e ele tocou em coisas eu não teria pensado — se o prédio era responsável por fixação eletrodomésticos, se o depósito de segurança era totalmente reembolsável, se havia alguém que eu poderia chamar se eu nunca perder minhas chaves.

Meu pai me disse que ele pensava que eu tinha um gene suicida quando eu disse a ele que eu gostava mais do lugar na rua 116th.

— Por quê? — Eu perguntei.

Ele sorriu. — Este é o Harlem espanhol. Tem a maior taxa de criminalidade em Nova York.

— Bem, tem tetos altos — eu disse. E estava limpo e o bairro não era tão ruim quanto o meu pai fazia para ser. Eu gostei da ideia de ter um pouco mais espaço aqui em vez de um armário e um banheiro mais no centro.

Meu pai assinou o contrato de arrendamento a contragosto e fomos jantar; cansada, mas infinitamente aliviada por que não teríamos que passar o dia seguinte vagando por caminhadas.

Comemos em um famoso restaurante no Harlem que meu pai de alguma forma conhecia alguém. Ele era o oposto de mim dessa maneira — eu não conhecia pessoas em lugares onde eu deveria. Ele conhecia pessoas em todos os lugares, mesmo em lugares onde não deveria.

Meu pai começou em Jack novamente depois que pedimos vinho.

— Você o conheceu por cinco minutos. Ele saiu do jantar, — eu disse.

— As únicas pessoas que valem a pena ficam ao redor são aquelas que te deixam louco. — Ele assentiu. — Se eu tivesse descoberto isso quando eu tinha vinte e cinco anos, eu provavelmente nunca teria deixado sua mãe.

— Você dormiu com uma secretária.

Ele encolheu os ombros. — Foi complicado. Então, por que o dispensou?

— Como sabe que ele não me deixou?

— Eu vi como ele olhou para você.

— Bem, você deve ter tido alucinação porque ele terminou as coisas, — eu disse.

Meu pai me estudou por um segundo e acenou com a cabeça, como se ele não estivesse certo de acreditar em mim. — Sua mãe está em um estado sobre você indo para a Síria.

Eu exalei. — Não é como se eu tivesse me alistado.

— Não, — ele disse. — Não acho que você gostaria muito de pensar em David indo embora. — Fez uma pausa. — Ou Jack.

— Acabou.

Ele limpou a garganta, irritado. — Escuta, Hadley. Tudo o que estou pedindo é que você reconheça nossa preocupação. Você acha que está fazendo algo altruísta e nobre, e você está, mas é egoísta se recusar a ver como isso afeta as pessoas que se preocupam com você.

Eu ri. — Você acha que *eu* estou sendo egoísta? — Perguntei. — Bem, a tempo, não acha? Sabe quantas vezes nos mudamos? Você sabe quantos meios-irmãos e irmãs diferentes eu cresci com aquele com quem eu não falo mais? Essa mãe me disse que eram membros da família antes que ela mudasse de ideia?

O restaurante não foi barulhento o suficiente para abafar a minha voz. Os comensais na mesa ao nosso lado olharam para mim, aparentemente perplexos.

Baixei a voz, envergonhado. — Sei que é egoísta. OK? É para a minha carreira. Mas tenho vinte e dois anos. E você nunca esteve lá. Isso foi egoísta. E em vez de apenas continuar com as coisas, mamãe foi à procura de amor. Mais e mais e mais, não importa quem tínhamos que sair ou onde tínhamos que ir. Isso foi egoísta. —

— Bem. — Ele levantou as mãos em rendição. — Justo.

— Eu sei que isso te afeta e eu sei que eu finjo não ver — eu continuei. — Eu sinto que é provavelmente o que você fez quando veio visitar, certo? Você fingiu não ver quão assustada eu estava? — Ele não encontrou meus olhos, olhando para um cardápio. Dei de ombros. — Poderia ser diferente se você tivesse me dado a cortesia de reconhecer como as coisas me afetaram.

Ele descansou o queixo em sua mão e limpou sua garganta. — Pensei que estaria melhor com a sua mãe.

— Tenho certeza de que você se convenceu — eu disse. — Mas você é um cara esperto. Você não consegue executar uma empresa sem perceber algumas coisas. Você sabia que eu não estaria. Você apenas desejou que eu o fizesse.

Ele se inclinou para trás e me olhou nos olhos. — Eu trabalhei. Sua mãe não. Eu pensei que você seria negligenciada se você morasse comigo. Você teria sido. Eu trabalhava dezesseis horas por dia, seis dias por semana. Eu teria que contratar alguém para educa-la. — Ele encontrou meus olhos. — Não estou dizendo que foi perfeito, a vida com a tua mãe. Eu sei que não era. Eu sei disso. Mas eu acreditava que era melhor. Eu não me convenci a pensar nisso. Talvez eu estivesse errado, mas eu não

estava me enganando. A coisa que você aprende quando cresce é como fazer com as escolhas que você tem.

Eu não esperava um pedido de desculpas, mas eu não queria uma explicação. — O ponto, pai, é que você escolheu sua carreira. E mamãe escolheu romance. E nenhum de vocês me escolheu. Então, o fato de eu escolher minha carreira é algo que você deve respeitar.

— É, Hadley.

Eu balancei a cabeça. — Muito bem.

Ele ficou mais quieto no jantar desde então. Ele me contou sobre a empresa de tecnologia na Europa em que eles estavam investigando, sobre quão mais inteligentes eram os jovens associados no trabalho e sobre como ele não podia acreditar que eu estava me formando na faculdade.



Capítulo 39

Dale apertou minha mão bruscamente, enquanto ele estava no telefone. — Bem, seja o que for que aconteça, não vamos pegar Larry Dawes.

Eu sorri e peguei o olho de um repórter muito mais jovem sorrindo no canto. Eu não podia acreditar que eu estava aqui — no New York Times como um novo contratado.

Dale acenou para o repórter mais jovem para chamar sua atenção e fez uma série indecifrável de gestos de mão.

O repórter mais jovem sorriu. Ele assentiu. Ele era alto e magro com cabelos escuros e óculos de armação quadrada.

— Hadley, sou o Kip Styles.

— Prazer em conhecê-lo.

— Você tem que perdoar Dale. Ele acordou de bom humor e está tentando muito não mostra-lo.

— Ouvi isso — grunhiu Dale.

Kip riu. — Vamos. Vamos prepara-la.

Eu o segui até um banco de elevadores e até o décimo oitavo andar. — Você estará no exterior principalmente, certo?

Eu balancei a cabeça. — Sim.

— Então, você terá uma mesa limpa. — Ele sorriu. — Você é jovem para fazer isso.

— O que?

— Ir para uma zona de conflito. — Ele sorriu. — Você fala árabe ou algo assim?

Eu assenti com a cabeça novamente. — Hum, sim. Eu faço.

— Eu pensei assim. — Ele me registrou em um computador e configurar minha conta de e-mail. — Normalmente não levam ninguém para fora da faculdade sem uma boa razão. O árabe é uma boa razão.

Eu balancei a cabeça.

— O que você faz?

— Metro, — disse ele. — E eu cobri os esportes um pouco. Basebol e hóquei.

— Legal.

Ele assentiu. — É divertido. Não é quase tão prestigioso como notícias internacionais, é claro, mas eles também nunca me enviaram mais longe do que Yankee Stadium.

Eu sorri.

— O Dale disse que tinha ido falar com você e que provavelmente estaria livre para ir depois disso. — Ele sorriu. — Não o deixes te assustar.

Eu balancei a cabeça. — Sim. Certo. Eu não vou.

Kip me deixou para tomar um café e eu olhei ao redor da redação com admiração. Eu não podia acreditar que eu estava realmente, realmente aqui.

— Ei. — disse Dale, empacotando seu Blackberry e voltando para mim. — Vamos conversar.

Eu acenei com a cabeça e o segui até seu escritório. Ele fechou a porta. — Já terminou suas aulas?

Eu balancei a cabeça.

— Quando é a formatura?

— Sábado.

— Parabéns. Então, Síria. Oque você sabe?

Eu olhei para ele com cautela. — Por onde devo começar?

— Com o básico.

— É cercado pelo Líbano, Turquia, Iraque e Jordânia.

Ele assentiu.

— A língua oficial é o árabe. O partido no poder é o Partido Ba'ath. Eles estão no poder desde 1963. O atual conflito começou em 2011, com o resto das revoltas da Primavera Árabe. Os protestos começaram relativamente pacificamente. No entanto, o governo tentou esmagar as manifestações usando a força militar. Os protestos se transformaram em uma revolta violenta contra o partido no poder. Nos últimos meses, tornou-se uma Guerra Civil em grande escala. Bashar al-Assad, atual presidente, se recusou a renunciar sob pressão internacional. — Eu respirei. — O conflito está acontecendo há dois anos. E tem sido complicado pela religião e pelo envolvimento de outros países. Assad é um alauita, o que significa que ele faz parte de um ramo minoritário do Islã, ao contrário do ramo sunita. — Eu respirei. — Grande parte do conflito pode ser encontrado nas diferenças religiosas, bem como políticas.

Ele assentiu. — Ótimo. Morte atual?

Eu levantei meus ombros. — Não sei. Eu não vi um número específico.

— A partir de agora, é seguro dizer 40 a 50.000.

Eu mordi meu lábio. Cristo.

— Significa que pode ser muito, muitos mais. E milhões de pessoas foram deslocadas, — Dale me entregou uma pasta. — Aqui está a nossa cronologia dos grandes eventos. É útil, mas não é a coisa mais importante que você deve saber. O que você deve saber é que onde estamos enviando você é extremamente instável. É seguro o suficiente. Nós nos sentimos confortáveis com o risco, mas é finalmente instável. Não importa quantos fatos você memorize, uma cabeça clara será seu recurso mais importante.

Eu balancei a cabeça.

— Então, vamos passar por isso.

Corremos os fatos sombrios. Ele falou. Eu escutei e fiz anotações. Quando terminamos as atualizações mais recentes, ele limpou a garganta.

— Certo. Você é fluente em árabe. Você não vai estar fazendo tanto relato no início. Você vai contribuir, mas Erin e Kevin vão fazer a maior parte da escrita. Chip faz fotos. Vocês quatro serão uma equipe. — Ele assentiu. — Pense em si mesmo como um assistente muito valioso. — Ele sorriu. — O jovem aqui está nos deixando para a faculdade de Direito. Ele queimou rapidamente - seis meses - mas muitas pessoas nem sequer duram tanto tempo.

Eu balancei a cabeça.

— Então, descanse. Você sabe? Deixe seus amigos se divertirem. Diga a eles que você precisa dormir, — ele disse. — Como precaução, temos sessões de treino de reféns para qualquer um que passe por lá. Por quanto tempo você está na cidade?

— Sexta-feira.

— Podemos agenda-lo para quinta-feira. Eu acho que é melhor fazer isso algumas semanas antes, então você não está em pânico quando você vai.

Eu balancei a cabeça. — Sim claro.



Capítulo 40

Eu queria dizer que o treinamento tinha sido reconfortante. Mas não tinha. Acabei com um caderno de coisas para não fazer e um pressentimento de que o treinamento foi uma tentativa desesperada para garantir aos trabalhadores que tinham algum mínimo de controle.

Dale tinha me dito para excluir minhas contas pessoais Facebook e Twitter e para abrir novas apenas para o trabalho.

— Todo mundo usa a mídia social agora. — Ele explicou. — Até mesmo sírios no meio de uma guerra civil.

Apagar meu Facebook parecia ser um conselho especialmente bom quando entrei e vi uma foto de Jack com uma garota asiática de aparência delicada chamada Grace no meu newsfeed. Poderia ter sido apenas uma foto amigável. Jack usava a camiseta da semana de sua fraternidade e Grace estava usando uma de sua irmandade. Mas ambos estavam radiantes na câmera. E por alguma razão eu odiava isso.

Excluir. Felizmente.

Durante o treino de reféns, eu tinha pensado em Jack apenas com moderação, o que me surpreendeu. Eu tinha pensado mais em seu pai, que eu sentia que eu realmente tinha vindo a saber relatando sobre ele para a classe de Riley. Eu tinha encontrado clips de vídeo dele on-line. Alex se assemelhava a seu pai muito mais perto do que Jack, mas havia um pequeno clipe que eu encontrei de Scott Diamond entrevistando um homem fora da Bolsa de Valores de Nova York. Foi uma entrevista chata sobre as taxas de câmbio. Mas era como assistir Jack. Eles tinham todos os mesmos maneirismos.

Perguntei-me se Scott Diamond sabia que não imploraria. Implorando, eles nos disseram, fez você mais fácil de matar. Os detalhes pessoais, no entanto, foram úteis. As coisas que seu pai disse quando foi pescar, o bolo que sua mãe cozinhou para o seu décimo segundo aniversário, a história de dormir que sua irmã disse a seus filhos. Essas coisas humanizaram você. Essas coisas, eles nos disseram, poderiam salvar sua vida.

Eu me perguntava se eles ensinaram Scott Diamond a ser complacente e calmo. Eu queria saber se ele tentou dizer aos homens que o mataram sobre Jack e Alex e Julie. Perguntei-me se alguma coisa importava.



Capítulo 41

Minha mãe veio à cidade com um vestido azul e com Salomão, com a intenção de não falar com meu pai, de acordo com a tradição.

Meus pais se mostraram mais fáceis de ignorar do que antes. David conversou com minha mãe e a chamou com champanhe até que ela se lembrou da única coisa que ela amava mais do que não falar com meu pai estava sendo o centro das atenções.

Os pais de Justin também vieram. Eles foram adoráveis.

Minha mãe revirou os olhos quando a mãe de Justin explicou que ela trabalhava como neurocirurgiã. Eu entendi pela primeira vez na minha vida que minha mãe olhou para baixo em mulheres que trabalharam para que ela não teria que olhar para baixo em si mesma. Quando a mãe de Justin perguntou o que ela fez para viver, ela falou altivamente: — Eu sou uma mãe, — ela disse, voltando sua atenção para Sol.

As sobrancelhas de meu pai decolaram em direção ao seu cabelo.

Meus pais, Solomon e os pais de Justin nos deixaram depois do jantar para que pudéssemos ficar loucos por uma última noite. Encontramos Andrew, Nigel e Juliet e bebemos embaixo de uma grande tenda branca, rindo um com o outro, dizendo uns aos outros que não podíamos acreditar que tudo tinha acabado, imaginando o que tínhamos perdido, perguntando quando nos veríamos novamente.

Eu ri muito. Nós estávamos longe o suficiente da música que eu poderia falar com Andrew que estava se mudando para DC para trabalhar para o departamento de meteorologia e para Juliet, que tinha sido nomeada o próximo Editora-Chefe, sem gritar. Juliet e Justin comiserado sobre o quanto eles iriam perder—nos no próximo ano. Todos nós prometemos voltar e vê-los.

Eu vi Jack de longe, ou pelo menos eu pensei que eu fiz. Eu vi xadrez e cabelos escuros e aquela caminhada familiar.

Bebi minha cerveja e mordi meu lábio. Queria falar com ele. Eu puxei meu cabelo em um rabo de cavalo, terminei minha bebida para a coragem, e segui-o.

Eu o encontrei com Xander e felizmente sem uma garota. Xander me viu primeiro e cutucou Jack com o ombro.

Jack virou-se. Ele não se barbeou em poucos dias. Ele parecia desalinhado. Foi uma boa olhada para ele.

— Ei — ele disse.

Xander se levantou, acenou com a cabeça para mim — Ei, Hadley — e virou-se para uma multidão de meninos em sua fraternidade para que Jack e eu estivéssemos sozinhos.

Jack levantou-se e olhou para mim. Ele sorriu. — Então, Hadley Arrington.

— Então, Jack Diamond. — Eu hesitei, pensando no que meu pai tinha dito sobre egoísmo. Eu era egoísta. E Jack fosse egoísta. Nós nos escolhemos em vez da outra pessoa.

— Você é uma coisa, sabia?

— Você não é tão ruim, eu disse.

Ele assentiu. Ele bebeu sua cerveja. — Você vai embora amanhã?

— Depois da cerimônia, sim.

Ele sorriu.

— E você? Para onde você vai?

— Nova York, — ele assentiu. — A casa da minha mãe nos subúrbios, no entanto. Não a cidade. Eu preciso descobrir algumas coisas.

— Sim, — eu disse. — Bem, isso é bom.

Ele assentiu. — Vai ser bom. Muitas pessoas estarão por perto.

Eu esgueirei um olhar através da barraca. Os postes de metal estavam envoltos em luzes de Natal, a música da canção de Van Morrison soava um pouco mais triste do que costumava fazer, e Jack parecia muito bom.

— Obrigado, — Jack disse, com um sorriso.

Eu ruborizo. — O que?

— Disse que eu estava muito bem. Obrigado.

Fechei os olhos. — Jesus. Eu sinto muito. — Eu podia sentir meu rosto flamejante.

Ele riu. — Tudo bem. Você sempre está muito bem. — Ele lambeu os lábios e me encarou desnudo.

— Então, talvez nos vejamos — aventurei. Eu tentei pensar nele em Nova York — os dois crescendo um pouco — e então talvez em alguns anos ….

— Deus, eu realmente espero que não, Hadley, — ele disse.

Certo. Engoli em seco. — Sim. Desculpa. Desculpe, eu só … a música, a cerimônia e tudo isso … está me deixando sentimental. Parabéns, no entanto. Na formatura.

Ele sorriu tristemente e eu sorri tristemente de volta. — Você também.

— Eu … bem, talvez eu te veja na cerimônia, — eu disse, com um sorriso trêmulo.

Ele riu amargamente.

— Eu vou embora. Desculpa.

Eu mudei. Ele pegou meu pulso e me puxou para perto dele. Ele correu seu polegar sobre as veias em meu pulso perto da base da minha palma. Suas mãos eram quentes e gentis, calosas. Eles se sentiam tão bem. Eu exalava pesadamente. Parecia que fazia tanto tempo que não me tocava.

— Hadley Arrington, — ele murmurou.

Engoli em seco. Ele me olhou nos olhos, puxou-me para perto, e beijou-me suavemente — seus lábios como uma vibração de asas de borboleta contra a minha. — Droga, sinto sua falta. — Ele disse.

— Eu... eu queria ... — Eu não sabia o que dizer. — Eu também.

Ele passou os dedos pelo meu cabelo, afrouxando o rabo-de-cavalo, segurando meu queixo em suas mãos. — Ei, fica a salvo, está bem?

— Sim. Eu vou.

Ele balançou a cabeça para mim, nossos olhos estavam trancados, e eu pensei brevemente que talvez pudéssemos salvá-lo. Talvez possamos consertá-lo. Talvez pudéssemos ser inteiros.

— Adeus, Hadley.



Capítulo 42

Chorei por Jack Diamond quando cheguei em casa. Em vez de chorar na formatura, chorei por Jack.

Ele estava certo em dizer adeus então.

Procurei seu rosto, brevemente, quando jogamos nossos chapéus no ar, quando saímos para conhecer nossas famílias, quando as pessoas estavam chorando de alegria e tristeza e possivelmente de ressacas colossais. Não consegui encontra-lo.

Eu me agarrei a David, que não conseguia parar de rir.

— Já terminamos, feito, feito, feito — ele cantou.

Mas mais tarde David se agarrou a Justin, e eles reafirmaram que eles seriam capazes de fazer um relacionamento de longa distância trabalho, e minha mãe e Solomon foram para o aeroporto e meu pai voltou para me ajudar com o último dos meus pertences.

O voo de Davi para San Francisco foi no dia seguinte.

Meu pai esperou no corredor enquanto eu abraçava David com força e ele começou a chorar novamente.

— Não, não, não — eu disse. — Temos que ser felizes. Nós nos veremos. Nós vamos.

— Não será a mesma coisa.

Eu o beijei na bochecha. — Você sempre será minha melhor amiga.

Dei-lhe a máquina de cappuccino e tentei não explodir em lágrimas quando ele disse: — Quatro anos e finalmente é todo minha!

Dirigimos até o aeroporto. Tínhamos voos separados — meu pai vai para Pequim e eu para Nova York e ele me abraçou no portão. Em poucos dias, estaria na Síria e ele iria para Tóquio antes de voltar para Londres.

— Estou orgulhoso de você, garota, — ele disse bruscamente, empurrando uma caixa embrulhada na minha mão, e desaparecendo em direção ao terminal internacional.

Eu a abri esperando por meu voo, pensando que seria uma delicada peça de joia selecionada por seu assistente.

Mas era um telefone via satélite. O presente perfeito.

Eu respirei e exalei. Eu disse a mim mesmo que estaria bem.



Capítulo 43

— Eles estão nos enviando porra bebês agora, — Kevin Dell disse em busca de bagagem no aeroporto de Damasco.

A julgar pelo aeroporto, você não saberia que o país estava em guerra. Estava limpo, e enquanto havia soldados armados, não parecia muito diferente do JFK.

Eu sabia que era Kevin Dell porque eu tinha passado a última semana memorizando os currículos dos três jornalistas com quem eu estaria trabalhando. Kevin Dell era o mais alto. 42, grisalho, vencedor do Pulitzer, uma perna cheia de estilhaços, um divórcio ruim em 2003 e mais elogios do que você poderia contar.

— Bebês malditos, — repetiu Dell.

Ele estava falando com Chip Clark, o belo fotógrafo vencedor do Prêmio Pulitzer com um sorriso de um milhão de dólares. — Você Hadley? — Perguntou Chip.

— Sim.

Kevin Dell estendeu a mão. Eu apertei.

— Eu sou a Dell. Este é Chip Clark — disse Dell, batendo Chip no estômago. Chip tinha trinta anos, um tanto de prodígio. Eu tinha visto suas fotos antes. Eles tendiam a ser coração parar.

Estávamos apenas faltando Erin, uma experiente jornalista que cresceu na Austrália e quebrou várias histórias importantes sobre a corrupção internacional.

— Deixe-me pegar a sua mala, — Chip ofereceu.

— Não, leve sua própria bolsa — disse Dell. Ele olhou para Chip. — Não é o maldito Ritz Carlton. Não vamos dar ideias para ela.

Chip sorriu e nós caminhamos através de uma série de detectores de metal para a manhã brilhante e brilhante.

Eu a vi sentada no lado do passageiro do jipe; Erin Phipps, em calça de verde oliva, com um lenço de cabeça caindo de seu cabelo loiro sobre seus ombros finos. Ela tinha um cigarro apertado entre os dentes. Parecia uma estrela de cinema.

Eu joguei meu saco na parte de trás do jipe como Dell pulou para a frente.

— Quantos anos você tem? — Erin perguntou com uma voz rouca. Parecia uma estrela de cinema também.

— Já te disse. Ela é uma criança — disse Dell.

— Tenho vinte e dois anos.

Erin assentiu e exalou um fio de fumaça entre seus dentes. — Bem-vindo ao inferno, garota.

Chip subiu para trás comigo. — Não é tão ruim.

— Não coloque coisas, — disse Dell. — Vamos ficar em Damasco, que é seguro. Nós entramos nas cidades controladas pelos rebeldes a cada poucos dias. As coisas ficaram um pouco complicadas nas últimas semanas. Você não quer ser pego fora de Damasco depois de escurecer.

Eu balancei a cabeça. — Certo.

Chip olhou para a estrada. Poderíamos estar em qualquer lugar. Havia cartazes, carros, sem sinais de agitação. Eu me movi incômoda.

— Estranho, hein? — disse Chip, olhando para mim.

— Desculpa?

— É estranho - quão calmo parece — explicou. — E, a vinte milhas de distância, tudo foi para o inferno.

Eu balancei a cabeça. — Sim. Isto é. —

****

Eles não me deram muito tempo para me instalar antes de sairmos para conversar com um comandante rebelde. Deixei minhas coisas no hotel, peguei um gravador, uma garrafa de água e um caderno e segui-os de volta para a tarefa do dia.

Dirigimos até Daraa. Um baluarte militar que era vulnerável à tomada de poder pelos rebeldes.

Foi uma hora de carro para Daraa. O mundo mudou em uma hora.

Você podia ouvir um tiroteio uma vez que você começou a se dirigir para o sul para as fortalezas.

Erin e Dell estavam brincando sobre o general bombástico que íamos entrevistar e Chip ocasionalmente tirou fotos.

— Pegue um de Hadley — sugeriu Dell, observando no espelho retrovisor. — Antes e depois ela viu essa bagunça.

Ele sorriu e tirou uma foto. Eu tinha certeza que eu parecia desconfortável.

— Estamos chegando a um posto de controle, — Dell me disse. — Hora de brilhar.

Eu estava grato por ter algo para fazer.

— Coloque um lenço na cabeça — disse Chip, sério.

Eu puxei um desajeitadamente. Chip bufou e ajustou-a rapidamente. Seu toque era utilitário, como se eu fosse uma câmera, algo que ele estava trabalhando.

Erin bocejou. — Merda misógina, Arrington. Acostume-se a isso.

Dell baixou a janela.

— Salaam, — disse ele.

O guarda sírio latiu rapidamente para identificação e entreguei-lhe nossos passaportes e credenciais de imprensa, falando tão diferencialmente quanto eu pude.

O guarda me deu um olhar duro, mas nos acenou. Eu me sentei de volta contra o assento, sentindo aliviada.

Dirigimos até os postos do comandante rebelde. Fomos inaugurados sem palavras. Dell tinha entrevistado ele antes. Eu era a única que era nova.

O comandante falou em inglês. — Ela é nova. — Ele balançou a cabeça para mim. — O que aconteceu com o garoto?

— Faculdade de Direito, — Dell disse, olhando para mim, então eu sabia que não falaria.

Ele estudou com desconfiança, mas não disse mais nada. Liguei meu gravador e esperei que ele caísse em árabe. Ele não o fez.

Chip brincou com seu telefone. Tendo sido dito para não tirar fotos, ele não tinha nada a fazer com suas mãos.

— O que? — Perguntou Dell, virando-se para ele.

— Banheiro? — Disse Chip. Ele acenou com o telefone para Dell e Dell assentiu.

Ele foi escoltado da sala, e alguns segundos, depois de ter perguntado nada mais do que perguntas de softball, Erin agradeceu ao comandante por ter tomado o tempo para nos encontrar e nós começamos a ir.

Eu não entendi o que estava acontecendo até que Chip estava no carro. — O que está acontecendo lá embaixo? — Exigiu Dell.

— Dois homens-bomba atacaram uma fortaleza rebelde.

— O que?

— Não confirmado.

— Onde? — Perguntou Dell.

— O canto noroeste da cidade.

— Alguém tomando responsabilidade? — Erin exigiu, tocando para fora um texto ou um e-mail em seu Blackberry.

— Não, não, não que eu possa ver. As pessoas estão dizendo ISIS ou os militares.

— Não pode ser militar.

— Não confirmado, não confirmado, — gritou Chip, enquanto acelerávamos.

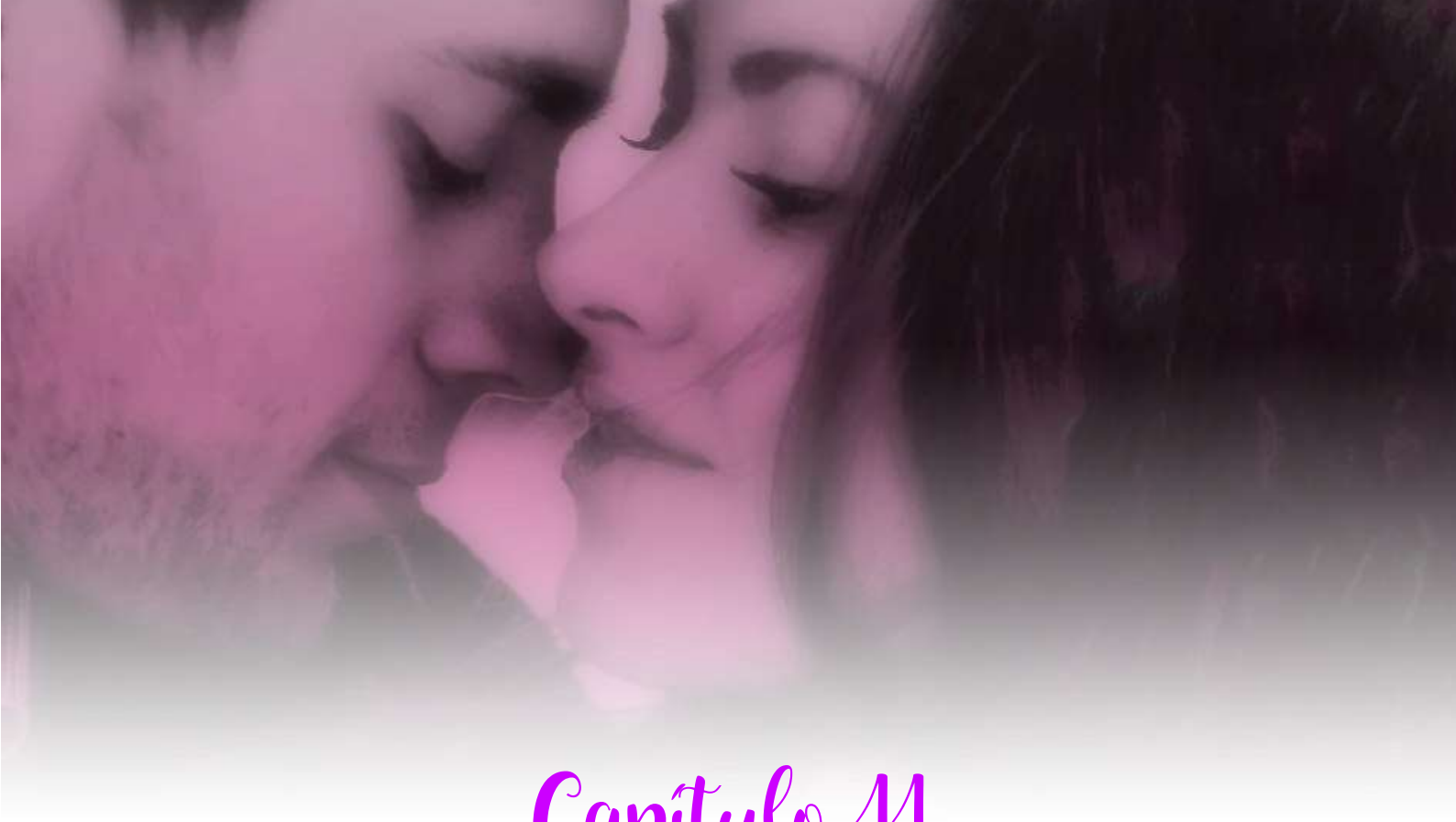
Chegamos a uma pilha de escombros pouco tempo depois. Eu tremi enquanto ouvi o tiroteio. Eu nunca tinha ouvido tão perto. Uma criança gritando passou por uma parede desmoronando na direção que tínhamos dirigido.

— Foco, — Chip disse calmamente para mim. — Sério, cabeças para cima agora.—

Eu assenti, tentando me preocupar onde alguém pequeno teria que ir para a ajuda em um lugar como este.

Dell gesticulou para um homem perturbado que estava movimentando violentamente a destruição.

Fechei minha mente e comecei a traduzir para eles.



Capítulo 44

Depois do primeiro dia, eu não pensei que qualquer coisa poderia me chocar. Tudo misturado. Trabalhamos em grupos de dois ou quatro, dependendo do que precisava ser feito. Cada vez mais, Chip e eu estávamos sozinhos.

Chip não tinha árabe, mas Erin e Dell tinham o suficiente para passar juntos. Fazia sentido, mesmo que nos deixasse sem um repórter mais sênior.

Eu arquivei minha primeira história no segundo dia. Estaria enterrada na seção internacional quando fosse impresso, um breve artigo sobre a escassez de medicamentos nas regiões controladas pelos rebeldes.

No meu terceiro dia, eu só comecei a enviar resumos para o escritório de Nova York, não-copiada, espetacular. Apenas informação. Eles foram dobrados em grandes histórias por repórteres praticados com base em Nova York e Londres.

Eu não conseguia me lembrar quando minha primeira semana terminou e a segunda começou. Eu certamente não sabia que dia da semana era a maior parte do tempo.

Então, eu não sei quando vimos a menina morrer.

Chip estava jurando quando a escuridão caiu. Nosso jipe estava longe de ser encontrado. Ambos começamos a temer que tivesse sido roubado. Estávamos nos arredores de uma parte perigosa da cidade, o céu estava ficando cinza, e o tiroteio soou perto, talvez apenas a alguns quarteirões de distância.

Nós tínhamos ido para perseguir outra história de carnificina, e tínhamos encontrado carnificina, mas tiros demais para Chip para fotografá-lo com segurança, então voltamos para o Jipe.

E ele tinha fodidamente desaparecido.

— Não estacionamos aqui? — perguntei.

— Eu não sei! — ele gritou. Ele respirou. — Desculpa. — Passou a mão pelos cabelos. — Mas temos de nos mudar. Não podemos ficar aqui.

— Onde?

— Apenas a pé. Vou ligar para a Dell.

Ele discou e caminhamos para o norte, passando por janelas quebradas e casas desintegradas, o rugido do mundo em nossos ouvidos.

— Dell, é Chip. O nosso carro foi roubado e estamos caminhando para o norte ao longo da fronteira da cidade … sim, eu sei porra. — Ele suspirou. — Não estamos longe. Tudo bem, vamos tentar chegar lá.

— Nós temos que nos mover, — ele disse, quebrando em uma corrida.

— O que ele disse?

— Para *mover*, — Chip estalou. Ouvi a urgência em sua voz e comecei a correr com ele. — Vamos encontra-lo na beira das ruínas junto à mesquita, certo? — Ele balançou sua cabeça. — Toda a cidade foi para o inferno. — Ele me puxou para a esquerda por uma rua familiar. — Ouça, se nos separarmos ou se me machucar, corra para as ruínas e pegue a Dell.

— Ele disse para fazer isso? — Eu perguntei, pensando que não poderia vir a isso.

— Sim, — ele disse.

Nós começamos a ouvir bombardeios. Estava perto, muito perto. Era tão alto que obscureceu o tiroteio.

Meus ouvidos tocaram.

— Merda, merda — gritou Chip. — Vamos atravessar aqui. — Ele acenou para um beco.

— Não, não, não — gritei, agarrando-lhe o pulso. Era um beco estreito que ia entre dois edifícios e poderíamos ser facilmente disparados por um franco-atirador das janelas do último piso.

— É mais rápido.

— Não, vamos da maneira que sabemos.

Um homem empurrou dois meninos na frente dele, empurrando-os pelo mesmo beco. Eu ouvi-lo exortando-os a correr para casa enquanto ele desembaraçava uma arma.

Eu vi o sangue desabrochar da testa da menina ao mesmo tempo em que ouvi o tiro. Ela caiu no chão. Estava morta. Eu soube imediatamente.

O pai gritou e pegou seu corpo minúsculo, quebrado, uivando mesmo quando ele pediu que seu filho voltasse para casa, carregando— a com ele.

— Oh meu Deus, — eu disse, em um sussurro estrangulado.

Ouvimos outro tiro e Chip se abaixou. — Corre!

Corremos pelo caminho que conhecíamos. Eu ignorei os tiros, tremendo, vendo aquela menininha morrer de novo e de novo enquanto eu corria.

Que idade ela tinha? Cinco? Talvez seis.

Quanto mais justo teria sido se eu fosse baleado em vez dela?

Quando chegamos aos escombros na praça, vimos o Jeep da Dell. Chip dobrou e vomitou.

— Cristo, — ele disse.

Dell não disse nada quando entramos no carro. Chip subiu na parte de trás e jurou incoerentemente enquanto acelerávamos a estrada acidentada.

Quando chegamos à estrada principal, ele falou. — Vocês estão bem?

Chip não disse nada.

— Clark, preciso ouvir a tua voz.

— Ótimo — disse ele, oco.

— Hadley?

— Estou bem. Estou bem.

Dell jurou novamente e socou o volante e acelerou todo o caminho de volta para Damasco.

Eu comi com Chip. Se você poderia chama-lo comer. Nenhum de nós tocou a nossa comida. Nós nos sentamos no chão de seu quarto, que era mais miserável do que o meu e coberto em suas fotografias de cair o queixo.

— Vocês dois estão fora de serviço amanhã, — Dell nos aconselhou. — Não me importa o que eles relatarem.

Deixou-nos ir para Erin e trabalhar em suas críticas.

— Quantos anos você acha que ela tinha? — perguntei a Chip.

Ele balançou sua cabeça.

— Como seis, certo? — Eu perguntei.

— Cale a boca — disse Chip. — Não vai ser bom falar sobre isso.

— Quero dizer, como, ninguém — não há nada — que deve ser uma coisa atroz, e não é. Tipo, há tanto coisa ruim acontecendo, ninguém vai se importar —

— Cale a boca ou saia, — Chip disse. — Estou falando a sério. Não consigo pensar nessa merda.

Eu saí. Eu não gostei quando gritavam por tentar ter uma conversa que eu mal precisava ter.

Saber que eu poderia dormir no dia seguinte fez tudo pior. Eu escolhi ficar acordada, lendo páginas e páginas de informações no Twitter. A escrita árabe borrada em um fluxo contínuo.

140 caracteres e tudo o que alguém tinha era má notícia.

Eles estavam certos, eu pensei, enquanto eu adormecia ao nascer do sol. *Eu não tinha ideia do que eu estava me metendo.*



Capítulo 45

O dia de folga foi pior. Porque eu tinha que contar com o que tínhamos experimentado. Eu não queria ver Chip, mas eu não queria ficar sozinha.

Eu escrevi de volta aos e-mails de David.

Ele me enviou oito e o último foi alegre, mas preocupado:

Hadley garota,

Você está me ignorando? É nebuloso aqui e maravilhoso e Justin está tentando mudar uma lâmpada e falha, mas é vinte pés no ar, então eu não posso culpa-lo! Espero que esteja a salvo.

Amor, David

Eu comecei o e-mail quatro ou cinco vezes.

Teria sido egoísta queixar-se a ele. Eu não poderia dizer a ele que uma criança tinha sido baleada e ninguém tinha chamado a polícia ou feito nada, porque era apenas uma das coisas que acontecia o tempo todo aqui.

Eu escrevi um pequeno artigo sobre ele, tentando encaixar a tragédia cruel e pessoal em um artigo que poderia correr em um jornal.

Eu terminei e mandei para Dale, sabendo que ele diria que não era algo que eles pudessem executar em um jornal nacional — era apenas uma anedota, não uma notícia, mas eu disse a mim mesmo, pelo menos, eu saberia que eu tinha tentado, pelo menos, eu tinha me incomodado em escrever algo, pelo menos eu teria um registro de sua morte, aqueles poucos segundos, algo que deu uma de tantas vítimas um registro público da morte. Mesmo que eu não soubesse o nome dela.

Chip não suportava estar sozinho no hotel, mais do que eu podia. Ele bateu na minha porta, murmurou uma grosseira desculpa por estalar e ofereceu comida.

Eu deixei ele entrar.

— Acho que eles podem nos retirar — ele disse. — Quero dizer, isso está ficando louco.

Concordei com a cabeça.

Não havia muito mais a dizer. Quando eu tinha vinte e dois anos, vi uma menina de cinco anos receber um tiro. Talvez tivesse seis anos. Eu nunca vou saber o nome dela. E eu sabia que ninguém tinha que decidir como sua vida foi. Na verdade, não.



Capítulo 46

Eu nunca pensei em alguém na Síria, porque eu estava focado no que estava acontecendo. Transcrevendo a história, mantendo um olho na porta, procurando por Chip, sabendo que talvez precisássemos nos mover a qualquer segundo, em qualquer momento.

Você não pode pensar sobre sua mãe e seu pai quando você está gritando sobre o som de bombardeios em uma língua que você aprendeu em salas de aula tranquilas ao redor do mundo.

Eu vi coisas piores do que aquela garotinha de cinco anos morrendo.

Coisas mais sangrentas. Coisas mais tristes.

Eventualmente você parar de colocar as coisas na escala. É tudo horrível, você não pode dizer a diferença, então você transforma cada coisa horrível em um fato. Uma menina disparou. Um homem executado. Um adolescente amarrado e espancado e morto porque alguém repetiu uma história que contou em sua aula de história.

Outro jornalista desaparecido.

Rumores de ataques químicos novamente.

Uma longa noite, enquanto nos dirigíamos silenciosamente para longe de uma cena horrível — a mesma velha história em um lugar novo — eu pressionei minha cabeça para a janela do caminhão, olhando para a escuridão para as cidades de onde todos desapareceram.

Erin estava fria, Dell áspera, Chip frágil. Nenhum deles convidou a proximidade. Nem eu. Mas eu sentia como se estivesse desaparecendo, também. As coisas que me tinham assentado no lugar, as pessoas com quem falei, as rotinas que eu tinha, minha família, David, todos tinham desaparecido.

Chip tinha me dito se alguma coisa acontecesse com ele, eu deveria dizer a seus pais o quanto ele os amava. Eu disse a ele que sim. Eu tinha certeza que eles já sabiam disso.

Percebi que se algo acontecesse comigo, eu gostaria que alguém dissesse a Jack Diamond que eu o amava. Eu nunca tinha dito isso a ninguém. Ele nunca saberia se eu morresse aqui.

Eu assisti os edifícios apagados e terra e eu pensei em Jack, como ele estava lá fora, além do alcance. Lembrei-me de seu calor. Lembrei-me de que ele me confortava, de alguma forma, quando eu nem sabia que precisava de conforto, alguém para me segurar à noite quando me perguntava que diabos o ponto de qualquer coisa era.

Eu o queria.

Eu senti falta dele.

Eu trocaria isso por ele.

Eu trocaria isso por nada.

Mas eu queria trocá-lo por ele.



Capítulo 47

Chip me agarrou antes do amanhecer, em talvez duas horas de sono, e ele disse que tínhamos que ir, empurrando uma lata de Red Bull em minha mão.

— Pierre disse que agora tem provas reais. Vítimas maciças.

— Evidência do que?

— Armas químicas — gritou Chip.

Estivemos perseguindo a prova de ataques com armas químicas há semanas. Tendo entrevistado dezenas de rebeldes em todo o país, sabíamos que era improvável que essas histórias uniformes saíssem sem que ocorressem ataques.

Alguns médicos nos disseram que haviam tratado pacientes cujos sintomas estavam alinhados com a exposição a neurotoxinas, mas não tínhamos encontrado nenhuma outra evidência para corroborar isso e não poderíamos imprimir outras histórias além das que dizem que os rebeldes sírios alegavam ser atacados por substâncias químicas braços.

Eu puxei minhas botas, e uma jaqueta, e peguei minha câmera de flip e gravador e telefone.

Estávamos na rodovia antes 3 da manhã. Chip me jogou uma das máscaras de gás do porta-luvas.

— A sério?

— Pierre diz que está quente — ele disse. — Pegue.

Pierre era um jornalista francês que havia relatado sobre pacientes internados na sala de emergência com sintomas de intoxicação gasosa alguns meses atrás.

Nós confiávamos nele, mas ele não tinha sido capaz de confirmar nada além dos relatos dos médicos. Os rebeldes eram difíceis de localizar, homens jovens em perigo de morrer, e se você pudesse encontra-los, eles podem não querer falar. Eles nunca sabiam quem eles estavam colocando em perigo.

— Onde? — Eu perguntei.

— Em Ghouta, — Chip disse. Ele balançou sua cabeça. O último ataque alegado tinha sido em Adra.

— Os pacientes entram agora — disse Chip. Ele olhou para mim. — Vai ser desagradável se Pierre estiver certo. Disse que um par mil podia morrer.

— Jesus, — eu disse.

— Sim.

Estacionamos no escuro perto do hospital, e nós poderíamos ver que havia muita atividade já.

Corremos em direção à entrada da sala de emergência, e então vimos tudo.

Os vômitos de mulheres e crianças tossindo sangue, corpos minúsculos caindo contra paredes, médicos gritando sobre pacientes gritando, médicos restringindo meninos de olhos loucos.

Pierre abandonara a câmera e falava rapidamente com um médico em francês.

— Que diabos? — disse Chip. — Que diabos está acontecendo?

— Estamos quase sem atropina — disse o médico. — Vamos precisar desviar os pacientes para instalações onde possam ser tratados.

— O que é atropina? — perguntei a Pierre.

— É o antídoto contra Sarin — murmurou em inglês.

— Puta merda, — Chip murmurou.

Ele levantou a câmera e começou a tirar fotos.

Eu olhei em volta confusa para alguém que não estava muito doente para falar, mas parecia impossível. Fechei os olhos e respirei um pouco.

Foi difícil para mim respirar também. Fiquei em pânico fugaz, me perguntando se o ataque estava em andamento, se eu estivesse em perigo de morrer. Parecia que a maneira como o meu coração estava batendo.

Encontrei um menino, sentado sozinho, talvez com 13 anos. Ele era uma criança pelos meus padrões, mas um adulto pelo padrão deste quarto. Ele estava chorando suavemente, entre ar aspirado por uma máscara de oxigênio.

— Posso te fazer algumas perguntas? — perguntei suavemente em árabe.

Ele assentiu.

— Lembra do que aconteceu?

— Estávamos dormindo — começou ele. — E eu acordei, minha mãe gritando que o bebê não estava respirando. — Ele continuou. Ele tinha cinco irmãs. Seu pai, um rebelde, estava morto, e seus dois irmãos mais velhos tinham se juntado à luta contra Assad.

O bebê morreu, ele me disse.

Ele começou a chorar novamente, suavemente.

— Qual o seu nome? — Eu perguntei.

— Jabbar.

— Eles saíram? Eles estão aqui?

Ele balançou sua cabeça. — Eu pedi ajuda, mas todos precisaram de ajuda. Eles trouxeram-me aqui em vez disso.

Eu mordi meu lábio. As lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Seus irmãos sabem onde você está?

Ele balançou sua cabeça. Um médico veio e me afastou e eu o observei, desejando ter tempo para ter o coração partido por ele, desejando ter recursos para encontrar seus irmãos. Jabbar. A irmãzinha de Jabbar morreu.

Chip me encontrou em um corredor, tentando recuperar o fôlego. Ele me puxou pelo braço. — Eles querem que saia daqui. Vamos para a mesquita.

— O quę? Por quê?

— Eles querem que saibamos. Digamos que possamos ficar expostos e eles estão ficando sem recursos para tratar as pessoas.

Seguimos Pierre para fora do hospital e mais para a cidade.

Estava quieto e silencioso na praça quando o sol nascia. Saímos do jipe e fechamos as portas do carro, e percebemos por quê. Havia anúncios sendo lidos sobre os alto-falantes: uma lista de nomes.

E do outro lado da praça, em linhas arrumadas, envoltas em folhas brancas havia centenas de corpos. Adultos normais, crianças, crianças e pequenos, pequenos pacotes infantis.

Meu coração caiu.

Eu não poderia fazer isso.

Ele bateu contra meu peito. Eu pensei que eu poderia fazer isso, mas eu sabia então que eu não poderia. Eu não poderia fazer isso.

No final do longo pesadelo daquele dia, recebemos a chamada que tínhamos esperado. O telefonema que eu estava esperando.

— Estamos tirando você. Chip e Erin vão para o Líbano. Arrington, vamos voltar para Nova York. Dell, você tem autoridade para continuar relatando, mas nós estamos levando você para a Turquia, — Dale nos disse. Nós ouvimos o peso em sua voz sobre o viva voz. — Fez um bom trabalho. Mas estamos trazendo você para casa.



Capítulo 48

Um som de sirenes me acordou.

Sirenes de Nova Iorque. Harlem sirenes.

O tipo de sirene que você sabe não se preocupar. Mas era a terceira vez que eles me acordavam e eu tinha caído da minha cama e de joelhos, como eu estava esperando balas para pulverizar através da janela. Era apenas uma da manhã.

Peguei meu celular com mãos trêmulas e liguei para David.

Ele pode estar acordado, em San Francisco.

— Ei namorada! Estou tão feliz por você estar de volta em Nova York . — Agora podemos falar pelo telefone.

— Ei, David, — eu disse. Engoli em seco.

— O que está errado? — ele perguntou.

— Nada. Somente. Não consigo dormir.

David estava mais abalado do que eu tinha sido capaz de superar os ataques químicos. Eu não sabia como fazê-lo fazer sentido na minha cabeça e eu tinha parado de tentar.

— Diga-me algo sobre San Francisco, — eu disse a ele.

— Está nublado.

Eu sorri.

— Mas eu posso ver a Bay Bridge da minha janela. Aposto que você se lembra disso. Eu gosto da Bay Bridge. Eu acho que o Golden Gate é sobrestimado. Quero dizer, é tão lá fora. Vermelho! E suspenso. Mas a Bay Bridge é azul. Realmente não quer sua atenção. Eu estou realmente com uma ponte de qualidade.

Eu ri.

— E é o que eu posso ver da minha janela, por isso é o meu favorito.

Eu ri novamente.

Era a quinta noite em uma semana que eu tinha chamado ele.

Ele me contou sobre o homem sem teto com a voz dourada que estava perto de seu prédio e como ele visitaria Justin em algumas semanas e depois, quando ele tinha certeza de que eu era bom e calmo, ele disse. — Ei, Hadley, eu estava pensando que talvez você devesse falar com alguém sobre o que aconteceu na Síria. Se você não consegue dormir. Você sabe?

Eu balancei a cabeça. Eu não queria ver ninguém. Eu queria ficar dura e continuar com isso. Eu só precisava de mais alguns dias. — Sim. — Eu sorri. — Sim, se continuar, eu vou. Eu ainda acho que é jetlag.

— Você não está se recuperando do voo, — David me disse.

— Foram apenas três meses.

Dale tinha me dado a semana de folga, não apenas me deu, mas exigiu que eu tomasse.

— Não importa — disse David. — Vi alguém depois do que aconteceu com o Ben. Ele ajudou muito. Acho que pode ajuda-la, também.

Eu balancei a cabeça. — Sim. Vou pensar sobre isso.



Capítulo 49

Meu terceiro dia de volta ao escritório em Nova York, quando eu estava começando a pensar que eu estaria bem, tivemos uma simulação de incêndio sem aviso prévio.

Eu tive um ataque de pânico.

Eu pensei que talvez fosse asma, e então eu pensei que talvez eu estava tendo um ataque cardíaco, e sabendo ambos eram impossíveis, eu tentei ficar quieta enquanto todo mundo se levantava e deixava sua mesa. Mas eu estava paralisada. Eu não conseguia me mexer. Fiquei de pé, segurando a borda da minha mesa, com medo de que eu desabasse.

Dale o reconheceu quando passou pela minha mesa. — Hadley, vamos, — ele gritou. E então ele me olhou mais de perto. — Jesus, você está tremendo. Você está bem?

— Sim, eu consegui.

— Você tem asma?

Eu balancei a cabeça.

— Esta doente?

Eu balancei a cabeça com veemência.

— Acho que você está tendo um ataque de pânico, — ele disse. — Segure a respiração por alguns segundos e depois deixe-a ir. E sente-se. Minha esposa diz que ajuda.

Quando finalmente consegui controlar minha respiração, desejei que ele tivesse me deixado. Eu desejava que fosse um fogo real e eu estava morrendo de inalação de fumaça. Eu estava mortificada.

— Vocês dois não ouviram o alarme? — O sargento dos bombeiros exigiu, andando pelo corredor para verificar se estávamos todos claros.

— Dê-nos um passe. A garota não gosta de sirenes, ok? — Dale respondeu.

O sargento olhou de Dale para mim e de volta para Dale. Ele assentiu. — Tudo bem, — gritou, para quem quer que estivesse ouvindo antes de desaparecer de vista.

Dale se inclinou sobre minha mesa e pegou um bloco de notas. Ele rabiscou um nome.

— Desculpe, — eu disse, com o rosto ardendo.

Ele balançou sua cabeça. — Não peça.

Eu sacudi da adrenalina. Ele me entregou um pedaço de papel. Dr. Jane Ferguson. — Marque uma consulta. Ela pode ajudar. Você precisa de ajuda com isso. Bem? Você não pode segurá-lo em seu próprio país. Você não precisa me falar sobre isso se você não quiser. Mas precisa ligar para ela.

Eu balancei a cabeça. — Sim, eu irei.

— Vou te dar mais uma semana de folga. Veja o médico, veja o que ela diz, e escreva uma história divertida. Escreva sobre a folhagem de outono da Nova Inglaterra ou alguma merda. Vá para um parque de cães. — Ele sorriu.

Eu balancei a cabeça.

— Saia. Não se preocupe, — ele disse.

Eu assenti novamente, empacotando minhas coisas. Humilhada como o inferno. Eu tive que pegar um aperto.

Dra. Ferguson não me fez muitas perguntas. Eu disse a ela que eu estava tendo ataques de pânico desde a Síria, eu pensei que era temporário, e eu não queria falar sobre isso muito. Ela me disse para tomar um Xanax quando eu senti uma vir e voltar em duas semanas.

Eu escrevi uma história sobre parques de cães.

E passei alguns longos passeios.

E quando o telefone tocou incessantemente no trabalho e a beira do terror entrou, eu peguei um Xanax.

Ele ajudou no primeiro.

E então parou de ajudar.

Voltei ao Dra. Ferguson. Ela aumentou a minha dose e disse que eu deveria tentar terapia de conversa. Eu disse que eu ficaria com as pílulas.

Dale chamou uma tarde quando eu estava tentando descobrir como conseguir que minhas mãos parassem de tremer.

— Só queria ver como estava.

— Estou ótima, — eu disse forte.

— Sim? Isso é bom.

Engoli em seco. — Posso entrar no escritório em breve.

Ele estava quieto. — Não te apresse. Eu gostei da história em parques de cães. Você poderia fazer uma série inteira.

Eu sorri e engoli, olhando para as paredes sombrias do meu apartamento. Eu devo decorar. Eu deveria decorar, colocar as raízes, e alcançar as pessoas que eu conhecia aqui. Eu deveria voltar ao trabalho.

Ouvi uma sirene à distância.

— Olha, se te faz sentir melhor, Chip ainda está em licença. Vocês viram uma merda horrível — ele disse. — Ninguém pensa menos de você por precisar de tempo para superar isso.

A sirene ficou mais alta. É apenas um barulho.

Respirei e deixei ir, pensando no metrô e no East River. Eu sabia que eu deveria me basear no presente, que um ataque de pânico estava interpretando mal algo que era inofensivo como perigo, que era o medo na ausência de perigo.

Eu não estou em perigo, eu me lembrei.

As sirenes estavam subindo meu quarteirão agora.

— Tenho de ir, — disse ao Dale. — Obrigado por ligar.

Larguei o telefone e procurei no banheiro meu Xanax.

Eu estava bem, ou no momento em que a medicação chutou dentro ou pelo tempo as sirenes desbotadas.

Eu queria Jack, eu percebi.

Eu queria Jack. Ele era a única pessoa que alguma vez pareceu me pegar, para me pegar, e ele era a única pessoa que eu acreditava que poderia conseguir isso também.

Quando eu peguei minha respiração, rolei para o número dele e para a foto que eu tinha tirado dele uma manhã de quando ainda estávamos juntos. Era um tiro pateta dele sentado de cueca no canto de sua cama com seu cabelo em pé desafiando as leis da gravidade.

Pressionei meu polegar o mais leve que pude contra sua imagem. Eu o chamei.

Não levantei o telefone ao meu ouvido. Eu não coloquei no alto-falante. Ouvi o zumbido fraco de minha mão.

Eu queria que ele fosse para o correio de voz e eu queria que ele tivesse a mesma mensagem que ele tinha na faculdade.

Ei, é o Jack. Deixe uma mensagem e eu ligarei de volta.

Não foi engraçada ou original. Era exatamente como ele dizia, como se não ligasse para quem estava chamando. Eu podia imaginá-lo encostado em um sofá, fácil e relaxado.

Engoli em seco, lágrimas desfocadas diante dos meus olhos. Finalmente coloquei o telefone no meu ouvido.

Eu não entendi sua voz, no entanto. — Chegou à caixa de correio de voz de Jack Diamond, — informou um computador. — Por favor, deixe uma mensagem depois do sinal.

Engoli em seco um nó na minha garganta. Desliguei o telefone antes do sinal. Eu nem conseguia respirar normalmente.

Começa um aperto, Hadley.

Mas eu nem sabia o que isso significava mais.

Eu estava indo para o trabalho amanhã, disse a mim mesmo. Eu não estava melhorando ficando dentro. Eu precisava ir lá fora. Eu precisava enfrenta-lo.



Capítulo 50

O telefone tocou por volta das 11.

— Olá? — Eu disse, me puxando para cima, esfregando os olhos, olhando para o relógio.

Por um momento fugaz, fui transportado de volta para a Síria, para os primeiros telefonemas da manhã, a súbita chegada do perigo.

Liguei uma luz e pus-me de pé.

— Hadley?

Engoli em seco.

— É o Jack.

Eu caminhei até a janela, e pressionei minha mão e minha testa para o vidro frio e fechei os olhos. Sua voz era como água. Era como água quando você estava com sede.

— Eu te vi telefonar. — Ouvi um sorriso atrás do rumor familiar de sua voz. — Bem, tenho quase a certeza de que era você. Eu excluí seu número, mas você teve os três três. Assim...

— Sim, — eu disse. — Sim, fui eu. — Fiquei de olhos fechados. Fazia apenas alguns meses que Jack se sentia perigoso.

E alguns meses de perigo real tinham mudado tudo isso.

— Você está bem? Eu te acordei?

— Sim, estou bem. — Eu abri os olhos. Eu estou bem. Estou bem. Estou bem. Há quanto tempo eu dizia isso às pessoas?

— Eu li todas as suas histórias, — ele arriscou. — Desculpe. Isso é estranho. Parece que estou te perseguindo. Você está de volta a Nova York por agora?

— Sim, sim. Estou em Nova York. Você ainda está na casa da sua mãe?

— Não, na verdade. Estou no Brooklyn.

— Brooklyn. — O Brooklyn estava perto.

— Sim. Estou ensinando em uma escola autônoma.

— Uau.

— Bem, estou ensinando artes. Eu salvaria o uau se eu fosse você.

Eu sorri, estupidamente triste por ele ser tanto o mesmo. Eu me virei da janela, sentindo o frio da queda no meu pescoço. — Aposto que as crianças gostam de você.

Ele riu. — Na verdade, sim. O que eu acho perturbador.

— Sim? — Olhei para minhas meias e esfreguei uma contra a outra. — Porque? Eu acho que faz sentido.

— Faz sentido. Eles são como, aqui está um homem que parece incapaz de amarrar seus próprios sapatos e cujo tema favorito não conta. Eu me identifico com essa pessoa.

Eu não podia fazer nada além de rir disso.

— Então como você está? — ele perguntou, quando a linha se apagou. — Há algum motivo pelo qual ligou?

Eu sorri. — Não, não. Apenas, liguei errado.

— Ah. Te peguei, — ele disse, com conhecimento de causa. — Bem, desculpe por te acordar. Eu vou deixar você ir.

— Espere, eu disse. — Espere, eu não liguei errado.

— OK.

Eu respirei. — Tenho saudades de falar contigo. — Fechei os olhos, surpresa com a quietude do mundo. — Síria... — Não sabia o que dizer da Síria. Talvez não houvesse nada a dizer. Talvez nunca houvesse nada a dizer. — Quer vir — você quer vir? — Perguntei. Eu mordi meu lábio.

— Agora? — ele perguntou.

— Oh... não, não. Quero dizer, só talvez, em algum momento, — eu disse recuando.

— Posso ir agora, — ele disse, calmamente. — Se você quiser.

Eu balancei a cabeça e engoli. — Eu realmente gostaria disso.

—Me dê meia hora, está bem?

Eu balancei a cabeça. — Sim. OK.

****

Aproximadamente meia hora mais tarde, eu percebi que eu ainda estava de calça de moletom com uma camiseta com os cabelos presos em meio de um bolo no topo da minha cabeça.

Tirei a camiseta manchada, verde néon. *Onde diabos eu já consegui isso?* Coloquei um sutiã e um suéter branco de aparência normal. E eu escovei meu cabelo para trás e trançando.

O zumbido lá embaixo anunciou a chegada de Jack. Pressionei meu polegar sobre o botão preto. Eu podia ouvir seus passos no último lance de escadas. Estavam firmes. Meu coração bate duas vezes por cada um de seus passos.

A campainha tocou. Eu sorri para a prática e então eu caminhei até a porta e a abri.

Ele parecia bom, seu cabelo era um pouco mais curto, ele estava limpo barbeado, e ele estava usando um Henley branco macio em vez de xadrez. Talvez ele tivesse mudado um pouco, também.

Eu sorri. — Ei, você está ótimo!

Ele riu e então ele me abraçou. Não era um tipo normal de abraço. Ele me abraçou com força.

— Estou realmente, muito feliz que você ligou — ele disse. Ele entrou no meu apartamento, fechando a porta atrás dele. — Você voltou para

sempre? Como foi? Eu li seus artigos e eles foram ótimos. — Fez uma pausa. — Quero dizer, eles eram assustadores. Eu odiava pensar em você lá. Mas eles foram ótimos.

— Oh. — Eu acenei com a cabeça. — Hum, obrigado. Sim, estamos de volta para sempre. Um correspondente para um jornal francês morreu e... — dei de ombros. — Depois dos ataques químicos.... Ficou bastante volátil quando saímos.

Ele assentiu. — Isso é bom. Quero dizer, que está de volta para sempre.

Eu encontrei seus olhos, que pareciam tão claros como sempre. Ele tinha razão em se preocupar. Eu tinha sido estúpida, não. Eu desviei o olhar.

— Escute, eu estava pensando... muito. Sobre te dar um ultimato. Isso foi uma merda.

— Oh, — eu disse. Dei de ombros. — Não. Nem um pouco. Foi ... — Procurei por palavras. Eu vim acima com nada. Novamente. — Quer sentar-se?

Ele se sentou no sofá.

— Quer vinho ou coisa parecida?

— Sim, claro — ele disse. Ele sorriu. Fui até a cozinha. Ouvi sirenes, o suficiente para não me surpreender. Ainda eu franzi o cenho quando eles ficaram mais altos e depois começaram a desaparecer novamente. Minhas mãos tremiam ligeiramente enquanto eu servia dois copos. Agitei mesmo enquanto eu lhe entregava um, e seus dedos levemente roçaram os meus.

— Então, como vai o trabalho? — ele perguntou, tomando um. Ele sorriu.

Dei de ombros. — Eu, hum... na verdade estou meio de licença. — Fiz uma pausa, sentando-me no sofá. Eu olhei para longe dele. — Eu não lidei com as coisas tão bem quando voltei.

Ele não disse nada por um momento. — Jesus. Eu sinto muito. Você quer falar sobre isso?

Dei de ombros. — Eu não sei o que dizer. — Eu sorri amargamente. — É horrível. Você estava certo. Eu nunca deveria ter ido.

Eu tomei um gole do meu vinho, e depois outro, focando no líquido frio. Engoli e exalei.

— Eu nunca disse isso, — ele disse calmamente. — Nunca foi sobre você estar errada. Era sobre eu querer que você ficasse.

— Bem, eu deveria ter ficado, — eu disse. Eu tomei outro gole do meu vinho.

— Por que está em licença... exatamente? — Perguntou delicadamente.

Dei de ombros.

— Desculpe. Não precisa me dizer se não quer.

— Tive um ataque de pânico. — Tentei dizer isso com indiferença. — Ou algo assim. Durante uma simulação de incêndio. O editor-chefe disse-me para tirar um tempo.

Jack estava quieto. — Esta vendo um médico ou algo assim?

Dei de ombros. — Sim. Ela me deu Xanax. Isso ajuda. Às vezes. — Suspirei. Olhei para ele novamente. — Desculpe. Aposto que você está se arrependendo de me ligar de volta, hein?

Ele balançou sua cabeça. — Não. Nem um pouco.

Eu balancei a cabeça. — Oh.

— Então o que aconteceu? — ele perguntou.

— O alarme de incêndio só saiu e eu me apavorei, — Passei uma mão pelo meu cabelo.

— Na Síria, quero dizer.

Virei a cabeça e olhei pela janela. Eu não tinha falado sobre a Síria com ninguém, não realmente. — Houve ataques químicos.

— Para você, entretanto. O que aconteceu com você na Síria?

— Eu não sei. — Fechei os olhos. Eu balancei a cabeça. — Vi uma menina morrer. — Olhei para ele. — Ela era jovem, talvez seis. E então, os corpos fora da Mesquita após os ataques químicos. — Levantei meus ombros desamparadamente, tentando lembrar a marca particular de desespero que havia se fechado. Minha garganta apertou, me avisando

para não dizer mais nada. Tentei limpar e, achando isso impossível, dei-lhe um sorriso falso e respirei. Comecei a chorar silenciosamente. Eu escovei as lágrimas longe de meu rosto ásperas e respirei.

— Ei, ei, — ele disse confortavelmente. Ele colocou um braço em volta de mim, o que piorou. — Está bem.

Eu tomei algumas respirações profundas. — Desculpe. Eu provavelmente não deveria falar sobre isso. Como você tem estado?

Ele sorriu. — Estou bem. — Ele assentiu. — Penso muito em você. Queria lhe dizer o quanto me arrependi de te dar um ultimato.

— Está bem.

Ele balançou sua cabeça. — Não, não é mesmo. Eu fodi tudo.

— Fodi tudo, — eu disse a ele.

Ele esfregou o queixo. — Não sei. Nós dois somos responsáveis. Bem, ouça. Eu sei que você não pode estar comigo como eu queria — como eu pensei que eu precisava.

Eu estava quieta. Eu queria dizer que talvez eu pudesse.

— Mas parece que você poderia me usar como um amigo agora. —

— Sim, — eu disse. Eu exalei. — Sim, provavelmente. Eu poderia usar, você sabe, uma equipe de psiquiatras, também.

Ele sorriu um pouco tristemente. — Então, você sabe. Talvez eu possa ser isso para você.

Eu encontrei seus olhos. — Não sei se você quer ser meu amigo.

— Eu quero. — Ele olhou para mim. — Nenhum benefício, — ele disse, com um sorriso. — Acho que foi o problema. Mas, nós poderíamos ser amigos. Isso poderia funcionar para mim, eu acho. Quer dizer, acho que eu gostaria disso.

Bebi um gole de vinho e decidi dizer a verdade.

— Quer dizer alguma coisa? — ele perguntou. Ele riu.

— Não, eu disse.

— O que?

— Não, eu não quero ser sua amiga, — eu disse. Eu disse isso automaticamente, e com mais ferocidade e certeza do que eu tinha dito qualquer coisa em um longo tempo. — Não quero ser sua amiga.

Ele ergueu as sobrancelhas e sacudiu a cabeça. — OK. Bem. —

— Eu não quero sejamos amigos, — eu repeti.

— Sim. Entendi.

Eu bebei meu vinho novamente, por coragem. — Lembra quando me disse que me amava?

Ele se encolheu. — Jesus, Hadley.

— Você?

— Nós realmente temos que revisitar isso? — Ele demandou.

Eu olhei para ele.

Ele exalou. — Sim, eu me lembro, Hadley. — Ele esfregou o queixo. — Obviamente, eu me lembro. E se você não quer ser amiga, então eu não quero falar sobre isso. — Ele se levantou e puxou o casaco. — Sabe, se mudar de ideia. Me ligue. Eu não vou te dizer que te amo. E, por que vale a pena, desculpe.

Aproximou-se da porta.

— Jack, apenas ouça. Eu não sabia o que dizer. Mas, eu faço agora. Eu deveria ter dito que eu te amava. — Eu olhei para ele, apenas um olhar roubado. Parecia aflito, mais do que tudo. — Na Síria, eu estava com nosso fotógrafo uma noite, e nosso jipe foi roubado. E Chip me disse —

— Eu realmente não sou fã de Chip — Jack disse.

— O que? — Eu disse.

— Não importa, — ele sorriu ironicamente.

— Como você conhece Chip?

— Não sei. Eu só vi você compartilhar uma assinatura e, em seguida, eu segui ele no Twitter e então … não importa.

Eu olhei para ele com cautela.

— Você estava dizendo algo sobre um Jeep.

Eu respirei. — Chip me disse que eu deveria dizer a seus pais o quanto os amava se algo acontecesse. E eu percebi que se alguma coisa acontecesse comigo, eu queria que você soubesse que eu tinha te amado. — Eu mordi o lábio. — Quero dizer, eu nem sabia disso, eu não acho. Eu amei você, mas eu disse a mim mesmo que não. E eu acreditava que eu

não. Até que eu pensei sobre, se eu morrer agora, ele não saberia que eu o amei e eu faço. Eu nunca deixei isso aparecer. Mas eu amei você. — Minha voz vacilou. — Às vezes — na maioria das vezes, na verdade, eu ainda acho que eu faço. — Eu coloquei outro olhar para ele. — Eu não quero ser sua amiga, porque eu estou apaixonada por você. — Eu mordi o lábio. — Eu sei, você provavelmente está completamente livre sobre isso, mas eu pensei que você deveria saber. —

— Eu não estou, — ele disse automaticamente.

Eu estava quietoa

— Eu quis dizer. Eu te amo. Eu ainda te amo e não apenas a maior parte do tempo. Todo o tempo, — ele disse. Parecia tão sério, era difícil acreditar que tínhamos acabado de admitir um ao outro.

— Ok, — eu disse.

— Certo — ele disse.

Ele sorriu primeiro. — Talvez devêssemos voltar para onde começamos? As mesmas regras?

Eu balancei a cabeça. — Estava pensando ....Eu realmente gostaria de jantar com você.

Jack jogou a cabeça para trás e riu, uma risada feliz, um som de alívio. Levantei-me e por algum motivo, quando pisquei, estava chorando. Ele caminhou em minha direção, me agarrou pelos pulsos e me puxou para perto.

— De jeito nenhum, — ele sussurrou, provocando.

— Cale-se.

Ele me beijou suavemente.

— Então, jantar? — disse eu, tentando evitar que minha voz vacilasse.

Ele sorriu. Ele me beijou novamente, brevemente, quase nada. — Eu não sei, — ele brincou. — E as suas regras?

— Vamos lá.

Ele sorriu e me beijou pela terceira vez.

Eu puxei minha boca para longe. — Sim ou não?

— Pergunte-me de novo?

— Não empurre a sua sorte, — eu disse.

— Talvez eu tenha que pensar nisso — ele disse, rindo.

— Jante comigo — eu disse.

— Sim, — ele disse. — Eu deveria deixa-la pendurada mais tempo, mas, sim, eu vou jantar com você. — Ele me beijou de novo, me pressionando contra a parede. — Em qualquer lugar, a qualquer hora, você pode me levar para jantar.

Eu sorri e agarrei seus pulsos. — Boa.

Ele assentiu. Ele beijou minha testa, seus lábios tremendo tão ligeiramente. — Boa.

Fechei os olhos novamente e ele se apoiou contra a parede com as mãos e me beijou novamente.

Sua boca estava quente e nós tínhamos deixado as luzes acesas e ele me virou, caminhando para trás para o sofá. Ele mordeu meu lábio e eu quebrei o beijo e peguei minha respiração.

— Talvez possamos começar com o café da manhã, no entanto — ele disse. — Está livre amanhã?

— Posso mudar algumas coisas — eu disse.

— Oh sim?

Eu balancei a cabeça. — Sim.



Capítulo 51

No final, ele escolheu o restaurante e ele insistiu em vir todo o caminho para cidade apenas para ir todo o caminho de volta centro comigo.

— Você tem escadas demais — disse ele. — Fato.

— Podíamos ter acabado de conhecer no restaurante, — eu disse, abrindo a porta.

— Você poderia simplesmente se mover.

— Mmm ... talvez você possa carregar todas as minhas caixas para mim? —

Ele ergueu as sobrancelhas. — Pergunte-me isso quando eu tiver uma chance de me recuperar.

Eu sorri. — Vamos.

— Desça as escadas? Logo depois que eu subi?

Eu ri.

— Já te disse que devíamos ter nos encontrado no restaurante.

— Tive que te buscar para o nosso primeiro encontro.

Chegamos em um táxi e fomos para o West Village.

— Como foi a escola?

— Louco. As crianças são psicóticas. Eu tive a pré-escola hoje. Eu não fiquei impressionado. Não muito brilhante.

Eu sorri, imaginando Jack cercado por crianças de cinco anos.

— Junessa disse que eu estava soletrando o meu nome errado.

— Jack?

— Não, Sr. Diamond.

— Chamam-lhe Mr. Diamond?

— É perturbador, eu sei — disse Jack. — Ela disse que eu estava soletrando Diamond errado porque precisava ter brilhos. E eu disse a ela, você sabe, brilhos não é realmente uma carta, e ela começou a chorar.

— Meu Deus. O que você fez?

— Eu disse a ela que eu tinha cometido um erro enorme e que brilhos era definitivamente uma carta. O professor de jardim de infância era como, *por favor, nunca mais fale sobre o alfabeto novamente.*

Eu ri e levei um longo segundo para olhar para Jack, realmente olhar para ele. Ele era muito bonito.

— O que?

— Nada, — eu disse sorrindo. Eu mordi meu lábio. — Vamos a um encontro real.

Ele assentiu. — Você está enlouquecendo?

— Não, eu disse. Eu sorri e balancei a cabeça. — Bem, mais ou menos. Mas não sobre estar em um encontro com você.

— Sobre o que você está surtando?

Eu ri. — Todo o resto.

Embora, estranhamente, eu não estivesse. Sabendo que ele estava aqui. Sabendo que eu poderia chama-lo ... fez tudo o que parecia tão difícil parece um pouco mais fácil. Eu me encostei nos ombros dele. — Isso vai dar certo, certo? — Eu perguntei.

Ele assentiu. — Afirmativo.

Eu o trouxe de volta para casa comigo. Deixei-o sentir-me tremendo quando as sirenes começaram quando subíamos as escadas.

— O que você precisa? — ele perguntou suavemente. Ele pôs uma mão na minha parte inferior das costas, enquanto eu segurava uma mão contra a parede. — Disse que tinha Xanax?

Eu balancei a cabeça. — No andar de cima. Eu posso andar. — Eu não queria que isso acontecesse na frente dele. Eu não queria parecer um caso de cabeça fodido na frente dele.

Ele assentiu. — Ponha suas mãos em cima de sua cabeça.

— O que?

— Ponha suas mãos em cima de sua cabeça. Ajuda com a respiração.

Olhei para ele.

— Minha mãe — ele disse. — Ela tem ataques de pânico. — Ele sorriu, ele pegou minha mão. — Já te falei do meu porco?

Eu balancei a cabeça.

— Então, quando eu era mais jovem, eu li *Charlotte Web*, — ele disse. Tínhamos chegado ao patamar da escada. — E eu estava meio obcecado com Wilbur. Estávamos vivendo na cidade no momento. Não exatamente o tipo de lugar onde você pode ver animais de fazenda. Mas, meu pai me levou para Nova Jersey um dia. E havia uma fazenda de porcos orgânicos. — Ele sorriu. — Sabe, porquinhos felizes. E estávamos na turnê e eles estavam nos mostrando os porcos bebês e havia um pequeno nomeado Twister e o fazendeiro nos dando o passeio disse tipo de desprezo que Twister não era provável que vivem até a maturidade e eu perguntei o que isso significava. — Ele sorriu. — E meu pai, eu podia dizer, de imediato, ele queria socar esse fazendeiro na mandíbula por me dizer que o bebê porco não era susceptível de viver até a maturidade. Mas ele me disse que significava que o porco iria morrer.

Ele tinha chegado ao meu sofá e me sentou e trancou minha porta.

Ele continuou falando enquanto caminhava para o banheiro e pegou o Xanax e me trouxe um copo de água.

— Então, eu tive um colapso e meu pai não podia leva-lo assim que ele perguntou ao fazendeiro quanto o porco lhe custaria. — Ele sorriu. — Acho que ele despencou como trezentos dólares.

— E você tinha um porco de estimação?

Ele sorriu. Ele me entregou a água e a pílula. — E eu tinha um porco de estimação.

Olhei para ele. Eu me senti bem. Eu me sentia calma. — Não preciso.

Ele sorriu ligeiramente, como se estivesse orgulhoso de si mesmo.

— Como você fez isso? — Eu perguntei.

Ele encolheu os ombros. — Eu não sei. Eu consegui distrair minha mãe quando ela estava ficando chateada. — Ele sorriu. — Ela gostava quando eu falava sobre Twister.

— Um porco chamado Twister.

Ele assentiu. — Tenho as fotos.

— Eu quero vê-los.

Ele sorriu. Ele me beijou levemente.

— Você realmente enlouqueceu?

Ele olhou para mim. — Sobre o que?

— Eu.

Ele balançou sua cabeça. — Por que eu ficaria apavorada?

— Porque eu me tornei um caso de psiquiatria?

Ele balançou sua cabeça. Ele envolveu um braço em volta de mim. — Não estou assustado.

Eu sorri.

Ele correu as mãos pelo meu corpo. — Você é linda, — ele disse. Ele sorriu. — E eu te amo.

— E eu sou um caso principal.

Ele me beijou.

— Desculpe, — eu disse com voz gutural.

— Pelo quê?

— Por ser egoísta, — eu disse.

— Você fez o que você precisava fazer.

Eu balancei a cabeça. — Eu te magoei.

Ele mordeu o lábio. — Sim.

Meus olhos se encheram.

— Mas eu estava sendo um idiota, — ele disse.

— Não, você me disse que me amava. E era tudo que eu queria ouvir. Mas eu fingi que não era. Eu me convenci de que não era. Porque eu pensei - eu não sei. Eu continuo tentando descobrir o que eu estava tentando me proteger e isso não faz nenhum sentido.

— Ouça. Nós dois éramos jovens.

— Nós dois ainda somos

— Não, ambos fizemos promessas a nós mesmos quando éramos jovens. Certo? — Ele olhou para mim. — Eles tinham muito a ver com os nossos pais, certo? Eu vi a vida da minha mãe quebrar porque ela se casou com alguém com um trabalho perigoso que não podia desistir. E eu disse, nunca vou fazer isso com minha esposa e nunca vou me apaixonar por uma garota que faria isso comigo. — Ele encontrou meus olhos. — E você prometeu a si mesmo que nunca daria nada por amor, porque nunca funcionou para seus pais. Você prometeu a si mesmo que não se apaixonaria, basicamente.

— Mas eu me apaixonei pela garota com um trabalho perigoso e você se apaixonou e nós dois decidimos que precisávamos manter essas promessas estúpidas que fizemos a nós mesmos quando eram crianças em vez de crescer e perceber, as coisas não são tão brancas e pretas.

— Certo, — eu disse. Eu balancei a cabeça. — Mas você…

— Eu sinto muito. — Ele disse. — Se eu tivesse escutado você, eu não teria te empurrado tanto. Mas eu queria saber depois de dois meses se você desistiria de seu sonho por mim. E quando você hesitou, eu não comprometeria. Eu fodi, também. Isso não está em você.

Eu balancei a cabeça. — Sim é.

— É sobre nós dois. — Ele agarrou minhas mãos e atou nossos dedos juntos. — E eu não me importo, porque o consertamos, certo? — Ele olhou para mim.

— Conseguimos? — Eu sorri. — Jack, isso ainda é uma bagunça.

— Certo. Mas sabemos disso agora — ele sorriu de volta. — Quero dizer merda acontece. Coisa ruim acontece. Para todos. — Ele encontrou meus olhos firmemente. — Nós dois pensamos que poderíamos evita-lo. Mas ninguém faz. Você sabe? E não devemos nos machucar enquanto isso.

Eu balancei a cabeça.

Ele empurrou sua testa para a minha. — Nós vamos ficar bem.

— Sim. — Eu acenei com a cabeça.

— Você vai ficar bem.

Eu sorri. — Sim.

Ele me puxou para seu colo e eu envolvi minhas pernas em torno de sua cintura e o beijei com força. — Eu te amo, — eu disse de novo. Tinha sido assustador a primeira vez. Desagradavelmente assustador, mas não era agora. Eu queria dizer isso. Eu queria continuar dizendo isso. — Eu te amo, eu te amo, eu te amo.

Ele riu. — Eu sei. Eu também te amo.

Eu o beijei novamente. Eu sabia que dizer que eu o amava não ia me quebrar desta vez. Eu sabia que isso me salvaria.

Ele beijou o topo da minha cabeça.

— Eu estava com medo, — eu disse.

— Não precisa explicar.

— Eu tinha medo de que se mostrar que eu te amava, eu acabaria me machucando e me sentindo estúpido. Então, eu fiz o oposto. E eu acabei ficando magoada e me sentindo estúpida.

— Eu sei, — ele disse. — Não precisa de explicar, Hadley. Está bem.

— Mas não tenho medo. De deixa-lo mostrar mais. Eu não tenho medo de deixar meu amor mostrar. Tenho medo de não o mostrar, — eu disse.

Aconteceu de ser fácil deixa-lo ir. Que uma vez eu comecei, eu realmente não conseguia parar. Eu adorava o jeito que ele ria, a maneira como o cabelo dele estava preso na manhã, como ele inclinou a cabeça quando ele estava olhando para mim. Eu amava o quão doce ele poderia

ser, e como ele estava certo. Eu adorava como ele falava com as pessoas, como se elas fossem o centro do mundo.

Eu adorava que ele me notasse. Eu adorava que ele me conhecesse melhor do que eu sabia. Eu adorava que ele tivesse colocado lá fora, em março, quando ele tinha certeza que eu ia derrubá-lo.

Eu amei que ele nunca me disse para sorrir ou parar de ser tão sério. Eu amei a forma como ele segurou meu pulso e beijou a palma da minha mão.

Eu adorava que depois de todo esse tempo de pensar que o amor não fosse seguro, percebi que nunca tinha estado mais seguro do que eu, enrolado no meu pequeno apartamento no Harlem, com Jack Diamond, a pessoa com quem eu estava loucamente apaixonada.

Eu o amava. Eu ia deixa-lo mostrar para sempre.



Epílogo

Jack, sete meses depois

— Nós não estamos recebendo um Mastim — Hadley disse.

— Por que não? Eu gosto dele. E ele é um cachorrinho.

— Porque moramos em Nova York. E eu vou ser a única que acaba andando pela manhã — ela disse. — Não preciso de tanto exercício com um Mastim.

Olhei para ela e sorri. — Um Mastim ficaria bem no nosso sofá.

— Quero um vira-lata — disse Hadley. — Quero um pequeno vira-lata com um transtorno de ansiedade que fale árabe para te fazer companhia quando estou na Jordânia.

Logo ela partiria por três semanas para ir a um campo de sírio refugiados, do outro lado da fronteira com a Jordânia. Seria sua segunda viagem. Ela tinha ido por apenas cinco dias alguns meses atrás e escreveu um artigo que quase todos na América tinha lido.

E desta vez, ela não estava com medo de ir. Os campos de refugiados eram estáveis. As pessoas estavam sofrendo lá, mas eles estavam seguros. Hadley não estaria em perigo de morrer.

Depois de Hadley ter ido embora a noite do nosso formal, Xander disse que ela era a cadela mais emocional do mundo. Na época, eu desejava poder concordar com ele. Mas mesmo assim, quando eu queria odiá-la, eu sabia que nada poderia estar mais longe da verdade.

Hadley viu o sofrimento de todos claramente. Ela viu perfeitamente. E ela sabia escrever sobre isso. Ela deu-lhe um nome e um rosto e uma história que você poderia entender. David e eu podíamos ter sido as únicas pessoas que realmente viram essa parte dela na faculdade.

Mas quando você lê seus artigos, você sabia.

Eu ri. — Eu não quero Hadley. Eu quero um Mastim.

Ela balançou a cabeça e caminhou para o abrigo de animais. Acabámos de assinar um contrato de arrendamento num apartamento no norte de Chelsea. Ele ficava no oitavo andar e o prédio não tinha elevador. O quarto era microscópico. Mas tinha uma cozinha que você poderia usar e uma vista decente. Ele ficava a poucos passos do metrô e foi nosso.

E Hadley não estava assustada com isso.

Seu telefone tocou e ela pressionou a sua orelha. — David!

Eu podia ouvir seu riso através do telefone e andei por trás dela e beijei a parte macia de seu pescoço e ela sorriu e me deu uma cotovelada no quadril. Ela apontou para um cão nervoso olhando que estava sentado no canto de sua gaiola.

Eu sorri para o cachorro. Ela parecia aterrorizada, e eu agarrei a frente da minha gaiola com os dedos. — Ei, garota, — eu disse a ela.

Ela tinha um medalhão branco no peito e orelhas encaracoladas, pele preta e olhos grandes e tristes. O cartaz em sua jaula disse que ela tinha cerca de dois anos de idade e tímida, mas domesticada.

— Vamos pegar um cachorro — Hadley disse a David. — Sim, sério… Não eu sei. É loucura… bem, ele quer um mastim, mas isso não está acontecendo… — Ela riu. — Mas, sim, eu volto no final de maio, então

qualquer momento depois que é ótimo para nós ... o apartamento é do tamanho de um selo postal, mas você vai caber ....

Olhei para o cãozinho tímido e sorri para ela, tentando convencê-la a sair do canto. — Ei, — eu disse de novo, sorrindo quando ela se aproximou da minha mão cautelosamente. Ela acariciou a minha mão e sentou-se.

Hadley terminou seu telefonema com David. — Você não gosta dela? — ela me perguntou.

— Eu gosto dela, — eu disse. — David está vindo para visitar?

Ela assentiu com a cabeça. — Sim. Em junho. Justin, também.

— Vai ser divertido.

— Sim.

— Você gosta dela, certo? — perguntei, acenando para o cão.

Hadley sorriu. — Sim, ela é adorável. —

— Quer pegá-la? — Eu perguntei.

— Sim. Só se tiver a certeza. — Ela inclinou a cabeça no meu ombro. — Pensei que queria o mastim.

— Não. Ela é perfeita — eu disse. — Não acha?

— Sim, — Hadley disse suavemente.

— O que você acha do Avery? — Eu perguntei.

— Avery. Eu gosto disso, — Hadley disse, embrulhando seus dedos ao redor dos meus. Ela colocou sua mão contra a gaiola também. — Ei, Avery.

O cão voltou sua atenção para Hadley e eu sorri. — Ela gosta de você.

— Eu gosto dela também — disse Hadley. Ela olhou para mim.

— Vamos pegar ela — eu disse.

Encontrei seus olhos brilhantes e ela balbuciou as palavras que eu tinha me acostumado a ouvir: Eu te amo.